

HOSPÍCIO NERD BOOKS

REZISTÊNCIA O INÍCIO



LIVRO UM

FLÁVIO PARANHOS

Flávio Paranhos

REZISTÊNCIA

O Início

LIVRO UM

A Morte é a única que se importa com a vida.

Flávio Paranhos – A Luz e a Escuridão

Agradeço aos meus amigos, colegas, parentes e conhecidos por me inspirarem a criar personagens tão divertidos e únicos. E olha que muitos desses amigos, colegas, parentes e conhecidos NUNCA leram meus textos, mesmo que eu tenha enviado para eles! #FaloMermo!

Agradeço também a todos que me ajudaram a criar esse universo, dando seus feedbacks, corrigindo meus erros, apoiando as ideias, entendendo que clichê também pode ser divertido.

A história já vem sendo criada a alguns anos, mas só em 2020, ela se tornou o que é hoje, com a criação de personagens novos, com uma mudança drástica no rumo da história, fazendo com que se tornasse uma coisa totalmente nova.

Naomi, Alice, Xis, Amedyr, Leandro, Paula, Lucas Rage, João Henrique, Carol Lages, Paulo Leite, são apenas alguns personagens novos inspirados em pessoas sensacionais que eu tive o prazer de conhecer, mesmo que de maneira virtual.

A professora Cláudia Fusco, que sem perceber me ajudou a mudar e melhorar muita coisa. A Marcela que me atura nas longas horas sentado em frente ao computador.

E leitor, algumas passagens dessa história são bem pesadas e violentas, mas tudo o que está escrito é puramente ficção, qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Por fim, espero que se divirta lendo essa história, do mesmo jeito que me diverti escrevendo.

Vale ressaltar uma coisa muito importante, essa versão não foi revisada por profissionais, ou seja, algumas regras da língua portuguesa podem ter sido ignoradas, mas, acredito que nada é tão extremo que atrapalhe sua leitura. Se pegar esses deslizes e quiser indicar o local, manda um e-mail para mim. Fergus@hospicionerd.com.br

Boa leitura!

Flávio Paranhos.

PROLOGO

Aqui estou eu, sentado na barriga do meu inimigo, com meus joelhos tocando o chão e minhas mãos fechadas dando socos e mais socos, não tenho certeza mas acho que estou gritando. Consigo sentir o cabo da Cherokee em meu joelho esquerdo, ela era mais do que apenas minha machadinha customizada, ela era minha amiga, me acompanhava em momentos de ira e me ajudou a arrancar o sangue dos meus inimigos bem antes dos mortos começarem a andar. Ao lado dela, estava a Naja, minha machadinha de cabo preto, que não estava comigo a tanto tempo, mas também me ajudou a provar o sangue dos inimigos. Eu sei que elas gostariam de estar em minhas mãos, só que esse momento era só meu.

Sangue, miolos e lascas de ossos atingiam meu rosto a cada soco que eu dava, meus braços estão dormentes, mas seguem firmes, tenho certeza que minha mão direita está quebrada, alguns dedos da esquerda também, merda, eu vou sentir tudo isso mais tarde, a menos que a dor que estou sentindo no peito não seja dos músculos sendo repetidamente usados, será que tomei um tiro? Que se foda, não vou parar.

A cabeça que eu acertava já não existia mais, e eu não conseguia ver porra nenhuma além da cor vermelha, sentia o gosto metálico do sangue. No fundo eu sei que devo parar, quem sabe assim eu continuasse vivo, mas meu corpo se recusava a desligar, a cada choque de dor que percorria meu sistema nervoso eu me lembrava do que perdi, do que aquele homem tirou de mim.

Eu os via ajoelhados em cima daquele ônibus, as bocas tampadas com pedaços nojentos de pano, os olhares em mim, implorando por ajuda, implorando para que eu não deixasse que morressem daquele jeito horrível. Em pé ao lado deles estava esse maldito, não está em pé agora não é?

Tudo o que eu precisava fazer era gritar, implorar para que ele parasse com aquela loucura. Eu não gritei, não dei a ele o gosto de me ver implorar, tenho certeza que muita gente do meu grupo me culpa, mas eu não, o culpado era ele, no exato momento em que os traiu, os amarrou em cima daquele ônibus e tapou suas bocas, o destino já estava traçado, ele só queria me humilhar antes de usar aquele facão.

Não consigo escutar nada além do som oco dos meus socos, e talvez as batidas do meu coração, mas não tenho certeza. Minutos atrás estávamos em meio a um tiroteio, não sei se meus amigos estão vivos ou mortos, mas talvez o fato de eu ainda estar ali deva significar algo. Eu gostaria de olhar em volta mas o ódio me mantinha focado, estava esmurrando restos e mesmo assim eu sentia que o rosto dele ainda estava lá, com aquele sorriso que só eu vi quando cortou a cabeça dela. Esperei dois anos para me vingar, dois anos lutando contra os vivos e os mortos, dois anos sem elas... dois anos sonhando em arrancar dele uma gota de sangue que fosse, e agora arranquei muito mais que isso.

Matar os homens que ele enviava contra mim dava um certo alívio, nada comparado ao que estou fazendo agora, uma vez me falaram que a busca pela vingança acabaria comigo, e que no instante em que tudo acabasse eu estaria perdido, vazio, que não teria outro propósito na vida, se é que eu estaria vivo. Idiotas, nunca me senti tão vivo.

Meus braços... estão ficando mais pesados, eu acho que não consigo dar mais nenhum soco. O que está acontecendo agora? Meu corpo está tombando para o lado, que merda é essa? Estou no chão... o céu está tão azul... tão azul... acho que vou descansar um pouco agora, quem sabe eu sonho com elas dessa vez, eu quero... sonhar com elas...

3 ANOS ANTES

Rádio HN
Programa Rockews
Duas semanas antes do Surto

*O programa era um informativo diário que reunia quatro jornalistas, Carol Torres, Paulo, Lucas Rage e João Henrique. Juntos traziam e debatiam assuntos relacionados à capital mineira e ao país. Naquela tarde, dois dias antes do **Surto**, eles debatiam sobre o primeiro vídeo a ser considerado verídico pelos governantes, nele um homem era atacado por uma mulher em um aeroporto, ela o mordeu no braço, policiais interviram e acabaram sendo atacados também.*

Uma das versões do vídeo terminava com a mulher sendo baleada, um outro mais completo, mostrava um belo close up do rosto da morta, seus olhos estavam com uma coloração branca, sua boca estava aberta e uma baba escorria misturada com sangue, seus dentes pareciam estar podres, e quem filmava dizia que ela fedia a carniça.

- Tem cinco dias que confirmaram um dos primeiros ataques de infectados aqui no Brasil, e tudo foi filmado, como sempre né João?

- Verdade Lucas, já são cinco dias desde que o governo e as autoridades confirmaram a veracidade de um vídeo que circula pela internet a um tempinho, eles ainda não revelaram o nome da mulher que aparece no vídeo e nem o nome dos atacados.

- E tem outra coisa João, desculpa te interromper, mas tem coisas que eu preciso falar, esse vídeo não foi o primeiro caso, já tinha casos antes dele, fora do Brasil a coisa tá feia, Portugal, Chile, Equador, Inglaterra, China, Rússia e até a Austrália já começaram uma quarentena enorme. O governos

desses países estão reforçando as ruas com a polícia, exercito, marinha, qualquer um que tenha autoridade está se preparando. E aqui estamos levando a coisa no banho Maria.

- Pois é Paulo, parece que aqui no Brasil as pessoas não tem medo nê? Os mortos estão andando gente, não é só uma gripe ou um resfriado, as pessoas estão morrendo e voltando, se isso não é motivo de pânico eu não sei o que é.

- Não é nem pânico Carol, eu no alto dos meus mais de 60 anos, nunca pensei que um dia ia ver casos de canibalismo pelas ruas, ainda mais em Belo Horizonte!

- Canibalismo?

- Claro Lucas! O que você chama o ato de uma pessoa comer a carne da outra? Canibalismo, essa doença faz isso, faz com que as pessoas se comam, cadê o senhor presidente acionando tudo quanto é organização de saúde? Cadê o senhor ministro da saúde? Cadê a polícia? Cadê as autoridades mandando os militares para rua?

- Intervenção militar Paulo? - perguntou a Carol.

- VAI ACONTECER! AS PESSOAS ESTÃO MORRENDO NAS RUAS E O GOVERNO NÃO FAZ NADA!

- Paulo tá pistola e não é a toa, as informações que a gente tem é que em diversos países as forças armadas estão tentando controlar a situação, e infelizmente isso também significa muitas mortes nê pessoal. Fica até difícil tocar música depois disso tudo, mas vamos tentar acalmar o coração um pouco, bora de Kansas!

*Carry on, my wayward son. There'll be peace when you are done
Lay your weary head to rest. Don't you cry no more...*

O que os quatro não sabiam é que em dois dias tudo o que viam e pesquisavam se tornaria algo a ser vivido.

Uma semana antes do Surto

- *Estamos começando mais um Rockews, o seu programa de informação e Rock in Roll, eu sou Lucas Rage e aqui comigo estão João Henrique, boa tarde João.*

- *Boa tarde Lucas, se é que a gente pode falar boa tarde nê?*

- *Verdade, também temos ele, a voz do rádio brasileiro, Paulo Leite, boa tarde Paulo.*

- *Boa tarde Lucas, ouvintes, e é bem isso que a gente deseja mesmo, que todos tenham uma boa tarde mas a coisa tá complicada, e hoje a gente vai falar mais sobre isso.*

- *E também tem ela, a Dama de Ferro da rádio HN, Carol Lages, e aí Carol?*

- *Boa tarde Lucas, Paulo, João, pois é, ter uma boa tarde é o que todos queremos.*

- *E o que estamos falando aqui é sobre o grande número de casos que foram registrados e filmados, pessoas infectadas atacando outras pessoas, seria um tipo de raiva Paulo?*

- *Então Lucas, a OMS não se pronunciou a respeito do que é e o que não é, em alguns países os governantes acreditam que seja um tipo de ataque químico, então não se assustem se além de pessoas comendo a carne de outras pessoas, a gente acabe vivenciando momentos de conflitos nas ruas, guerra civil é pouco.*

- *E desde ontem a tarde a gente viu diversos casos dessa nova e misteriosa doença que está assolando o mundo nê? Até nas ruas de nossas casas mesmo. - Carol começou a falar – Hoje de manhã por exemplo, o morador do apartamento acima do meu saiu desesperado pelo prédio falando que a mãe dele tinha sido vítima dessa doença.*

- E sabe o que mais Carol, eu falei isso aqui ontem, nunca pensei que no alto dos meus mais de 60 anos ia passar por uma situação dessas, é algo inacreditável o que estamos vivendo. E digo mais, o que ainda vamos viver! Por que a coisa não fica só no ramo da doença e infecção não, tem todo um sistema corrupto, de completos idiotas que não estão nem aí para população em geral. Pessoas morrendo nas ruas, policiais, bombeiros, médicos, enfermeiros, socorristas, todos estão na linha de frente se ferrando sem o menor auxílio e apoio.

- E como sempre Paulo - disse o João – Já começou aquelas campanhas oportunistas, pessoas que fingem militar mas que só estão olhando para o próprio umbigo.

- E olha que a gente nem começou o programa ainda e já temos muitas considerações nê pessoal – falou o Lucas – Isso que aconteceu no prédio da Carol, está acontecendo em diversos lugares, a coisa tá literalmente ficando feia, isso para dizer o mínimo. Quer falar mais alguma coisa Carol?

- Quero sim Lucas, a gente tem que ter muita responsabilidade nesse momento, cuidar das nossas famílias, e entender que seja lá o que for essa doença ela se espalha muito rápido, as organizações de saúde ainda não sabem o que é, e sem dúvidas é assustador ver alguém infectado, seja pela aparência ou pelo cheiro. O que não pode acontecer é promover mais horror do que já está sendo promovido pelos infectados, a gente não sabe se eles tem consciência do que estão fazendo ou não, já vimos algumas matérias falando que estão realmente mortos o que só deixa a coisa ainda mais assustadora, então vamos colocar a mão na consciência, isso é o que uma sociedade faz.

- É isso aí, esse é o Rockews aqui na rádio HN, trazendo para você todas as informações sobre essa infecção

tão estranha e assustadora que está atingindo o mundo todo, vamos passando as notícias conforme vão saindo e você confere tudo em primeira mão. Vamos para o intervalo e já que a gente volta.

DIA DO SURTO

- Agora a pouco o centro da cidade foi tomado por uma onda de saques, olha aí, além de enfrentar as pessoas infectadas com essa doença, a polícia teve que atuar contra pessoas saqueando as lojas nê Paulo?

- Pois é Lucas, eu não entendo, desculpa a expressão, que porra de mundo é esse. Vocês tem noção que nós estamos aqui na rádio em plena crise, trazendo informação para os nossos ouvintes e tem um bando de marginais, é isso que eles são, marginais! Roubando, saqueando lojas de departamento, levando TV, computador, até geladeira! - Nessa hora a porta do estúdio se abre e a jornalista Carol Torres entra com notícias urgentes.

- Desculpa Paulo, Lucas, João, eu...

- Tá tudo bem Carol? - Perguntou João ao perceber que a amiga estava chorando.

- Entraram aqui na rádio gente, já tentamos chamar a polícia só que não estão atendendo.

- Entraram na rádio como assim? Para saquear? - Perguntou Lucas Rage.

- Não... eles... os outros!

Eles entenderam o que isso significava, que as pessoas que invadiram a rádio não estavam vivas, bem no fundo os quatro se arrependeram de estar ali naquele momento, de serem profissionais e estarem determinados em levar informação. Lucas, o âncora do programa até tentou contar

aos ouvintes o que estava acontecendo, mas amparar a companheira de trabalho foi mais importante, ele se levantou e junto com Paulo e João, ajudaram a Carol a se sentar e em seguida saiu do estúdio, ele nem se tocou que deixou a rádio no ar e tudo o que estava acontecendo era transmitido.

- Bebe um pouco de água Carol! - era a voz do Paulo.

- Como você os viu entrando? - perguntou João.

- Eu fui atender o telefone, um amigo meu estava me ligando falando que lá no centro está um inferno, aí a ligação ficou ruim, fui para a portaria para tentar um sinal melhor e a porta abriu e... eu nem vi de onde saíram, senti o fedor, e tinha... uma moça... e depois outra e outros e outros, o Robson tentou me ajudar e... - Robson era o rapaz que trabalhava na portaria.

- Meu Deus, preciso ligar para minha casa, Paulo você fica com ela?

- Eu...

Antes que ele conseguisse responder, a porta do estúdio se abriu com muita força, Lucas veio correndo seguindo de outras pessoas que trabalhavam na rádio, eles gritavam. Com o susto Carol se levantou, ela, João e Paulo se afastaram e ficaram em um dos cantos do lugar; as paredes eram escuras e com alguns adereços, um deles era uma guitarra com o símbolo da rádio, ela estava ali por ter sido autografada por um músico famoso. Carol estava olhando para ela quando o forte cheiro de decomposição entrou como gilete na narina de todos.

- TEM MUITOS! TEM MUITOS! - Berrava o Lucas.

- Me dá o telefone... me dá o telefone.

Paulo tentou ligar para a polícia, as pessoas dentro do estúdio estavam desesperadas, eram radialistas, técnicos de informática, jornalistas e a moça que trabalhava na limpeza, todos tentando se proteger com os braços, agarrando em uma esperança de salvação que não viria. O desespero não os deixou bloquear a porta, e os mortos entraram.

As pessoas sintonizadas na rádio conseguiam ouvir tudo o que acontecia no estúdio, o som de carne sendo cortada, de sangue esguichando, os gritos de dor de quem era comido vivo, a agonia, os gemidos, o barulho que os mortos faziam enquanto puxavam as tripas de um dos radialistas e as colocava na boca, aposto que muitas pessoas sentiram até o cheiro do que estava acontecendo ali.

Também ouviram o barulho de crânios sendo abertos e esmagados, Carol, uma das apresentadoras do Rockews foi tomada pela euforia de batalha, ou talvez fosse apenas o extinto de sobrevivência que emergiu, ou quem sabe a dor em ver seu amigo Paulo ser mordido no rosto por um dos zumbis, a dor e o pânico fizeram com que seu coração parasse, ele morreu com o celular em mãos, nem conseguiu ouvir que alguém do outro lado havia atendido. João acabou se abaixando para tentar socorrer o Paulo, mas era tarde demais.

Carol pegou a guitarra e começou a golpear tudo o que via pela frente, Lucas se juntou a ela, pegou um contra baixo que estava escondido atrás de um banquinho e acompanhou a amiga. O peso dos equipamentos os ajudou a dar golpes firmes e certos, Carol tinha muita força nos braços, as aulas de pole dance valeram a pena.

O instrumento que já foi manuseado e assinado por um grande astro do rock, agora servia para abrir crânios podres, os golpes faziam com que uma nuvem de sangue e miolos

pintasse o teto do estúdio. Lucas estava perdendo a força nos braços, aqueles que ainda estavam vivos entraram em um desespero alucinado e começaram a empurrar uns aos outros em direção dos mortos.

Eles não eram pessoas ruins, estavam em um pavor coletivo como nunca experimentaram antes, ali era morrer ou morrer.

João conseguiu se abrigar em baixo do corpo de Paulo e de outros colegas que também caíram, os mortos o ignoraram já que estavam ocupados demais comendo seus amigos e companheiros de trabalho. Aos poucos os gritos foram parando, dentro do estúdio tinha cerca de 30 zumbis, 12 já tinham sido abatidos por Lucas e Carol que mesmo com muita dor no braço continuaram a bater e golpear com os instrumentos. Em alguns momentos eles entravam em sintômia e golpeavam o mesmo zumbi, em uma dessas vezes cada um golpeou de um lado, e quebraram a guitarra e o baixo junto com a cabeça de um zumbi.

As pessoas nem imaginam o que são capazes de fazer para continuar respirando, agora os dois tinham apenas os braços dos instrumentos para se defender, mas era o suficiente, os oito ou nove que sobraram estavam distraídos comendo as pessoas que mataram, era a chance dos dois saírem correndo pela porta, não fizeram isso. Eles gritaram ao mesmo tempo que golpeavam uma, duas, três vezes, os mortos se moviam e eles os acertavam quatro, cinco vezes. Tudo não levou mais do que dez minutos, desde a invasão do estúdio mas parecia que já tinha se passado horas.

Eles continuavam a golpear até que nada mais se movesse, e em baixo daquela pequena pilha de corpos despedaçados e fedorentos, de amigos, colegas e zumbis, estava João, que minutos antes tentou escapar em busca de ar

e foi golpeado pelo braço de uma guitarra, seu maxilar se quebrou, ele engoliu alguns dentes junto com um pedaço da língua, se afogando em seu próprio sangue, seu corpo se movia em espasmos tentando encontrar um pouco de ar, e acima dele Carol e Lucas golpeavam mais e mais, até que ele finalmente parou de se mexer.

GÊNESIS

Meu nome é Davis e sou um sobrevivente. Duas semanas atrás o Brasil vivenciou o “Dia do Surto”, esse belo e criativo nome foi dado após todos os acontecimentos daquela maldita quarta feira. Claro que a merda já rolava a algum tempo, pessoas mortas se erguendo nos caixões e atacando os parentes que o velavam, imagina só, você está no cemitério, no velório de um parente ou amigo e do nada o filho da puta se levanta e começa a morder quem está por perto. E claro que a coisa não termina nisso, o infeliz que foi mordido começa a carregar seja lá o que essa merda for, ele fica com febre, alucina e morre! E então tudo recomeça, o mordido volta a viver e parte para cima de qualquer coisa viva ao seu redor.

Muitos especialistas ao redor do mundo tentavam explicar o que estava acontecendo, uns falavam que era um vírus, outros que era uma bactéria, teve um deles que disse que a infecção era provocada por esporos alienígenas, e claro, teve aqueles que afirmaram que era a boa e velha ira divina. Em outros países os governos tentaram se preparar quando os primeiros casos surgiram, mas no Brasil a coisa foi bem diferente, ninguém dava muita bola, mesmo com os jornais locais indo aos cemitérios para cobrir os primeiros casos, e adivinha o que era a pauta? O defunto que se levantou? Claro que não, a pauta era sobre o vigilante ou policial que encheu o maldito de tiro.

Em alguns países, os inteligentes que governavam começaram a acusar uns aos outros, dizendo que aquela merda toda era algum tipo de ataque viral, e obviamente fizeram o que sabem fazer de melhor, guerra! Ataques e invasões que sempre terminavam em morte, e conseqüentemente em um grande aumento no número de infectados. E claro, no Brasil a gente comemorava o carnaval.

Nosso presidente fazia questão de falar que tudo não passava de um tipo de alucinação coletiva ou uma merda dessas. E seus seguidores compravam essa ideia, até o dia em que ele foi mastigado ao vivo e a cores.

Os chamados infectados eram nojentos, seus olhos tinham uma cor branca e pastosa, tipo água suja de leite, os dentes eram escuros, mordiam o ar e babavam o tempo todo, nenhum deles falava, só ficavam gemendo, grunhindo e mordendo o ar tentando alcançar algum pedaço de carne, e eles fedem, puta que pariu, como eles fedem! Um cheiro horrível de decomposição, não importava se o infectado tinha morrido a uma semana ou uma hora, quando ele voltava o fedor vinha junto.

Eles também caminham muito devagar, como se não tivessem o domínio completo das pernas, seja lá a merda que os fez voltar, só os mantêm firmes em querer comer. E esse jeito lento de andar acabava se tornando uma puta arma a favor deles, em vídeos dava para ver que se um ou dois viessem em sua direção era fácil escapar, mas se eles te cercassem você virava churrasco, mas, também não dava para desprezar o perigo que apenas um deles representava, e isso foi a última e talvez única coisa que o presidente nos ensinou. Ele estava em um palanque com apoiadores sentados em cadeiras, o cara falava alto e esbravejava sobre tudo o que era noticiado na TV, falava que aquilo era só um meio de botar medo na população e jogar o povo contra o seu governo. O que ele e seus seguranças deviam ter percebido é que a maioria das câmeras estavam apontadas para um de seus ministros, o da saúde!

O cara estava dormindo, seus olhos fechados, cabeça pendendo para o lado direito, depois de alguns minutos ele começou a se mexer, como se estivesse acordando, só que seus olhos estavam esbranquiçados, sua boca se abriu e ele fazia

movimentos abrindo e fechando, começou a se levantar e lentamente caminhou até o presidente, abraçou a cabeça dele e mordeu sua bochecha fazendo sangue jorrar.

Quem era mordido não durava muito, o machucado não parava de sangrar, depois vinha a febre, a morte e, por fim, você virava um deles, a merda seja o que for, era transmitida pela mordida desses putos. Os animais também entravam no cardápio deles, só que ao contrário das pessoas, os bichos não se transformavam. Imagina se cães mortos começassem a correr atrás de você? Não sobraria ninguém realmente vivo para contar qualquer história que fosse. Teve uma emissora de TV que fez uma reportagem sobre ataques no zoológico, naquele tempo ninguém ligou que algumas famílias foram devoradas, que filhos atacaram os pais, que mães devoravam seus bebês, o que eles queriam mesmo era falar sobre o homem que atacou um rinoceronte, prioridades.

No dia do Surto, que gosto de chamar de “*O Dia Em Que A Merda Bateu No Ventilador*”, as ruas foram tomadas por infectados, saindo da puta que os pariu, dos hospitais, cemitérios, casas, boeiros e não sei mais de onde, as pessoas corriam, uns tentavam se abrigar, outros começaram a saquear, a polícia agiu, mas, ninguém estava preparado para enfrentar aquilo. Em alguns lugares o exército entrou na parada, o resultado foi o mesmo, morte e mais morte, e então, os infectados aumentavam, infectados porra nenhuma, vamos chamar esses fodidos pelo que realmente são, zumbis.

Naquela maldita quarta feira eu estava no centro da cidade, minha geladeira havia queimado a mais de um mês, e fui obrigado a comprar uma nova, moro sozinho e nunca precisei gelar muita coisa, só fazia comida de vez em quando, na maioria dos dias eu pedia delivery, não sei como mantive meu peso, mas de todo jeito eu precisava de uma nova, merda,

fui comprar um eletrodoméstico e acabei ganhando uma família.

Enquanto eu conversava com o vendedor meu vizinho me viu e me pediu para servir de referência, ele estava tentando abrir um crediário ou coisa assim, não estava muito afim disso mas acabei aceitando. Enquanto a gente estava lá aguardando, a merda começou.

Um tumulto estava se formando na rua em frente a loja, diversas pessoas entraram correndo, em seguida, veio a polícia, os caras estavam atirando com balas de borracha, duas pessoas também estavam usando armas de fogo, algumas pessoas foram baleadas no meio da confusão, enquanto o caos tomava conta da loja, pulei o balcão do crediário, meu vizinho e alguns outros clientes que estavam ali também fizeram o mesmo.

A maioria das funcionárias que estavam naquele setor se deitaram no chão com as mãos tampando os ouvidos, uma delas me olhava aterrorizada. Perguntei se ali tinha alguma arma ou coisa do tipo, e em meio aos gritos deu para perceber que a pergunta foi uma estupidez.

Dentro da loja as pessoas gritavam, gemiam, choravam e xingavam, um forte cheiro de merda começou a tomar conta do lugar, decidi enfrentar os tiros e sair da loja.

Quando me levantei um policial surgiu do quinto dos infernos e me mandou deitar, percebi que meu vizinho estava em pé atrás de mim, era difícil não notar o cara, ainda mais com aquele baita black power.

O barulho era tanto que mal consegui ouvir o que o policial, que a essa altura já estava mais vermelho que pimentão, falava comigo, mas por eu não ter obedecido aos seus comandos ele tentou me empurrar para o chão, quando senti seu toque, reagi. Segurei seu pulso com a mão esquerda e

o dobrei para que seu corpo acompanhasse o movimento, com minha mão direita o soquei forte no rosto.

O cara ficou zonzo e tentou atirar, mas o soco foi dado com perfeição, depois de alguns segundos ele perdeu os sentidos e caiu no chão como um pedaço de pau, o puxei para trás do balcão, meu vizinho e as funcionárias e clientes estavam assustados demais para falar alguma coisa contra mim.

Não peguei o revólver dele, mas o cassetete em forma de “L” ia me ajudar a sair daquela confusão sem cometer nenhum crime, bom, pelo menos nada tão grave como um assassinato. Meu vizinho veio atrás de mim quando comecei a ir em direção a porta e deu para perceber que a loja também estava sendo saqueada, o pau quebrando e a galera levando celulares e notebooks, minha vontade real era de botar todos para fora, mas, naquele momento minha vida era o mais importante. Consegui chegar até a rua sem precisar acertar a cabeça de ninguém, e foi então que pela primeira vez eu vi um dos infectados, que se foda, foi a primeira vez que vi um dos zumbis.

Sabe quando você encontra na rua uma pessoa ou artista que sempre vê na TV? Parece que ela tem um brilho diferente, sei lá, e com os zumbis não era diferente, o fedor era realmente incrível, um forte cheiro de decomposição, um andar todo desengonçado parecendo aqueles bêbados de bairro que tentam caminhar mas, sempre parece ter um vento forte batendo. Confesso que tive vontade de ir até ele, e por pouco eu não fui, meu vizinho decidiu que deveria ficar na minha cola e que eu seria a sua salvação.

- O QUE VAMOS FAZER CARA?

A coisa ali fora estava tão ou mais violenta que dentro da loja, na verdade quase todos os estabelecimentos naquela rua estavam sendo saqueados e invadidos, tudo isso ao som de gritos e grunhidos, e claro, a voz do meu vizinho berrando no meu ouvido. Ele era um homem negro, alto e magro, com um belo blackpower, e naquele momento seu rosto estava extremamente pálido.

- Vem comigo. - falei.

Percebi uma moto abandonada na rua, era uma Honda CB 300 com a chave na ignição, tinha um bom tempo que eu não andava de moto, mas aquela era uma boa hora de matar saudade, meu vizinho me ajudou a levantar a motoca, já estava bem claro que ele iria comigo, já agredi um policial, agora estava furtando uma moto, e estava prestes a pilotar sem capacete, era um belo dia para cometer crimes.

Antes de dar partida vi dois homens agredindo um terceiro que parecia ser morador de rua, puxei o descanso e desci da moto, fui até eles com o cassetete pronto para agir, acertei dois golpes firmes na cabeça de cada um dos filhos da puta, não foi tão forte para que eles apagassem, mas, pelo menos os fiz sair correndo, acho que o morador de rua me agradeceu mas não prestei muita atenção, voltei para moto e com meu vizinho na garupa fomos embora.

No caminho vimos muitas coisas acontecendo, mas conforme saíamos do centro da cidade as coisas pareciam estar mais calmas, nosso bairro não estava tão caótico como a cidade, mas a coisa não estava tão boas, alguns bandidos conhecidos estavam andando nas ruas com as armas na mão. As coisas aconteceram com uma rapidez incrível, não sei explicar se tudo foi realmente muito rápido ou se era apenas

minha percepção. Quando finalmente chegamos em frente às nossas casas, meu vizinho desceu da moto propondo um acordo.

- Cara, que doidera foi aquela? A gente pode tomar conta da casa um do outro nê? Vigiar e essas coisas.

- Se eu não for preso por agressão e furto. - falei secamente.

- Preso? Tá de sacanagem? Você salvou meu traseiro naquela loja, cara, vamos tomar conta da casa um do outro? - ele estava quase implorando.

- Claro, eu vou parar essa moto em outra rua por via das dúvidas.

Larguei a moto a alguns quarteirões de casa, deixei a chave na ignição do mesmo jeito que eu a encontrei, depois voltei para casa. Confesso que pensei que a proposta do meu vizinho só serviria para que eu ficasse de olho na casa dele, avisar se algum desses zumbis fedorentos viessem, ou se algum saqueador ou qualquer filho da puta tentasse entrar. Eu estava errado. Na madrugada da manhã seguinte, acordei ouvindo os berros dele, o cara gritava uma porrada de coisa que não entendi, mas foi o suficiente para me fazer acordar, dois imbecis tentaram escalar minha casa para chegar na laje, liguei a luz e escutei o pulo deles, abri a janela e os vi correndo pela rua, assim que amanheceu meu vizinho veio até minha casa.

Conversamos bastante, eu o agradei pela ajuda, ele me contou que eu era conhecido no bairro como “soldado”, e que muita gente comentava que eu devia ter muitas armas em casa, na verdade eu só tinha duas, uma beretta e uma machadinha Cherokee. Desde aquele dia começamos a trocar suprimentos, ele sempre pedia muita coisa, mas não me importava em

dividir, fizemos uma baita compra nos mercadinhos do bairro, claro que eles estavam sendo saqueados mas, pagamos por tudo, inclusive quebrei o braço de um rapaz que tentou roubar uma caixa de cerveja, merda, o mundo acabando e ele querendo encher a cara, eu não o julgaria, mas a dona do mercado era uma senhora muito educada e não merecia passar por aquilo. Mesmo que eu não ache que o dinheiro teria muita utilidade contra os mortos, mas, não existia motivo para acreditar que as coisas não voltariam ao normal. Ainda tinha luz e água chegando nas casas, a televisão exibia seus jornais, mas o discurso era outro, de pânico, pavor, medo e todos os outros sentimentos negativos que possa existir.

O rádio ainda tocava música, tudo parecia normal, tirando é claro, o fato dos mortos estarem andando por aí.

Aos poucos a ficha das pessoas foi caindo, e perceberam o quão fodidos estavam. Depois de 10 dias, os mortos começaram a caminhar pelo bairro, grupos com dez, quinze, vinte e até trinta de uma vez, os tiros começaram a ser mais comuns do que já eram. Os traficantes e bandidos locais foram até a rua tentar conter o avanço deles, claro que não acabava bem, muitas pessoas fugiram nas primeiras horas do surto, foram em busca de parentes, abrigos do governo e essas coisas, coitados, o nosso governo caiu antes mesmo de pensar em agir.

Não demorou muito para que em nosso bairro tivesse mais mortos do que vivos, claro que alguns resistiram e ficaram quietos em suas casas, o bom de uma vila, ou favela, é que temos muitos becos, alguns tão estreitos que se for preciso dá para escalar as paredes e tentar se proteger, o problema disso é correr o risco de encarar a ira do dono da casa. Quando eu morava nos Estados Unidos, ouvia muita gente comentar sobre o quão caridoso o brasileiro é, de fato, as pessoas podem ser

realmente muito caridosas, mas também conseguem ser monstruosas, ainda mais em circunstâncias como essas.

Meu vizinho atravessava a rua até minha casa todos os dias, depois daquela quase invasão em minha casa, decidi ficar de vigia a noite inteira, por volta das cinco da manhã eu descia da laje e dormia até as dez, nesse horário ele vinha me acordar, era um bom acordo. Ele contou um pouco sobre sua família, esposa e três filhos, mas, mesmo agindo como um bobão, ele era esperto, não confiava plenamente em mim, não me chamou até sua casa, não me apresentou sua família, e eu gostava disso.

Na manhã do 16º pós surto, ele não veio me acordar, mas meu organismo fazia o trabalho, porém, até aquele momento ele nunca quebrou ou falhou em nosso acordo, abri minha janela e olhei na direção de sua casa, a porta estava aberta e havia algo vermelho no chão. Subi até a laje para ter uma visão de cima, a marca vermelha era uma poça de sangue, com pedaços de carne dentro, meu coração parou por um momento, eu tinha um pequeno quartinho trancado com cadeado, acima dele era a caixa d'água, eu o usava para guardar coisas, ferramentas, moveis velhos, algumas coisas que meus pais me deixaram, mas, de tudo ali eu só me importava com um baú de ferro pintado de preto, trancado com um cadeado de combinação.

Dentro dele estavam lembranças do meu passado, farda, medalhas, documentos, e uma segunda caixa, era aquela com minha arma e minha machadinha. Ela estava embalada em um tecido branco que já estava bem amarelado pelo tempo, seu cabo era rústico, feito com madeira bruta, cortado de um jeito grosseiro, era disforme, tinha umas linhas desenhadas formando algo parecido com folhas de flores e essas coisas, era mais fino na base e engrossava até o topo, sua lâmina era prateada, com desenhos, bem estilo nativo americano, de um

lado a parte do fio, que ainda estava bem afiada, do outro o martelo, uma parte redonda e forte, nunca soube o nome correto disso, quando eu a toquei, uma lágrima escorreu pelo meu rosto.

- Oi Cherokee.

Desci até a rua e caminhei até a casa do meu vizinho, o cheiro estava horrível, em frente a casa dava para ver as pegadas de sangue, passei pela enorme poça e entrei, apesar do cheiro não tinha nenhum dos fedorentos lá dentro, mas também não vi nem sinal do meu vizinho, bom, nenhum sinal de que ele estivesse vivo, no chão tinha muito sangue e pedaços de carne, intestinos, miolos e merda, tinha um chumaço de cabelo em um canto, parece um escalpo e lembrava muito o blackpower do meu vizinho, e só naquele momento percebi uma coisa, eu não sabia o nome dele, nunca perguntei e ele nunca disse. muito cabelo em um canto, reconheci como o blackpower do meu vizinho, e só naquele momento me dei conta que não sabia o nome dele. Na mesa tinha alguns papéis, comecei a mexer na esperança de encontrar o nome do cara, mas tudo ali estava com o nome de Mariana.

- Nem fodendo que você morreu sem eu saber seu nome. - falei comigo mesmo.

A casa tinha dois andares, vasculhei o primeiro e não encontrei nenhum papel com o nome dele, não achei fotografias, telefones, mas na cozinha tinha muita coisa, garrafas de água, cerveja, refrigerante, pacotes de suco, leite, achocolatado, pacotes de pão, ovos e algumas frutas. A Cherokee começou a vibrar em minha mão, ela não vibrava de verdade, era uma

sensação mental ou algo assim, eu tinha uma ligação estranha com aquela machadinha, ouvi um barulho no andar de cima, comecei a subir as escadas.

- Vizinho?

Chamei por ele sem esperar resposta, continuei subindo os degraus, no fim da escada tinha um grande corredor com quatro portas, abri a primeira, era um banheiro, antes de abrir a segunda escutei um murmúrio lá dentro.

- Vizinho sou eu, seu amigo da casa em frente, tô entrando! – girei a maçaneta, a porta estava trancada.

Fiz silêncio e o murmúrio continuou, alguém estava chorando lá dentro, me encostei na parede em frente a porta e a chutei, ela abriu com um estrondo e uma garota morena de calça jeans e camisa do Bob Esponja estava em pé em frente a uma cama com uma faca enorme nas mãos, ela tremia, dei uma olhada rápida e por um instante a achei parecida com meu vizinho, até o cabelo estilo blackpower era parecido.

- SAÍ DAQUI!

- Calma garota! Eu moro aqui em frente.

- SAÍ DAQUI! MEU PAI JÁ ESTA VINDO!!

- Calma, eu vou colocar isso aqui – Coloquei a Cherokee na cintura – Meu nome é Davis, sou vizinho de frente.

- PAI!! - a garota me atacou!

Me desviei a tempo e tirei a faca de suas mãos mas, mesmo sem a arma ela partiu para cima usando as unhas para arranhar

meu rosto, não tive escolha a não ser a imobilizar com um dos meus braços, e mesmo assim ela me atacava com chutes.

A pobrezinha estava chorando muito, duas crianças saíram de debaixo da cama, um garotinho de uns 7 anos e uma menininha de talvez uns 4, eles também me atacaram, soltei a garota, e me afastei deles, os três se abraçaram.

- Eu não vou machucar vocês, estou aqui para ajudar – levantei minhas mãos – vocês moram aqui? - a mais velha fez que sim com a cabeça – tá bom, eu estou aqui por que vi a porta aberta, o homem que morava aqui, o negro com um cabelo igual ao seu – aponte para a mais velha.

- Meu pai.

- Isso! Você sabe... - antes de terminar a pergunta eu percebi o olhar da garota, entendi que ela sabia o que tinha acontecido, meu vizinho estava morto.

- Os monstros ainda estão lá em baixo? - perguntou a garota.

- Não, a mãe de vocês, ela está por aqui? - eu não sabia o que perguntar.

- Nossa mãe estava viajando, devia ter voltado a uma semana.

- Ok, hã... olha, acho que não é muito seguro para você e seus irmãos ficar aqui, querem ficar na minha casa até ela voltar?

- Você é o soldado não é?

- Acho que sim, mas meus amigos me chamam de Davis, não que eu tenha muitos amigos – não tinha nenhum.

- Eu sou a Jéssica, esse é o Pedro e essa a Bianca.

- Muito prazer, desculpa o susto que eu dei em vocês, toma – peguei a faca e devolvi para a Jéssica – fica com ela, se quiser eu posso te ensinar a usar direito, agora acho melhor

você pegar sua irmã no colo e tampar os olhos dela, posso carregar você amigão? - perguntei para o garoto que ainda estava agarrado na irmã.

- Tudo bem Pedro, o papai falou que ele é legal, ele é o moço da moto.

Entramos em minha casa e eu fiz um bloqueio na porta, as crianças não se desgrudavam, apresentei minha casa para eles, estavam mais interessados na cozinha, peguei pão e leite, devoraram como cães selvagens comendo um belo pedaço de carne.

Aproveitei e expliquei algumas coisas sobre a minha casa, como por exemplo o fato de eu ter construído um alçapão ao lado da porta de entrada, de ter barris pendurados em cima dessa mesma porta, porra eu sou um soldado com treinamento antiterrorista, eu sempre protegi os locais onde eu dormia, na minha casa não seria diferente.

- A quanto tempo estavam lá em cima? - perguntei para a Jéssica.

- Os monstros entraram ontem a noite, meu pai mandou ficar lá até ele voltar, só que... - ela se calou e uma lágrima escorreu pelo rosto.

- Por que ele não me chamou? - perguntei para mim mesmo.

- Não deu tempo, os monstros entraram rápido, ele tentou mas...

- Tudo bem Jéssica, não precisa falar, eu... estou envergonhado em perguntar isso, mas como ele se chamava?

- Jorge.

- Sua mãe é a Mariana nê?

- Aham.

- É, eu vi umas contas com o nome dela.
- É verdade que você bateu em um policial?
- Seu pai falou isso nê?
- Aham.
- Eu bati sim, mas foi por uma boa causa.
- Desculpa.
- Pelo que?
- Eu arranhei seu rosto.
- Não precisa se desculpar garota, você estava protegendo seus irmãos, mas se posso te dar uma dica, da próxima vez tente enfiar o dedo nos olhos, o estrago é bem maior. - ela sorriu.
- Vamos esperar a mamãe aqui? - perguntou o Pedro.
- Acho que sim, não vamos? - perguntou a Jéssica olhando para mim.
- Claro que sim, vocês são meus convidados.
- Os *montos*? - perguntou a pequena, e caralho, aquilo cortou meu coração.
- Eu prometo que não vou deixar nenhum monstro pegar vocês.

Essa promessa era verdadeira, e no fundo eu sabia que o único jeito de se proteger de um monstro é agindo como um. E graças ao meu passado, eu sabia muito bem como fazer isso.

Nasci nos Estados Unidos, me mudei para o Brasil junto com meus pais quando eu ainda era um bebê, cresci aqui, aos 18 anos me alistei no exército, fui chamado e cumpri meu ano obrigatório.

Quando saí decidi fazer uma viagem ao redor do mundo. Minha viagem durou menos de dois meses, mal saí do país e tive que voltar porque meus pais morreram em um

acidente de carro. Confesso que não éramos tão ligados como uma família deveria ser, mas eles foram bons pais, me criaram para ser uma pessoa bem independente e me deixaram uma boa quantia de grana. Nunca fomos ricos mas vivíamos muito bem. Aos 20 decidi ir para os Estados Unidos, eu tinha dupla cidadania então foi fácil. Chegando lá me alistei no corpo de fuzileiros navais, seis meses de treinamento e fui enviado a um país do Oriente Médio.

No quarto mês que estava lá um comboio americano foi atacado, dezoito soldados morreram. Um capitão chamado Glover reuniu um grupo de voluntários naquela noite, com a única missão de retaliar pelos soldados mortos. Ele nos disse que a inteligência passou a informação do local exato onde os terroristas estavam, até nos mostrou um vídeo onde o grupo reivindicava a autoria do atentado, e puta que pariu a gente retaliou!

Eles estavam em um galpão antigo, o nosso grupo era formado por 36 soldados todos com sangue nos olhos e loucos por vingança.

Aquela noite foi a primeira vez em que experimentei de fato o caos de uma batalha, sentindo o sangue do inimigo escorrendo em minhas mãos, a primeira vez que vi o brilho da vida se apagar nos olhos de alguém. Matei 8 homens naquela noite. Na manhã seguinte o Capitão Glover nos convocou para uma nova missão, outra célula do mesmo grupo terrorista tinha sido encontrada, não perdemos ninguém na noite anterior, então todos nós estávamos animados para matar.

E não foi só morte que levamos para eles aquele dia, perdemos quatro soldados durante o tiroteio, três rangers e um fuzileiro. O ódio tomou conta do restante de nós, matei mais 5 homens naquele dia. Conseguimos tomar o lugar e fazer nove prisioneiros, espancamos aqueles malditos e os levamos.

Naquela mesma noite o Capitão me convidou para participar do interrogatório deles, e foi então que aprendi uma nova função. Uma coisa que posso dizer sobre o Capitão Glover é que o homem sabia torturar, ele estava barbarizando com um dos homens enquanto fazia perguntas na língua deles.

- Aprenda! - me disse o Capitão.

Depois de duas horas o homem tinha contado tudo e mais um pouco, descobrimos a localização de sete esconderijos e um deles com alvos de extrema importância. Enquanto limpava o sangue de suas mãos, o Capitão Glover conversava comigo:

- Eu convidei uns 12 antes de você, nenhum deles ficou até o final, você é diferente soldado Davis.

- Senhor.

- A partir de hoje você será transferido para um pelotão especial, trabalhamos diretamente com a inteligência.

- Sim senhor.

- E você tem que aprender a língua dessa gente, essa é a primeira lição. Dispensado soldado.

- Senhor, sim senhor!

Passei o mês seguinte aprendendo aquele idioma complicado, tinha aulas com interpretes e com os homens que o Capitão colocava em sua cadeira especial, “por favor, não”, foi uma das primeiras coisas que aprendi a falar. Eu assisti a mais de quarenta sessões de interrogatório, até que finalmente o Capitão Glover me passou a cadeira.

O primeiro homem que torturei era um grande alvo que já estava sendo procurado a alguns anos por ter bombardeado uma escola na Europa.

Eu tinha carta branca para conduzir a coisa do jeito que eu quisesse. Então, deixei o homem sentado na cadeira com as mãos amarradas para trás e não mostrei nenhuma ferramenta, faca ou porrete para ele. Arrastei a mesa para o lado e me sentei em frente ao homem, ele estava chorando, catarro escorria de seu nariz e sujava sua barba, ele implorava falando que não fez nada.

- Por que bombardear uma escola? - perguntei para ele.

O cara começou a gritar dizendo que não tinha feito nada, só que seus olhos contavam outra coisa. Não era um olhar de desespero, o fodido estava com orgulho do que fez. O Capitão tinha me pedido para descobrir apenas uma coisa, onde o líder daquele grupo terrorista estava.

- O seu chefe paga a mais quando matam crianças? - ele não respondia, só chorava e gritava – como eu imaginava, vocês são todos covardes.

Nesse momento o olhar dele mudou outra vez, eu tinha mexido com o ego daquele filho da puta, o jeito que ele me olhou me deu a resposta que eu precisava, eu estava conversando com o maldito líder. Me levantei e contei ao Capitão.

- Você tem certeza disso?

- Sim senhor.

- Ok,

- Se o senhor permitir, eu gostaria de ter algum tempo com ele, eu gostaria de praticar.

- Praticar?

E eu pratiquei, faca, bisturis, whisky, papel, madeira, pólvora e uma colher, essas foram as ferramentas que usei naquele maldito. Fiquei com ele por mais de três horas, e queria ter ficado mais, só que ele já não estava sentindo tanta dor como no começo, tentei fazer o máximo para vingar aquelas crianças mortas. Por fim, o Capitão entrou na sala e deu um tiro na cabeça do terrorista.

Dois meses depois meu tempo de serviço terminou, naqueles oito meses em que estive lá matei 22 homens e torturei 53, voltei para casa com a patente de Sargento.

Alguns meses depois eu estava de volta, agora como Sargento, me tornei o braço direito do Capitão Glover assim ganhei uma certa fama entre os inimigos. Eles me chamavam de “**sombra**” e falavam que quando eu começava a falar uma escuridão tomava conta do lugar, como se minha voz levasse a luz embora, o que era uma puta idiotice, apenas alguns homens especiais morriam na minha cadeira, a grande maioria só implorava pela morte quando eu começava o meu trabalho. Eu criei algumas regras que foram aprovadas pelo Capitão, nenhuma mulher ou criança se sentaria na minha cadeira.

Naqueles oito meses me tornei oficialmente um contra terrorista, aprendi muita coisa e fiz mais ainda. Matei 30 homens em combate direto, corpo a corpo, outros 20 em incursões com comboios e tive mais de 100 sentados na minha cadeira. Um dos soldados chegou a me perguntar como eu conseguia dormir a noite, eu não sabia como responder, só dormia. Aqueles homens mereciam a dor que causei neles, acho que essa era a única resposta para essa pergunta. No dia

da minha dispensa, o Capitão Glover foi promovido e junto com a nova patente ganhou o comando de um batalhão inteiro. Antes que eu entrasse no avião o agora Major Glover veio conversar comigo.

- Sargento.

- Major.

- Pretende voltar para cá?

- Claro senhor.

- Eu sabia que diria isso, tentei adiar sua dispensa mas não consegui, acho que vou ter que arrebentar a cabeça de alguém daqui uns dias.

- Sim senhor. - eu sorri.

- Sargento, essa promoção veio junto com o comando de um batalhão inteiro, com isso estarei atarefado com outras coisas e não vou poder guiar vocês nas incursões e nos outros trabalhos. Temos uma empresa dentro da inteligência que trabalha para os governos de diversos países e ela é a responsável por todas as informações que obtivemos ao longo desses anos. Com a minha nova situação eu quero que você trabalhe com eles.

- Senhor?

- Você mora no Texas não é?

- Sim senhor.

- Não quero que vá para lá dessa vez, quando desembarcar vá para Florida – ele me deu um pedaço de papel com um endereço – se apresente em meu nome.

E foi o que eu fiz, me apresentei na tal empresa, no ano que se seguiu fiz diversas viagens, eu teria voltado para o Oriente Médio mas o Major Glover me transferiu temporariamente para trabalhar com a inteligência, então

acabei indo para lugares que nunca ouvi falar e regiões que jamais serão visitadas outra vez. Fui em quase todos os continentes do mapa.

O Major me enviou para trabalhar e colocar em prática o que ele me ensinou, merda, eu era a porra de um mercenário. Torturei assassinos, estupradores, molestadores, ensinei outras pessoas a torturar, aprendi uns quatro ou cinco idiomas diferentes, além de dois ou três novos estilos de luta.

Finalmente consegui voltar ao Oriente, estava outra vez com o Major Glover, eu era mais próximo dele do que já fui do meu próprio pai. Quando cheguei fui enviado até sua sala e descobri que agora sua patente era de Coronel.

- Prêmio por serviços prestados, sou um herói de guerra, assim como você Capitão.

- Capitão?

- Parabéns! Você foi promovido.

- Obrigado senhor.

Eu já não sorria mais, acho que esse era o preço de tanto sangue nas mãos e também não conseguia dormir direito. Não sei se meu subconsciente se sentia culpado ou algo assim. Mas eu sabia que ainda teria que derramar muito mais sangue e ouvir muitos gritos.

- Você agora vai trabalhar diretamente com a inteligência, quero que monte um pequeno pelotão, não mais do que dez homens. Você terá total autonomia para escolher quem quiser e vai responder diretamente a mim.

Eu tinha 26 anos, comandava um pelotão que ficou conhecido como “Esquadrão da Dor”, claro que ninguém

falava isso perto de qualquer um de nós. Ficamos muito unidos, todos os soldados que escolhi eram fuzileiros que estavam comigo na primeira vez que chegamos naquele país. Consegui promover um deles para a patente de Sargento, seu nome era Giovanni, um homem branco como papel e um cabelo preto incrivelmente liso. Era um sujeito bem-humorado e eu precisava de alguém assim ao meu lado.

Trabalhamos disfarçados, capturamos, torturamos e matamos muitos terroristas já que toda vez que algum país era atacado um idiota dali assumia a autoria e nosso trabalho nunca parava.

Toda noite eu e meus homens nos reuníamos em uma das quadras de basquete improvisadas do alojamento, alguns soldados não gostavam disso mas ninguém ousava nos questionar ou pedir para sair.

Era uma pequena cerimônia, uma coisa que aprendi em um vilarejo africano. Eu abria uma garrafa de Johnnie Walker e cada um tomava um belo gole, era um jeito de tentar relaxar depois de tanta merda que a gente fazia e via.

Oito meses se passaram e minha dispensa não chegou, não sei se era pelo fato de agora ser um oficial, por trabalhar com a inteligência ou por conta do Coronel, o que eu sabia era que algo não estava certo.

Eu realmente acreditava que tudo que eu fazia era justificado, que era algo necessário, aceitei de bom grado o apelido de sombra e que meu pelotão fosse chamado de esquadrão da dor, só que com o passar do tempo eu não sabia mais se o que estava fazendo era para o meu país, pura vingança ou se na realidade eu não passasse de uma marionete do Coronel Glover.

Depois de quase dois anos minha dispensa finalmente chegou, não perdi nenhum homem sob o meu comando e olha

que estivemos em situações que, sem dúvida, deveriam ter nos matado. Pedi ao Coronel que deixasse o Giovanni comandando o pelotão na minha ausência.

- Merda Capitão, eu precisava de você aqui! Por isso nem você, nem seus homens foram mandados para casa quando deviam. Mas vocês têm feito um bom trabalho, e se você diz que esse Sargento é competente para ficar no seu lugar eu acredito.

- Obrigado senhor – prestei continência e sai.

Me encontrei com o Giovanni antes de pegar o avião, contei a ele que nossas dispensas não estavam chegando por culpa do Coronel. Pedi desculpas por estar indo embora, eu precisava deixar tudo aquilo de lado por um tempo.

Eu mal reconhecia meu rosto quando me olhava no espelho, merda, eu era um jovem com cara de velho. Quando voltei, vendi minha casa do Texas, juntei o dinheiro com uma boa quantia durante o meu tempo no exército.

Grande parte do dinheiro que meus pais me deixaram ficou em bancos brasileiros, eu pensava em voltar para o Brasil algum dia. Comprei um bom pedaço de terra em Tanana no Alasca, uma região com pouco mais de 200 habitantes.

Me isolei o máximo que pude, eu caçava minha própria comida, acabei preferindo usar arco e flecha, já que fazer munição dava muito trabalho. Montava armadilhas, conseguia carne e peles, aquele isolamento me ajudou a melhorar. Eu já morava lá a mais de um ano, minha barba estava enorme, minha pele estava quase branca como a neve, o sol do Alasca não marca a pele como o do Iraque por exemplo, e ali eu só via civilização quando ia vender as peles.

Na última vez tinha um telegrama me esperando no armazém, o recado era do próprio Coronel Glover, falando que o Giovanni desapareceu em combate, e ele exigia o meu retorno imediato, o telegrama estava ali a mais de um mês. Naquela noite não consegui dormir, pensava em tudo o que poderia ter acontecido com o Giovanni, e claro, eu estava me sentindo culpado. Uma semana depois eu estava de volta ao Oriente Médio.

Fui me apresentar ao Coronel Glover, e ele não parecia nem um pouco feliz em me ver.

- Capitão, você tinha que ter se apresentado a quase um mês.

- Perdão senhor, eu me mudei para o...

- Calado! Eu sei para onde você se mudou, eu te disse que precisava de você aqui, agora o homem que deixou em seu lugar está morto, e o que você estava fazendo? Comendo neve!

- Senhor, pensei que ele estivesse desaparecido.

- Desaparecido e morto é a mesma coisa nesse lugar.

- Sim senhor. - era foda mas era verdade – e o resto do pelotão senhor?

- Do pelotão que eu te dei e você abandonou? Estão no mesmo lugar, fazendo as mesmas merdas, depois que o Sargento deles morreu, promovi um tal de Johnsson, ele não é tão bom como você mas, pelo menos, não se acovarda para fazer o que precisa ser feito com quem tem que ser feito.

- Senhor?

- Agora vá descansar, amanhã você vai ter o comando do pelotão outra vez, tenho uma missão para vocês, um possível nome para o assassino do seu Sargento.

- Sim senhor.

- Dispensado Capitão.

A tristeza tomou conta de mim, acho que uma lágrima chegou a correr pelo meu rosto, meu amigo Giovanni estava morto e era culpa minha. Eu não devia ter ido embora, e agora o Johnsson estava liderando o pelotão e o fato do Coronel ter dito que ele não tem regras covardes me incomodou, não queria acreditar que um dos meus homens seria capaz de cruzar a linha e ferir mulheres e crianças. No caminho até o nosso alojamento, vi que muitos soldados me olhavam torto e cochichavam alguma coisa, aquilo normalmente não me incomodava mas um dos meus melhores amigos estava morto e meu pavio estava curto.

- Soldado, se aproxime! - falei apontando para um dos cochichadores.

- Senhor.

- Fale.

- Falar o que senhor?

- Você sabe quem eu sou, não sabe soldado?

- Sim senhor.

- Então fale.

O medo nos olhos dele era nítido, parecia que o som havia sido sugado do nosso redor, ninguém respirava, apenas olhavam para nós dois.

- Desculpa senhor – ele abaixou a cabeça.

- Não quero desculpas soldado, quero que me fale o que estavam cochichando, estavam me chamando de sombra?

- Não senhor.

- Estavam falando que sou o líder do esquadrão da dor?

- Não senhor.

- ENTÃO FALA! - segurei no cabo da minha arma.

- Estávamos falando dos seus homens senhor.

Ao nosso redor os amigos do soldado se aproximaram, eles me pediram para ter calma e me convidaram para entrar em seu alojamento, lá eles me contaram uma história. Me contaram que o Coronel Glover foi denunciado, e que ele acreditava ter sido o Giovanni o acusador. Me contaram que o meu pelotão, homens que escolhi e treinei, foram os reais responsáveis pelo desaparecimento do meu amigo, que eles foram fazer uma missão dada pelo próprio Coronel. Também me contaram que o Johnsson e os outros torturaram mulheres e crianças, e que foram acusados de estupro por algumas pessoas, e que fizeram essa merda depois que o Giovanni desapareceu. Quando eu fui embora da última vez, meu pelotão era formado pelo meu amigo e Sargento, Giovanni, os cabos Johnsson e Soarez, e os soldados Jones, Thobey, David, Cooper, Andrews e Oliver. Eles eram a minha família, e mesmo assim nada vai me impedir de matar cada um deles.

Eu não os confrontei naquela noite, eu bem que gostaria, mas eu precisava de mais informações, tinha que ter certeza da merda que estavam fazendo e fizeram na minha ausência. Fui bem recebido quando cheguei ao nosso alojamento, meus homens estavam bem diferentes, antes tinham uma aparência bem juvenil, agora estão mais sérios, o Johnsson foi o primeiro a conversar comigo.

- Capitão, que bom ter o senhor de volta – ele me abraçou.

- Obrigado Cabo.

- Agora é Sargento.

- Eu sei, agora quero que me contem o que aconteceu com o Giovanni.

- Descobrimos uma casa que servia de esconderijo para um dos alvos principais, fomos até lá e caímos em uma armadilha.

- Ele foi atingido?

- Duas vezes.

- E vocês não o pegaram, qual o motivo?

- Muitos inimigos surgiram, atiravam de cima da casa, das janelas e da rua, se tentássemos socorrer o Giovanni todos nós estaríamos mortos.

- Então vocês o abandonaram.

- Do mesmo jeito que o senhor.

Merda, quando ele disse isso meu punho já estava a meio caminho do seu rosto, e cara foi um soco lindo! Johnsson caiu como um saco de lixo, não pretendia usar tanta força mas ele acabou desmaiando. Os outros tentaram amparar o amigo mas eu não deixei.

- NÃO TOQUEM NELE! Não se esqueçam que eu sou a merda do Capitão, eu montei essa equipe, eu teria matado todos os filhos da puta para resgatar qualquer um de vocês, ou morreria tentando. Não ousem sequer insinuar o contrário. Dispensados.

- Sim senhor! - todos fizeram continência e saíram do alojamento.

Deixei o Johnsson apagado no chão, saí dali e procurei um alojamento de oficiais. Na manhã seguinte fui chamado até a sala do Coronel Glover, meus homens estavam lá. Um deles

com uma baita cara de dor e com uma parte do rosto bem vermelha e inchada.

- Capitão, o destino parece gostar de você, recebemos a informação que estive esperando por um bom tempo, ela chegou hoje antes do sol nascer, e está esperando em sua sala, lembra onde fica?

- Ela senhor?

- Sim, é uma garota, filha do alvo conhecido como “Carniceiro”, sem dúvidas ela tem informações sobre o pai.

- Eu não interrogo mulheres senhor.

- Eu sei disso, mas seus homens sim, tenho certeza de que o Sargento Johnsson aqui teria muito prazer em fazer isso, ele já tem muita experiência. - o idiota do Johnsson não conseguiu falar nada, apenas fazer continência.

- Não senhor, eu conversei com ela.

- Que seja, quero as informações em minha mesa até o entardecer, dispensados.

- Que merda vocês andaram fazendo? - perguntei quando saímos da sala do Coronel.

- Cumprindo ordens senhor – respondeu o Cabo Soarez, já que o Sargento não conseguia falar.

- Ordens? Eu ordenei a vocês quando os escolhi, eu disse que nós não colocamos a mão em mulheres e crianças, quantas foram?

- Senhor? - ele pareceu surpreso com a pergunta.

- Quantas mulheres e crianças vocês torturaram?

- Eu não...

- E quantas estupraram? - percebi o olhar de alguns deles, estavam envergonhados, o que significava que era verdade.

- Senhor nós...

- Chega! Dispensados.
- Senhor?
- DISPENSADOS!

Caminhei até a minha antiga sala, alguns soldados abaixaram a cabeça após bater continência, eles sabiam onde eu estava indo e sabiam o tipo de coisa que eu fazia na sala. Quando entrei na sala tinha uma garota sentada em minha cadeira, merda, aquele lugar parecia menor. Era uma garota, não tinha mais de 14 anos, seu cabelo estava cortado e cheio de buracos, suas mãos amarradas para trás, seus braços estavam sujos de sangue, sua roupa rasgada em algumas partes deixando exposto um pouco de seu busto, um dos olhos estava tão inchado que mais parecia uma bola de beisebol. Me aproximei da garota, ela não abaixou cabeça, muito pelo contrário, levantou e me olhou nos olhos, com aquele único olho bom.

Peguei minha faca e soltei suas mãos, ela fez um movimento como se fosse levantar para tentar me atacar, mas suas pernas também estavam bem machucadas, tirei a parte de cima da minha farda, fiquei apenas de camiseta, dei a ela junto com meu cantil de água.

- Quem fez isso com ela? - perguntei a um dos três soldados que estavam na sala quando entrei.

- Ela foi entregue assim senhor.

- MENTIRA! - gritou a garota em seu idioma, eles não entenderam.

- Foram eles? - perguntei para ela, sua resposta foi cuspir no chão.

- Quer que a gente fique senhor? - perguntou um dos soldados.

- Não, estão dispensados, não quero ninguém nem perto dessa sala, entendido?

- Sim senhor – um deles parecia decepcionado.

Me sentei em frente a garota, ela bebeu toda a água do cantil, e usou minha farda para cobrir o seu corpo.

- Foi um deles que te machucou?

- Isso importa?

- Importa para mim.

- Você fala bem meu idioma.

- Como se chama?

- Jamira.

- Jamira, algum daqueles três soldados fez isso com você?

- Você quer que eu diga sim.

- Por que eu ia querer isso?

- Para me bater até que eu diga que não.

- Foi isso que fizeram com você?

- Vou te contar uma história moço, de uma menina que estava voltando para casa carregando uma sacola de frutas e foi presa por soldados de um país estrangeiro, eles a xingaram, bateram nela, e tentaram fazer coisas com ela, acredita nessa história?

- Infelizmente sim, algum dos soldados tocou em você?

- mesmo com os machucados deu para perceber que ela entendeu o que eu quis dizer.

- Tentaram, mas eu mordi um deles e levei um soco.

- Foi algum desses três que estavam aqui?

- Não.

- Ok, lembra como eles eram? Alguma tatuagem, cicatriz?

- Um deles deve ter brigado antes, estava com o rosto vermelho, foi ele que eu mordi – ela estava orgulhosa.
- Eles te pegaram ontem a noite?
- Sim.

Agora as coisas se encaixaram, tudo estava planejado, acho que agora era a minha vez de levar dois tiros e ser deixado para trás, o que esses merdas não se tocaram é que eu os ensinei quase tudo que sabem.

- Jamira, eles te prenderam falando que seu pai era um terrorista conhecido como Carniceiro.
- Meu pai? Meu pai vende frutas na feira.
- Quantos anos você tem?
- 13.
- Imaginei, você é muito forte para uma garota de 13 anos.
- E você parece velho.
- Eu sei, olha, eu vou ir até a porta, virar de costas enquanto você veste essa camisa que te dei, vou te levar embora desse lugar.

Isso até poderia ser usado como técnica de tortura, fingir libertar alguém, dar esperanças de fuga e depois acabar com a raça dela, mas não era isso que estava acontecendo. A merda toda foi montada, acredito que o Giovanni tenha sido morto por ter denunciado o Coronel e que meus próprios homens armaram a arapuca. O que me deixava mais putado é que o Johnsson tinha razão, a culpa era minha, fui eu quem os escolhi.

A coitada mal conseguia andar, pedi sua permissão e a peguei no colo, fui com ela até um carro da ONU que estava ali

perto, a coloquei no banco da frente, passei o cinto de segurança, entrei e saí daquele lugar. Era uma puta ironia, um torturador dirigindo o carro da ONU enquanto salvava a vida de uma pessoa acusada de ser filha de um terrorista, em outros tempos eu daria uma risada.

- Tá bem, agora você tem que me guiar até sua casa.

- Não, você está querendo que eu te leve até o meu pai para poder pegar ele não é? - fazia sentido.

- Faz sentido você pensar assim, sabe, eu não sou um homem bom Jamira, eu já matei muitas pessoas, já feri muitas pessoas, mas nenhuma delas era mulher e todos tinham mais de 20 anos. Acho que meu chefe realmente queria que eu machucasse você, para quem sabe me machucar depois, e as pessoas que te pegaram ontem, já foram meus amigos um dia, eu pensei que ainda eram, mas me enganei.

- Vira naquela rua ali – ela apontou para a direita.

- Se você quiser eu posso te levar para outro lugar, te deixar em algum lugar, mas eu gostaria de te deixar em casa e ajudar sua mãe a cuidar desses ferimentos e quem sabe implorar perdão do seu pai.

- Você é diferente, vira a esquerda.

Andamos por quase duas horas, o tanque estava bem cheio então não liguei de dar tantas voltas, caso a Jamira fosse realmente filha de um terrorista eu cairia em sua armadilha tranquilamente, cheguei até a pensar que fosse tudo armação dos fodidos do meu pelotão, mas se tem uma coisa que aprendi com todos esses anos de tortura e interrogatórios foi perceber quando alguém está sendo sincero ou não. Depois de um tempinho chegamos até a casa dela. Era um lugar lindo e destoava de grande parte da região, não era de areia e terra

dura, na verdade o lugar parecia um pequeno sítio, uma casa enorme na frente e um terreno verde na parte de trás.

- Você mora aqui? - eu estava realmente surpreso.

- Sim... PAI! - ela abriu a porta do carro e tentou correr de encontro a um homem que abriu a porta da casa

- Cuidado! - ela caiu, saí do carro e a levantei.

- MINHA VIDA! - disse o homem abraçando a Jamira.

Outros dois homens saíram da casa, estavam com facas, eu tinha uma Beretta no coldre, não tentei pegá-la, apenas levantei minhas mãos.

- Eu estou aqui para ajudar.

- Filha... minha filha...

- Ele me ajudou pai, ele me trouxe para casa.

- Vamos entrar... sua mãe quer te ver...

- Você pode pegar uma coisa no carro?

- É carro-bomba? - perguntou o homem assustado.

- Não, tem uma caixinha de primeiros socorros dentro do porta-luvas, talvez seja útil para cuidar dela.

- Não, vai embora daqui e não volta! Não volta se não morrer!

- Claro, vou abaixar minhas mãos, ok? - abaixei e entrei no carro.

Assim que o motor do carro ligou, o pai da Jamira saiu correndo pela porta e acenou para que eu entrasse. Se eles fossem terroristas eu já teria morrido, desci e fui até lá. A sala da casa era maravilhosa, cheia de enfeites, os homens com as facas entraram e sumiram em algum lugar dentro da casa, duas mulheres estavam em pé olhando para mim, ambas estavam

sorrindo. E o pai dela me atacou, não para matar ou ferir, ele me atacou com um abraço.

Ao que parece ela contou o que aconteceu, fui muito bem recebido ali. Acabei ficando até anoitecer, mal vi o tempo passar, não sei a quantos anos eu não sorria. Durante aquele tempo, o pai da Jamira me ofereceu a mão dela em casamento algumas vezes, além disso estavam muito interessados em saber sobre os Estados Unidos, Jamira que estava sentada com a gente disse que gostaria de ir para lá um dia.

- Vocês gostariam do Brasil.

- Onde fica o Brasil? - perguntou o pai dela.

- É na América do Sul, eu morei lá muito tempo, acho que vocês gostariam, principalmente do clima.

- Terra do Samba – disse a mãe da Jamira abrindo a boca pela primeira vez.

- Exatamente, se vocês quiserem, eu tenho uma casa lá, seriam bem vindos.

- Sério?

- Sim Jamira, eu acho que seria mais seguro para vocês sair daqui, e se aceitarem eu adoraria ter vocês lá.

Bebi e comi muito bem, as pessoas se retiraram para seus quartos, fiquei na sala conversando com a Jamira, agora ela estava limpa, com um vestido branco, acho que passaram maquiagem nela, mas o olho continuava inchado, seus cabelos estavam escondidos, o pai dela voltou com uma caixa nas mãos e a colocou no meu colo.

- Um presente por ter salvo minha filha.

Abri a caixa e dentro dela tinha uma machadinha linda, um cabo de madeira marrom com alguns desenhos, uma lâmina prateada com uns desenhos cravados, no fundo da caixa tinha uma foto da mesma machadinha, na parte de trás da foto estava escrito “Réplica real usada no filme O Patriota”, era uma machadinha Cherokee, idêntica a do filme, coloquei meu dedo na lâmina e o sangue escorreu, o fio era incrível. Eu só pude agradecer.

Fiquei na casa mais uma hora, peguei minha farda, passei todos os meus contatos para Jamira, disse que os ajudaria no que pudesse, entrei no carro e fui embora. Ninguém me questionou quando voltei, mas eu sabia que alguma merda estava prestes a acontecer, fui até o alojamento dos oficiais, tomei um banho e já estava me preparando para dormir quando seis soldados entraram no alojamento e me deram voz de prisão por ter saído sem autorização. Claro que isso era coisa do Coronel. Fiquei na prisão militar por sete dias, quando saí costurei uma cordinha na calça da minha farda e coloquei a machadinha Cherokee, era um ótimo acessório e uma bela arma. Não demorou muito para receber uma nova missão, dessa vez comandada pelo próprio Coronel.

- Nessa incursão eu vou com vocês! - ele me falou quando estávamos entrando nos jipes.

Só tinha os meus homens e o Coronel, eu sabia que aquilo era uma porra de armadilha e estava preparado para isso. Fiquei sentando ao lado do Coronel, ficamos em silêncio por um tempo até que ele finalmente falou.

- Por que não tocou na garota?
- Já tinham tocado muito nela senhor.

- Minhas ordens foram claras, eu queria respostas e você não as trouxe, na verdade você saiu sem autorização e levou minha prisioneira com você, isso parece traição não acha?

- Traição? A garota foi capturada quando voltava para casa, foi espancada, teve os cabelos cortados e o senhor fala de traição?

- Seus homens fizeram isso.

- Não são mais meus homens senhor – todos trocaram olhares.

- Você está certo, são meus homens.

- Posso perguntar onde estamos indo senhor?

- Uma missão especial, quero te mostrar uma coisa.

Não falei mais nada, eu estava reconhecendo o caminho, eu tinha passado por aquela estrada na semana anterior quando levei a Jamira para casa, e essa merda estava me deixando nervoso e eu tinha razão. Os carros pararam na porta da casa da garota, ou melhor, do que sobrou da casa, não tinha ninguém em volta do local, o que antes era uma construção enorme e bonita agora era um monte de cinzas e destroços. O que era verde agora era pó. Descemos do carro, eu não disse uma só palavra, tanto o Johnsson quanto o Coronel estava sorrindo, eu sentia a machadinha em minha cintura, ela estava vibrando, implorando para que aquela merda fosse mentira.

- O que você fez? - perguntei sem olhar para o Coronel

- Eu? Haha não, foi você que fez, você que não cumpriu seu trabalho, você que me traiu! Assim como aquele outro borra botas que estava no seu lugar.

- Vocês o mataram não foi? - perguntei olhando para os meus homens que agora formavam um círculo em minha volta, todos com suas armas apontadas para mim.

- Ele não cumpria as ordens do Coronel, fizemos o certo – disse o Johnsson.

- O certo? Vocês mataram o superior de vocês, mataram o meu amigo e isso é o certo?

- Deixa de ser dramático Davis, tudo o que você tem foi eu que dei e você foi embora, seu lugar era ao meu lado! Aquela fedorenta foi o teste para saber se você poderia ser salvo, e falhou vergonhosamente.

- Teste?

- Sim, amanhã nessa mesma hora o Sargento Johnsson aqui será promovido a Capitão, e você não estará mais entre nós, não depois que matou e queimou todos os homens e mulheres que moravam aqui, pobres pessoas que não fizeram nada de errado, foram vítimas de um monstro sem coração buscando vingança. Cai de joelhos olhando para o que restou da casa.

- Os corpos ainda estão lá dentro, consegue sentir o cheiro Capitão? - perguntou o Johnsson – Você está acabado!

Acabado? Quando caí de joelhos tirei a machadinha da cintura, abri o meu coldre, minha arma estava pronta para ser usada, o idiota do Johnsson se aproximou de mim para olhar em meus olhos enquanto atirava em minha cabeça, só que o que ele viu foi o brilho da lâmina acertar seu rosto, larguei o cabo e saquei minha beretta, um dos fodidos conseguiu dar um tiro mas já era tarde, meu tempo no Alasca aperfeiçoou bastante minha pontaria, com uma bala para cada matei aqueles seis filhos da puta, o Soarez foi o único que conseguiu apertar o gatilho, senti

um queimor na lateral esquerda do meu corpo. O Johnsson estava no chão se sacudindo de dor com a machadinha Cherokee presa em seu rosto, o idiota do Coronel tentava sacar sua arma, o fodido ficou muito tempo atrás da mesa, acertei um soco em seu rosto que o fez cair no chão, coloquei minha arma de volta no coldre e tirei uma faca enorme que ele carregava na cintura.

Cortei o tendão de Aquiles das duas pernas, ele gritava como um porco sendo abatido, enfiei a faca nas duas axilas dele, só parei de perfurar quando vi a ponta da faca saindo nos ombros. O deixei gritando e fui terminar com o Johnsson, o filho da puta covarde não pensou em puxar o cabo da machadinha. E agora não pensaria em mais porra nenhuma, enfiei a faca do Coronel dentro do olho do desgraçado, parei quando a lâmina atingiu o chão, a deixei lá, peguei a machadinha e fui terminar com o Glover.

- Eu quis te deixar sentindo dor por um tempinho, você me ensinou tudo o que eu sei, me ensinou a matar, a torturar, a lutar, e mesmo assim decidiu me trair, decidiu ferir quem não merecia, você era como um pai para mim, agora não vai ser pai de mais ninguém.

Com a machadinha cortei o pescoço do Coronel, só que eu não parei, acabei decapitando o filho da puta e ali estava eu banhado de sangue com oito militares fardados mortos ao meu redor, arrancar a cabeça daquele idiota me deu uma ideia.

Não tinha ninguém por perto, se tivesse não ousariam aparecer.

Acabei usando a faca que estava cravada na cabeça do Johnsson, desmembrei todos eles, separei braços, pernas, cabeça e tronco e os coloquei nos jipes. Peguei algumas

granadas com os corpos, tirei o pino delas e coloquei sobre os corpos do Coronel e do Johnsson, os deixei em jipes separados, um último ato de vingança. Tomei um pouco de distância, peguei uma das metralhadoras e abri fogo.

Os veículos explodiram, uma fumaça preta e uma pequena nuvem de sangue cobriram o lugar.

Coloquei a mão na lateral do meu corpo, estava sangrando, a adrenalina e o caos da batalha ainda estavam bem altos para conseguir sentir dor. Juntei as armas que tirei dos fodidos e as joguei nos destroços da casa da Jamira, não ousei entrar lá. Eu tinha certeza que não era um blefe, aos poucos a adrenalina foi baixando e a dor aumentando, até que eu desmaiei. Quando abri meus olhos outra vez eu estava em uma ala médica, o Giovanni estava sentado em uma cadeira ao meu lado.

- Merda... eu morri?

- Se sente morto?

- Estou dolorido.

- Então está vivo.

- O que aconteceu?

- Vocês foram emboscados quando tentavam me encontrar.

- O que?

- Bom, isso é o que está no relatório, eu estava preso naquela casa, os terroristas mataram as pessoas, atacaram vocês e matou um por um, deixaram você vivo para mandar o recado. Tinha até uma fita no seu bolso.

- Eu pensei que você estava morto.

- Quase, eles esqueceram que você me treinou, e que me ensinou a falar o idioma local. Meus captores da verdade eram aliados, eu tinha feito um acordo dias antes, depois que

denunciei o Coronel era só questão de tempo até tentar fazer algo assim, a alta cúpula já estava de olho também. Foi algo bem estilo espião na verdade.

- Não acredito que está vivo – apertei a mão do Giovanni e o puxei para perto em um abraço.

Depois de algumas semanas fui dispensado com honras, ganhei uma bela aposentadoria, o **sombra** foi o único que restou do Esquadrão da Dor, o Giovanni também foi dispensado com honrarias e voltou para sua terra natal em Chicago. Eu até pensei em voltar para o Alasca, mas decidi me mudar para o Brasil, eu tinha uma boa casa aqui, a vendi e me mudei para o bairro Alto Vera Cruz, uma vila de Belo Horizonte. Era uma casa inacabada com um quintal enorme e um bom espaço para construir. A única coisa que trouxe do Oriente foi a lembrança da Jamira e o presente que ganhei, minha machadinha Cherokee.

Como eu disse, eu sabia ser um monstro.

LIÇÃO

10 anos se passou desde que voltei para o Brasil, meu sotaque americano já não existe mais, nem sei se um dia eu tive sotaque, e agora ali estava eu, um homem treinado para infligir dor, cuidado de três crianças, e eu não fazia a menor ideia de como agir. Naquela noite houve um intenso tiroteio em algum lugar do bairro, a Jéssica se agarrou aos irmãos, eu os deixei ficar no meu quarto.

O primeiro dia com eles foi complicado, não queriam conversar comigo, eu os deixei quietos, não sei se algum deles chegou a ver o que aconteceu com o pai ou não, a TV foi de grande ajuda, os canais de desenho que ainda funcionavam deixaram a situação um pouco mais cômoda.

Antes mesmo de amanhecer confirmei algumas coisas sobre os zumbis e descobri outras, o som os atraí, não tinha tantos antando por aí antes daquele tiroteio, e agora as ruas estavam cheias, outra coisa que percebi é que o fedor chega primeiro, e puta que pariu, como eles fedem! E seja lá o que os fez caminhar outra vez, é algo que deu uma puta força aos seus maxilares, vi três deles devorando um vira latas que passou no lugar errado e na hora errada, não sobrou nada do coitado, comeram carne, pelo, osso e carrapatos. O foda é que a Bianca viu a coisa toda, a garotinha ficou nervosa e começou a chorar e pediu que eu fosse ajudar o bicho, não tive escolha.

Mandei a Jéssica tomar conta dos irmãos e fui até a rua, os três mortos eram familiares, não sei dizer quem eram, mas eu os conhecia. Um dos homens era negro e gordo, estava sem camisa e faltava um pedaço do peito esquerdo, a carne estava pendurada, o outro era claro, tinha uma tatuagem enorme subindo pelo pescoço, alguns símbolos no rosto. A mulher tinha o cabelo louro, seu nariz estava quebrado, seus olhos inchados, arranhões por todo o braço, ela usava um short jeans e uma camiseta que um dia tinha sido rosa.

A mulher foi a primeira a se dar conta do que estava acontecendo, os outros dois estavam concentrados mastigando o que restou do cachorro. Até tentei iniciar algum tipo de conversa com ela, claro que não tive nenhuma resposta além de uma tentativa de mordida. Os olhos dela estavam realmente com um tipo de camada fina e branca, a cor era branca, tipo aquelas membranas que protegem os olhos dos jacarés. Ela babava e aquela merda pingava em mim, seus dentes estavam escuros, acredito que seja por culpa da gengiva morta e escura.

- Moça?

Ela levantou e veio em minha direção, eu estava com a Cherokee na mão direita, a mulher esticou os braços tentando me alcançar, ela mordia o ar e a cada movimento uma chuva de baba atingia meu rosto, preni a respiração e a chutei no joelho direito, ela tombou para o lado esquerdo, em seguida tentou se levantar outra vez, seus braços continuaram esticados, se moviam tentando me pegar. Dei alguns passos para trás, os outros dois tinham terminado de comer e agora sua atenção se voltou para mim.

- Tá bom, agora vamos descobrir uma coisinha ou outra sobre vocês.

Chutei a mulher outra vez, agora acertei seu calcanhar direito, o osso se deslocou, não tive intenção de chutar tão forte, senti uma pontada de dor no pé. A única reação dela foi continuar em sua missão de me pegar.

- Então vocês não sentem dor nê?

Ela continuou vindo mesmo sem ter firmeza no pé, os outros dois caminhavam vagarosamente, determinados em comer um pedaço da minha carne. Olhei para trás, eu já estava quase chegando na esquina da rua de baixo, havia alguns carros estacionados perto da calçada, fui até um deles.

Subi no capô do carro, e pulei do outro lado, me abaixei um pouco, conseguia ver os três fedorentos através dos vidros do carro, mas eles não conseguiam me ver, se juntaram na lateral do veículo, suas mãos batendo no teto, me viram subir e descer, porém não sabiam como me encontrar.

- Vocês também não pensam. - eles me ouviram e começaram a dar a volta no carro – Só que escutam bem!

Mesmo sem raciocínio eles foram espertos, o gordo veio pelo lado direito do carro, o magro e a mulher pelo lado direito, nem fodendo eu ficaria cercado ali, a Cherokee vibrava pedindo um pouco de sangue, não tinha tempo para escolher o caminho a seguir, mas, mesmo assim, era mais fácil derrubar um do que dois. Dei um forte pisão no joelho dele, o pedaço de carne pendurada em seu peito caiu no chão, ele tombou para frente e eu golpeei sua testa com a minha machadinha, a lâmina penetrou fundo, senti quando passou pelo couro cabeludo e o crânio, atingi o cérebro dele, um jato de sangue e uma coisa que imagino ser massa encefálica. Puxei minha amiga e acabei me sujando, por pouco eu não bebi sangue, passei por ele bem a tempo, a mulher já estava bem perto de mim.

- Que nojo... bom, parece que descobrimos uma coisa, vamos tirar a prova dos três!

A mulher tropeçou no corpo do grandalhão, aproveitei e golpeei sua nuca com a parte do martelo da Cherokee, ele penetrou um pouco, ouvi o som do crânio se partindo, puxei com força, um pedaço de osso com cabelo foi jogado para longe, seus braços continuavam a se mover, o tatuado conseguiu colocar sua mão direita no meu ombro esquerdo, eu a golpeei, acabei amputando o braço do fodido.

Normalmente é preciso um machado bem maior para conseguir cortar o braço de alguém com um só golpe, mas o fato de estarem em decomposição pode ter facilitado a coisa toda. E claro, tomei outro banho de sangue, e reparei uma outra coisa, sem dúvida o coração desses fodidos não bate, o jato vermelho que me atingiu foi pela pressão do golpe e não das veias e artérias. Pisei no pneu traseiro do carro e dei um pulo, minha mão direita estava para trás e ao descer golpeei bem no topo da cabeça dele, parecia um prego sendo golpeado, ele se encolheu inteiro, na real bati com a lâmina da Cherokee, e mais uma vez acertei o cérebro, em seguida olhei para a mulher, ela ainda estava no chão, se movia, alguma parte da sua roupa parece ter ficado presa no corpo do primeiro fedorento. Consegui olhar o buraco em sua nuca, os miolos estavam expostos mas não perfurados.

- Tudo bem, vamos ver se isso funciona.

Passei a lâmina com muito cuidado, fazendo apenas um risco no pedaço de cérebro que tentava escapar pela abertura, ela continuou se movendo, virei a Cherokee e bati com o martelo, foi pedaço de miolo para todo lado, ela finalmente ficou parada.

- Aprendemos algo.

Não me lembro de ter visto isso na TV, mas, ao que parece basta arrebentar seus miolos para que os mortos fiquem mortos, de todo jeito fiquei parado alguns minutos olhando para os três, tentando perceber algum movimento, e tentando me lembrar de onde eu os conhecia, por fim não se moveram e eu não me lembrei, voltei para a casa, estava fedendo a sangue de defunto. No caminho pensei nos cachorros do bairro, sinto falta de ouvir os latidos.

A Jéssica era esperta, tirou seus irmãos de perto da janela e não deixou que vissem o quão sujo de sangue eu estava, pisquei o olho para ela e fui para o banheiro, minha casa possuía dois, um no meu quarto e outro perto da cozinha, tive que usar esse.

- Quer que eu deixe roupa limpa na porta? - perguntou a Jéssica quando eu entrei.

- Se puder pegar uma camisa e uma calça eu te agradeço.

- Tá bom.

Coloquei o chuveiro na posição verão e deixei a água trabalhar, ao lado da pia tinha um vidro de desinfetante, parecia uma boa ideia usar para tirar o fedor, não foi! Meu corpo ardeu em partes que eu nem lembrava que possuía. Coloquei as roupas dentro da sacola na lixeira, eu gostava daquela camisa, só que nem fodendo eu a usaria outra vez. Lavei minha cabeça diversas vezes, pedaços de ossos e miolos estavam agarrados ao meu cabelo e na minha barba que já estava crescendo.

Lavei a Cherokee, a madeira do cabo era trabalhada com algum tipo de produto, mesmo embebida em sangue ela não

escorregava, limpei a lâmina até não sobrar sinal de sangue, cabelo, osso, pele e seja lá que merdas eram aquelas.

A Jéssica me trouxe uma calça jeans e uma camiseta preta, aproveitou e também me deu um vidro de perfume, quase tomei outro banho com ele. Me vesti, sequei a Cherokee com minha toalha, saí e tive que explicar para a Bianca e para o Pedro o que tinha acontecido com o cachorro, droga, aquilo foi difícil. Depois de muito choro, a Bianca finalmente foi tirar um cochilo, o Pedro era mais tranquilo, até pelo fato de não conversar, acho que ouvi a voz dele uma ou duas vezes desde o dia em que os conheci.

Anoiteceu, fiz um jantar especial para eles, bom, se podemos chamar biscoito recheado e achocolatado de jantar especial. A Jéssica se sentou ao meu lado quando seus irmãos foram para o meu quarto ver desenho.

- Você trabalha de quê? - a pergunta da Jéssica me pegou de surpresa.

- Sou aposentado.

- Sério? Você não parece ser tão velho assim. - acho que ela sorriu.

- Valeu, eu acho.

- E antes de se aposentar? - fiquei em silêncio por alguns segundos, mas, resolvi contar para ela.

- Olha Jéssica, eu era um militar, trabalhei em outros países, meu serviço não era bom, não é algo que eu me orgulhe, bom, não do jeito que deveria pelo menos.

- Você fazia alguma coisa ruim?

- No mínimo, fiz coisas bem piores que isso.

- Você é mal?

- Não para vocês. Olha só, eu estou bem longe de ser um mocinho ou um cara bonzinho, na verdade fui chamado de

mal por muitas pessoas e elas tinham motivo para isso. Mas, eu te prometo que vocês estão seguros comigo.

- Acredito em você. Olha lá, tem alguns deles na rua.

Ela viu um grupo de talvez doze mortos descendo a rua, a iluminação pública funcionando era uma mão na roda. Ela pegou um caderninho e uma caneta e começou a anotar o comportamento dos mortos, ficamos juntos na janela um tempo, ficar ali com a Jéssica me fazia lembrar da Jamira, era doloroso. Um dos mortos cismou com uma casa, se aproximou da porta e começou a bater os braços contra o portão, em seguida os outros 11 fizeram exatamente a mesma coisa.

- Eles seguem um ao outro nê? - perguntou a Jéssica.

- Parece que sim.

Vimos cenas parecidas outras quatro ou cinco vezes nos dias que se seguiram, a Jéssica anotava tudo e me perguntava tudo o que eu sabia, cada descoberta estava lá, anotou sobre detonar o cérebro, sobre o barulho os atrair, sobre os olhos esbranquiçados, sobre a baba, o fedor, o lance de andarem juntos, e claro sobre a mordida. 25 dias após o surto eu não tinha esperança alguma de que as coisas voltariam ao normal algum dia. Ajudei alguns vizinhos que ainda estavam em suas casas, levei alguns mantimentos que peguei em outras que estavam vazias, eles não saiam de casa já que os mortos circulavam com muito mais frequência. Eu os encontrei depois de uma semana que as crianças estavam comigo, tive que sair para procurar suprimentos, e nada melhor que visitar as casas em volta da minha.

Encontrei muita coisa, pacotes de arroz, feijão, óleo, carne, leite, pó de café, biscoitos, pão, macarrão,

achocolados, doces e outras coisas. Fazia tudo o mais rápido que eu conseguia, sempre chegava em casa antes das crianças acordarem. Os mercadinhos do bairro estavam com as portas abertas e sem nenhum produto ou pessoa viva. O bairro era dos mortos.

A programação ao vivo da tv já não era exibida, será que tem alguém vivo para apresentar alguma coisa? Bom, uma rádio que eu escutava ainda tinha um apresentador que de vez em quando falava alguma coisa, na grande maioria era pedido de ajuda, nesse momento eu desligava o rádio, tinha três crianças para tomar conta, não dava para ir até ele.

A Cherokee trabalhou bastante, ela vibrava querendo sangue e eu dava isso a ela, parecia que nós dois éramos ligados, como se aquela machadinha fosse uma extensão do meu braço sei lá, o constante estado de atenção acabou fazendo com que a *sombra* e eu nos tornássemos um só.

No amanhecer do 30º dia, o exército chegou no bairro.

Antes de sair do ar, um desses jornais locais falou que em alguns locais o exército estava agindo para resgatar as pessoas e levar até algum abrigo ou algo assim, isso foi logo após o surto, e para ser honesto era uma puta lorota! Mas, mesmo assim ali estavam eles, dois caminhões vieram, cada um com mais ou menos 12 soldados, e chegaram mandando bala para tudo que é lado, detonando não só os mortos que estavam caminhando por ali. Para minha surpresa algumas pessoas que ainda estavam vivas e escondidas na puta que os pariu surgiram ali, vieram pedir ajuda dos soldados, foram recebidos com tiros.

Eu não esperava por isso, ver os putos atirando contra as pessoas, porém vasculhar as casas era mais fácil se não

houvesse ninguém dentro. As crianças estavam assustadas, pedi que eles se escondessem em baixo da cama, uma hora ou outra aqueles homens chegariam até minha porta, e meu instinto já me preparava para fazer algo que eu não gostaria que nem Jéssica, Pedro ou Bianca vissem, e claro, se isso falhar eu não queria que me vissem morrer.

Em meio a gritos de socorro e tiros, os filhos da puta chegaram na frente da minha casa, não precisaram fazer muita força para entrar, dois deles passaram pela porta e me viram em pé olhando para eles, em minha mão estava uma corda, antes que pudessem atirar eu a puxei, já assistiram aquele filme “Esqueceram de Mim”?, essa é a versão adulta.

Quando puxei a corda soltei um aparato que estava preso no teto, dois barris azuis caíram e derrubaram os soldados. Os barris eram de plástico mas a porrada foi forte o suficiente para apagar os dois, um terceiro soldado entrou, Cherokee já estava em minha mão, o idiota custou a passar pelos amigos que estavam tombados, outros dois vieram conferir que merda estava acontecendo, deu para ver que estavam puxando os companheiros desmaiados pelos pés, o idiota que entrou devia ter atirado em mim, ou pelo menos, olhado onde estava pisando, lembra do alçapão que eu disse que tinha em minha sala? Pois é, o fodido já estava lá dentro.

A abertura era especial, estilo ratoeira, ela abria apenas por fora, uma vez lá dentro você não consegue mais sair, pelo menos não sozinho.

Os que estavam do lado de fora foram espertos e começaram a atirar antes de entrar, mas aquela era minha casa, nem fodendo eu morreria ali, me abaixei enquanto as balas furavam minha parede, por sorte nenhuma delas foi na direção do quarto.

A maior diferença entre o bom e o mal soldado é a estratégia, os dois atiravam juntos, então suas armas ficariam sem munição ao mesmo tempo, e eu aproveitaria esse momento, e ele logo chegou, apertei um botão e fechei a porta do alçapão, ela era de metal bem reforçado, o idiota lá dentro poderia atirar mas a chance da bala ricochetear era bem maior do que de atravessar.

Cheguei na rua, os dois estavam recarregando as armas, os putos tomaram um baita susto, acertei o rosto do primeiro com um soco, o outro teve o prazer de sentir a lâmina da Cherokee, minha amiga bebeu o sangue do rosto daquele maldito, não pretendia matar nenhum deles, só imobilizar, mas eu era a *sombra*. Quando o sangue escorreu pela lâmina, desceu pelo cabo e chegou até minha mão, eu sabia que não tinha mais volta.

Não consegui ver os dois soldados que tinham sido arrastados depois que o barril os atingiu, mas com o tanto que esses putos atiraram, sem dúvidas os outros soldados estariam a caminho.

Peguei a metralhadora do soldado que levou um soco, peguei dois pentes de bala que estavam em seu bolso, e depois cortei seu pescoço. Coloquei a Cherokee na cintura, minha amiga estava banhada de sangue, comecei a andar e aos poucos os soldados foram aparecendo, fiz cada tiro valer.

Enquanto matava aqueles caras uma coisa ficou bem clara, eles não eram militares, as fardas eram reais, os caminhões, as armas, mas aqueles não eram soldados, homens com patente de cabo berravam ordens para outros que tinham as divisas de capitão, andavam como um bando de malucos, não tinham a menor ideia de como agir em combate, e isso só me motivou a matar até o último deles. Em menos de 10 minutos, os mais de 20 soldados foram reduzidos a apenas 5,

um deles estava preso em minha casa, os outros três estavam escondidos em uma igreja que ficava na esquina da rua.

Lembro de uma vizinha, acho que seu nome era Maria ou algo assim, sempre me convidava para ir nessa igreja, e agora ali estava eu. Algumas pessoas estavam na rua, amigos e parentes das pessoas que foram mortas por esses putos, não eram muitos, o bairro estava quase vazio.

Uma ideia cruel passou pela minha cabeça, talvez fosse culpa da Cherokee vibrando em minha cintura querendo mais sangue, me lembrei da cena do filme “O Patriota”, em que soldados inglês prendiam as pessoas na igreja e tacavam fogo, a ideia de ver aqueles três queimando me fez sorrir, mas ao contrário do filme, a construção não era de madeira, tomei a decisão mais idiota, fiquei parado no meio da rua em frente a igreja.

- Deu vontade de rezar? - perguntei.

- FILHO DA PUTA! - alguém gritou lá dentro.

- Quem são vocês?

- SOMOS A PORRA DO EXÉRCITO SEU FILHO DA PUTA!

- Cara, tudo bem gritar dentro da igreja, mas falar palavrão?

- VOCÊ ESTÁ MORTO CARA!

- Será? Sabe, acho que vocês estão sem munição aí dentro, caso contrário já teriam atirado em mim, eu por outro lado, ainda tenho um pente e meio, mais do que suficiente para acabar com vocês.

- QUE MERDA!

- É eu sei, agora eu vou dar a vocês duas escolhas, ficar aí dentro esperando a morte, ou vir aqui para fora morrer.

- QUE PORRA DE ESCOLHA É ESSA?

- É a única que terão.

- QUE MERDA CARA! - o desespero era nítido na voz do cara, mas pelo menos, foi esperto em não chegar perto da pequena janela ao lado da porta da igreja.

- Olha só, eu sei que tem outros três caras aí, então, vou dar outra escolha para vocês, você que está gritando aí, mata os três e eu te deixo ir embora, ou os três te matam e assim eles vão embora, a escolha é de vocês – me sentei no meio da rua, coloquei a metralhadora na minha frente e esperei.

O barulho que os fodidos fizeram estava atraindo uma porrada de defuntos, pelo canto do olho eu conseguia ver alguns se aproximando daqueles corpos que eu deixei atrás de mim.

Fechei meus olhos e respirei fundo, o fedor entrava queimando pelo meu nariz, ele aumentava, aumentava, aumentava, abri os olhos e um deles estava ao meu lado com os braços esticados pronto para me agarrar, me apoiei no chão com a mão esquerda, chutei forte a perna direita do maldito, ela bateu na outra perna fazendo com que ele tombasse e caísse no chão, aproveitei a oportunidade e bati com a parte de trás da Cherokee, esse lado era chamado de martelo, e acreditem, é tão mortal quanto a lâmina.

Precisei bater três vezes para conseguir estourar o cérebro daquele nojento, ao que parece esse defunto era fresco, seu crânio era mais resistente do que de outros que já detonei com um só golpe. O bicho pegou dentro da igreja, ouvi alguns tiros, mas nenhum deles foi em minha direção, parece que eles se decidiram.

- MOÇO, ESTAMOS SAINDO, NÃO MATA A GENTE! - a voz era de outra pessoa.

Dois deles saíram, carregavam um corpo, não precisei perguntar para saber que o morto ali era o idiota que estava berrando, quando colocaram o corpo no chão foram espertos para levantar as mãos. Cherokee parecia implorar por um pouco do sangue deles.

- Escolheram bem, agora tirem essa farda – os dois ficaram só de cueca – onde vocês pegaram?

- No cemitério – respondeu um deles que estava de cueca vermelha.

- Cemitério? Sério? E o que fizeram com os donos?

- Nada.

- Ok, então podem ir embora – me levantei e comecei a andar.

- Filho da puta... - ouvi um deles gritar.

O idiota tentou pegar a metralhadora que deixei no chão, mas eu já estava preparado para isso, me virei e joguei a Cherokee em sua direção, minha amiga acertou o braço dele, a lâmina se cravou na carne. Corri até ele e chutei seu rosto com tanta força que o pescoço acabou se quebrando, mas o fodido não morreu, não na hora pelo menos. Ele se afogou no sangue que minava de seus dentes quebrados, já o outro peladão estava se mijando de medo, e ao contrário de seus amigos, ele não parecia ser tão idiota.

Levantou os braços, seus olhos demonstravam o pavor que estava sentindo, o medo da morte acaba com toda a valentia, fiz um sinal com a cabeça, por alguns momentos ele não entendeu, mas quando lhe dei as constas a ficha finalmente caiu e ele começou a correr. Cheguei a pensar em matar aquele fodido, talvez eu devesse fazer isso, mas decidi deixar

que fosse embora, muitos zumbis estavam chegando, atraídos pelo som dos tiros.

Peguei as fardas e as armas e voltei para casa.

Minha roupa estava suja de sangue, passei pela porta, o alçapão continuava fechado, fui até o quarto, quando abri a porta a Jéssica correu em minha direção com a ponta da faca virada para mim, levei uma estocada no peito, por sorte ela me reconheceu e não tinha força para empurrar a faca, a coitada soltou o cabo e me abraçou em prantos, seus irmãos saíram de debaixo da cama e também me abraçaram.

- Tá tudo bem, só que agora vocês precisam de um banho e de roupas limpas – eles se sujaram com o sangue que estava em mim.

- Desculpa, desculpa... - dizia a Jéssica.

- Tudo bem garota, eu tinha que ter avisado que era eu, agora preciso que faça mais uma coisa, pega roupa para você e seus irmãos, entrem no banheiro, se limpem, e não saiam de lá até eu chamar, tudo bem?

- Tá.

- E Jéssica... - ela olhou para mim.

- Sim.

- Não importa o que você ouvir, não saia de lá.

- Entendi.

Não sei se a Jéssica entendeu o que estava prestes a acontecer, talvez tenha ficado com medo de me ver todo sujo de sangue, ou de imaginar o que eu tinha feito para estar assim, mas ela obedeceria, e agora era hora de bater um papinho com meu novo hóspede.

Eu até poderia tomar um banho e trocar de roupa antes de tirar o sujeito do alçapão, mas o sangue daria um toque a mais para o que precisava ser feito, confesso que o motivo daqueles idiotas terem escolhido o meu bairro para atacar não me importava muito, acho que estavam procurando por suprimentos e matando quem pudesse atrapalhar nessa busca.

Claro que eu não mataria ninguém para roubar suas coisas, mas sem dúvidas arrancaria a pele de qualquer um que tentasse tomar o que eu tenho e ferir essas crianças. Acho que em toda a minha vida só me liguei de verdade a três pessoas, o Giovanni, a Jamira e o filho da puta do Glover. Já tive algumas mulheres em minha vida, mas nunca um relacionamento sério, ainda mais depois das coisas que eu fiz.

Mas agora acho que tenho uma nova chance de me ligar a alguém e eu duvido que as coisas vão voltar ao normal, então nesse novo mundo eu posso tentar ser alguém melhor, mesmo que isso signifique usar toda a porcaria que eu aprendi, e tenho certeza que minha amiga Cherokee concorda comigo. Antes de conversar com o sujeito eu arrastei o sofá e a porcaria da geladeira queimada para perto da porta e criei um bloqueio, nada muito sofisticado mas nos daria um pouco mais de segurança. Agora era torcer para ele ser estúpido e não tentar me matar.

- Você que está no buraco, se estiver vivo escuta com atenção o que eu vou falar, a parte de cima vai se abrir e quando isso acontecer você vai jogar todas as suas armas, eu disse todas as suas armas. Se eu não ficar satisfeito com o que eu ver você falar nunca mais vai sair daí, entendeu?

- Sim – pelo menos acho que foi isso que ele falou.

- Ok, vai fazer um barulhão aí dentro, não se assuste que é normal, não vou te machucar, pelo menos não ainda – só sussurrei essa última parte.

- Isso é tudo – falou o sujeito depois que jogou uma metralhadora, duas pistolas e um 38 para fora do buraco.

- Não, isso não é tudo.

- O que? Me tira logo daqui caralho! - a voz dele era estranha, parecia ser fina, talvez estivesse tentando engrossar para parecer mais corajoso.

- Você e seus amigos não são... ou melhor, não eram militares de verdade, você não merece usar essa farda então quero que a jogue para fora.

- Nem fodendo! - ele respondeu bem rápido.

- Vai morrer por causa disso? - puxei uma cadeira e me sentei.

- Olha só, eu não vou tirar a roupa – a voz estava incrivelmente parecida com a de uma mulher.

- Então prefere morrer?

- NÃO! MERDA! Eu não vou ficar pelada para homem nenhum!

- Pelada? Você é mulher?

- Claro caralho!

- Eu...é... - merda, aquilo me pegou de surpresa.

- Vai me tirar daqui ou não?

- Escala, você pode se apoiar nas paredes e subir, sei que já tentou fazer isso.

E de fato ela fez, claro que eu já tinha arrastado as armas para longe do alçapão e estava com a Cherokee no colo e o 38 dela na mão, prontinho para abrir fogo se fosse preciso, ela finalmente saiu do buraco.

- Merda!
- Não percebi que você era uma mulher. - Agora que ela não estava com o boné e tentando me matar dava para ver seu rosto, com o cabelo meio loiro ou ruivo sei lá, estava preso em um coque. Era magra e isso deixava a farda bem larga.
- Foda-se cara!
- Devia ser mais educada, já que está na minha casa, agora puxa essa alavanca aí do seu lado, a tampa vai fechar de novo.
- Que merda.
- Está machucada?
- QUE SE FODA!
- É melhor não gritar, você e seus amigos fizeram muito barulho e agora tem muito defunto andando lá fora.
- Cadê eles?
- Seus amigos? Bom, eu faço as perguntas aqui., mas essa eu posso responder, eles estão mortos.
- O quê?
- Tinha mais alguma mulher com vocês? - Eu precisava perguntar.
- Não... mortos? Todos eles? - não conseguia dizer se ela estava triste ou alegre.
- As fardas e as armas, onde as pegaram?
- Merda... todos mortos...
- Onde pegaram as fardas e as armas?
- No cemitério, tinha um tanto dessas coisas lá.
- Como se chama?
- Vai me matar ou não cara? - Ela não demonstrava nenhum medo, mas seus olhos diziam outra coisa, estava apavorada, eu não a culpo, até eu teria medo de mim.
- Ainda não sei, eu...

- Não vai, ele não vai matar né? - perguntou a Jéssica atrás de mim.

- Eu disse para você não vir aqui – falei sem olhar para ela.

- Como você se chama moça?

- Karolina, mas meus amigos me chamam de Karol.

- Karol, você quer nos machucar?

- Não, eu não estava aqui por escolha.

- Viu? Ela não quer nos machucar, vem cá, eu tenho uma roupa que deve te servir, era da minha mãe.

A Jéssica passou por mim, e pegou a Karolina pela mão, confesso que fiquei sem ação, eu sou muito bom em ler as emoções das pessoas, a mulher estava com medo, mas mantinha a máscara da coragem, quando falei de seus amigos mortos ela ficou confusa, não sabia se eu estava falando a verdade ou não, mas mesmo assim, ela temia pela própria vida. Isso só mundo quando ela viu a Jéssica, era como se um naufrago visse um bote salva vidas no meio do mar.

E a Jéssica me surpreendeu muito, foi impossível não pensar na Jamira, as duas se parecem muito, essa garota tem muita atitude, é estranho mas em vez de ficar bravo por ela ter me desobedecido eu estava com um sentimento estranho, acho que foi a primeira vez que senti orgulho de alguém.

- São seus filhos? - perguntou a Karolina depois de sair do quarto de mão dada com a Bianca e usando o vestido que supus ser da mãe deles.

- Não, eles são meus amigos.

- Toma sua farda – ela a jogou para mim.

- Você não parece mais estar com vontade de atirar em ninguém.

- Eu não estava aqui por escolha.
- E os seus amigos?
- ELES NÃO... são... eram, meus amigos.
- Então?
- A gente estava abrigado na fábrica de EPI, aquela perto do cemitério, ali na Saudade, aí uns caras fardados chegaram e ofereceram ajuda, mas em troca queriam pessoas para buscar comida, remédio, essas coisas.
- E? - o engraçado é que ela não soltava a mão da Bianca.
- E a maioria desses que você ma... você sabe, estavam com eles, só quatro estavam no mesmo lugar que eu. - Gostei do fato dela não ter usado a palavra matado perto da Bianca.
- Você não sabia o que eles pretendiam fazer?
- Mer... não! Eles deram as fardas e armas, só que dentro do caminhão escutei eles falando sobre terem pego as coisas no cemitério, tinha uma coisa do exército montada lá dentro.
- Você tá com fome? - Perguntou a Jéssica trazendo um pouco de pão e leite.
- Você é muito gentil, obrigada – ela fez uma pausa e olhou para mim - Posso? - fiz que sim com a cabeça.
- E por quê estava com eles? - perguntou a Jéssica, a Bianca sentou no colo da mulher, e o Pedro ficou em pé perto da porta do quarto.
- Tenho uma amiga lá na fábrica, ela tem um probleminha de saúde e bom, precisava da minha ajuda.
- Viu Davis? Ela só quer ajudar.
- Sim Jéssica, você tem razão, mas por favor da próxima vez que eu te pedir para não chegar perto, não chegue, tudo bem?
- Aham! E qual o nome da sua amiga?

- Marianne, mas já que você agora é minha amiga, você pode chamar ela de Mari.

Merda, eu estava pronto para torturar o homem no buraco, só que era uma mulher e eu não machuco mulheres, e a Jéssica tomou a frente da situação e conduziu a coisa toda, ela tirou informações pelo simples fato de ser uma garota para lá de simpática.

Mas o orgulho da coisa só não era mais forte do que o pensamento de alguém machucando ela por causa do seu jeito de ser.

- E conseguiu ajudar sua amiga? - perguntei.

- Ainda não, bom, ela tem diabetes e precisa tomar insulina, já tem quase uma semana que ela não aplica e não temos muita coisa saudável para comer por lá. Até tentamos voltar para casa só que toda vez acontecia alguma coisa, esses caras ofereceram um jeito então eu... bom, você sabe. E eu consegui pegar alguns vidrinhos lá no posto de saúde.

- E onde estão?

- No caminhão, na verdade tem muita coisa lá dentro. E se você não vai me matar eu acho que está na hora de ir embora.

- Fica com a gente! - falou a Jéssica quase implorando.

- “Fita” – agora era a Bianca falando.

- Tem muitos lá fora, acho que você não vai conseguir...

Antes que eu terminasse a frase escutei o som da geladeira que apoiava a minha porta cair no chão, fiquei tão certo de que o som dos tiros e do caminhão tinham atraído os mortos que nem me toquei do tanto de barulho que nossa

conversa dentro da casa estava fazendo. E o pior, praticamente ignorei o som dos gemidos e o fedor desses filhos da puta. A barreira que eu fiz não serviu para porra nenhuma, a pressão que os fedorentos estavam fazendo para entrar era muito forte, um empurrava o outro e com isso a merda do sofá também cedeu.

Eles não conseguiriam entrar todos de uma vez, peguei a Cherokee e mandei a Karolina levar as crianças para a laje, foi bem a tempo. Um deles consegui se espremer e entrar na casa, e para coisa ficar ainda melhor aquele fodido era um dos falsos soldados que eu tinha matado, os mortos querem se vingar? Que se foda, a vontade deles! Cherokee estava vibrando na minha mão direita, louca para sentir o gosto do sangue inimigo, eu a descii com força na testa machucada daquele idiota, ela cortou carne, couro cabeludo, osso e cérebro, um jato de sangue atingiu meu rosto.

Só então percebi que a pessoa que a minha ex prisioneira tinha trocado de roupa e eu ainda estava sujo de sangue. Soltei minha amiga a tempo de abater o segundo fodido que tinha entrado, conseguir arrebentar o crânio de alguém a ponto de fuder o cérebro exige muita força, mas a Cherokee era uma extensão do meu braço.

Mal despachei o segundo e o terceiro e quarto já tinham entrado, consegui olhar bem rápido para porta, ela estava toda torta, o sofá e a geladeira fizeram uma alavanca, alguns fedorentos estavam entalados nas brechas, e os que entravam meio que escalavam uns aos outros. Eu tinha que pensar em algo para lacrar aquela porta.

Usei os dois lados da lâmina da Cherokee, o fio e o martelo, golpeei o rosto do zumbi da esquerda, um dia ele já tinha sido uma mulher, acho que cheguei a reconhecer a roupa, um short jeans curto e um top rasgado, faltava um bom pedaço

da carne de sua barriga, as tripas dela estavam penduradas, quase escorreguei naquela merda. O corte apesar de rápido foi bem profundo, ou talvez a força que usei a fez cair, quando a Cherokee se soltou usei o martelo para acertar o zumbi da direita, claro que não seria tão fácil, o fodido só cambaleou para trás, tive que acertar outras quatro ou cinco vezes até conseguir quebrar a cabeça do filho da puta.

A cada segundo a porta se dobrava mais, eu queria pegar a metralhadora e evaporar com aqueles fódidos, mas se eu fizesse isso atrairia muito mais deles, mas talvez isso me desse o tempo necessário para bloquear a porta outra vez.

Mas a adrenalina fica a mil quando você está em combate e eu estava literalmente lutando pela vida dentro da minha própria sala. Depois de quebrar a cabeça do quarto zumbi me certifiquei de arrebentar o da terceira também, fiz o mais rápido que pude, só que não foi rápido o bastante então, a minha casa começou a ser invadida, eles são lentos mas se te cercam é o fim!

Se eu fosse alguém sensato teria corrido para laje, jogado na escada todas as merdas que eu pudesse, e, por fim, usaria a mesa de metal que tem lá para fechar a entrada, só que eu era eu. Fui treinado para nunca recuar, nunca desistir e não estava na hora de começar. Seis ou sete entraram de uma vez, e em breve seriam um grupo grande demais para enfrentar em um lugar tão pequeno. Dois deles também faziam parte dos fódidos que matei horas antes.

Quando golpееi o primeiro acabei escorrendo no sangue escuro e fedorento que saiu da barriga da zumbi piriguete. Tentei me apoiar com a mão esquerda já que a Cherokee estava na direita, porém minha mão deslizou e cai de rosto no chão. Um dos idiotas achou que era hora do lanche, então me virei e sem nem olhar bati a Cherokee na direção dele, consegui cortar

na altura do pescoço já que ele estava se abaixando para me morder, o golpe foi rápido e se a lâmina fosse maior teria decapitado o fodido. Mais sangue me atingiu, consegui me recuperar para um segundo golpe antes de mais deles se juntarem a festa, e agora a cabeça dele quase se desgrudou do corpo, e o nojento continuava tentando me morder mesmo que sem o controle do corpo.

Antes mesmo de conseguir me levantar, os outros mortos já estavam em cima de mim, chutei dois deles para longe, só que eu estava de costas em um chão escorregadio, eu não ia conseguir dar golpes tão fortes estando deitado, comecei a golpear o ar com a Cherokee e quando um deles quase me mordeu Karolina finalmente apareceu.

Ela tinha pego a metralhadora em cima da mesa e abriu fogo, tomei um baita banho de miolos, pele, carne, músculos, sangue e todas as nojeiras que saiam deles. Meus olhos ficaram encobertos e eu não conseguia enxergar.

- ATIRA NA PORTA! - gritei antes de vomitar.

E ela atirou, acho que meus ouvidos só não sangraram por já estarem cobertos de sangue de defunto. Tentei encontrar algo para limpar meus olhos, fui tateando o chão e puxei um pano, era a roupa de um dos fodidos no chão da minha sala, consegui limpar meu rosto o suficiente para conseguir ver outra vez. Fiz sinal para que a Karolina me jogasse uma das pistolas que estava na mesa, ela quase quebrou meu dedo quando jogou a arma, mas o fato de eu não enxergar direito pode ter contribuído. Caminhei em direção a porta e comecei a atirar.

Confesso que não estava mirando, nem conseguiria na verdade, depois de dez tiros a munição acabou, nem precisei pedir outra arma para a Karolina, ela já estava ao meu lado

usando a outra pistola e o 38, e em menos de dois minutos estávamos sem munição. Por sorte acabamos conseguindo criar uma barricada de mortos, eles se amontoaram nas brechas da porta de um jeito que agora aqueles que despachamos não davam espaço para os de fora conseguir entrar.

Comecei a pegar aqueles que estavam no chão e jogar em cima dos outros. Acho que o Rei de Esparta ficaria orgulhoso, fizemos um muro de corpos. Fiz sinal para a Karolina ficar de olho na porta e corri para o banheiro, liguei o chuveiro antes mesmo de tentar tirar a roupa, vomitei umas quatro ou cinco vezes.

O ralo entupiu com tanta coisa que desgrudava do meu corpo, e o cheiro era insuportável, desde o primeiro dia que os mortos tomaram as ruas o odor de decomposição era constante, só que agora esse cheiro saía de todos os cantos do meu corpo, eu estava me decompondo ainda vivo, eu não tinha xampu e nem condicionador em casa, eu levava meu cabelo com sabonete mesmo, e quase esfolei minha pele tentando tirar aquele cheiro.

Só depois que acreditei não ter mais nenhum pedaço de zumbi no meu corpo e de lavar a Cherokee é que saí do banheiro, fui direto para o quarto sem me dar conta que estava caminhando pelado pela casa, olhei para a Karolina e ela continuava fazendo o que eu pedi, entrei no meu quarto, abri o guarda roupas na parte onde guardava alguns vidros de perfume e derramei um deles na minha cabeça. Nem sei explicar todas as partes que arderam por causa do álcool, mas que se foda eu precisava daquele cheiro. Vesti uma calça jeans preta e uma camisa de malha também preta, coloquei a Cherokee em um dos buracos onde passa o cinto, calcei uma bota e saí de lá.

A Karolina também tinha sujado o vestido que pertencia a mãe da Jéssica, eu não queria que as crianças a vissem assim e elas já estavam nos chamando.

- Vai no meu quarto e vê se acha algo que pode vestir – ela concordou com a cabeça – E Karol, obrigado por isso.

Ela salvou minha vida, pelo menos por enquanto, depois de tanta merda de zumbi que estava em contato com minha boca, nariz, olhos e outros orifícios eu não tinha certeza de que não me tornaria um deles. Pelo menos dessa vez a Jéssica obedeceu e não desceu as escadas, a Karolina vestiu uma roupa feminina que sem dúvidas também era da mãe das crianças, acho que eles pegaram as peças que mais os fazia lembrar dela.

- Vamos pegar comida e água, levar tudo lá para cima.

- Tá bom.

Pegamos o resto dos pães e biscoitos, as garrafas de água, as cinco caixas de leite, quatro latinhas de refrigerante, também peguei um pacote de pó de café. Na laje tinha um lavabo dentro de um cômodo que eu usava como guarda coisas, lá tem um aparelho quase medieval de fazer café, deixamos o resto para trás, pedi a Jéssica para descer e nos ajudar a subir as coisas, ela obedeceu mas algo estava errado, dava para perceber lágrimas nos olhos dela, peguei a mesa e a arremsei para perto da escada, depois eu a tombei com a tampa voltada para a abertura, fiz um tipo de porta improvisada, mas eu pegaria coisas no cômodo e colocaria nos degraus.

Fizemos as coisas o mais silenciosamente possível, subimos para laje, outra vez a Jéssica pulou em mim com um abraço, a Bianca e o Pedro estavam dentro do cômodo.

- Eles... são... são muitos – me disse a Jéssica apavorada.

E eu entendia o motivo, o som dos gemidos estava muito alto, talvez meus ouvidos ainda estivessem entupidos com alguma coisa já que estava tudo muito abafado para mim, e o fedor muito forte, só que eu não sabia dizer se parte daquele odor era meu ou não, mas ao me aproximar do muro da laje e ter uma visão das ruas ao redor, entendi o medo da Jéssica, as ruas estavam tomadas pelos zumbis, sem dúvidas havia mais de dois mil fedorentos ali, andando de um lado para o outro, esbarrando uns nos outros, entrando em casas, ouvimos gritos distantes.

Olhei para o céu, nuvens escuras impediam os raios de sol de chegar até nós. A Karolina ficou ao meu lado, e eu só consegui falar uma coisa.

- Estamos fodidos.

SINFONIA

Eu até poderia tomar um banho e trocar de roupa antes de tirar o sujeito do alçapão, mas o sangue daria um toque a mais para o que precisava ser feito, confesso que o motivo daqueles idiotas terem escolhido o meu bairro para atacar não me importava muito, acho que estavam procurando por suprimentos e matando quem pudesse atrapalhar nessa busca.

Claro que eu não mataria ninguém para roubar suas coisas, mas sem dúvidas arrancaria a pele de qualquer um que tentasse tomar o que eu tenho e ferir essas crianças. Acho que em toda a minha vida só me liguei de verdade a três pessoas, o Giovanni, a Jamira e o filho da puta do Glover. Já tive algumas mulheres em minha vida, mas nunca um relacionamento sério, ainda mais depois das coisas que eu fiz.

Mas agora acho que tenho uma nova chance de me ligar a alguém e eu duvido que as coisas vão voltar ao normal, então nesse novo mundo eu posso tentar ser alguém melhor, mesmo que isso signifique usar toda a porcaria que eu aprendi, e tenho certeza que minha amiga Cherokee concorda comigo. Antes de conversar com o sujeito eu arrastei o sofá e a porcaria da geladeira queimada para perto da porta e criei um bloqueio, nada muito sofisticado mas nos daria um pouco mais de segurança. Agora era torcer para ele ser estúpido e não tentar me matar.

- Você que está no buraco, se estiver vivo escuta com atenção o que eu vou falar, a parte de cima vai se abrir e quando isso acontecer você vai jogar todas as suas armas, eu disse todas as suas armas. Se eu não ficar satisfeito com o que eu ver você falar nunca mais vai sair daí, entendeu?

- Sim – pelo menos acho que foi isso que ele falou.

- Ok, vai fazer um barulhão aí dentro, não se assuste que é normal, não vou te machucar, pelo menos não ainda – só sussurrei essa última parte.

- Isso é tudo – falou o sujeito depois que jogou uma metralhadora, duas pistolas e um 38 para fora do buraco.

- Não, isso não é tudo.

- O que? Me tira logo daqui caralho! - a voz dele era estranha, parecia ser fina, talvez estivesse tentando engrossar para parecer mais corajoso.

- Você e seus amigos não são... ou melhor, não eram militares de verdade, você não merece usar essa farda então quero que a jogue para fora.

- Nem fodendo! - ele respondeu bem rápido.

- Vai morrer por causa disso? - puxei uma cadeira e me sentei.

- Olha só, eu não vou tirar a roupa – a voz estava incrivelmente parecida com a de uma mulher.

- Então prefere morrer?

- NÃO! MERDA! Eu não vou ficar pelada para homem nenhum!

- Pelada? Você é mulher?

- Não idiota! Sou homem que por acaso nasceu sem pinto!

- Eu...é... - merda, aquilo me pegou de surpresa.

- Vai me tirar daqui ou não?

- Escala, você pode se apoiar nas paredes e subir, sei que já tentou fazer isso.

E de fato ela fez, claro que eu já tinha arrastado as armas para longe do alçapão e estava com a Cherokee no colo e o 38 dela na mão, prontinho para abrir fogo se fosse preciso, ela finalmente saiu do buraco.

- Merda!
- Não percebi que você era uma mulher. - Agora que ela não estava com o boné e tentando me matar dava para ver que era uma mulher, com o cabelo meio loiro ou ruivo preso em um coque. Era magra e isso deixava a farda bem larga.
- Foda-se cara!
- Devia ser mais educada, já que está na minha casa, agora puxa essa alavanca aí do seu lado, a tampa vai fechar de novo.
- Que merda.
- Está machucada?
- QUE SE FODA!
- É melhor não gritar, você e seus amigos fizeram muito barulho e agora tem muito defunto andando lá fora.
- Cadê eles?
- Seus amigos? Bom, eu faço as perguntas aqui., mas essa eu posso responder, eles estão mortos.
- O quê?
- Tinha mais alguma mulher com vocês? - Eu precisava perguntar.
- Não... mortos? Todos eles? - não conseguia dizer se ela estava triste ou alegre.
- As fardas e as armas, onde as pegaram?
- Merda... todos mortos...
- Onde pegaram as fardas e as armas?
- No cemitério, tinha um tanto dessas coisas lá.
- Como se chama?
- Vai me matar ou não cara? - Ela não demonstrava nenhum medo, mas seus olhos diziam outra coisa, estava apavorada, eu não a culpo, até eu teria medo de mim.
- Ainda não sei, eu...

- Não vai, ele não vai matar né? - perguntou a Jéssica atrás de mim.

- Eu disse para você não vir aqui – falei sem olhar para ela.

- Como você se chama moça?

- Karolina, mas meus amigos me chamam de Karol.

- Karol, você quer nos machucar?

- Não, eu não estava aqui por escolha.

- Viu? Ela não quer nos machucar, vem cá, eu tenho uma roupa que deve te servir, era da minha mãe.

A Jéssica passou por mim, e pegou a Karolina pela mão, confesso que fiquei sem ação, eu sou muito bom em ler as emoções das pessoas, a mulher estava com medo, mas mantinha a máscara da coragem, quando falei de seus amigos mortos ela ficou confusa, não sabia se eu estava falando a verdade ou não, mas mesmo assim, ela temia pela própria vida. Isso só mundo quando ela viu a Jéssica, era como se um naufrago visse um bote salva vidas no meio do mar.

E a Jéssica me surpreendeu muito, foi impossível não pensar na Jamira, as duas se parecem muito, essa garota tem muita atitude, é estranho mas em vez de ficar bravo por ela ter me desobedecido eu estava com um sentimento estranho, acho que foi a primeira vez que senti orgulho de alguém.

- São seus filhos? - perguntou a Karolina depois de sair do quarto de mão dada com a Bianca e usando o vestido que supus ser da mãe deles.

- Não, eles são meus amigos.

- Toma sua farda – ela a jogou para mim.

- Você não parece mais estar com vontade de atirar em ninguém.

- Eu não estava aqui por escolha.
- E os seus amigos?
- ELES NÃO... são... eram, meus amigos.
- Então?
- A gente estava abrigado na fábrica de EPI, aquela perto do cemitério, ali na Saudade, aí uns caras fardados chegaram e ofereceram ajuda, mas em troca queriam pessoas para buscar comida, remédio, essas coisas.
- E? - o engraçado é que ela não soltava a mão da Bianca.
- E a maioria desses que você ma... você sabe, estavam com eles, só quatro estavam no mesmo lugar que eu. - Gostei do fato dela não ter usado a palavra matado perto da Bianca.
- Você não sabia o que eles pretendiam fazer?
- Mer... não! Eles deram as fardas e armas, só que dentro do caminhão escutei eles falando sobre terem pego as coisas no cemitério, tinha uma coisa do exército montada lá dentro.
- Você tá com fome? - Perguntou a Jéssica trazendo um pouco de pão e leite.
- Você é muito gentil, obrigada – ela fez uma pausa e olhou para mim - Posso? - fiz que sim com a cabeça.
- E por quê estava com eles? - perguntou a Jéssica, a Bianca sentou no colo da mulher, e o Pedro ficou em pé perto da porta do quarto.
- Tenho uma amiga lá na fábrica, ela tem um probleminha de saúde e bom, precisava da minha ajuda.
- Viu Davis? Ela só quer ajudar.
- Sim Jéssica, você tem razão, mas por favor da próxima vez que eu te pedir para não chegar perto, não chegue, tudo bem?
- Aham! E qual o nome da sua amiga?

- Marianne, mas já que você agora é minha amiga, você pode chamar ela de Mari.

Merda, eu estava pronto para torturar o homem no buraco, só que era uma mulher e eu não machuco mulheres, e a Jéssica tomou a frente da situação e conduziu a coisa toda, ela tirou informações pelo simples fato de ser uma garota para lá de simpática.

Mas o orgulho da coisa só não era mais forte do que o pensamento de alguém machucando ela por causa do seu jeito de ser.

- E conseguiu ajudar sua amiga? - perguntei.

- Ainda não, bom, ela tem diabetes e precisa tomar insulina, já tem quase uma semana que ela não aplica e não temos muita coisa saudável para comer por lá. Até tentamos voltar para casa só que toda vez acontecia alguma coisa, esses caras ofereceram um jeito então eu... bom, você sabe. E eu consegui pegar alguns vidrinhos lá no posto de saúde.

- E onde estão?

- No caminhão, na verdade tem muita coisa lá dentro. E se você não vai me matar eu acho que está na hora de ir embora.

- Fica com a gente! - falou a Jéssica quase implorando.

- “Fita” – agora era a Bianca falando.

- Tem muitos lá fora, acho que você não vai conseguir...

Antes que eu terminasse a frase escutei o som da geladeira que apoiava a minha porta cair no chão, fiquei tão certo de que o som dos tiros e do caminhão tinham atraído os mortos que nem me toquei do tanto de barulho que nossa

conversa dentro da casa estava fazendo. E o pior, praticamente ignorei o som dos gemidos e o fedor desses filhos da puta. A barreira que eu fiz não serviu para porra nenhuma, a pressão que os fedorentos estavam fazendo para entrar era muito forte, um empurrava o outro e com isso a merda do sofá também cedeu.

Eles não conseguiriam entrar todos de uma vez, peguei a Cherokee e mandei a Karolina levar as crianças para a laje, foi bem a tempo. Um deles consegui se espremer e entrar na casa, e para coisa ficar ainda melhor aquele fodido era um dos falsos soldados que eu tinha matado, os mortos querem se vingar? Que se foda, a vontade deles! Cherokee estava vibrando na minha mão direita, louca para sentir o gosto do sangue inimigo, eu a descii com força na testa machucada daquele idiota, ela cortou carne, couro cabeludo, osso e cérebro, um jato de sangue atingiu meu rosto.

Só então percebi que a pessoa que a minha ex prisioneira tinha trocado de roupa e eu ainda estava sujo de sangue. Soltei minha amiga a tempo de abater o segundo fodido que tinha entrado, conseguir arrebentar o crânio de alguém a ponto de fuder o cérebro exige muita força, mas a Cherokee era uma extensão do meu braço.

Mal despachei o segundo e o terceiro e quarto já tinham entrado, consegui olhar bem rápido para porta, ela estava toda torta, o sofá e a geladeira fizeram uma alavanca, alguns fedorentos estavam entalados nas brechas, e os que entravam meio que escalavam uns aos outros. Eu tinha que pensar em algo para lacrar aquela porta.

Usei os dois lados da lâmina da Cherokee, o fio e o martelo, golpeei o rosto do zumbi da esquerda, um dia ele já tinha sido uma mulher, acho que cheguei a reconhecer a roupa, um short jeans curto e um top rasgado, faltava um bom pedaço

da carne de sua barriga, as tripas dela estavam penduradas, quase escorreguei naquela merda. O corte apesar de rápido foi bem profundo, ou talvez a força que usei a fez cair, quando a Cherokee se soltou usei o martelo para acertar o zumbi da direita, claro que não seria tão fácil, o fodido só cambaleou para trás, tive que acertar outras quatro ou cinco vezes até conseguir quebrar a cabeça do filho da puta.

A cada segundo a porta se dobrava mais, eu queria pegar a metralhadora e evaporar com aqueles fódidos, mas se eu fizesse isso atrairia muito mais deles, mas talvez isso me desse o tempo necessário para bloquear a porta outra vez.

Mas a adrenalina fica a mil quando você está em combate e eu estava literalmente lutando pela vida dentro da minha própria sala. Depois de quebrar a cabeça do quarto zumbi me certifiquei de arrebentar o da terceira também, fiz o mais rápido que pude, só que não foi rápido o bastante então, a minha casa começou a ser invadida, eles são lentos mas se te cercam é o fim!

Se eu fosse alguém sensato teria corrido para laje, jogado na escada todas as merdas que eu pudesse, e, por fim, usaria a mesa de metal que tem lá para fechar a entrada, só que eu era eu. Fui treinado para nunca recuar, nunca desistir e não estava na hora de começar. Seis ou sete entraram de uma vez, e em breve seriam um grupo grande demais para enfrentar em um lugar tão pequeno. Dois deles também faziam parte dos fódidos que matei horas antes.

Quando golpееi o primeiro acabei escorrendo no sangue escuro e fedorento que saiu da barriga da zumbi piriguete. Tentei me apoiar com a mão esquerda já que a Cherokee estava na direita, porém minha mão deslizou e caiu de rosto no chão. Um dos idiotas achou que era hora do lanche, então me virei e sem nem olhar bati a Cherokee na direção dele, consegui cortar

na altura do pescoço já que ele estava se abaixando para me morder, o golpe foi rápido e se a lâmina fosse maior teria decapitado o fodido. Mais sangue me atingiu, consegui me recuperar para um segundo golpe antes de mais deles se juntarem a festa, e agora a cabeça dele quase se desgrudou do corpo, e o nojento continuava tentando me morder mesmo que sem o controle do corpo.

Antes mesmo de conseguir me levantar, os outros mortos já estavam em cima de mim, chutei dois deles para longe, só que eu estava de costas em um chão escorregadio, eu não ia conseguir dar golpes tão fortes estando deitado, comecei a golpear o ar com a Cherokee e quando um deles quase me mordeu Karolina finalmente apareceu.

Ela tinha pego a metralhadora em cima da mesa e abriu fogo, tomei um baita banho de miolos, pele, carne, músculos, sangue e todas as nojeiras que saiam deles. Meus olhos ficaram encobertos e eu não conseguia enxergar.

- ATIRA NA PORTA! - gritei antes de vomitar.

E ela atirou, acho que meus ouvidos só não sangraram por já estarem cobertos de sangue de defunto. Tentei encontrar algo para limpar meus olhos, fui tateando o chão e puxei um pano, era a roupa de um dos fodidos no chão da minha sala, consegui limpar meu rosto o suficiente para conseguir ver outra vez. Fiz sinal para que a Karolina me jogasse uma das pistolas que estava na mesa, ela quase quebrou meu dedo quando jogou a arma, mas o fato de eu não enxergar direito pode ter contribuído. Caminhei em direção a porta e comecei a atirar.

Confesso que não estava mirando, nem conseguiria na verdade, depois de dez tiros a munição acabou, nem precisei pedir outra arma para a Karolina, ela já estava ao meu lado

usando a outra pistola e o 38, e em menos de dois minutos estávamos sem munição. Por sorte acabamos conseguindo criar uma barricada de mortos, eles se amontoaram nas brechas da porta de um jeito que agora aqueles que despachamos não davam espaço para os de fora conseguir entrar.

Comecei a pegar aqueles que estavam no chão e jogar em cima dos outros. Acho que o Rei de Esparta ficaria orgulhoso, fizemos um muro de corpos. Fiz sinal para a Karolina ficar de olho na porta e corri para o banheiro, liguei o chuveiro antes mesmo de tentar tirar a roupa, vomitei umas quatro ou cinco vezes.

O ralo entupiu com tanta coisa que desgrudava do meu corpo, e o cheiro era insuportável, desde o primeiro dia que os mortos tomaram as ruas o odor de decomposição era constante, só que agora esse cheiro saía de todos os cantos do meu corpo, eu estava me decompondo ainda vivo, eu não tinha xampu e nem condicionador em casa, eu levava meu cabelo com sabonete mesmo, e quase esfolei minha pele tentando tirar aquele cheiro.

Só depois que acreditei não ter mais nenhum pedaço de zumbi no meu corpo e de lavar a Cherokee é que saí do banheiro, fui direto para o quarto sem me dar conta que estava caminhando pelado pela casa, olhei para a Karolina e ela continuava fazendo o que eu pedi, entrei no meu quarto, abri o guarda roupas na parte onde guardava alguns vidros de perfume e derramei um deles na minha cabeça. Nem sei explicar todas as partes que arderam por causa do álcool, mas que se foda eu precisava daquele cheiro. Vesti uma calça jeans preta e uma camisa de malha também preta, coloquei a Cherokee em um dos buracos onde passa o cinto, calcei uma bota e saí de lá.

A Karolina também tinha sujado o vestido que pertencia a mãe da Jéssica, eu não queria que as crianças a vissem assim e elas já estavam nos chamando.

- Vai no meu quarto e vê se acha algo que pode vestir – ela concordou com a cabeça – E Karol, obrigado por isso.

Ela salvou minha vida, pelo menos por enquanto, depois de tanta merda de zumbi que estava em contato com minha boca, nariz, olhos e outros orifícios eu não tinha certeza de que não me tornaria um deles. Pelo menos dessa vez a Jéssica obedeceu e não desceu as escadas, a Karolina vestiu uma roupa feminina que sem dúvidas também era da mãe das crianças, acho que eles pegaram as peças que mais os fazia lembrar dela.

- Vamos pegar comida e água, levar tudo lá para cima.

- Tá bom.

Pegamos o resto dos pães e biscoitos, as garrafas de água, as cinco caixas de leite, quatro latinhas de refrigerante, também peguei um pacote de pó de café. Na laje tinha um lavabo dentro de um cômodo que eu usava como guarda coisas, lá tem um aparelho quase medieval de fazer café, deixamos o resto para trás, pedi a Jéssica para descer e nos ajudar a subir as coisas, ela obedeceu mas algo estava errado, dava para perceber lágrimas nos olhos dela, peguei a mesa e a arremastei para perto da escada, depois eu a tombei com a tampa voltada para a abertura, fiz um tipo de porta improvisada, mas eu pegaria coisas no cômodo e colocaria nos degraus.

Fizemos as coisas o mais silenciosamente possível, subimos para laje, outra vez a Jéssica pulou em mim com um abraço, a Bianca e o Pedro estavam dentro do cômodo.

- Eles... são... são muitos – me disse a Jéssica apavorada.

E eu entendia o motivo, o som dos gemidos estava muito alto, talvez meus ouvidos ainda estivessem entupidos com alguma coisa já que estava tudo muito abafado para mim, e o fedor muito forte, só que eu não sabia dizer se parte daquele odor era meu ou não, mas ao me aproximar do muro da laje e ter uma visão das ruas ao redor, entendi o medo da Jéssica, as ruas estavam tomadas pelos zumbis, sem dúvidas havia mais de dois mil fedorentos ali, andando de um lado para o outro, esbarrando uns nos outros, entrando em casas, ouvimos gritos distantes.

Olhei para o céu, nuvens escuras impediam os raios de sol de chegar até nós. A Karolina ficou ao meu lado, e eu só consegui falar uma coisa.

- Estamos fodidos.

Já estamos na laje a quatro dias, usei a mesa para tapar a entrada, derrubei um armário de metal onde eu guardava algumas coisas dos meus pais, coloquei contra a mesa, usando o muro baixo para escorar, seria quase impossível que os fedorentos conseguissem passar, dois dias atrás eu descii as escadas, nenhum novo morto tinha entrado, porém o lado de fora estava repleto deles. E o fedor estava quase insuportável, eu tive muita ânsia de vômito apesar de não ter comido nada para ser expelido.

As crianças e minha nova hóspede estavam bem alimentadas, se acostumaram a comer biscoitos e pães velhos, até tentei pegar outras coisas, só que minha casa inteira fedia a carniça, ainda bem que nem os mortos nem as crianças e a Karolina gostam de café, esse era meu único alimento.

Também peguei as armas, mesmo que estivessem sem munição, qualquer hora eu poderia tentar chegar ao caminhão e pegar alguma, se é que tem alguma merda lá. A Jéssica tentava ser forte mas algo estava acontecendo com ela, tive que improvisar um chuveiro para ela e sua irmã, a Karolina não quis usar, não confiava tanto em mim, já o Pedro não se importava em ficar sem banho, mesmo no fim do mundo, garotos continuam sendo garotos.

E do mesmo jeito, garotas ainda são garotas, os mortos caminhando não alteravam o organismo delas, no primeiro dia na laje percebi que a Jéssica tinha ficado envergonhada por algum motivo, tentei me aproximar e ela educadamente se afastou de mim e entrou no cômodo, eu vi uma mancha escura em sua calça, parecia sangue.

Confesso que por um segundo pensei que ela tinha se ferido ou tinha sido mordida, mas então eu entendi o que estava acontecendo.

- Você pode cuidar dela? - Perguntei para a Karolina.
- Por um acaso você tem absorvente por aí? - tinha desdém em sua voz.
- O que você acha?
- Eu imaginei. – ela deu de ombros e foi ajudar a garota.

Nesse dia eu percebi que não eram só os mortos o grande problema, as coisas ficariam complicadas em relação a higiene também. Por sorte ainda tinha água chegando, algumas

caixas d'água faziam barulho quando estavam se enchendo, isso nos ajudava a saber em quais casas tinham pessoas vivas, se as caixas se enxiam é sinal que a água estava sendo usada, também havia luz nos postes, minha casa não tinha energia, acho que algum fio pode ter se rompido, mas no momento isso não era bem uma preocupação, no segundo dia vimos uma casa acender a luz, o que foi um puta erro.

Esses merdas são lerdos mas quando cismam com algum lugar a coisa fica feia, e claro que um deles achou que ali dentro tinha bons pedaços de carne esperando por eles, e os fedorentos tiveram um bom banquete, quatro pessoas moravam naquela casa. Durante a noite os dois postes em frente a minha casa nos davam luz.

- O que vamos fazer? - perguntou a Jéssica enquanto se sentava ao meu lado enquanto eu limpava a Cherokee.

- Ainda não sei! - respondi com honestidade, respirei fundo e vi o medo nos olhos dela – mas eu vou pensar em alguma coisa, você pode me ajudar com isso.

- Como? - ela pareceu gostar da ideia.

- A gente observou eles certo? - ela concordou com a cabeça – então, o que sabemos?

- Eles andam devagar, fedem, são atraídos por barulho e comem pessoas – a última parte ela falou com tristeza, certamente se lembrou do pai.

- E o que mais? - tentei fazer com que ela botasse tudo o que sábia para fora.

- Eles... - ela cerrou os olhos para tentar pensar em algo, e deu certo – eles também atraem uns aos outros.

- Isso!

- Como assim? - perguntou a Karolina escutando nossa conversa.

- Quer explicar? - olhei para a Jéssica que assentiu com a cabeça.

- Eles costumam seguir uns aos outros, tipo, se um deles vai para um lado, os que estão perto também vão, e os que estão perto desses que estão perto fazem o mesmo, e os que estão perto desses que estão perto dos que estão perto também e por ai vai.

- Eles tem líderes? - outra vez tinha desdém em sua voz.

- Acho que não, o que você acha Davis?

- Não, eles não pensam, mas quando estão em grupos e um deles vai para um lado, os outros acabam indo também, acho que eles se atraem ou algo assim.

- Como assim? - tinha curiosidade em sua pergunta dessa vez.

- Como a Jéssica disse, eles são atraídos pelo som, já vimos isso acontecer, o fato da rua estar cheia agora é prova disso, e prova também que quanto mais deles em um lugar, mais os outros vão chegando, essa merda de gemido nojento é tão alto que vão atraindo mais e mais, e se nada os atrair para longe, podemos ter um tsunami a qualquer hora.

E talvez essa teoria estivesse mesmo certa, no dia do tiroteio ficamos cercados por talvez mil ou mil e quinhentos deles, e se a gente já estava fodido naquele dia, hoje, quatro dias depois estamos fodidos ao quadrado. Eu não conseguia mais enxergar o asfalto, só um mar de mortos que ficava se movendo de um lado para o outro, de vez em quando algum grito os atraía mas como eram muitos, aqueles mais perto da origem do som tratavam de fazer um belo lanche, e os fedorentos se acalmavam. O calor fazia com que o fedor fosse cada vez mais forte, mas nada é tão aterrorizante como o som dos gemidos e dentes batendo.

Uma sinfonia da morte.

- E como isso vai nos ajudar a sair dessa maldita laje?
- Vou pensar em algo Karolina.
- É bom pensar rápido, só tem mais um pacote de biscoito.

E o pior é que ela estava certa, ainda tinha água o que nos manteria vivos por um tempo mesmo sem comer nada, bom, pelo menos eu me manteria vivo, as crianças não. Eu tinha que pensar em algo, e quando eu dormi tive um sonho, e nesse sonho tive a resposta que eu precisava.

No sonho eu estava andando entre os mortos, mas eu não era um deles, os filhos da puta esbarravam em mim, me olhavam, abriam a boca e mostravam aqueles dentes escuros e nojentos mas não me atacavam, em outro momento do sonho eu estava lutando com eles dentro da minha casa, fiquei encharcado com o sangue deles e eles pararam de me atacar.

Acordei ainda de madrugada, a Karolina estava no cômodo com as crianças, eu dormia sentado ao lado do bloqueio da escada, me levantei e fiquei perto do muro olhando para a rua, tentando decidir como eu colocaria o meu plano idiota em ação, e parece que a Jéssica pressentiu isso já que estava acordada e veio se juntar a mim.

- Perdeu o sono? - me perguntou enquanto me abraçava.
- Na verdade não, eu tive um sonho meio estranho e acho que tenho uma ideia para tirar a gente daqui.
- Sério? Que sonho?
- Um meio louco, que me fez pensar no seguinte, você já viu algum deles se confundir?
- Como assim?

- Tipo, atacar um outro zumbi.
- Acho que não.
- Pois é, pensa comigo, além do gemido, da boca babenta e da coloração dos olhos, o que eles tem em comum?
- Eles fedem!
- Exato! E nós não.
- Bom... - ela tinha um sorrisinho no rosto.
- Você entendeu! - retribui o sorriso - Eles tem o cheiro da morte, bom, eles estão mortos e ao que parece estão se decompondo e nós não! Sem contar que os vivos correm quando eles aparecem.
- Não sei se entendi o que você está tentando dizer.
- Que se nosso cheiro for tão ruim quanto o deles, podemos passar despercebidos.
- Camuflagem? - confesso que fiquei surpreso por ela ter entendido.
- Exatamente! - eu ainda estava sorrindo.
- E como a gente ia fazer isso?
- Nos sujar com carne podre eu acho.
- Que nojo, e isso não é perigoso?
- Muito!
- E para funcionar a gente ia ter que andar que nem eles, gemer que nem eles e não olhar para eles, certo? - ela estava calculando tudo em sua mente.
- Sim.
- A Bianca e o Pedro são pequenos, não vão conseguir fazer isso.
- Verdade, mas eu não ia sugerir isso.
- Não entendi.
- Eu vou sozinho.
- Vai nos abandonar? - ela saiu do abraço e me olhou com um semblante de raiva e medo.

- Abandonar vocês? Claro que não! Vocês agora são minha família! – e realmente eram – o que eu vou fazer é andar entre eles, achar algum carro e fazer muito barulho para que eles me sigam, assim o caminho vai ficar livre.

- E se eles atacarem você?

- Você confia em mim?

- Confio, só que não foi isso que perguntei, e se eles te atacarem? Se virem que você não está morto como eles?

- Não vão, Jéssica eu realmente acredito que isso vá funcionar, talvez não sempre mas pode ser a única chance de tirar a gente daqui.

- E para onde a gente vai? - ela parecia ter se acalmado.

- Podemos pegar aquele caminhão do exército que está ali na rua, ele é alto, feito com um metal bem forte, e deve ter munição lá dentro também.

- Vamos ir na amiga da Karol?

- Você confia nela?

- Acho que sim, e ela salvou sua vida não foi?

- Verdade, e você acha que ela vai querer nos levar até a amiga dela?

- Acho que sim, ela disse que tem que levar remédio para ela.

- Temos um plano então. - apertei a mão dela.

- E como vamos fazer? - sorri com a palavra “vamos”.

- Bom, eu vou ter que ir lá em baixo e pegar um deles.

- Na rua? - o medo voltou ao seu rosto.

- Não, a Karol e eu derrubamos alguns aqui em casa, então tem alguns deles na sala e na cozinha.

- E o que você vai fazer?

- Vestir a roupa dele, me lambuzar com sangue, tripas e qualquer coisa que me faça feder do mesmo jeito que eles.

- Que nojo... - ela quase vomitou, e eu quase gargalhei.

Era um plano bem merda, que surgiu de uma merda de sonho, mas o pior de tudo é que fazia um puta sentido.

A Jéssica queria descer comigo para pegar um dos zumbis que matamos, não deixei, pedi que ela ficasse perto da porta e que se eu gritasse ela deveria fechar a passagem. Desci as escadas, minha casa estava escura mas os primeiros raios de luz da manhã me permitiam enxergar o suficiente para puxar um dos corpos, e já me sujei inteiro quando o coloquei nas costas. Quando voltei para a laje a Karolina já estava acordada.

- Que merda é essa?

- Essa merda é o que vai nos tirar daqui – acho que ela falou mais alguma coisa mas eu a ignorei.

O corpo que eu peguei era de um homem, sua cabeça estava aberta, e aquilo era trabalho da Cherokee, senti minha amiga vibrando de alegria em minha cintura. Eu sabia o que ela queria, e satisfiz o seu desejo, tirei a roupa do defunto, só o deixei de cueca.

- Jéssica me faz um favor?

- Claro.

- Perto da porta do banheiro tem um baú de metal, dentro dele tem uma caixinha preta e outra de primeiros socorros pega para mim por favor.

- Tá!

- Vai tentar ressuscitar o defunto? - perguntou a Karolina com um sorriso de deboche no rosto, outra vez eu a ignorei.

- Jéssica eu quero te ensinar uma coisa, vem mais perto dele.

- Tem certeza? - ela estava com medo.

- Não se preocupa, ele não vai voltar – estiquei minha mão para ela segurar.

- Tá.

- A gente já sabe que para matar eles de vez temos que destruir ou furar o cérebro, e tem algumas partes da cabeça que facilitam esse trabalho – peguei a Cherokee para mostrar os tais pontos – você pode enfiar a faca nos olhos, nos ouvidos, subindo pela boca ou subindo pela nuca. Essas partes são mais moles e não tem tanta resistência quanto o crânio.

- Entendi.

- E essa faca que você tem não foi feita para isso, ela é boa para cortar não estocar ou furar, então se tentar enfiar a ponta dela no crânio de um deles, existe a chance da faca deslizar e dependendo da força que você fez, a lâmina pode voltar e machucar você. E também tem a chance de sua mão escorregar do cabo e acabar se cortando.

- A cabeça é muito dura nê?

- Bastante.

- Mas eles estão mortos! - A Karolina também estava prestando atenção na aula.

- Isso não muda o fato da faca ter que passar pela pele, gordura, cabelo, couro cabeludo e osso antes de perfurar o cérebro. A pele está mais fraca porém o crânio continua forte. Então Jéssica, você vai precisar de uma faca especial – abri a caixinha preta – essa aqui pertenceu a um grande amigo meu.

Dentro da caixinha preta tinha uma faca enrolada em uma bandana vermelha que estava bem empoeirada. A faca tinha um cabo preto e lâmina fosca de 20 centímetros, com o lado

serrilhado, bem parecida com a faca do Rambo, só não era tão grande e grossa.

- Você vai dar uma faca para garota? - ignorei ela outra vez.

- Jéssica, essa faca não é um brinquedo, você entende isso não é?

- Sim. - e eu sabia que ela entendia.

- Toma, ela agora é sua – passei a faca para ela.

- Ela tem nome?

- Nome? - perguntou a Karolina.

- É, o machado do Davis chama Cherokee, acho que minha faca tem que ter um nome também.

- Sua machadinha tem nome? Sério? - olhei para ela e não falei nada.

- O homem que me deu essa faca não tinha dado nenhum nome para ela, quer escolher um?

- Vou pensar.

- Ok, agora quero que você fique perto dos seus irmãos, vou terminar isso aqui e sair, não vou me despedir de vocês, eu vou voltar o mais rápido que eu puder. Você consegue dirigir aquele caminhão? - olhei para a Karolina que fez que não com a cabeça – Então quero que vocês saiam daqui e entrem na carroceira daquele caminhão, mas só saiam se não tiver nenhum deles na rua. Se tiver um, fiquem aqui até eu voltar.

- E se você não voltar? - perguntou a Karolina.

- Eu irei!

A Jéssica me abraçou outra vez e agora não estava chorando, acho que a faca deu a ela um pouco mais de coragem, ou talvez ela realmente confiava em mim e sabia que

eu voltaria. Mesmo não fazendo a menor ideia se o plano funcionaria ou não.

Vesti as roupas fedorentas e úmidas daquele morto, usei a Cherokee para abrir sua barriga, quase vomitei algumas vezes mas eu já estava começando a me acostumar com aquele fedor todo. Calcei um par de luvas descartáveis que estavam no kit de primeiros socorros, também peguei dois pedaços de gaze e coloquei no meu nariz e nos ouvidos.

Usei uma máscara, tentei evitar ao máximo o contato com aquela merda, enrolei esparadrapo nos meus braços, não me dariam uma proteção contra alguma mordida, mas pelo menos, evitaria que aquela merda ficasse em contato direto com minha pele. Eu não queria morrer antes de conseguir tirar as crianças dessa laje, merda, eu não quero morrer. Agora era a hora, peguei fiquei com a Cherokee em minha mão direita, pedi que a Karolina me ajudasse a tirar o bloqueio da porta.

- Cuide deles. - falei com a voz abafada pela máscara.

- E se você morrer? - ela estava tapando o nariz e a boca com as mãos, o que dificultou um pouco entender o que ela estava falando, já que meus ouvidos também estavam tampados.

- Cuide deles.

- Farei o possível. - pelo menos foi isso que entendi.

O sol já tinha saído, acho que devia ser umas sete horas da manhã, me joguei sobre os corpos que bloqueavam a porta de saída da minha casa, empurrei dois para a rua e esperei um pouco, alguns zumbis se aproximaram da porta. Me olharam, abriram a boca, morderam o ar e continuaram andando. Agora era a minha vez de ir para rua. Cai em cima dos corpos que havia derrubado, me levantei bem devagar antes que eu fosse

atropelado pelo bando que estava passando pelo passeio, comecei a caminhar de cabeça baixa e segurando firme o cabo da Cherokee.

Confesso que fechei os olhos durante os primeiros passos, agora o som dos gemidos estavam no meu ouvido, eu escutava muito claramente mesmo com o tampão. Abri meus olhos e ali estava eu, caminhando no mar de mortos, não olhei para trás, não quis dar motivo para ser descoberto, não encarei nenhum deles, apenas continuei andando.

Muitos esbarravam em mim, a adrenalina controlava meu medo.

Eu estava mancando e com o corpo meio de lado, tentei imitar ao máximo o jeito deles, e aqueles mortos eram a coisa mais aterrorizante que eu já tinha visto, mesmo nos meus tempos de guerra. É fácil derrubar um zumbi quando ele é adulto, mas ver crianças caminhando entre eles era assombroso.

Pessoas nuas, faltando pedaços rosto, com a barriga aberta e as tripas penduradas, outros com o intestino se arrastando como uma corda enquanto os outros pisavam. Cheguei a ver o que parecia ser uma criança bem pequena, estava esmagada no chão com os mortos caminhando sobre ela. Vi rostos conhecidos, de pessoas que eu encontrava pela rua, reconheci uma vizinha idosa que sempre me chamava para ir na igreja, era uma das poucas pessoas que conversava comigo. Percebi que eles estavam simplesmente indo e voltando, caminhavam alguns metros em uma direção e depois seguiam outros que estavam indo para o lado oposto.

Continuei em frente, tentando achar o final daquela confusão. Depois que andei uns quatro quarteirões percebi que alguns deles estavam me seguindo, pelo menos eu pensei que estivessem.

Andar entre eles era só a primeira parte do plano, eu tinha que arrumar um jeito de atrair aqueles malditos para longe da minha casa, e depois conseguir voltar sem atrair nenhum deles. A melhor coisa que se passava pela minha cabeça era achar um carro com alarme, quebrar o vidro e deixar o barulho fazer o trabalho pesado.

Demorou mais de uma hora até conseguir sair do mar de mortos, e eu não estava nem a um quilômetro de distância da minha casa. No caminho vi alguns carros abertos, outros com os vidros quebrados só que nenhum deles apitava.

Caminhei mais rápido e finalmente vi carros com luzes piscando, passei perto deles e usei a Cherokee para quebrar os vidros, o alarme soou em todos eles, quebrei os vidros de cinco ou seis carros, e todos começaram a cantar como galinhas, e aquele som misturado com os gemidos, era realmente uma sinfonia da morte.

JÉSSICA

O Davis não é só o homem que salvou o meu pai, ele é o responsável pela minha vida e a vida dos meus irmãos. A Bianca ainda é pequena para entender as coisas e o Pedro tem um probleminha de interação, não lembro o nome nem o que é, eu era pequena quando ele nasceu. Uma vez ouvi minha avó comentando sobre ele ter bebido alguma coisa dentro da minha mãe ou algo assim. Ele prometeu nos manter seguros, eu sei que não é uma promessa fácil, só que eu confio nele.

Ele não comeu nada desde o dia em que tivemos que subir para a laje, só bebeu muito café e ficou acordado o tempo quase todo. E também não é tão mal quanto parece ser, ele não machucou a Karol mesmo que ela tenha atirado nele, ainda bem que ela errou.

Um dia quando ele estava dormindo, sonhou com uma garota chamada Jamira, no dia seguinte até me chamou por esse nome sem perceber, espero saber mais sobre ela algum dia, será que ele já teve filha? Tomara que ele fique bem, ele está lá fora andando com as pessoas mortas, eu ainda fico confusa sobre o jeito de chamar essas pessoas, ou essas coisas. Zumbis? Defuntos? Fedorentos? O Davis usa todos esses nomes, mas ele quer que eu dê um nome para a faca que me deu de presente, acho que posso criar um jeito de chamar as pessoas mortas também.

O último presente que minha mãe me deu foi o livro “Harry Potter e o Cálice de Fogo”, então acho que posso chamar minha faca de Nagini, esse era o nome da cobra que pertencia ao lorde das trevas, aquele que não se deve nomear, e posso chamar os mortos de Dementadores, já que me assustam do mesmo jeito, e assim eu posso falar que o Davis é o meu patrono.

- Já tem quanto tempo que ele saiu? - A Karol parecia brava.

- Não sei, uns dez minutos. - Eu não tinha certeza.

- Você viu se ele foi mordido?

- Credo Karol, ele não foi mordido, ele foi andando para lá – Apontei com o dedo.

- Não estou gostando disso, essa coisa toda foi muito idiota.

- Confia no Davis, Karol!

- Ele é homem, não confio em homens. - Ela estava mesmo brava.

- Tudo bem, só que eu confio nele, então fica calma que já já ele vai voltar e a gente vai poder sair daqui.

Eu pensei que a Karol gostasse do Davis, ela salvou a vida dele ué, mas desde o dia em que ficamos presos na laje ela tem agido diferente, sempre dando respostas fortes nele. Teve uma vez que ela ficou brava por ele ter dado um pedaço de pão para a Bianca.

- Você não come e depois quando acabar vai culpar a gente! - lembro que o Davis ficou chateado quando ela disse isso.

A rua ainda estava cheia de Dementadores, com as boconas abertas, aqui na laje também tinha um só que o Davis já tinha usado o feitiço do patrono nele, a varinha dele é a Cherokee, eu puxei ele para o canto mais longe da laje, assim nem a Bianca nem o Pedro veriam, a Karol não quis me ajudar, disse que era estupidez. Pior seria deixar aquela criatura com a cabeça aberta perto dos meus irmãos. Eu sou a mais velha, é minha obrigação cuidar deles.

- Jé... *quelo lete*.

- Dormiu bem Bibi? - Ela confirmou com a cabeça – fez xixi na roupa? - Ela negou com a cabeça, mas a roupa molhada dizia outra coisa. - Tudo bem, vou pegar outra roupa para você e te dar leite tá?

Era divertido imaginar que nada disso é real, que na verdade eu sou personagem de um livro ou filme, quem sabe nesse momento não tem uma pessoa escrevendo essa história? Assim eu não me sentiria tão mal pelos meus irmãos, esses Dementadores só deviam existir em filmes e livros, nunca na vida real.

Ainda bem que o Davis me ensinou como usar a Nagini, acho que preciso de mais aulas, espero que ele volte logo, e que a gente consiga levar o remédio da amiga da Karol, talvez assim ela fique amiga dele também. Troquei a roupa da Bianca, escovei o dente dela e fiz um copão de leite.

- Não coloca muito, a gente pode precisar.

- Tá bom Karol, ela está tomando minha parte também.

- Para com isso Jéssica! Não fica agindo que nem aquele cara.

- Ele se chama Davis, agora vamos tomar nosso café, por falar nisso, vou fazer café com esse negócio do Davis.

Era uma cafeteira estranha, tinha um tipo de base para colocar o copo, um ferro que ia até em cima e um círculo para colocar o coador, só que ele não pegou coador, fazia café na meia e por isso era o único que bebia, eu não ia me arriscar não.

- Se bem que vou ficar bem só com água.
- Bebe o leite menina. - Agora a Karol queria que eu bebesse.
- Pedro, escova o dente tá?
- Tá.
- Ei! Você falou hoje, dormiu bem?
- Uhum!

Acho que fiz bem em lembrar de Harry Potter, a magia está acontecendo, palavras saíram da boca do meu irmão, ele já ficou quase um mês sem falar nada. Também dei um copão de leite para ele, a Karol olhou feio só que dessa vez não falou nada. Agora só falta o Davis conseguir levar os Dementadores para longe, e esse dia se tornaria um dos melhores, era estranho estar tão feliz. Até o meu cabelo e o da Bianca estavam de bom humor, não embaraçaram e eu consegui pentear o dela sem puxar nenhum fio.

Meu pai era negro e minha mãe era branca, a Bibi puxou o cabelo cacheado da mamãe, o meu era bem revoltado, ela dizia que nosso cabelo refletia nossa personalidade, então me ensinou a fazer o penteado black power, e me contou a história dele, acho que eu tinha uns sete anos, e desde então são raras as vezes que eu faço outro tipo de penteado, e eu nunca fiz escova! Pensar nessas coisas me deixava feliz, não faz muito tempo que a minha maior preocupação era conseguir entregar o trabalho de matemática, e será que minhas amigas estão bem?

Meus irmãos já estão alimentados, coloquei água para esquentar, usando o fogão improvisado que o Davis fez com um botijão de gás pequeno que ele chamou de “liquinho”, a gente está sem luz, sinto falta de assistir TV, de carregar meu celular, o Davis me falou que o sinal de internet e de celular

não vai desaparecer, e que a água e a luz vão continuar chegando já que o serviço é automatizado e só ia parar se algo acontecer com os lugares que distribuem o serviço. Quem sabe isso deixe as coisas mais fáceis nê?

- Karol, você pode me ajudar de novo? - Eu precisava de absorventes.

- Última vez hein? - Pelo jeito que ela falou parecia ser sério.

Não estou muito acostumada com essa coisa de menstruação, a primeira vez foi a menos de seis meses, eu já tinha estudado sobre isso, mas quando finalmente aconteceu foi bem assustador.

- Não se preocupa, isso é normal, comigo aconteceu quando eu tinha 11 anos e foi muito assustador, achei que eu tinha me machucado.

Depois de falar isso, minha mãe me explicou como usar absorvente e protetor diário. E eu vou ensinar tudo para a Bibi quando chegar a hora. Minha irmã tomou banho junto comigo, enquanto eu a limpava pensei no Davis, será que ele conseguiu bolar algum plano como a Hermione? Um plano que nos salvaria no último minuto? E outra vez a magia funcionou.

- Conseguiu! O idiota conseguiu! - ouvi a Karol falar isso.

Sorrindo eu terminei nosso banho, depois nos secamos e vestimos roupas novas, coloquei uma calça jeans e prendi a Nagini no elo onde coloca o cinto, do mesmo jeito que o Davis

fazia com a Cherokee, eu só tinha que tomar cuidado para não cair, se não eu me cortaria. Vesti a Bibi com uma roupa bem parecida com a minha, calça jeans e uma camisa verde com um cachorrinho da patrulha canina.

- Jéssica, vem ver isso! - A Karol estava feliz.

- Eu te disse que ele ia conseguir! - Encostei no muro com muito cuidado para não chamar a atenção dos Dementadores.

- Arruma suas coisas, a gente vai sair daqui.

- Karol, o Davis disse que é para gente esperar até o último deles sair da rua.

- Eles estão indo embora Jéssica, temos que ficar prontas, podemos chegar em casa em uns dez minutos!

- Não vamos sair sem o Davis, ele disse para gente...

- Para Jéssica! Ele também me disse para cuidar de vocês não foi? E ele sabe onde é a fábrica.

- Tudo bem, mas temos que esperar até não ter nenhum deles na rua tá? - Eu não tinha escolha, tinha que levar meus irmãos para um lugar seguro. - E lá é seguro nê?

- Claro que é!

Acho que eles já estão saindo a umas duas horas, ou podia ser só dez minutos. A Karol pegou as armas que ela trouxe, pendurou uma no pescoço e colocou as menores na cintura, pegou uma sacola e colocou o litro de leite que sobrou, também começou a mexer nas coisas do Davis, coisa que ela não tinha feito antes.

- O que você está fazendo?

- Tentando achar mais alguma coisa que a gente possa usar, pega a caixinha de primeiros socorros e coloca nessa sacola.

- Essas coisas são do Davis, Karol.

- E ele não se importaria se a gente pegasse emprestado nê? - Acho que se importaria sim, mas ela não achou nada que pudesse usar. - Agora vamos embora!

- Espera, ainda tem Dementadores na rua, olha lá!

O Davis disse para esperar até que não sobrasse nenhum, e ainda tinha alguns andando por perto, sem contar aqueles que estão no chão, credo, é nojento. Tem Dementadores esmagados, parece até pombo quando é atropelado, fica todo achatado contra a rua. E tem pedaços deles por todo lado.

- Não sei se é seguro sair agora Karol, vamos esperar mais um pouco.

- Bobagem, olha só, achei esse pedaço de ferro, e me dá sua faca.

- A Nagini? Não, ela é minha.

- Tá bom, agora vamos logo. - Ela pegou o Pedro pela mão.

- Espera! Karol, espera! - peguei a Bianca no colo.

A Karol tirou o armário que escorava a mesa contra a entrada da laje, depois puxou a mesa, ela desceu devagar com a barra de ferro em uma mão enquanto a outra segurava a do Pedro, ela deu a sacola para ele levar. Parecia pesada.

- Tampa os olhos da sua irmã.

Eu obedeci, sabia que tinha Dementadores mortos ali, a Karol foi até a porta, olhou para o lado de fora e com a barra de ferro empurrou um dos corpos de cima, ele caiu na rua e os de baixo foram junto. Fez um barulhão, mas mesmo assim ela continuou andando.

- Bibi, não faz barulho tá? E nem você Pedro! - falei tentando acalmar os dois, acho até que a Bianca fez xixi.

A Karol estava segurando firme na mão do Pedro, ou era medo ou não queria dar a chance de ficar e esperar o Davis, eu sei que devia ser corajosa, mas eu estava com medo, toquei no cabo da Nagini, não sei o motivo de ter feito isso, só que esse gesto me fez pensar no Davis e isso me acalmou um pouco. Só que quando pisamos na rua o medo voltou, o chão estava escorregando muito, quase cai umas duas vezes, e tinha mais Dementadores do que eu pensei, eu queria falar para a Karol que a gente tinha que voltar, só que ela começou a andar mais rápido e estava segurando a mão do Pedro com muita força.

- Karol! - Tentei chamar por ela, só que se me ouviu não respondeu. - Karol!

Ela estava concentrada andando na direção do caminhão, ele não estava muito longe, era só chegar até a esquina, os passos estavam firmes, ela não escorregou nem uma vez, só que ao contrário dela, o meu irmão não estava inspirado em voltar para casa, ele nem entende direito o que está acontecendo, eu estava tentando andar rápido para acompanhar os dois, só que a Karol foi muito rápida e eu estava me equilibrando para não cair com a Bianca.

Alguns Dementadores estavam se arrastando na minha direção e na direção da Karol e do Pedro, só que ela continuou firme em direção ao caminhão e arrastando meu irmão, até que ele escorregou. Tentei correr até ele mas pisei em uma coisa que parecia ser uma mão e também cai no chão, olhei para o Pedro, ele tinha se machucado, seu joelho sangrava, a Karol continuou andando em direção do caminhão.

- KAROL! - eu gritei para ela olhasse e ajudasse o Pedro.

Ela olhou para mim, olhou para o Pedro e depois para o caminhão, gritei outra vez, tentei me levantar, a Bianca estava chorando, parece que as coisas estavam acontecendo em câmera lenta, eu sentia meu coração batendo com muita força. Dois Dementadores estavam perto do Pedro, gritei para que ele corresse só que ele travou, ele fazia isso quando estava nervoso ou com medo, ele simplesmente se sentou e tapou os ouvidos. E eles se o alcançaram, eu não consegui me levantar a tempo, e eu não estava vendo a Karol, um dos Dementadores mordeu a canela do meu irmão, e ele gritou, eu vi o medo e o terror nos olhos dele, ele estava me pedindo ajuda e eu não conseguia fazer nada.

Me levantei, segurei a Bianca com a mão esquerda e peguei a Nagini com a direita, senti muita dor quando me apoiei no pé esquerdo, acho que eu o torci, eu já conhecia aquela sensação, me machuquei jogando bola muito tempo atrás. Outros monstros vieram da esquina onde o caminhão estava, o segundo já tinha agarrado o Pedro, ele mordeu o seu braço.

- CORRE! - gritei para ele enquanto tentava chegar até ele – CORRE PEDRO!

Ele tentou, eu sei que tentou só que o corpinho dele não obedecia, e outros monstros chegaram até ele antes de mim, um deles mordeu o seu rosto, e meu irmão gritou meu nome, ele gritou por mim, e eu gritei de volta, segurei a Nagini com força e a Bianca com mais força ainda.

- OS OLHOS, OS OUVIDOS, DE CIMA PARA BAIXO NA BOCA E NA NUCA! - gritei as lições que o Davis me passou.

Primeiro furei o olho do Dementador que mordeu a canela do meu irmão, a faca entrou até o cabo, puxei de volta, e enfiei a ponta no ouvido daquele que tinha mordido seu rosto, foi mais difícil tirar a Nagini só que consegui, bem a tempo já que outros estavam chegando e aquele que mordeu o rosto do Pedro tentou agarrar a Bianca, ela gritava e chorava só que eu só escutava o som do meu coração batendo.

- DE CIMA PARA BAIXO NO QUEIXO!

Espetei a ponta da Nagini no queixo dele, e o movimento de tentar pegar a Bianca fez com que o corpo do Dementador me ajudasse a acertar o cérebro dele. Destruir ou furar o cérebro, foi isso que o Davis falou. Quase não consegui tirar a Nagini de dentro da cabeça dele, só consegui puxar depois que ele caiu no chão, e eu estava ficando cercada, e o Pedro... onde está o Pedro? A perna dele... a perna dele estava ali e... onde... onde... eu não estava enxergando direito, as coisas ficaram embaçadas, e meus olhos estavam ardendo, não

consegui ver direito, só que... tinha uns cinco ou seis deles em cima do meu irmão, eles usavam as mãos para puxar, arranhar e rasgar, e mordiam tudo, eu gritei e apertei a Bianca contra meu peito, um deles estava quase me pegando, eu não sei se ia conseguir me defender, eu não... então ele caiu, a Karol apareceu, bateu na cabeça dele com a barra de ferro e gritou alguma coisa enquanto apontava na direção da casa do Davis, será que ela disse para voltar? E por que ela deixou o Pedro? Por que ela soltou a mão do meu irmão?

A Karol me puxou para longe, eu estava gritando, acho que ela me mandou parar de gritar só que não tenho certeza, entramos de novo na casa do Davis, subimos para laje, ela colocou a mesa para fechar a porta e depois usou o armário para escorar contra a parede.

- MERDA! MERDA! MERDA! - Ela estava andando de um lado para o outro com a mão na cabeça.

- Você... você soltou a mão... - tentei falar mas as palavras não saiam.

- VOCÊS FORAM MORDIDAS? ELES PEGARAM VOCÊS? ESSE SANGUE É SEU? - Ela estava me examinando, eu tinha parado de gritar.

- Você deixou ele... - Olhei nos olhos dela.

- Eu... não eu não deixei! Eu achei que podia correr até o caminhão e pegar munição... só que... merda! Não tinha nada lá, nem munição nem os remédios, nem porra nenhuma!

- Você soltou a mão dele e deixou ele lá...

- Jéssica eu... deixa eu olhar sua irmã!

Minha irmã estava abraçada a mim, agarrada na minha cintura do mesmo jeito que fazia com a nossa mãe, ela estava chorando muito, a Karol se ajoelhou para examinar ela, ver se

tinha sido mordida, a Bibi não parava de chorar, acho que a Karol também estava chorando, olhos, ouvidos, de baixo para cima no queixo e de baixo para cima na nuca, esses eram os melhores jeitos de matar um Dementador. Apertei o cabo da Nagini, olhei para a Karol.

- Você soltou a mão dele e fugiu.
- Jéssica eu...
- Você soltou a mão dele e fugiu.
- Para com isso!
- Você soltou a mão dele e fugiu.
- Para...pa...
- VOCÊ SOLTOU A MÃO DELE E FUGIU!
- Grrrh...pa...grrhgh...
- VOCÊ SOLTOU A MÃO DELE E... você soltou a mão dele...

Soltei o cabo da Nagini, o Davis estava certo, no ouvido a faca entra mais fácil.

SEREIA

Meu corpo inteiro está doendo, está tudo escuro, o que está acontecendo? Meus braços estão presos? Ai... minha cabeça está doendo para caralho! Eu estou deitado em uma cama? Que porra é essa? Eu não sei onde eu... merda, me lembrei, foi a porcaria do carro!

Andar entre os mortos era estranho e libertador, por um tempo eu estava tenso, esperando que a qualquer momento um deles fosse descobrir que um idiota estava caminhando entre eles. Mas, eles nem me notaram, bom, seis deles parecem ter gostado de andar atrás de mim, ficaram me seguindo e por conta disso não pude voltar para casa, eles me seguiam. Eu até pensei em deixar aquele mar de fedorentos andando pelas ruas mais distantes do bairro, só que no caminho eu escutei e vi pessoas nas casas, seria crueldade fazer isso.

Confesso que se eu não tivesse visto ou escutado as pessoas eu nem pensaria sobre o assunto, para mim o importante era tirar aqueles fodidos de perto da minha casa, assim eu poderia levar as crianças em segurança para um outro lugar. Eu tinha só esse plano em mente, mas ao longo da caminhada tive que improvisar, em um determinado momento acabei chegando na rua Itamar, em uma parte onde eu poderia subir um pequeno morro, ou descer um baita morrão que terminava na avenida dos Andradas, que era cortada pelo rio Arrudas, ele ficava a uns 10 ou 15 metros abaixo do nível da rua, acima tinha uma pequena encosta de uns dois metros, com mato e algumas árvores., e então o *guard rail*, a calçada e a rua. Se eu conseguir atrair os fedorentos para a encosta, eles só teriam que passar pela proteção de metal e dar aquele mergulho dentro do rio.

Seria o melhor plano, encostado na descida tinha um carro velho, acho que era um antigo Gol bolinha, nunca entendi

muito sobre carros, mas, eu sabia fazer com que eles ligassem mesmo sem chave. E eu fiz, apertei a buzina e comecei a atrair o mar em minha direção outra vez. Eu estava bem a frente dos meus seis seguidores fieis, mas não demorou muito para os outros serem atraídos pelo som, carro antigo faz muito mais barulho que qualquer alarme moderno.

E eles vieram, demorei um pouco para pensar em ligar o carro, eu estava na descida então não precisava ter pressa, coloquei a Cherokee na minha cintura, liguei o motor e continuei sentando a mão na buzina, puxei o freio de mão, girei o volante para que as rodas virassem para a rua, e comecei a descer. Uns 100 metros eu chegaria até a Andradas, bem perto de uma ponte que levava até o bairro vizinho. Eu só não contava que a porra do freio estava falhando, quase meio quarteirão antes da avenida a porcaria parou de funcionar, eu pisava e pisava naquela merda mas o carro não parava, mesmo assim continuei apertando a buzina.

Atravessei a avenida como uma bola de canhão, tentei abrir a porta para pular, só que a força do vento não deixou, aqui no Brasil, sempre ouvimos falar sobre políticos comprando materiais vagabundos para fazer obras, por sorte o *guard rail* não era fruto dessa merda, antes de bater eu puxei o freio de mão e o carro bateu de lado, não foi o suficiente para arrebentar o aço, mas deu uma bela amassada, criando uma boa abertura que seria um ótimo meio de jogar os zumbis lá em baixo, era só entrarem em fila e descerem um por um. Com a batida acertei minha cabeça com força na porta, além disso, a pancada fez com que a lâmina da Cherokee ficasse presa no meu quadril.

- Até tú Brutus...

Eu tentei tirar ela dali, mas a pancada não me deixou idiota, sem dúvidas eu sangraria para caramba se eu a tirasse de lá.

Não sei se consegui sorrir, mas achei engraçado ser cortado pela minha amiga, só que eu não tinha tempo, com muito esforço consegui sair do carro pela outra porta, não tinha percebido que ele estava empinado, tomei um puta tombo e a lâmina da Cherokee entrou um pouco mais.

- PARA DE ME CORTAR!

Gritei com minha amiga inanimada, podia sentir o cabo vibrando, os fedorentos estavam chegando, muitos estavam caindo e sendo pisoteados pelos outros, pulei para a encosta, percebi que conseguia passar por baixo da ponte, fui em direção a ela, sempre gritando, tocando o sino do almoço, e apesar de estar com a visão turva, com minha amiga fincada na minha cintura, o plano funcionou.

Os zumbis da frente foram esmagados contra o *guard rail*, os de trás criaram tanta pressão que o corpo dos primeiros se dividiam. A batida parece ter travado a buzina, o que era bom, andei pela encosta até a ponte, e passei por baixo dela, foi lindo ver a cachoeira de zumbis, eles caíam na margem do rio e estouravam, o som era mais aterrorizante do que a visão.

Atravessei por baixo da ponte e andei um pouco mais antes de voltar para a rua, eu não poderia voltar pelo mesmo caminho ou por qualquer rua que cruzasse com a Itamar, a chance de ser pego por eles era grande. Eu teria que andar bastante e dar a volta por um bairro mais distante, quando subi, tirei aquela roupa imunda e nojenta, cheia de sangue de zumbi, agora era torcer para que nada tenha entrado na ferida causada

pela Cherokee, era só o que me faltava, virar zumbi por culpa da minha amiga.

Tirei as luvas e a máscara, minha roupa normal não estava tão limpa mas, pelo menos fediam um pouco menos, arranquei os esporadrapos do braço, e continuei andando.

Não sei exatamente o quanto andei, algum tempo atrás existiam casas na beira da avenida e do rio, mas elas já não estavam lá, era um amontoado de entulho, e por conta disso consegui ver os zumbis caindo, e outros se amontoando em cima do carro.

E como se não bastasse a Cherokee ter me apunhalado, um grupo de zumbis estava seguindo os meus rastros, ou pelo menos, era o que parecia. Vi uma subida do lado esquerdo, não reconheci a rua, pela cor do asfalto parecia ser algo novo, resolvi subir.

A rua era bem pequena, e não tinha saída, no final havia um paredão de terra, nem nos meus melhores dias eu conseguiria subir aquela merda, tinha casa dos dois lados, a maioria com grandes portões de garagem, não sei se tinha alguém lá dentro ou não, mas eu precisava me sentar e torcer para não ser seguido. É claro que eles me acharam, não sei dizer o que aconteceu quando me sentei, acho que apaguei por alguns minutos, quando abri os olhos um pequeno grupo de dez ou onze mortos estava se aproximando.

- Olha só o que você vai me obrigar a fazer... - falei colocando a mão no cabo da Cherokee.

Olhei ao redor e não encontrei porra nenhuma que pudesse me ajudar, então a única arma que eu possuía era a minha amiga traidora, mas eu hesitei para puxar, pensei que

poderia tentar acabar com eles no braço, dando socos e chutes, e de fato eu tentei.

Não esperei que se aproximassem e me pressionassem contra o barranco, corri até eles do melhor jeito que pude, eu estava mancando, mas que se foda, eu ia lutar pela minha vida e a adrenalina me ajudaria. Em outros tempos grandes guerreiros chamavam essa energia de êxtase de batalha, e eu gostava disso.

Chutei um deles na altura da barriga, pensei que seria algo como o Rei Leônidas fez naquele filme sobre os espartanos. Só que ao contrário dele, meu pé atravessou a barriga do filho da puta, a camisa do fodido cobriu meu pé como se fosse uma meia, senti uma dor percorrer minha perna quando atingi a espinha dele, aquilo me fez cair, mas dessa vez não deixei que a lâmina da Cherokee me perfurasse ainda mais, antes de atingir o asfalto, eu puxei o cabo e bati com ela na cabeça do defunto que estava na esquerda, o maldito estava quase em cima de mim.

Foi um movimento muito rápido, daqueles que você gostaria que alguém filmasse e passasse em câmera lenta. Me arrastei para trás até conseguir me levantar, ainda tinha oito deles ali, eles estavam caminhando bem juntinhos, o que me fez agir como um idiota, tomei distância e então corri na direção deles outra vez, mas agora eu não chutaria ninguém, mirei bem no centro do pequeno grupo e me joguei, assim como aqueles caras faziam nessas lutas armadas, ou como um astro de Rock pulava nas mãos de seus fãs, foi um verdadeiro strike, só que eu era a bola e eles os pinos de boliche. Consegui derrubar todos eles, depois foi só me levantar primeiro e usar a Cherokee para acabar com todos.

Eu não tinha percebido mas o corte na minha cintura estava jorrando sangue, fiz um esforço e carreguei aqueles

fedorentos para o fim da rua, fiz uma pequena cerca com eles, tirei minha camisa, e a usei para pressionar a ferida e desmaiei. Quando recuperei a consciência eu estava deitado em uma cama, minhas mãos amarradas na cabeceira, estava pelado, um lençol cobria a parte de baixo do meu corpo, a ferida estava tapada com um curativo.

Aos pés da cama, um homem mais velho estava sentado em uma cadeira, ele era careca, tinha um bigode branco com uma baita mancha amarela em cima da boca, não sei dizer ao certo mas acho que o tom de pele dele era rosa, talvez eu estivesse sonhado, e deitado aos seus pés tinha um baita pitbull, com a pelagem rajada, nas mãos do homem tinha uma calibre 12, na ponta dela um pingo de cor vermelha chamava a atenção.

- Olá! - Fiz a saudação e de imediato o cachorro se levantou, suas orelhas estavam em pé e o rosnado demonstrava que se o homem mandasse, ele me atacaria.

- Você veio me roubar? - a voz do homem era extremamente rouca, como se tivesse fumado a vida toda.

- Não senhor.

- E o que veio fazer na porta da minha casa? E por que diabos estava deitado ao lado daquelas coisas?

- Eu estava levando eles para longe da minha casa.

- E OS TROUXE ATÉ A MINHA? - quando ele gritou o cachorro começou a rosnar muito mais alto.

- Não senhor, eu os levei até perto da ponte, eu me machuquei e alguns me seguiram, eu não queria vir parar na porta da sua casa. Foi um acidente.

- RÁ! UM ACIDENTE? EU DEVIA METER UMA BALA NA SUA CARA, SEU IMBECIL, SEU...

- JOSEPH! Para com isso! - uma senhora apareceu, ao que parece era a esposa dele. Seus cabelos eram grisalhos, sua pele bem clarinha e com algumas marcas da idade, ela usava um vestido florido que me fez pensar em minha mãe.

- Maria! - o cachorro abanou o rabo e lambeu a mão da mulher, mas ainda estava com a orelha em pé.

- Para de gritar como um louco, o rapaz está machucado, você não viu o que ele fez lá fora aquele dia, é um milagre estar vivo.

- Aquele dia?

- Sim querido. - Meu coração começou a acelerar.

- Senhora, a quanto tempo estou aqui?

- Dois dias.

- DOIS? Por favor eu preciso ir! - mexi meus braços tentando me soltar – Por favor senhora, eu preciso ir, eu preciso ir, me solta! ME SOLT... - Tentei arreventar as cordas mas o que consegui foi desmaiar outra vez.

Então foi assim que eu vim parar nessa cama, e por quanto tempo eu apaguei dessa vez? O clima está mais fresco do que na hora que tentei me soltar, provavelmente anoiteceu, 3 dias longe de casa, droga, será que a Karol conseguiu sair? Não consigo parar de pensar na Jéssica, na Bianca e no Pedro, espero que ele estejam bem. Eu não imaginava que a pancada com o carro tinha sido tão forte assim, eu não me lembro de ter desmaiado antes, ou talvez fosse a falta de açúcar, nem sei quando comi pela última vez. E ao que parece os donos da casa perceberam isso, a luz acendeu, meus olhos arderam, a mulher entrou no quarto carregando uma bandeja com um copo de café com leite, biscoitos, um pedaço de bolo e algumas frutas, ao lado dela estava o cachorro, com as orelhas em pé e rosnando.

- Você precisa comer alguma coisa.
- Obrigado senhora, e desculpa por mais cedo.
- Quem você deixou para trás? - ela me olhou com um sorriso no rosto.
- Três crianças. - O sorriso dela sumiu.
- Crianças? Seus filhos?
- Por assim dizer, são filhos do meu vizinho, só que ele foi morto, e desde então as crianças estão comigo.
- Meu Deus! E como elas se chamam?
- A mais velha é a Jéssica com 13, o Pedro com 9 e a Bianca com 5. - Pelo menos eu achava que era isso.
- E estão sozinhas?
- Na verdade não, demos abrigo para uma moça, ela ficou cuidando delas.
- E como você veio parar aqui?
- Nossa casa ficou cercada, as ruas estavam cheias, então eu tentei deixar todos eles o mais longe possível de lá. Sinto muito por ter trago eles até aqui.
- Não trouxe. - Ela começou a soltar minha mão – meu marido é rabugento, só aqueles que você deixou na rua é que vieram até aqui, pronto, agora come, vou trocar seu curativo, e amanhã você pode ir embora.
- Obrigado senhora.
- Meu nome é Maria.
- Eu sou o Davis.
- Muito prazer Davis, agora deixa eu ver isso aqui – ela tirou o curativo, a ferida estava vermelha e com uma costura muito bem feita. - Os pontos estão bons, vou limpar e colocar um curativo novo.
- Senhora, e a minha...
- Maria! Para de me chamar de senhora, não estou tão velha assim.

- Desculpa, Maria, e a minha machadinha?
- Não se preocupa, ela tá limpa, minha filha tá cuidando dela... pronto. Assim que você terminar de comer eu vou te prender de novo, você tem algum problema com isso? - Ela perguntou com um tom bem amigável.

- Não senhora. Eu entendo, mas... se for possível eu gostaria de ir embora agora, não vou tentar sair a força, só que... eu preciso voltar para casa.

- Os postes estão sem luz, e você disse que tem uma pessoa com suas crianças, espera amanhecer, vai ser melhor e mais seguro.

Concordei, eu não queria passar mais um dia longe das crianças, só que eu tinha que estar vivo, eu só espero que a Karol cuide bem deles. Terminei de tomar o café, e comer tudo o que estava na bandeja, eu agradeci, ela me prendeu outra vez, e me deu um remédio para dor, e então eu dormi.

Sonhei com a Jéssica, ela estava me pedindo ajuda e eu não conseguia fazer nada, eu tentava segurar sua mão mas ela se afastava mais e mais. E antes que eu conseguisse fazer alguma coisa, acordei.

- Desculpa ter te acordado.

Uma mulher linda estava dentro do quarto, sua pele era branca como a neve, cabelos pretos como carvão, um perfume quase tão doce quanto sua voz, senti meu coração bater mais forte, seus olhos pareciam duas esmeraldas verdes.

- Eu trouxe uma roupa nova para você, eram do meu irmão, a mãe disse que deve servir, e pediu desculpas mas a sua não teve salvação, estavam muito sujas e fedorentas.

- Tudo bem, eu agradeço. - Confesso que eu estava me sentindo estranho.

- Eu vou te deixar sozinho.

- Espera! - Ela parou e deu para perceber que tinha ficado com vergonha – Desculpa, mas eu vou precisar das minhas mãos para vestir a roupa.

- Verdade, desculpa.

Quando ela se aproximou pude sentir um pouco mais de seu perfume, não sei explicar o que eu estava sentido, por um momento eu fechei os olhos e sorri sem motivo algum. Ela saiu do quarto, me levantei e vesti as roupas, uma calça jeans azul escuro, uma camisa preta que ficou um pouco folgada nos braços, e minha Cherokee estava lá também, limpa como nunca esteve, e agora tinha um pedaço de couro marrom cobrindo a lâmina, era uma capa ou algum tipo de coldre.

- Quero ver você me cortar agora. - A prendi na cintura, abri a porta e sai do quarto.

O quarto ficava ao lado da sala, o Joseph estava sentado no sofá olhando na minha direção, ao seu lado estava o cachorro, aquele baita pitbull que parecia ser maior do que eu pensei.

- Está olhando para mim?

- Desculpa senhor. Eu só queria agradecer e pedir desculpa outra vez.

- Rá! Desculpas, agradeça a minha mulher, se fosse por mim você tinha ficado lá fora com aquelas coisas. Onde já se viu!

- Não começa Joseph! Não são nem sete horas e você já está resmungando. - A dona Maria apareceu e deu a ele um copo de café. - Vem cá querido, toma um café antes de ir embora.

- Era só o que faltava, remédio, comida e agora o meu café.

- Quem fez isso tudo foi eu e não você, então deixa de ser chato, vem cá Davis – Ela me puxou pela mão.

- Davis? Que diabo de nome é esse? Rá! Aí Valente, o nome dele parece ser de cachorro também. - Ele fez carinho no cão, e o nome Valente lhe caia muito bem.

Ela me puxou até a cozinha, botou um copo de café com leite e um pedaço de bolo na minha frente, a moça que levou a roupa estava em pé colocando café em uma xícara.

- A roupa do meu filho serviu muito bem em você.

- Obrigado senho... Maria.

- Muito bem, e você conheceu minha filha?

- Sim senhora, só não fomos apresentados.

- Márcia.

- Eu sou o Davis.

- Eu sei.. - Ela ficou vermelha – Minha mãe me falou.

- Você sabe como estão as coisas na cidade meu filho? -

A Maria se sentou ao meu lado.

- Infelizmente não, mas um pouco antes da TV sair do ar eu vi que tinham evacuado os grandes centros e levado as pessoas para algum abrigo ou coisa assim. Só que, o pouco que eu vi no meu bairro sugere que as coisas estão bem ruins.

- E o que pretende fazer depois que voltar para sua casa? Vai para algum lugar específico? - Perguntou a Márcia com aquela voz doce, será que finalmente conheci uma sereia?

- Honestamente não faço ideia, a moça que está na minha casa disse que tem amigos em um abrigo perto do cemitério, então se eu voltar para casa e as crianças não estiverem lá, eu espero que estejam com ela nesse lugar.

- E se não estiverem? - Percebi que a Márcia perguntou com um certo receio.

- Nesse caso eu vou procurar por eles.

- Então toma logo esse café e vai embora daqui querido!

- Sim senhora.

Terminei de tomar o café e comer o pedaço de bolo, a dona Maria fez uma sacola com alguns mantimentos, claro que o Joseph não gostou nem um pouco disso, mas ela deu uma ou duas respostas para ele, acho que era assim que os dois se entendiam. Me despedi deles, agradeci e pedi desculpas mais uma vez. A Márcia e o Valente me acompanharam até o terreiro da casa.

- Você destranca a porta, sai e depois fecha o portão, sem bater.

- Tudo bem.

- E... eu tenho uma coisa para você. - Ela pegou um embrulho e me entregou. - Isso era do meu irmão, e... não abre agora não, tá?

- Tá bom.

- Minha mãe pediu para te falar que quando você buscar as suas crianças, que você podia voltar para cá.

- Sabe, mesmo com o mundo virado do jeito que está, é muito bom saber que ainda existem pessoas como vocês, que se importam com os outros. Eu adoraria voltar aqui, e tenho certeza que as crianças gostariam muito do bolo da sua mãe.

- Eu que fiz. - Ela falou com um orgulho que deixou seu rosto ainda mais lindo.

- Estava uma delicia, mas...

- Mas? Sério? - ela estava sorrindo.

- Não é isso, estava realmente uma delicia, mas agora eu preciso ir.

Me despedir dela foi mais difícil do que eu pensei que seria, mas a expectativa de voltar a ver aquele sorriso e ouvir aquela voz me dava um certo animo, mas já era hora de voltar para perto das crianças, fiquei fora tempo demais, não acho que a Karolina deixaria que a Jéssica viesse atrás de mim, e nem quero dar a chance de que elas percebam que preferem ficar com ela e não comigo. Esse pensamento é muito egoísta mas eu acho que amo aquela turma.

Já estava a mais ou menos um quilômetro de distância da casa da Márcia quando um carro em alta velocidade apareceu na avenida, e eu como um idiota que sou, estava andando no meio da pista, o motorista me viu a tempo, deu uma freada brusca, em seguida as quatro portas do Fiat Pálio se abriram, cinco homens armados desceram, e todos apontaram suas armas na minha direção.

Já estive em desvantagem antes, por um momento pensei no que poderia fazer, atacar um deles o mais rápido que eu pudesse, assim os pegaria de surpresa, mas não sei se consigo ser tão ágil com essa ferida na cintura, e eles estão a pelo menos uns seis metros de distância, não daria tempo, sem contar que dois deles foram espertos e me flanquearam.

- Olá! - falei tranquilamente.

- Caralho, as ruas vazias e do nada esse cara surge, quem é você irmão?

- Davis.

- Que caralho de nome é esse? - o sujeito tinha uma pistola prateada, uma arma bem cara.

- E qual o seu? - minha pergunta foi ignorada.

- Você mora por aqui? - ele perguntou.

- Só estou de passagem, e você? - outra vez foi ignorado, a Cherokee já vibrava em minha cintura.

- Parece que você tem umas coisas legais aí, passa para gente. - os dois que me flanquearam fizeram um movimento em minha direção.

- Não vai rolar.

- Além de ter um nome fodido ele ainda é burro! Matheus, pega a pequenininha aí!

Por um momento meu coração parou, mas ele estava falando de uma calibre 12 e não da Bianca, e sem o menor aviso o tal do Matheus disparou contra mim, não tive tempo de me defender ou tentar desviar, mas por sorte a merda da arma estava com balas de borracha, uma delas acertou minha testa com tanta força que me jogou para trás, ouvi o riso deles, toquei o cabo da Cherokee, mas antes que pudesse fazer alguma coisa, eu desmaiei.

Não sei quanto tempo fiquei apagado, acordei e estava sentado em uma cadeira, com as mãos amarradas para trás, eu estava um pouco zonzo, meu corpo sentia todas as pancadas dos últimos dias.

- Olha quem acordou! - quem falava era o homem que me ignorou – Esse galo aí tá doendo? - ele pôs o dedo em

minha testa e apertou, talvez esperasse um grito mas não dei esse prazer a ele.

- Onde eu estou?

- CARALHO! Você leva uma porrada de bala, apaga, e quando acorda solta essa pergunta? Viu filmes para caralho né? Haha!

- Ao menos me deixaram de roupa, que bom.

- É o que? Você tá me chamando de... - ele me deu um soco.

- Ai, cuidado para não machucar a mão – retruquei cuspiendo um pouco de sangue no chão.

- Caralho cuzão, o cara é maluco! Olha só malucão, eu te amarrei aí por que quero saber onde você mora! Você tava com umas coisas mó da hora, lá deve ter mais.

Olhei em volta, eu estava em um cômodo sem móveis, parecia um antigo quarto ou algo assim, só tinha uma porta, era de madeira e estava aberta, os outros quatro homens entraram, um deles carregava uma sacola de plástico com algumas coisas metálicas dentro, pelo som pareciam ferramentas.

- Qual de vocês atirou em mim? - perguntei olhando para eles.

- Eu! - respondeu o mais gordo deles.

- Você vai morrer primeiro.

- Vai morrer? Caralho o cara é maluco mesmo! - levei outro soco – Você não tem noção do que vai acontecer agora, tem? Arthur, mostra para ele o que a gente tem aí!

Eu estava certo, a sacola tinha ferramentas, chave de fenda, alicate, uma ou outra faca, outras coisas pontudas e que

na cabeça deles eram absurdamente ameaçadoras, não consegui me controlar e comecei a rir.

- E começou a loucura outra vez! Quer saber de uma coisa, vocês dois aí, tirem a roupa desse puto e coloquem na cadeira da vó!

- Porra Maicon! Gosto de homem não porra!

- Caralho não falei para você trepar com o cara, é só para tirar a roupa dele porra!

- Amadores, hahaha!

Eu gargalhava e deixava com que tirassem minha roupa, o fato dele ter pedido a cadeira da avó me fez pensar no que estava prestes a acontecer, o idiota me colocaria sentado e bateria no meu saco, só que não teriam essa chance. Me levantaram para poder tirar minha camisa, nesse momento um deles deu uma afrouxada na posição que minha mão estava, acho que me amarraram com fio de telefone, estava bem apertado, mas eles não me prenderam diretamente na cadeira, quando o tal do Matheus abaixou minha calça era a hora de agir, todos os cinco estavam bem perto de mim e nenhum deles estava armado no momento.

Apoiei meus pés no chão e com minhas mãos ergui a cadeira acima da minha cabeça e acertei o Matheus, como eu esperava, um dos cabos se soltou e minha mão estava livre, mesmo com a calça nos calcanhares consegui usar minha mão livre para puxar o segundo homem com o máximo de força que consegui, ele caiu ao meu lado, aquele idiota que bancou o torturador mostrando as ferramentas, deixou a sacola cair.

Peguei a cadeira e a levantei acima da minha cabeça, deixando um de seus pés em um ângulo reto com o olho do Matheus.

Como eu disse, ele morreria primeiro.

Não sei explicar o quão gratificante foi ouvir o som do pé da cadeira perfurando o olho e o crânio daquele cara, o corpo dele nem fez muita pressão contra a cadeira, era engraçado ver a expressão no rosto dos outros quatro, para mim parecia que estávamos em câmera lenta, mas a merda toda foi muito rápida. O idiota que puxei para baixo foi o segundo a morrer, ainda com minhas calças no calcanhar, posicionei meus pés ao redor da cabeça dele e fiz um movimento com as pernas, e só esperei pelo *crec*, o delicioso som do pescoço dele se quebrando.

Me abaixei e peguei uma chave de fenda, tinha o cabo amarelo, que em breve ficaria escorregadio e molhado de sangue. Levantei minha calça, o tal do Maicon tinha fugido, um outro homem também foi com ele, mas um dos idiotas estava ali, encostado em um dos cantos, aos seus pés uma poça de mijo, ele estava com medo e seus olhos imploravam para que eu não fizesse nada, e de fato não fiz, ao menos não naquele momento, coloquei minha camisa no lugar e terminei de tirar o cabo de telefone que ainda estava enrolado na minha mão.

- Cadê minhas coisas?

Perguntei ao sujeito que tremia mais que gelatina, ele não conseguiu responder, apenas apontou para fora do quarto, fiz uma pequena revista nele, em sua cintura estava uma arma bem parecida com a do tal Maicon, uma pistola prateada, mas o peso estava errado, a merda da arma era um airsoft!

Dei uma risada, revistei o Matheus e o outro defunto que nem lembro o nome, não tinham nada. Saí pela porta, estava em uma casa velha, com as paredes mofadas, em cima

da mesa estavam as minhas coisas, senti que a Cherokee estava me xingando por ter deixado que um bando de idiotas encostassem as mãos nela. O embrulho que a Márcia me deu também estava lá.

Peguei a Cherokee e fui caçar, os dois imbecis estavam juntos do lado de fora da casa, ambos apontando suas armas em minha direção, um deles estava com os olhos encharcados de lágrimas.

- NÃO VEM NÃO IRMÃO! NÃO VEM NÃO! - gritava o Maicon.

- Atira!

- É o que?!

- Você disse a alguns minutos atrás que eu era louco, bom, então eu sou louco, atira.

- Colé irmão, você matou nossos camaradas do nada maluco! Não faz com a gente não, deixa a gente ir nessa aí!

- Seu nome é Maicon né?

- É sim irmão.

- Então Maicon, foi você que me trouxe aqui, eu estava no meu caminho.

- Eu sei cara, foi mal ai, libera a gente!

- Eu acho que vocês devem ser mais loucos do que eu, em vez de meter o pé, vocês saíram e ficaram aqui na porta.

- Eu moro nessa casa aí irmão, não dá para sair não, a coisa não tá boa, tem gente morta andando ai, e muita coisa doida mano.

- Sabe Maicon, eu conheço uma coisa pior que eles.

- O que?

- Eu! - arremessei a Cherokee.

Eu poderia deixar com que eles fossem embora, mas já perdi tempo demais ali, e não daria chance para que eles fossem atrás de mim ou acabassem indo parar na casa da Márcia. A Cherokee não cravou sua lâmina no rosto dele, na verdade eu o atingi com o martelo, o rapaz que estava ao seu lado correu, não fui atrás dele, ouvi um grito vindo de dentro da casa, ignorei. Fui até o Maicon, acho que quebrei seu nariz, saía muito sangue que escorria pelo rosto e entrava em sua boca e ele engasgava, peguei minha amiga, coloquei meu pé no pescoço dele, pensei em golpear sua cabeça, mas decidi pisar em sua garganta, várias e várias vezes.

Ele deve ter morrido no quinto ou sexto pisão.

Tenho certeza que nas poucas casas ao redor, pessoas se escondiam olhando pelas janelas torcendo para que eu não os visse. E era um fato, o mundo está cheio de gente morta andando pelas ruas, fazendo com que aquelas pessoas que não obedeceram às ordens do governo se refugiassem em suas casas, eu tinha certeza que uma ou duas casas na minha rua ainda tinham gente morando, e naquele momento eu conseguia ouvir murmúrios, via luzes acesas e sombras, então sim, tinha gente ali, será que algum deles tentou ligar para a polícia?

Não tive prazer em matar aqueles idiotas, mas não deviam ter cruzado o meu caminho, não deviam ter atirado em mim, mesmo que balas de borracha, não deviam ter cruzado o meu caminho.

O fedor dos mortos atingiu o meu nariz, o cheiro vinha de dentro da casa, não me lembro de ter zumbis lá dentro, será que é a avó do cara? Entrei na casa, escutei o som de carne sendo mexida, de ossos sendo quebrados, o barulho vinha do quarto onde eu estava preso, lá dentro o idiota que eu quebrei o pescoço estava comendo o intestino do mijão.

- Que merda, além de idiota ainda foi mordido.

O fedorento parou seu almoço garantido para tentar arrancar um pedaço de mim, ele não parecia com os zumbis que eu já vi até hoje, sua cabeça estava torta por causa do pescoço quebrado, mas não faltava nem um pedaço, seu rosto estava inteiro, o sangue em sua boca e mãos vinham do mijão morto.

- Foi mordido e não avisou aos coleguinhas nê?

Dei um sorriso, ele já estava em pé e veio em minha direção, Cherokee estava pronta, ela vibrava querendo provar o gosto do sangue daquele zumbi de cabeça torta, foi um golpe só, bati de cima para baixo, o ângulo facilitou, no corte um pedaço da orelha saiu voando, a lâmina entrou fundo, senti o contato com o osso e com os miolos, minha mão apertava o cabo da minha amiga, e a gravidade fez com que o corpo se soltasse e caísse como um pedaço de merda no chão.

Fiquei curioso para saber onde ele havia sido mordido, me abaixei, levantei a camisa dele e não vi nenhuma marca, o virei de costas, nada! Abaixei suas calças, também não vi marca alguma, nem um arranhão novo ele tinha.

- Que merda é essa?

Aquilo estava muito estranho, o gordo que perfurei o rosto com o pé da cadeira continuava no mesmo lugar que eu o deixei. Fui até o mijão e o golpeei na cabeça, o cara já tinha sido comido, não precisava se transformar também. Voltei para a rua, o corpo do Maicon estava lá, me sentei na calçada e fiquei olhando para ele, sei que deveria voltar para casa o mais

rápido possível, mas algo me dizia que deveria esperar um pouco.

Não sei dizer exatamente quanto tempo passou, talvez uma ou duas horas, mas finalmente ele começou a se mexer, pelo menos sua boca se movia, ela abria e fechava.

Cheguei bem perto e vi que ele havia se transformado, seus olhos estavam abertos, não faço ideia a cor que eram antes, mas agora estavam com a mesma coloração dos outros mortos.

- Você também não foi mordido né? Acho que tenho uma coisa nova para acrescentar no caderno da Jéssica.

Por fim pisei no rosto dele com o máximo de força que consegui, meu pé atravessou carne, nervos, ossos e miolos até chegar ao chão. Finalmente minha adrenalina baixou, e agora minhas roupas estão sujas com o sangue daqueles caras.

Depois de alguns minutos percebi onde eu estava, na Santa Terezinha, uma avenida relativamente nova no bairro, mas já tinha cerca de um ano que ficou pronta. Se eu a subisse poderia virar umas cinco ruas e chegar perto de casa, se eu descesse ia parar na Andradas, o caminho seria mais longo, mas, pelo menos, me daria a chance de despistar qualquer idiota que ousasse surgir.

Três dos meus cinco sequestradores estavam mortos, a Cherokee provou um pouco de sangue, não tinha nenhum zumbi a vista, eu estava pronto para esquecer aqueles idiotas e ir para casa.

Desci a Santa Terezinha e cheguei na Andradas, três dias depois de passar pela primeira vez, e com mais três mortes na conta, não vi nenhum zumbi por ali, somente aqueles que

caíram primeiro e tinham se detonado lá em baixo. O carro não estava mais no lugar onde eu bati, cheguei mais perto e vi que ele tinha caído no rio, o que foi uma boa, já que levou uma porrada de defuntos com ele. Coloquei a mão na testa e senti o galo, o idiota com a arma de borracha conseguiu acertar no mesmo lugar que me machuquei com a batida de três dias atrás, agora sim estou feliz de ter matado aquele filho da puta.

O corte em minha cintura não estava doendo tanto, pensei na Márcia, acho que eu estava sorrindo, e eu conseguia sentir o seu perfume em mim. A Cherokee estava em minha mão direita, a sacola com os mantimentos e o embrulho estavam na esquerda. Não vi nenhum zumbi andando pela Itamar, só alguns que foram pisoteados quando o mar fedorento passou. Cheguei na rua de casa, tirando os pedaços e a sujeira, não tinha nenhum deles por perto, o caminhão ainda estava parado na esquina, um tênis jogado na rua chamou a minha atenção, ele era estranhamente familiar e isso me aterrorizou. Corri para casa, o bloqueio de mortos na porta tinha caído, entrei, subi as escadas e a entrada para a laje estava firme.

- É o Davis! - Falei batendo na mesa que servia de porta.

Escutei o arrastar da estante que segurava a mesa que tapava a porta, ela se abriu, a Jéssica me agarrou desesperada, a Bianca estava em seu braço, o cheiro na laje estava horrível. E aos prantos ela me contou que o Pedro estava morto. A culpa era minha, eu não devia ter saído, jamais deveria ter confiado na Karol, essa merda de mundo não deveria ter acabado e a Jéssica não deveria ser obrigada a matar alguém.

E junto com a culpa eu também sentia um orgulho sombrio, ela vingou a morte do irmão, e a **sombra** também me fazia sentir uma gota de inveja por não ter sido eu a usar a faca. Ela estava abraçada a mim e seu corpo pedia ajuda, a dor por perder seu irmão era forte, e o peso de ter matado alguém a deixava ainda mais deprimida.

Fui treinado para matar, ninguém me treinou para conviver com as mortes, isso aprendi com a prática. Naquele momento só tinha uma coisa que poderia fazer, deixar que ela continuasse abraçada a mim.

- Eu sinto muito Jéssica.

Ficamos abraçados por um bom tempo, o sol já estava se escondendo, a laje fedia a morte. Me levantei e peguei os suprimentos que a Maria me deu e entreguei uns bons pedaços de bolo para ela, também tinha uma garrafa térmica de café com leite, a garotinha forçou um sorriso. Abri o embrulho que a Márcia me deu, dentro tinha uma machadinha, cabo preto de carbono, uma lâmina fosca, não tinha o martelo na parte de trás, mas era uma bela peça, e junto ao papel, tinha um bilhete.

*“ Era do meu irmão, a mamãe achou que você faria melhor uso, ela te viu lutando com aquelas coisas, e desculpa pelo jeito do meu pai, e acredite ou não, a ideia de tirar você da rua foi dele. Espero te ver de novo.
Beijos, Márcia. ”*

SOLDADO

Senti um arrepio, mas dessa vez não de um jeito ruim, mas, minha atenção se voltou para os dois corpos na minha laje, o do zumbi que me ajudou a sair e caminhar entre os mortos, e o da Karol, a faca da Jéssica ainda estava presa ao corpo. Sem dúvidas isso vai aterrorizar a garota por um bom tempo, não só o fato de ter matado alguém, mas de também ter perdido o irmão e ter visto a morte dele, e merda, ela ficou esse tempo todo ao lado da pessoa que matou.

- Eu confiei em você. - Falei olhando para o corpo da Karol.

Em seguida, tirei a faca do ouvido dela, coloquei no chão, peguei o seu corpo e joguei da laje. Não consegui ouvir o som da pancada, acho que minha raiva ocultou minha audição, depois joguei o outro corpo. Anoiteceu, me sentei e deixei as meninas se aninharem aos meus braços, elas dormiram e eu fiquei ali olhando para as duas, acho que estou chorando, o Pedro deveria estar ali.

Todo o trabalho que tive para tirar os mortos da minha rua não serviu para porra nenhuma, nossa comida se resumia ao pouco que a Maria me deu, não dava para sobreviver ali por mais tempo, assim que o dia clarear era a hora de ir embora. Durante a madrugada escutei um barulho alto seguido de gritos femininos, o som vinha de alguma casa vizinha, as garotas acordaram.

- O que foi isso? - Perguntou a Jéssica, acordando assustada e se agarrando a irmã.

- Não sei querida. - Olhei pelo muro, e então percebi o que estava acontecendo. - Tem zumbis atacando uma casa ali na frente, acho que é a casa daquele senhor que vendia verdura.

- Você tem que ir lá.
- Eu não quero deixar vocês, não de novo.
- Vai ajudar, eu fecho a porta, se você prometer que vai voltar, a gente vai ficar bem.
- Eu prometo.
- Então vai!

Ainda estava escuro, mas a luz dos postes me dava visão o suficiente, eu percebi no olhar da Jéssica que ela não queria que eu as deixasse, mas acho que ela está tentando ser forte depois do que aconteceu e do que teve que fazer. Só que eu precisava ajudar. Um dos gritos parecia ser de uma garota não muito mais velha que ela.

Era hora de testar a machadinha que a Márcia me deu, a segurei com a mão esquerda e minha Cherokee com a direita, desci as escadas e cheguei na rua. Acho que descobri que a morte do Pedro me impactou tanto que esqueci meus ferimentos, minha cabeça ainda estava doendo, assim como minha cintura, mas que se foda. Andei em direção da casa, os gritos tinham parado, só que a luta continuava, não tinha muito defunto andando pela rua, três estavam caminhando até o barulho, mas eu os impedi.

Acertei a nuca do que estava mais à esquerda, ao mesmo tempo em que acertei o pescoço do fedorento á direita. A machadinha de cabo preto fez um belo trabalho, seu fio estava novinho em folha, a lâmina perfurou cabelo, couro cabeludo, pele, crânio e cérebro com uma facilidade incrível, acho que a Cherokee ficaria com ciúmes, mas ela cortava mais que faca quente em manteiga. O zumbi da direita caiu com a força do meu golpe, mas ainda estava vivo, o terceiro deles se virou bem a tempo de ser golpeado no rosto, cortei o nariz dele ao meio, rasguei do olho direito até o canto esquerdo da boca.

Depois pisei na cabeça do último, em seguida corri até a casa, a porta estava aberta, consegui contar uns seis ou sete lá dentro.

- AÊ SEUS FILHOS DA PUTA! VENHAM AQUI FORA!

Eu gritava e batia as lâminas das machadinhas uma na outra. E funcionou, eles abandonaram seja lá quem for e vieram até mim, o êxtase da batalha começou. Eu agora tinha duas machadinhas, merda eu estava me sentindo um viking! E os fodidos me ajudaram a aumentar essa sensação, abaixei minha cabeça deixando meus olhos fixos neles, meu corpo balançava de um lado para o outro, eu sentia o peso das minhas armas, sentia o vento fresco da madrugada, alguém estava chorando lá dentro, abri um sorriso e ataquei. Foda-se os meus machucados, eu queria sangue.

Queria destruir aqueles filhos da puta para tentar esquecer que falhei com o Pedro, eu queria descontar toda a raiva que sentia de mim mesmo, não só por ter deixado a Jéssica matar alguém, mas também por não ter sido eu a enfiar aquela faca. Eles vieram um por um, a porta não permitia que passassem juntos, bati com a lateral das machadinhas, arrebentei a cabeça do primeiro usando a machadinha preta, senti o sangue e pedaços de ossos atingirem o meu rosto, levantei a mão com a Cherokee e acertei o segundo, minha amiga tinha a lâmina menor mas também fez um belo estrago.

Me afastei, deixando os cinco restantes caminharem para fora da casa, eu tenho certeza que estava sorrindo, e cara, a coisa foi linda. Eu girava os braços e os acertava com tanta força que eles quase voavam para o lado, o último em pé teve o prazer de receber um golpe duplo, bati em cada lateral da sua

cabeça fodida com as minhas machadinhas, os olhos dele saltaram, e eu gritei.

- HAAAAAAAAAAAAAAAAA!

Esperiei alguns segundos, nenhum zumbi saiu lá de dentro, ouvi uma porta se abrir, três pessoas apareceram, uma mulher de talvez uns 30 anos, uma garota que aparentava ter a idade de Jéssica e a outra um pouco mais nova.

- Obrigada. - Disse a mais velha.

- Vocês não moram nessa casa.

- Não, a gente só se escondeu aqui quando eles nos cercaram.

- Vocês tem comida aí?

- Um pouco.

- Venham comigo se quiserem, eu moro ali na frente.

Me virei e fui para casa, eu dei uma escolha para elas, me seguir ou ir embora, muitas pessoas não pensariam duas vezes em meter o pé, só que naquele momento eu era o homem louco que matou 10 zumbis em menos de 3 minutos usando duas machadinhas, uma delas com estilo nativo americano e a outra que cortava tão rápido que parecia até o bote de uma cobra, tá aí, o nome dela vai ser Naja.

Esperiei um pouco e elas vieram, não falaram nada, elas estavam com mochilas, a mais velha tinha um pedaço de vidro ou algo assim nas mãos, sem dúvidas aquilo era para me atacar se fosse preciso. Quando cheguei perto da minha casa eu chamei pela Jéssica.

- Jéssica! - Ela apareceu no muro. - Temos visitas.

Fiz isso para mostrar que eu não era uma ameaça, pelo menos não para elas, e acho que a Jéssica precisa interagir com pessoas da idade dela, quem sabe assim ela não se sente melhor, apesar das circunstâncias.

- Vocês são bem-vindas para esperar amanhecer, na parte de baixo da minha casa tem alguns corpos, então vocês tem que tomar cuidado onde pisam, e tapem o nariz, o cheiro não está nada bom. - Elas entraram na minha casa, e quase vomitaram. - Subam as escadas, vou dar um jeito nessa bagunça aqui, a Jéssica e a Bianca estão lá em cima.

- Toma. - Ela tentou me passar uma das mochilas.

- O que é isso?

- Comida.

- Não precisa.

- Oi. - A Jéssica desceu as escadas.

- Essa é a Jéssica, foi ela que me mandou ir até vocês.

Se precisa agradecer a alguém, agradeça a ela.

- Obrigada mesmo assim. - Elas subiram.

Eu não tinha intenção de ficar em casa por muito tempo, a gente estava exposto naquele lugar, se outro mar de mortos surgisse seria o nosso fim.

Mas eu tinha que pensar em um plano, um bom lugar para levar as duas, será que a Márcia nos aceitaria na casa dela? Ou melhor, o Joseph? Ignorei meus pensamentos e comecei a tirar os mortos da minha sala, os joguei na rua, a casa estava incrivelmente nojenta, pedaços deles estavam espalhados por todos os cantos, e a decomposição estava muito avançada. Tentei não fazer muito barulho quando forcei a porta para cima,

ela estava destruída, mas com a geladeira e o sofá escorando, ainda dava para ter uma pequena proteção.

Eu estava imundo mais uma vez, sem dúvidas a falta de higiene será algo tão ruim quanto os mortos. A ferida na cintura começou a coçar, só então eu me toquei que eu ainda não estava livre do perigo, antes de me cortar, eu já tinha usado a Cherokee para matar zumbis, o sangue deles pode estar circulando pelo corpo, não existe um número exato de dias para algum infectado se transformar, eu precisava deixar a Jéssica e a Bianca em segurança, caso alguma coisa me aconteça.

Fui até o meu quarto, tirei a roupa e o curativo, os pontos pareciam firmes, o corte ainda estava bem vermelho, fui para o banheiro, liguei o chuveiro e lavei meu rosto antes do corpo, eu não queria correr o risco de mais sangue podre entrar na minha ferida, quando terminei, peguei uma bermuda jeans e minha última camiseta preta. Durante o banho lavei a Cherokee e a Naja, as prendi na bermuda, calcei meu último par de botas e voltei para a laje. A Jéssica estava conversando com as duas mais velhas, ela parecia bem, a Bianca estava mostrando alguma coisa para a mais nova.

- Vocês estão bem? - Perguntei.

- Sim, obrigada mais uma vez.

- Sou o Davis. - Estiquei minha mão para a mulher.

- Eva, essas são minhas irmãs, Evelyne – Apertei a mão dela. - E a menor é a Evangeline.

As três eram bem parecidas, eu diria que eram mãe e filhas, todas tinham cabelos castanho claro e um tom de pele moreno claro, estavam vestidas quase do mesmo jeito, camisa preta e calça legging.

- Davis, elas estavam me contando como ficaram presas na casa. - A Jéssica parecia animada, isso era bom.

- Pois é, a gente estava indo para cidade junto com outras sete pessoas, só que um grupo de mortos nos cercou, peguei minhas irmãs e corri.

- Entraram na casa para se esconder? - Perguntei.

- Sim, não eram os mesmos que pegaram meu grupo, acho que somos azaradas ou algo assim.

- Sempre que tentamos ir para algum lugar, encontramos essas coisas. - Disse a Evelyne, era engraçado ver como a voz delas era parecida, ambas tinham um timbre bem grave, me fazia lembrar de uma cantora, alguma coisa Carolina.

- Todos somos azarados então, esses Dementadores estão em todos os lugares. - O olhar da Jéssica se voltou para o chão.

- Dementadores? - Perguntou a Evelyne achando graça.

- É assim que eu os chamo, Dementadores são personagens de Harry Potter.

- Eu sei! Eu li todos os livros.

- Sério? Minha mãe lia para mim, eu adoro!

Harry Potter? Parece que ele é realmente um mágico, um segundo antes a Jéssica olhou para o chão, sem dúvidas pensando em como os mortos são perigosos, e em um piscar de olhos estava sorrindo novamente. Não tenho certeza mas acho que meus olhos estavam se enchendo de lágrimas. Elas estavam quase rolando, mas a Eva balançou a cabeça me chamando para conversar longe das meninas.

- Você mandou muito bem lá, obrigada.

- Você já me agradeceu.
- Eu sei é que... eu não sei lutar e não tenho armas, e honestamente não faço a menor ideia do que estou fazendo.
- Você sempre pode correr. - Era verdade.
- Não sei se você reparou, eu sou gordinha, não consigo correr por muito tempo. - Realmente não reparei, e também não a achava gordinha.
- Acho que ninguém sabe ao certo o que fazer, os mortos nunca caminharam antes.
- Não estou falando deles, estou falando... - Ela respirou e olhou para as irmãs. - Delas, eu estive fora por grande parte da vida delas., eu voltei quando essa coisa toda começou.
- Com quem elas estavam?
- Com meus pais, eles...
- Eu sinto muito. - Aconteceu o que sempre acontece.
- Foi difícil, achei que tudo ia ficar bem, só que, bom, não ficou. Elas são tudo o que eu tenho e sei que sou tudo o que elas tem.
- E o seu grupo? Você disse que estavam indo para a cidade, por qual motivo?
- A comida tinha acabado, não tinha ninguém nas outras casas, um rapaz chamado Mateus, sugeriu que a gente fosse para o centro, ou para o Santa Efigênia.
- Procurar comida?
- Nos mudar, tem um shopping na Andradas, um outro no Centro, e se não me engano na Savassi e no Lourdes também tem.
- Queriam fazer compras? - Achei a lembrança engraçada.
- Dentro desses shoppings tem supermercados, farmácias, praça de alimentação, lojas de roupas, portas

automatizadas, e muito espaço. Além disso, o shopping do centro tem muitas outras lojas ao redor dele.

- Shopping, parece um bom lugar para ir, eles não foram saqueados nos primeiros dias? - Minha pergunta fazia sentido.

- Não sei, lembro que quase todas as lojas tinham sido lacradas por fora, exatamente para evitar esse tipo de coisa, e não acho que alguém tenha voltado depois, as coisas aconteceram muito rápido.

Era verdade, antes de cair o governo tinha ordenado uma evacuação dos grandes centros, e a infecção se espalhou muito rápido, com duas ou três horas um pequeno grupo de 10 zumbis se transformava em um bando de 100 ou 200.

- Precisaria de pessoas para fortificar e proteger um lugar assim. - Senti a Cherokee e a Naja vibrando, elas gostavam de ação.

- Pois é, a Jéssica estava contando que você era amigo do pai dela, e os ajudou. Ela disse que você é bom nisso.

- Também falou que três dias atrás o irmão dela foi morto, e que a culpa foi minha?

- Não... Ela nos contou que você se encheu de sangue e andou entre os.. Dementadores – Ela sorriu ao falar isso. - E também falou sobre a moça que atacou vocês e mesmo assim foi acolhida, e também disse que foi culpa dela. - Respirei fundo. - Olha só, eu não sei se consigo manter minhas irmãs vivas, essa é a verdade. Eu morreria por elas, e acho que isso vai acontecer a qualquer momento.

- O que você quer?

- Olha, eu só estive com poucas pessoas desde o começo dessa coisa toda, não precisamos ver e nem vivenciar

algumas porcarias que aconteceram nos primeiros dias. - Eu sabia do que ela estava falando. - Alguns não vão nos ver como uma mulher, uma adolescente e uma criança, tudo o que veem são três mulheres fracas que devem dar prazer a eles. - Ela estava chorando, o pensamento era repugnante.

- Quer ficar com a gente? - Eu tinha que dar fim ao sofrimento dela.

- Por favor! - Respondeu aliviada.

- Bem-vinda.

- Obrigada! Muito obrigada! - Ela me abraçou. Meu olhar se cruzou com o da Jéssica, ela estava sorrindo.

- Tudo bem. Mas antes de qualquer coisa, tem uma coisa que eu preciso contar para vocês, se vamos ser um grupo...

- Uma família! - Corrigiu a Jéssica.

- Uma família. - Consertei a fala. - Se vamos ser uma família, tem algo que eu tenho que contar para todas vocês.

Elas estavam me olhando com curiosidade, a Bianca estava entretida com um pedaço de madeira com pregos, eu já devia ter contado algumas coisas para a Jéssica, coisas que ela precisava saber. E agora com três novas pessoas, acho que é hora de colocar isso para fora.

- O que foi Davis? - Perguntou a Jéssica impaciente.

- Eu preciso falar sobre o meu passado.

Contei tudo, expliquei cada detalhe sombrio, contei todas as merdas que eu fiz e que ajudei a fazer, contei sobre o Giovanni, sobre o esquadrão da dor, do Glover, do Johnson e o que eu fiz com eles. E contei sobre a Jamira, lembrar dela foi doloroso, acho que chorei. Foi fácil perceber a confusão no olhar da Eva

e sua irmã Evelyne, já a Jéssica me olhava com ternura, parecia que estava sentindo pena de mim, merda, a garota viu o irmão ser devorado e agora estava compartilhando seu sentimento comigo. O sol já estava alto quando terminei.

- Já que nossa família cresceu, achei que deviam saber quem eu realmente sou.

- Isso é... uma loucura total! - falou a Eva.

- Só que você é do bem, não é um cara mal. - A Jéssica tentou me defender.

- Jéssica, eu não sei se sou um cara do bem.

- Claro que é Davis! Você me ajudou, ajudou meu pai, minha irmã, meu irmão... meu... e você ajudou a Jamira.

- Jéssica, eu... seu pai, seu irmão e a Jamira, eu devia ter protegido todos eles, só que... eu não consegui. - Fiquei de joelhos na frente dela.

- Não! Você não vai falar quer é mal, não foi você que matou a Jamira, não foi você que matou meu pai e não foi você que matou meu irmão. Eu... o Harry Potter sempre achava que era o culpado por seus amigos se machucarem, só que não era! Eles escolheram estar ao lado do Harry, eles escolheram enfrentar Aquele-que-não-se-deve-nomear.

- Quem? - perguntou a Eva.

- O Voldemort. - disse a Evelyne para a irmã.

- Nem tudo é como nos livros.

- Eu acho que só de contar isso para gente é um sinal de que você é uma boa pessoa, bom, uma pessoa boa que fez muita coisa ruim, só que na atual circunstância ter alguém assim por perto é algo bom. Poxa, você salvou a gente.

- Ai... - Me curvei ao sentir uma pontada de dor na minha cintura.

- Davis, você tá bem? - A Jéssica me amparou nos seus braços.

- Estou, eu caí e a Cherokee me cortou.

- Cherokee? - Perguntou a Eva, respondi batendo a mão na lâmina da minha amiga.

- Quer que eu limpe?

- Não precisa Jéssica, olha só – levantei a camisa e mostrei o curativo – já está limpo, só doeu mesmo, eu encontrei uma família que me ajudou.

- E eles morreram? - Essa pergunta da Jéssica me pegou de surpresa.

- Não, querida. Eles estão bem.

- Não vieram com você, foram eles que te deram essa machadinha preta?

- Sim, dei o nome de Naja para ela, eles não vieram por que lá é a casa deles, mas olha isso aqui – Passei o bilheta da Márcia para ela – A gente foi convidado a ir para lá.

- A gente? Você falou da gente para eles?

- Claro que falei, vocês são a minha família não é? - Ela sorriu quando eu disse isso, a Eva deu uma coçadinha na nuca.

- E o que vamos fazer agora? - Perguntou a Eva, ainda coçando a nuca.

- Acho que a ideia do shopping é uma boa – ela gostou de ouvir isso – só que tenho que fazer duas coisas primeiro, dar uma vasculhada em algumas casas, tentar achar qualquer coisa útil, e podemos usar aquele caminhão ali, e claro, ir buscar a família da Márcia, se eles quiserem ir com a gente é claro.

- Você precisa sair de novo Davis? Pegar o caminhão? - A Jéssica estava com lágrimas nos olhos.

- Jéssica, eu não consigo imaginar o que você teve que passar – segurei as mãos dela – Eu sei que você está sendo

forte pela Bianca, eu sei disso! Mas eu preciso aproveitar que não tem mais aquele mar de mortos aqui e tentar achar mais coisas para gente sobreviver, além de comida, tenho que encontrar alguma coisa para Eva e as irmãs se protegerem, você tem a sua faca, elas precisam de algo também.

- Eu... não sei se quero continuar com ela.

- Jéssica, você não fez nada de errado, em um outro mundo talvez, só que nesse, você fez o que precisava fazer. Por isso eu digo que não sou um cara bonzinho, eu estou agradecido por você ter feito aquilo.

- Agradecido?

- Sim, eu já machuquei muita gente, estou longe de ser uma pessoa boazinha, mas eu nunca machuquei nenhuma garota, e eu não saberia como reagir.

- Meu Deus, ela é só uma criança! - A Eva escutou a conversa e ficou espantada com a situação.

- Eu não acredito que as coisas vão voltar ao normal, antes da TV sair do ar a coisa já tinha se transformado em um inferno total, duvido que algum país ainda esteja normal. Não existem mais crianças, jovens e adultos, somos só pessoas, pessoas que tentam sobreviver e que infelizmente precisam fazer de tudo para proteger os seus amigos e a sua família, e nesse caso, se vingar se for preciso, assim a pessoa não vai machucar ninguém outra vez, e acredite Eva, eu sei que isso é uma merda, mas eu faria o mesmo por você e por suas irmãs.

- Eu...- ela suspirou – Eu sei.

Por mais duras que minhas palavras tenham sido, essa merda era verdade, para os mortos somos só pedaços de carne que eles querem devorar, para os vivos, podemos ser alvos, vítimas inocentes esperando por um ataque, esperando para ter nossos suprimentos roubados, nossos corpos usados e, por fim

nossas vidas tiradas, eu não deixaria isso acontecer, pelo menos não com facilidade, se alguém quisesse tirar o que era nosso, teria que lutar muito para conseguir.

- Eu vou ensinar vocês a se defenderem, posso te ensinar e você ensina suas irmãs – falei com a Eva - Ou se preferir, posso ensinar todas juntas.

- Eu quero. - disse a Evelyne tomando a frente de sua irmã.

- Evely!

- Eva, a gente precisa disso, eu não quero que... aquilo aconteça de novo.

- Aquilo o que? - perguntou a Jéssica.

- Um rapaz me agarrou, eu tentei me soltar só que não consegui, a Eva chegou a tempo e ele não conseguiu fazer nada pior, só que ele me machucou, não quero ficar vulnerável outra vez.

- Ele segurou o corpo dela com o braço esquerdo, e tentou colocar a outra mão na calça dela. Ainda bem que cheguei a tempo.

- Eva – eu a interrompi – Eu prometo que depois que aprenderem a lutar, isso nunca mais vai acontecer, e se alguém se meter a besta com vocês, vai se arrepender profundamente.

E ali estava eu, fazendo outra promessa. Deixei a Eva tomando conta da Bianca e sua irmã mais nova, ela autorizou que eu levasse sua irmã Evelyne comigo, a Jéssica também estava ao meu lado, ela disse que precisava aprender tudo para poder cuidar da sua irmã, e coletar suprimentos era parte desse ensinamento.

A Eva ficou o tempo todo nos olhando da laje, seus braços estavam cruzados e sua expressão era de preocupação,

fiz um sinal com a cabeça quando nosso olhar se cruzou, ela entendeu que eu não deixaria nada acontecer com sua irmã.

- Tenho que pegar uma coisa lá em casa. - Disse a Jéssica, assim que pisamos na rua.

- Tá bom, fiquem atrás de mim e escutem tudo o que eu vou falar, se eu disser para correr, vocês correm, se eu falar para ficar, vocês ficam, entenderam?

- Sim. - Elas falaram junto, e depois cochicharam alguma brincadeirinha que não entendi.

- Prestem atenção cabeçudas, Evelyne...

- Pode me chamar de Evy, é mais fácil.

- Evy, toma – passei a Naja para ela – isso é só um empréstimo tá? - ela concordou com a cabeça – Jéssica, fique com sua faca na mão também.

- Nagini.

- O quê?

- O nome dela.

- Igual a cobra do milorde. - disse a Evy sorrindo.

- Foco meninas!

Andamos até chegar em frente a casa da Jéssica, a porta estava aberta, a casa tinha sido invadida pelos mortos a algum tempo, e sem dúvida alguma, a casa foi tomada outra vez quando o mar estava na rua.

- Olha, eu vou explicar uma coisa muito importante, nunca entrem em nenhum lugar, fechado ou aberto, sem fazer isso primeiro. Os mortos são atraídos pelo som, os vivos também, mas nesse caso vamos falar dos defuntos, se a porta estiver aberta, vocês devem bater nessa madeira aqui do lado, estão vendo? - bati com o martelo da Cherokee.

- Isso não vai atrair eles? - perguntou a Jéssica.

- Vai, e é isso que a gente quer, temos que ter certeza de que não vamos ser surpreendidos por eles lá dentro. Parece que não tem nenhum vagando ai dentro.

- Vamos entrar?

- Ainda não Jéssica, se nenhum deles aparecer quando vocês fizerem barulho, vocês devem entrar com muito cuidado, pode ter pessoas vivas, pessoas que vão atacar vocês para proteger o que elas tem.

- Podem ser pessoas precisando de ajuda também. - Falou a Evy claramente incomodada.

- Sim, mas de todo jeito vocês tem que entrar com muito cuidado. E é bom sempre ter uma rota de fuga na cabeça, aqui só tem essa porta então só podem sair por ela, nunca entrem em um lugar onde não sabem como sair. Entenderam?

- Sim. - falaram juntas mais uma vez, mas agora não fizeram nenhuma brincadeira.

Mandei que elas ficassem atrás de mim o tempo inteiro, o chão estava mais imundo e o lugar mais fedorento do que no dia em que tirei as crianças de lá, subimos para o andar de cima, não encontramos nenhum deles, só os pedaços arreventados pelo chão. Jéssica entrou em um dos quartos, saiu de lá com uma mochila azul com o desenho de um carrinho de algum filme, não perguntei nada mas sabia que era do Pedro. Acho que a vi colocando fotos dentro dela, continuei calado. Ela entrou no quarto que dividia com a Bianca, pegou mais algumas mudas de roupa, todas para a irmã.

- Não precisa pegar muitas, tenho certeza que no shopping deve ter lojas cheias de roupas novas para você e para ela. - Falei tentando animar, e parece ter funcionado.

- Caramba é verdade! Eu nem tinha pensado nisso. - Disse a Evy com sua empolgação contagiando a Jéssica.

- Tá bom, vou pegar só algumas então. - Agora ela estava sorrindo.

Ficamos na casa por menos de dez minutos, não procuramos suprimentos, a gente já tinha pego tudo o que podia antes, a Evy viu uma faca na cozinha, ela disse que seria uma boa forma de se defender, antes que eu falasse alguma coisa, a Jéssica explicou o motivo da faca de cozinha não ser a arma ideal.

- A lâmina dela é fraca, se você tentar furar a cabeça de um dementador, ela pode escorregar e você cair em cima dele e ser mordida, ou sua mão pode escorregar e acabar se cortando feio. Você precisa de uma faca dessa aqui – ela levantou a Nagini.

- Entendi.

- Ela serve para assustar quem tá vivo não serve? - A Jéssica perguntou para mim.

- Sim. – falei a contragosto.

- Só que é bom ter uma dessas se a de mentira não funcionar. - Ela levantou a Nagini outra vez, para dar ênfase no que falava. - E se você for matar um dementador, tem que enfiar a faca nas partes moles, é mais fácil. Tipo, nos olhos, nuca e ouvido.... Funciona nos vivos também. - uma expressão triste tomou o rosto dela, seu olhar se cruzou com o meu, dei uma piscadinha e um sorriso de lado, e outra vez o sorriso da Jéssica voltou a brilhar.

A Evy decidiu pegar a faca, pedi que a Jéssica me desse uma folha de papel, mesmo com a casa destruída ela era a dona, e eu respeitaria isso. Ela trouxe uma folha de caderno, enrolei a lâmina da faca e a devolvi.

- Essa não precisa de nome, vamos achar alguma coisa que você possa nomear, chamar de Voldemort, Harry ou de Malfoy. - Elas ficaram surpresas por eu conhecer o nome “Malfoy”.

- Você já viu Harry Potter? - perguntou a Jéssica.

- Já ouvi um pedaço do filme um tempo atrás. - quase gargalhei com a lembrança – me lembro de ter ouvido esse nome. Já pegou tudo que precisava?

- Ainda não, espera aí! - ela subiu a escada correndo, depois voltou com um livro na mão – toma, esse é o “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, o primeiro livro, estava no quarto do Pedro, assim você pode conhecer um pouco mais.

- Obrigado. - Eu a abracei, o cotovelo dela acertou minha cintura, a dor passou por todo meu corpo, mas eu estava sorrindo.

Finalmente saímos da casa, pedi que ela guardasse o livro em sua mochila, a Eva estava na laje sorrindo para gente, fiz um aceno positivo para ela e em seguida apontei para a casa do lado, se não me engano pertencia a uma senhora chamada Martinha, lembro que ela tinha um sotaque italiano, e quase todo domingo sua casa ficava cheia, tomara que tenha muita comida lá dentro. Ouvi um barulho estranho, como se um grito fosse abafado, olhei para a laje e a Eva não estava mais lá.

- Meninas, fiquem atrás de mim. - Virei meu corpo na direção da minha casa.

- O que foi? - Perguntou a Jéssica.

- Não sei ainda, mas acho que tem alguma coisa errada lá em cima. - dessa vez todos nós ouvimos o som.

- É a Bianca! - A Jéssica tentou correr para casa, eu a impedi com meu braço.

- Jéssica, preciso que você leve a Evy para sua casa.

- Não, a Bianca tá lá em cima! Eu não posso perder ela... eu não posso.... Eu não.... Eu não posso... - Ela estava entrando em pânico.

- Jéssica, olha para mim. Olha nos meus olhos. - segurei o rosto dela na minha direção. - Leva a Evelyne para sua casa, eu vou até lá ver o que está acontecendo.

- A Bianca... a Bianca....

- Ela vai ficar bem, a Eva e a Evangeline estão lá, olha para Evy, ela está firme – não estava, mas fingiu bem quando eu disse isso.

- Ela tá bem Jéssica, vem, vamos para sua casa.

A Evy tinha dois anos a mais que a Jéssica, elas ficaram amigas imediatamente, juntando isso à confiança que ela tinha em mim, o pânico foi passando.

- Respira fundo, e toma conta da Evy, se precisar usar a Nagini, use! E não entre em pânico tá? - ela fez que sim com a cabeça. – Eu quero ouvir você prometer.

- Prometo.

- Eu acredito em você, Evy, acho que é hora de devolver a Naja. - Ela me entregou a machadinha – Entra e fecha a porta.

Consegui ver as meninas fechando a porta, segurei a Cherokee com a mão direita e a Naja com a esquerda, elas estavam vibrando, escutei o som abafado outra vez, a rua parecia estranhamente silenciosa, a porta da minha casa estava fechada, eu não tinha falado para Eva bloquear com o sofá, alguém tinha entrado.

Escutei o som outra vez, eu conhecia aquele barulho, elas estavam tentando gritar mas alguém estava tapando suas bocas. Se eu tentasse entrar pela porta faria muito barulho e isso podia significar a morte delas. Mas aquela era a minha casa, já perdi a chave algumas vezes e tive que escalar até a laje para conseguir entrar, coloquei a Naja e a Cherokee na minha cintura, e comecei a subir.

Usei as janelas como escada, não dava para ver lá dentro já que estavam fechadas, mas sem dúvidas tinha pessoas lá dentro, subi pelo lado do cômodo da laje, eu sairia atrás da caixa d'água, não demorei mais do que dois minutos para chegar até lá, olhei para a laje, um homem sem camisa e com uma marca de ferida no peito estava olhando para a rua, o fodido estava inquieto, mexendo as pernas, era o olheiro. Me deitei, rastejei um pouco e consegui ouvir a voz de dois homens dentro do cômodo, e também os gritos abafados e desesperados da Bianca.

- Cala a porra da boca dessa menina, seu arrombado! Eu tenho que me concentrar aqui!

Ouvi o som de tecido sendo rasgado, não dava para esperar mais, pulei da lajinha, cai fazendo um rolamento, e dessa vez a Cherokee não me cortou, me levantei ao lado do olheiro e antes que ele percebesse dei um golpe cruzado, a machadinha da mão esquerda deu um golpe para o lado direito,

e a da mão direita um golpe para o lado esquerdo, as duas chegaram a esbarrar uma na outra lançando fagulhas pelo ar, junto com uma nuvem de sangue, senti a carne se rasgando, as veias e nervos sendo cortados, a cabeça do cara pendeu para trás, ficou pendurada por um pequeno pedaço de pele, o sangue jorrava, o fodido se debateu como galinha sem cabeça.

Olhei para o cômodo, dois homens estavam lá dentro, um deles tinha rasgado a camisa da Eva ao tentar amarrar suas mãos, eu os reconheci, eram irmãos e tinham nome de dupla sertaneja, não faço a menor questão de lembrar qual.

Ambos estavam sem camisa, um deles segurava uma corda e no chão bem ao lado de seu pé esquerdo estavam a Evangeline e a Bianca, as duas presas com as mãos para trás e um pedaço de pano sujo tapando suas bocas. O outro estava tentando amarrar as mãos da Eva, mas ela não se rendeu, seu rosto estava vermelho e sua boca também estava tapada com o mesmo tipo de trapo, atrás dela segurando os seus braços estava um sujeito nojento, seu cabelo era longo e oleoso, já o irmão que estava perto das meninas, não tinha cabelo, e foi o primeiro a falar.

- É ele! Colé filho da puta! Cadê as “arma”? Cadê as “arma” seu arrombado? Colé... - eu o encarava e vi sua expressão mudar, ele tinha visto o que fiz com o amiguinho deles! - COLÉ DOIDO! O FILHO DA PUTA CORTOU O CARA VEI!

Eles estavam visivelmente drogados, caso contrário já teriam me atacado a muito tempo, mas essa pequena distração foi mais do que bem usada, minha amiga leal estava repousando em minha mão direita, a Cherokee era uma

extensão do meu braço, e seu lugar era de dominância, e isso nos tornava mortais!

O careca piscou e eu a arremessei contra ele, caramba, minha amiga o atingiu como uma marretada, a parte do martelo penetrou fundo no crânio suado do filho da puta, foi um golpe rápido e com força, um pouco acima do nariz, ele caiu de costas e bateu a cabeça com tanta força no chão que deu para ouvir os ossos quebrando.

A Naja pedia por sangue na minha mão esquerda, o cabelo oleoso colocou os braços no pescoço da Eva, o olhar dela era uma mistura de medo e confiança, ela sabia que eu estava ali por ela e que essa merda já estava prestes a acabar, fiz um gesto com a cabeça e ela largou o peso de seu corpo e caiu no chão, o sujeito estava drogado demais para conseguir suportar o corpo dela, ele abaixou a cabeça e quando levantou eu já estava na frente dele, tudo o que ele viu foi um vulto vindo da esquerda e atingindo suas costelas.

O corpo dele se dobrou sobre a lâmina, puxei minha amiga e ele caiu no chão enquanto pressionava o buraco novo, a Naja fez um belo corte, profundo o suficiente para abrir até a camada de gordura. Soltei as mãos da Eva, ela correu para a irmã e a Bianca, fui até o careca, o arrastei para perto do irmão e longe da visão das meninas, mas elas já tinham visto a merda toda. O oleoso tinha se mijado inteiro, ele se debatia e girava o corpo de um lado para o outro, talvez tenha pensado que eu tinha terminado, não tinha!

Caminhei na direção dele, o idiota começou a se arrastar para o fundo do cômodo, e finalmente tentou se levantar, apoiou as duas mãos no chão para forçar o corpo para cima, eu o ajudei, usei as lâminas da Naja e da Cherokee, as cravei fundo em suas axilas e forcei para cima, até o levantar, senti o metal cortando pele, carne e encontrando com

o osso, o joguei no banheiro, minhas amigas ainda presas nele, o pressionei contra a parede.

- Vocês me observaram.

Puxei a Cherokee e o golpeei no pulso direito, foi um corte forte o suficiente para fazer a mão ficar pendurada, ele gritou como um porco sendo morto.

- Vocês me viram levar os mortos embora.

Minha amiga queria mais, golpeei a perna direita, fiz um movimento na horizontal fazendo com que o corte tirasse um bom pedaço de bife, a calça não foi empecilho para a minha Cherokee, dei outro golpe na lateral do corpo dele, senti e ouvi as costelas se quebrando, uma delas deve ter perfurado o pulmão, já que o oleoso começou a lutar por ar.

- Vocês viram a criança morrer.

Eu conhecia aqueles homens, e o fato de terem perguntando sobre minhas armas era o sinal de que estavam me observando a algum tempo, só esperando a hora de vir. Um tempo atrás rolava uma fofoca no bairro, falavam que eu era um colecionador ou alguma coisa assim, e esses fodidos só esperaram, viram as garotas e acharam que podiam barganhar ou alguma merda dessa, pensei no Pedro, e a raiva tomou conta de mim, e agora eu precisava punir alguém, puxei a Naja, ele caiu, e eu continuei cortando, cortando, cortando, o banheiro virou uma piscina de sangue, mijó e merda, ele estava morto e eu sorria.

ELO

A morte daquele cara não foi nada bonita, acho que qualquer zumbi ficaria orgulhoso do trabalho que fiz, não sei dizer quanto tempo fiquei ali dentro, mas foi o suficiente para a Jéssica ter vindo e levado as meninas para sua casa. Peguei os outros dois corpos e joguei dentro do banheiro, aquilo marcava os meus últimos momentos naquela casa. Desci as escadas, entrei no meu banheiro e tomei o último banho no meu chuveiro, não sei nem dizer quantas roupas já perdi desde o começo dessa merda toda. Vomitei duas vezes, não pelo modo cruel e bruto que matei aqueles filhos da puta, e sim por não ter reparado que estava sendo observado a tanto tempo, eu era um soldado treinado, um antiterrorista, um filho da puta que já matou e torturou homens extremamente perigosos, e fui tapeado por um bando de marginais covardes.

A camisa que a Márcia me deu estava destruída, quando você abre a barriga de alguém, toda a merda que está lá dentro pode te atingir. Minha raiva diminuiu muito quando pensei na Márcia, em sua voz doce, no jeito que sua pele clara refletia a luz, aqueles cabelos pretos que mesmo após o fim do mundo tinham um delicioso cheiro de perfume...merda, o que está acontecendo comigo?

Acabei de matar três pessoas e estou sonhando acordado? Terminei aquele longo e demorado banho frio, lavei a Naja e a Cherokee, peguei minha última muda de roupa, uma calça de moletom azul escuro, e uma camisa de malha com as mangas cumpridas, essas que protegem contra os raios do sol. Achei um pouco de desodorante, usei o resto. Tentei achar algum perfume mas não encontrei, já tinha detonado tudo no último banho. Coloquei minhas machadinhas na cintura, a ferida estava ardendo um pouco, sai da casa e não olhei para trás.

Antes de ir até as garotas fiz uma parada no caminhão, a chave continuava na ignição, uma sacola estava embaixo do banco do motorista, eram algumas caixinhas de remédio, abri uma e vi que eram as tais bombinhas que a Karolina tinha falado. O tanque estava cheio, e não achei nada na cabine que pudesse ser útil, olhei na parte de trás, nada. Liguei o motor, acionei a ré, depois girei o volante e dirigi até a porta da casa da Jéssica. Puxei o freio de mão, desci e entrei na casa.

A Eva já estava com uma roupa nova, percebi que ela tinha pego uma de suas mochilas antes de descer da laje, era um vestido florido, com estampas de rosas, margaridas e aquela flor branca que não me lembro o nome. Seu cabelo estava molhado e seus olhos inchados de tanto chorar, seu rosto tinha uma enorme marca vermelha, aquele filho da puta mereceu cada segundo de dor.

- Você está bem? - Perguntei do jeito mais amável que pude, ela se levantou e me abraçou.

Ela não precisou falar nada, nos meus tempos de tortura, já tinha presenciado o quão devastadas as pessoas ficam após passar por esse tipo de merda, enfrentar os mortos é fichinha, suportar os pesadelos por ter sido feito refém é outra história.

- Você pegou o caminhão, vamos no shopping? - perguntou a Jéssica, que estava com sua irmã no colo.

- Vamos, mas não agora – a Eva ainda estava me abraçando – Vamos até a casa da Márcia primeiro, se o shopping for uma boa, ela e os pais merecem ir com a gente, eu devo isso a eles.

- Eles são legais? - dava para ver a dúvida no rosto da Evelyne, ela estava em choque por ter visto a irmã em perigo.

- São sim, eles salvaram minha vida. - toquei o rosto da Eva, e olhei nos seus olhos – Eu sinto muito por você ter passado por isso, e por ter visto o que eu fiz. - ela beijou minha bochecha e se afastou.

- Eu estou bem agora.

Algumas pessoas fugiriam, ela não fez isso, talvez por eu ter sido honesto com ela, ter contato que eu estou longe de ser o mocinho ou o herói, eu sou um assassino, um torturador, alguém que justificava seus atos com o lance do “eles mereceram”, e merda, mereceram mesmo, assim como eu mereço morrer de algum jeito terrível.

- Vamos? - perguntou a Jéssica com empolgação e alívio em sua voz.

- Quer dirigir? - perguntei para ela.

- Sério?

- Não, é claro que não! - ela socou meu ombro, entramos no caminhão e partimos.

Não as deixei ir na parte de trás do caminhão, elas ficaram comigo dentro da cabine, joguei pela janela a sacola com as bombinhas, não deixei a Jéssica ver, ela estava se sentindo melhor e eu não estragaria isso, e sem dúvidas ajudar os amigos da Karolina não estava nos meus planos. Dirigi pelo mesmo caminho que percorri a pé quando estava no meio dos mortos. Ao chegar na Andradas, dei uma pequena parada para olhar a situação no rio, tirando aqueles mortos que estouraram quando atingiram o chão, não vi sinal dos outros, talvez

tenham sido levados pela água ou simplesmente andaram para algum dos lados.

Voltei para o caminhão, eu estava ansioso para ver a Márcia, só não sabia como o pai dela reagiria com o meu retorno, ainda mais com cinco pessoas comigo. Finalmente cheguei na rua deles, deixei o caminhão atravessado, assim caso algum grupo de zumbis viesse, teriam só um caminho apertado para passar.

- Vamos subir a rua a pé, eles moram no final dela.

- Você acha que eles vão gostar da gente? - Perguntou a Jéssica.

- Quem não gostaria de vocês? - falei sorrindo – Só estou um pouco preocupado com o velho, ele não é do tipo agradável, então se ele falar alguma coisa ruim, não levem a mal, combinado? - todas confirmaram com suas cabeças.

Descemos, começamos a subir a rua e olhei na direção da casa dela, meu coração estava batendo mais forte e quase saiu do peito quando eu a vi no portão, parecia que ela estava me esperando, seu rosto se iluminou com um sorriso ao ver o nosso grupo, ou seria por ter me visto? Ao seu lado estava o cachorro, Valente eu acho. Ela foi até a rua, ao ver o cão a Bianca soltou a mão de sua irmã e começou a correr na direção do bicho, e para minha surpresa o pitbull que só me mostrava os dentes estava abanando o rabo e se movimentando como um filhote, isso era um bom sinal.

A Jéssica olhou para mim, abriu um sorriso e correu atrás de sua irmã, porém, ela não correu até o cachorro, na verdade seu alvo era a Márcia, elas se encontraram e um grande abraço foi dado. A Eva caminhava ao meu lado, seu rosto não demonstrava nenhuma emoção, suas irmãs estavam

de mãos dadas com ela, Evelyne estava com uma expressão firme, e com um olhar que eu conhecia bem, ela se culpava. Já a Evangeline parecia louca para se soltar e ir fazer um carinho no Valente que já estava deitado de barriga para cima enquanto a Bianca a esfregava.

- Você voltou! - Disse a Márcia com um belo sorriso quando finalmente cheguei perto dela.

- Você me convidou. Então eu vim.

- Eu estava agradecendo. - Disse a Jéssica se soltando da Márcia.

- Agradecendo?

- Por ter te ajudado.

- Eu disse que não precisava agradecer, mas gostei do abraço. Oi, eu sou a Márcia – ela esticou a mão para a Eva que retribuiu.

- Eva.

- Prazer. E vocês quem são?

- Evelyne.

- Evangeline.

- Muito prazer, sejam bem-vindas. E Davis... estou vendo que gostou do presente. - Ela olhou para minha cintura e viu a machadinha.

- Adorei, e dei a ela o nome de Naja.

- Naja? Como a cobra?

- Sim, ela também tem um bote rápido.

- Entendi! - Ela sorriu. - Vem, vamos entrar antes que aqueles fedorentos apareçam.

A Maria também ficou muito feliz ao me ver e ver as crianças, e como eu já esperava, o Joseph não foi um poço de alegria e receptividade, mas ele se segurou para não falar nada

perto delas, esperou ficarmos sozinhos para jogar seu rancor em mim.

- Não bastava você voltar, teve que trazer um bando!

- Eu só voltei para pedir um favor e fazer um convite.

- Favor? Outro?

- Sim, a gente pretende ir para o centro da cidade, mais especificamente no shopping.

- Fazer compras?

- Não senhor, lá tem muita loja, e acho que podemos morar lá por um bom tempo.

- No shopping? Hahaha que ideia idiota!

- Não, não é. Mercados, praça de alimentação, lojas de roupas, farmácia, banheiros. E o mais importante, portas com trancas automáticas. Isso só o shopping, ao redor dele também tem outros mercados menores, acredite senhor, é uma boa ideia.

- E o que você quer? Que eu leve minha família até lá com você?

- Se o senhor quiser.

- Não sei se você é idiota ou é mais cego que eu, reparou que eu não consigo ver não é?

- Senhor?

- Puta merda! Eu sou cego!

- Confesso que não tinha reparado.

- É um idiota mesmo. E que favor é esse que você quer?

- Eu gostaria de ficar aqui com vocês por um tempinho, só para treinar as garotas, ensinar a se defender, não só dos mortos mas também de qualquer um que tente fazer mal a elas.

- Treinar? E o que você é? Um professor de luta?

- Bom, eu sou muito bom de briga, antes disso acontecer eu era um fuzileiro do exército americano, e antes disso servi aqui no Brasil.

- Você era Fuzileiro?

- Sim senhor.

Percebi a curiosidade dele quando perguntou se eu era fuzileiro, aquela foi a abertura que eu esperava, contei a ele minha história, quando comecei, a Maria, a Márcia e as outras garotas se juntaram a nós, e então resolvi contar a história inteira, incluindo a Jamira e toda a putaria que rolou com o Glover. A Maria ficou assustada com algumas coisas que falei, mas acho que o Joseph estava gostando da história, a Márcia só me encarava, com seu olhar me apoiando, como se quisesse dizer que nada tinha sido culpa minha, mesmo sabendo que ela estava errada, eu gostei daquilo. A Maria foi a única que fez alguma pergunta quando terminei de contar a história.

- Você é perigoso?

- Sim senhora, eu sou. Mas nunca faria nada para ferir vocês, nem mesmo mentir. Então, sim eu sou um homem extremamente perigoso, mas nunca machuquei ninguém que não merecesse.

- Ele é perigoso para quem tenta nos machucar. - Falou a Jéssica.

- Algumas horas atrás eu fui atacada – a Eva começou a falar – Três homens invadiram a casa, esperaram só o Davis sair, lutei com eles, dois me seguraram enquanto o terceiro amarrava a minha irmã, eu disse a elas para gritar, e para correr, mas ele as pegou, taparam nossas bocas com a camisa nojenta de um deles, eu tentei lutar só que não tive força o suficiente, pelo menos os gritos funcionaram e o Davis voltou

rápido, eu tinha dúvidas sobre ficar com ele, por causa das coisas que ele já fez no passado, mas... naquele momento eu precisei dele, e bom, estamos aqui e aqueles nojentos não.

- E o que você fez com os homens? - perguntou a Maria.

- Ele me salvou. - a Eva respondeu por mim, mas, mesmo assim, eu tive que falar.

- Eu os matei. - falei com mais frieza do que pretendia.

- E você fala assim? Matou três pessoas e age como se não fosse nada? - Acho que o carinho que a Maria tinha por mim acabou.

- Não me arrependo do que fiz, eu até gostaria de sentir remorso mas não sinto, em outro mundo eu até poderia ter dominado os três e chamado a polícia.

- Não sentir remorso é um sintoma de psicopatia! - sem dúvidas o carinho dela por mim tinha acabado.

- Eu já me consultei com psiquiatras antes dona Maria, eu tenho sentimentos, não os matei por prazer, eu fiz isso por que eles invadiram minha casa e atacaram minha família, atacaram as pessoas que eu amo, eu sou egoísta, não psicopata.

O silêncio tomou conta do lugar, o Joseph tinha uma expressão que parecia ser de apoio, talvez ele entendesse o que eu fiz, mas a esposa não via dessa forma, a Maria se recusava a me olhar, ela estava com medo de mim, com medo de ter alguém como eu em sua casa, dividindo o mesmo teto que sua filha, e eu não a culpo.

- Eu contei sobre o meu passado para vocês não para que tenham medo de mim, eu quero ser honesto com vocês, eu devo isso a vocês.

- Não tenho medo de você. - Disse a Márcia com seu belo sorriso.

- Muito menos eu! - Falou o Joseph com sua bela voz de fumante.

- Medo não é a palavra que eu usaria, mas tenho preocupações, as meninas me falaram que você veio nos buscar para levar até o shopping, e se não quisermos ir?

- Eu vou respeitar a decisão que tomarem. Não vim para levar vocês, na verdade vim fazer o convite, caso queiram se juntar a nós, e eu honestamente gostaria de ter pessoas como vocês ao meu lado, uma família.

- É muita informação para absorver meu filho.

- Eu entendo.

- Enquanto isso, estão com fome? Nós já almoçamos, mas posso fazer um lanchinho para vocês!

- Bolo? - Fazia tempo que eu não ouvia a voz da Bianca.

- Você quer bolo? Vamos fazer bolo.

A Márcia se sentou ao meu lado assim que as outras foram para cozinha, o perfume dela fazia meu coração bater mais rápido. Não sei ao certo mas acho que meu corpo estava tremendo, merda, e ela parece ter percebido, me olhava e deixava um sorriso no canto da boca.

- Essa machadinha era do meu irmão.

- Ela é muito boa, obrigado por isso.

- Foi ideia do meu pai. - Olhei para o Joseph.

- Senhor?

- Rá! Essa coisa estava parada aí guardando poeira.

Mesmo sem muita vida nos olhos eu percebi o olhar dele, de tristeza e nostalgia, não perguntei o motivo da ausência do filho, sem dúvidas estava morto. Ficamos conversando por um bom tempo, a Márcia era uma mulher incrível, 25 anos de idade, não consegui responder com exatidão quando ela perguntou minha idade, confesso que não sei ao certo se já tenho 40 ou não, depois que me mudei para o Alasca eu esqueci de tudo, inclusive minha idade. O que posso falar com exatidão é que eu já vivi várias vidas no meu tempo de serviço.

O bolo ficou pronto, as garotas comeram como se não houvesse amanhã, aquilo foi diferente de tudo que já vivi, eu realmente me senti parte de uma família, não uma que espalhava o terror, honestamente eu gostaria que a Jamira e o Giovanni estivessem aqui. Anoteceu, a Maria arrumou um quarto para a turma toda, claro que eu não estava incluso.

- Você vai ficar bem no sofá! - ela me passou um lençol dobrado.

- Sim senhora.

- E o machucado? Precisa trocar o curativo?

- Não senhora, eu estou bem.

Me deitei no sofá, o Joseph me pediu para levar a TV da sala para o quarto onde elas estavam, era fácil esquecer que a pouco tempo atrás a televisão era uma companheira, não tinha nenhum canal funcionando realmente, mas eles tinham um DVD e uma baita coleção de animações da Disney. Eu juro que ouvi a Bianca sorrindo, uma mistura de alegria e tristeza me atingiu, eu queria que o Pedro estivesse com elas, o garoto não merecia morrer, ainda mais daquele jeito.

As gargalhadas foram acabando com o passar dos minutos, a tensão da parte da manhã fez com que todas apagassem de uma hora para outra, me levantei e fui dar uma olhada nelas, estavam aninhadas com a Eva, foi uma imagem bem emocionante de se ver, a Evelyne deitada no braço esquerdo da irmã, a Jéssica no direito, a Bianca e a Evangeline entre elas.

Desliguei a TV, depois saí e fechei a porta, não estava com sono então fui para o lado de fora da casa, perto do portão, havia um espaço curto entre o muro do portão e a casa, tinha um projeto de escada do lado direito, alguém começou e não teve tempo de terminar, eram só quatro degraus, mas foi o suficiente para me impulsionar, me pendurei no muro, fiz um pouco de força para me erguer, senti os pontos rasgando, minha camisa começou a ficar úmida, eu estava estragando mais uma camisa.

Me sentei no muro, minhas pernas para o lado de fora, a rua apesar de pequena estava bem iluminada, eu conseguia ver o caminhão, um cheiro ruim estava no ar, não tão fedorento quanto os mortos, talvez fosse o cheio do rio Arrudas. O ar estava gelado, tirei a Cherokee e a Naja da cintura e as coloquei em cima do muro, fiquei observando a rua, escutando o som de uma cigarra cantando em algum lugar, talvez o barulho possa atrair algum fedorento, mas eu não podia fazer nada em relação a isso. Observei as casas em volta, nenhuma delas parecia ter gente, não via nenhum sinal de luz ou de vida vindo de dentro delas.

- Será que posso me sentar com você? - era a Márcia, sua voz quase me fez cair do muro – cuidado!

- Caramba, você me assustou. - Ela estava com um roupão rosa.

- Pode me dar uma mão – ela esticou o braço na minha direção.

- Claro.

Eu a ajudei a se sentar ao meu lado, ela tremia, não sei se era por estar perto de mim, era mais fácil ser por culpa da altura, seria um tombo de uns 4 ou 5 metros.

- O que você está olhando aí?

- Tudo... nada... na verdade antes de você quase me derrubar daqui, eu estava pensando se tem alguém nessas casas.

- Primeiro, você disse que era um Rambo bem treinado, e se uma garota te derrubasse do muro, seria constrangedor. Segundo, essas casas estão vazias. Eles foram embora quando o governador fez aquela coletiva, chamando as pessoas para os centros de quarentena. Meu pai não quis ir é claro.

- Que bom que ele ficou. - As palavras saíram sem querer, e eu estava olhando para o rosto dela. - E por falar no seu pai, como ele ficou cego? - Tentei mudar de assunto já que ela ficou bem vermelha com o que eu disse.

- Catarata, ele tinha uma cirurgia marcada, mas parece que o mundo tinha outros planos.

- Que droga.

- Tudo bem, ele só usa a falta de visão para tentar ser turrão daquele jeito, só que meu pai é uma das pessoas mais doces que já conheci.

- Então você puxou isso dele.

- Obrigada.

- E acho que sua mãe está com medo de mim.

- Não é medo, é que... ela viu o que você fez com aquelas coisas, e ela achou que você se parecia com meu

irmão, então saber essas coisas que você fazia, meio que tirou isso dela sabe?

- Sinto muito. Mas, eu me pareço com seu irmão?
- Nem um pouco na verdade. - ela começou a rir.
- Você é linda.

Não sei se realmente queria falar isso, bom, eu pensei, e as palavras escaparam, ela parou de sorrir, me olhou como nenhuma mulher tinha me olhado antes, tocou meu rosto com a mão direita, puxou minha barba, e eu nem tinha me dado conta que ela estava tão grande a ponto de ser puxada. Eu sentia a respiração dela, o calor que vinha dela era algo inexplicável, ela me puxou para mais perto, e me beijou.

Depois do beijo, a Márcia pediu ajuda para descer do muro, fiquei ali até amanhecer, não sabia se o que tinha acontecido era real ou não, será que eu dormi ali em cima e imaginei tudo isso? Não, não foi um sonho, o perfume dela ficou no corpo, e o sabor do beijo dela ficou na minha boca, ela tinha pedacinhos de bala na língua. Em meio ao caos eu encontrei uma família e ao que parece um amor, logo eu, um monstro. Aos poucos o mundo foi acordando, um cheirinho de café atingiu meu nariz como um soco, meu estômago berrou, me levantei com um pouco de dificuldade já que as várias horas sentado no muro fizeram minhas pernas adormecerem.

Fiquei em pé, dei uma boa espreguiçada, coloquei a Naja e a Cherokee na cintura e desci. Assim que passei pela porta me encontrei com a Jéssica.

- Oi, eu estava indo te chamar.
- Dormiu bem?
- Aham. Vem, eu fiz café!

- O cheiro está ótimo.

A Márcia e a Eva arrumavam a mesa, estavam conversando sobre alguma coisa bem divertida já que ambas estavam sorrindo muito, foi muito bom ver que a Eva aparentemente estava se sentindo melhor, essas mulheres são fortes, idiota é o homem que dúvida disso. E vou passar para elas todo o conhecimento de combate que eu tenho, nenhum filho da puta vai se meter a besta com elas outra vez. Antes mesmo de terminar o meu primeiro copo de café, a Eva me perguntou sobre o treinamento.

- Pode começar a ensinar a gente hoje? - todos estavam à mesa.

- Claro.

- Pode me ensinar também? - Perguntou a Márcia.

- Claro, se os seus pais permitirem. - melhor prevenir do que despertar a ira do Joseph e da Maria.

- Rá! Essa eu gostaria de ver, sou adestrador desde os 14 anos de idade, já treinei muito cachorro bravo, mas minha filha é osso duro de roer. Haha! - Ele estava acariciando o Valente.

- Então o senhor era adestrador? Isso explica a educação do Valente.

- Claro que sim! Ele foi o último que treinei, a Maria aqui disse que ele foi o responsável em descobrir que meus olhos estavam se aposentando antes da hora. Ele é um bom garoto! - Ficou bem claro o amor dos dois.

- O senhor adestrava para fazer xixi no lugar certo e coisas assim? - A Eva tirou a pergunta da minha mente.

- Rá! Não só isso, eu ensinava a atacar também, o Valente aqui era do meu filho, ele o pegou ainda filhote e... -

ele fez uma pausa para respirar e evitar que uma lágrima brotasse - Meu filho era policial, trabalhava lá no canil, só que eles não usam pitbull, então ele trouxe esse rapaz para casa.

- Ele se chamava Márcio, ele e eu éramos gêmeos. - A Márcia estava emocionada ao pronunciar o nome do irmão.

- E o que aconteceu? - perguntou a Eva, outra vez tirando a pergunta da minha mente.

- Ele foi em um encontro com uma moça, em um restaurante chique, três homens entraram para assaltar, meu filho fez o trabalho dele, ele ágil, matou dois deles e feriu gravemente o terceiro, só que... eles atiraram de volta e um desses tiros... .

- Tudo bem querido! - A Maria colocou a mão no ombro do marido - Ele era um bom rapaz.

- Eu sinto muito. - Falei olhando para a Maria.

- Você se parece com ele, só que com o rosto mais velho e cansado, quando você contou sua história e como foi violenta, eu só pensei naqueles homens que tiraram o meu filho de nós. Te devo desculpas.

- A senhora não me deve nada, eu peço perdão se de alguma maneira, desonrei a lembrança do seu filho, e fico grato que a senhora tenha achado que eu me parecia com ele, um verdadeiro herói. Sabe, quando você é civil, e vê de fora, você pensa que um policial ou soldado morrer em um ato de heroísmo é pura bobagem, é só alguém que perdeu a vida no exercício da função. Quando você é parente, você pode se culpar por muito tempo, ficar com raiva por muito tempo, pensando como essa pessoa foi capaz de fazer isso, se perguntando porque ele reagiu, achando que ele devia ter ficado quieto. Mas quando você ama o uniforme que veste e o que ele significa, você sente que é seu dever colocar a vida das pessoas acima da sua. E para mim, isso é ser um herói.

Eu não tinha percebido mas, todos ao meu redor estavam emocionados, eu por um tempo amei o meu uniforme, pensei que poderia fazer a diferença, mas a verdade acabou se mostrando outra. Mas minhas palavras parecem ter derrubado de vez o muro entre mim e eles, acho que agora até o Valente parece gostar de mim. O Joseph autorizou sua filha a treinar comigo, até a Maria gostou da ideia apesar da preocupação, também contei a eles que o meu plano era treiná-las por dois dias, depois ir sozinho até o centro da cidade, ver como as coisas estavam, se o caminho estiver liberado, eu voltaria e levaria todo mundo até lá. E eles apoiaram a ideia, menos a Jéssica é claro.

- Eu não vou deixar você ir sozinho.

- Jéssica, isso será perigoso.

- Por isso mesmo! Eu não vou ficar esperando você voltar, poxa, você é minha família. A gente devia ficar junto, e toda vez que você sai sozinho alguma coisa ruim acontece... toda vez – ela começou a chorar e me abraçou – Você não vai sair sozinho, não enquanto eu estiver viva, e quero que você faça um voto perpétuo.

- Um voto o quê?

- Um voto perpétuo, é um juramento que não pode ser quebrado ou você morre!

- Harry Potter?

- Sim! - Ela falou com uma mistura de raiva e emoção.

- Então o que você quer que eu jure?

- Me dá a mão. - nos seguramos pelo pulso. - Agora eu vou falar e você diz que jura. Você jura que não vai mais sair sozinho?

- Eu... - respirei fundo.

- Você jura que não vai mais sair sozinho? - O olhar dela era de total desespero, como se aquilo fosse realmente um feitiço.

- Eu juro.

- E você jura que vai me ensinar tudo o que você sabe, sem deixar nada de lado por causa da minha idade?

- Eu juro.

- E você jura que não vai morrer? - Fechei os olhos .

- Jéssica, eu... eu juro.

- Esse voto foi feito e não será quebrado. Eu te amo Davis. - ela me abraçou.

- Também te amo Jéssica.

Mesmo não entendendo nada sobre esse tal Harry Potter, eu acreditei no juramento que fiz, eu a ensinaria tudo o que eu sei sobre defesa e ataque, não vou treiná-las para serem como eu, vou tentar fazer com que sejam melhores. A Bianca ficou na casa brincando com o Valente e aos cuidados da Maria e do Joseph, a Evangeline apesar de ser mais nova, quis aprender a se defender também, sua irmã concordou então eu apoiei a ideia, os mortos não fazem distinção de idade. Ficamos na rua, elas fizeram uma formação ombro a ombro, se vestiram bem, colocaram calça legging, e camisas de malha.

- Eu nunca ensinei ninguém a lutar antes, já ensinei a fazer outras coisas que... bom, vocês já conhecem essa parte da minha vida, mas acho que agora além de ser bom de briga, tem detalhes que vocês precisam ficar atentas, a Jéssica me ensinou isso nos primeiros dias, e é uma boa lição. Então – eu olhei para ela – Será que você pode nos contar um pouco sobre os zum... dementadores?

- Tipo o quê? - ela estava confusa.

- Tipo tudo o que reparamos lá da janela de casa.
- Tá, eles fedem. Tipo, fedem muito. E isso mesmo ruim é bom, se respirar fundo você descobre se tem algum deles por perto, além disso eles andam devagar, mas você não pode ficar cercado ou... não devem ficar cercados. E eles são atraídos pelo barulho, e as vezes seguem uns aos outros, só que sem um motivo.

- Obrigado Jéssica.

Me arrependi de ter pedido a explicação, fiz ela se lembrar de como o irmão morreu, e em seguida eu ia falar sobre os meios mais fáceis de chegar até o cérebro, e com isso ela se lembraria de outro péssimo momento que viveu, melhor deixar a aula sobre zumbis para mais tarde.

- Além dos mortos, nós também temos que aprender como enfrentar os vivos, vamos simular algumas situações, e então eu mostro como sair delas ou evitar que elas aconteçam, mas antes, a gente vai precisar de colchões. O que acham de ter uma aula de como vasculhar uma casa? Temos umas oito aqui.

- Elas gostaram da ideia.

- Vamos precisar de alguma tipo de arma para fazer isso não? - Perguntou a Eva.

- Tem umas barras de ferro lá em casa, não são muito grossas mas podem servir.

- Serve sim Márcia, pode pegar para gente por favor?

- Claro! - ela estava sorridente.

- Bom, quando ela voltar a gente começa.

E treinamos bem, passamos quase o dia inteiro vasculhando todas as casas, encontramos muitas coisas que podíamos usar, comida, pó de café, carne que ainda estava

congelada, ovos, leite, biscoitos, massa de bolo, a Jéssica achou até um pudim dentro de uma das geladeiras, cerveja, refrigerante, roupas que me serviam, um notebook que a Evelyne se apaixonou.

- Temos luz, e aqui tem internet, então...

Essa foi a fala dela quando apareceu com o aparelho, e fazia sentido, mesmo que não tenha muita gente viva navegando pela internet afora, ela ainsa está aí. Só pedi que ela tomasse cuidado, e caso entrasse em contato com algum desconhecido que me avisasse, o mundo era perigoso antes e agora está bem pior. A Jéssica pegou um saco cheio de brinquedos para sua irmã, ela não procurou nada para si mesma, e em uma das casas achou um aparelho que armazenava livros, não sei o nome daquilo, mas parecia um tablet. Eva encontrou diversos perfumes, e experimentou todos, também pegou todos os desodorantes, xampus e condicionadores. Uma das casas tinha uma baita banheira de hidromassagem, todos nós tivemos vontade de tomar um belo banho.

A Evangeline queria muito ter pego brinquedos, mas ela estava tentando ser madura, e estava realmente animada com o treinamento tático que eu estava dando, vasculhar casas não é tão simples, bom, pelo menos não com a ameaça dos mortos. A Márcia não estava muito confortável com a busca, ela conhecia os moradores e sentia que estava cometendo um crime.

- Eles foram embora, só que mesmo assim parece errado sabe?

- Sei sim, você os conhecia, mas tudo o que ficou para trás vai nos ajudar, e se você se sentir melhor, podemos deixar bilhetes avisando quem pegou as coisas.

- Sério?

- Claro, assim caso algum deles volte saberão que as coisas estão com você e que foi necessário.

- Eu quero.

- Por falar em querer... eu queria falar sobre o beijo.

- Você não gostou?

- Tá brincando? Eu adorei, mas a gente não falou nada sobre ele depois.

- E o que você quer falar? - Ela estava sorrindo quando perguntou.

- Vamos fazer de novo?

- Você está me pedindo em namoro?

- Eu acho que nunca pedi ninguém em namoro antes, ou melhor, eu nunca namorei antes. - E era verdade.

- Para namorar tem que gostar da pessoa, você gosta de mim?

- Eu penso muito em você, fico feliz quando você está por perto, então... sim, eu gosto de você.

- A Eva gosta de você sabia?

- Não, não sabia.

- Ela gosta de mim também. - Não entendi o que ela quis dizer.

- Olha Márcia, eu estou meio perdido aqui.

- Estou vendo, bom, a gente fala disso depois tá bom?

Vem cá! - Ela me puxou e me deu outro longo beijo.

Duvido que alguém voltaria, mas isso a deixou mais tranquila para continuar a busca. Eu me foquei em encontrar qualquer coisa que servisse como arma, algo que elas

pudessem usar, não consegui encontrar nada definitivo, em uma das casas achei uma caixa de ferramentas com uma marreta de 2 quilos e um martelo com cabo de borracha, ambos precisariam ser usados com muita força para conseguir acabar com um zumbi, mas, pelo menos, já era alguma coisa. E com o passar dos dias elas ficariam fortes o suficiente para que o peso das ferramentas não fosse um empecilho muito grande.

No segundo dia começamos a treinar defesa pessoal, eu as ensinei muita coisa, a Jéssica foi tão boa aluna que quase quebrou minhas costelas, e deixou dois dedos da minha mão esquerda bem tortos. A Eva também me deu golpes bem fortes, ela botou para fora toda a raiva que estava guardada, e tinha muita. Outra que me acertou bons socos foi a Márcia, eu confesso que não pensava que ela tinha a mão tão pesada.

Tudo o que ensinei fiz questão que colocassem em prática comigo, e eu usei muita força para tentar contê-las, só que elas aprendiam rápido e mandavam muito bem. A ideia era treinar por três dias, mas elas estavam no pique e eu não quis cortar isso, treinamos defesa pessoal durante oito dias ininterruptos. E técnicas de combate por mais seis dias. Vimos alguns zumbis ao longo desses 14 dias, e elas acabaram com eles. Hoje elas tem cicatrizes para provar o quão comprometidas estavam, e agora sabiam se defender.

- Foi puxado, mas vocês estão prontas, se algum idiota se meter a besta com vocês, pode ser a última coisa que ele fará. Eu passei para vocês tudo o que eu sei, e espero que não precisem usar.

- Nós também. - Falou a Márcia.

- Estou me sentindo como uma das Panteras. - Disse a Eva sorrindo.

- Ou uma das Três Espiãs Demais. - A Márcia gostava de desenhos.

- Jéssica, tem uma coisa que eu queria te falar. - Comecei com cuidado.

- O que foi?

- O seu cabelo.

- O que tem? - Ela tocou nele.

- Eu acho seu cabelo lindo, ele só demonstra o quão poderosa você é! Mas um blackpower pode ser perigoso, pessoas e dementadores podem te agarrar por eles, e eu não quero que isso aconteça.

- Você quer que eu corte meu cabelo? - Eu via tristeza e raiva em seu olhar.

- Nunca ia te pedir isso. Você sabe se defender, tenho certeza que vai arrebentar qualquer um que ouse tocar no seu cabelo.

- Sério? - A raiva foi embora.

- Claro! Além do mais, você estará comigo a maior parte do tempo, e eu vou sempre te dar cobertura.

- Tá bom.

O penteado dela não era só um símbolo de luta, também era um vínculo com a mãe, algo que a mantinha viva. E mesmo sendo arriscado, o que falei era verdade, a Jéssica sabia se defender, e eu sempre daria cobertura, na verdade todos nós, estipulamos uma regra, nunca sair sozinho. Não era nem dez da manhã, fizemos uma pequena corrida na rua, indo até a barricada que fizemos perto do caminhão e voltando até a porta da casa da Márcia, que agora insistiam que também era nossa.

Na verdade usamos quase todas, a Evangeline deu a ideia de unir todas, então usamos algumas escadas para poder atravessar entre elas sem precisar sair na rua. Claro que depois

de um dia de treinamento intenso a casa com a hidromassagem era a mais visitada. Fiquei feliz em ter que trocar de roupa por estarem suadas e não encharcadas de sangue e outras merdas.

- Pessoal, para um pouquinho. - A gente tinha começado a segunda volta. - Vocês estão ouvindo isso?

- Um helicóptero? - Pergunto a Jéssica.

- Sim, e parece que está vindo nessa direção.

- Resgate? - A Evelyne perguntou com esperança no olhar.

- Vocês viram alguma coisa na TV?

- Os canais a cabo que ainda funcionam estão passando reprises, nenhum deles com notícias novas. - Respondeu a Márcia.

- Pois é, ele está chegando perto, Jéssica, corre lá dentro pega a Nagini, a Cherokee e a Naja, Márcia é melhor avisar seus pais, fiquem preparadas e não venham na rua até eu dar o sinal, e estejam prontas para tudo.

A gente se preparou para um possível ataque, elas usariam as escadas para trocar de casa e sair da confusão, e eu ficaria na porta da nossa casa para garantir a atenção dos nossos atacantes, o som começou a ficar mais alto. A Jéssica trouxe minhas amigas e ficou ao meu lado em frente ao portão de casa, e então o helicóptero apareceu.

Era uma aeronave do exército, um soldado estava na porta, a postura dele me fez ter certeza de que agora eram militares de verdade.

Começaram o procedimento de pouso, e a porcaria fazia muito barulho, mas conseguia ouvir a Jéssica gritando ao meu lado.

- O BARULHO!
- SIM! ESSA MERDA VAI ATRAIR OS MORTOS!

Dois soldados desceram antes mesmo da aeronave estar no chão, eles prontamente entraram em formação, um deles foi para parte de trás do helicóptero e passou com seu fuzil pelo ar, o outro se virou para mim e para a Jéssica, também apontando o fuzil, sua expressão estava difícil de decifrar, mas acho que ele estava com raiva e surpresa ao mesmo tempo. Eu estava com minhas machadinhas apoiadas em meu ombro, a Jéssica fez o mesmo com sua faca. E ela se lembrou de uma das lições que passei sobre confrontos.

- Faça sempre cara de mal, mesmo que você esteja com muito medo.

- E adianta?

- Claro, se eles não perceberem que você está com medo, são eles que ficam assustados.

E sem dúvidas ela estava com medo, mas não demonstrou em nenhum momento, ela parecia um Sayajin que mudava a expressão quando se transformava, confesso que seu olhar podia me dar calafrios se eu não soubesse que nós dois somos parte da mesma equipe, talvez fosse por causa dela que o soldado estava com aquela cara. E o homem gritava e gritava, tentando fazer com que sua voz fizesse mais barulho do que o helicóptero.

- LARGUEM AS ARMAS E FIQUEM DE JOELHOS COM AS MÃOS NA CABEÇA!

Eu simplesmente olhava para a Jéssica e fazia mímica como se não estivesse ouvindo o que ele estava falando, na verdade eu mal estava escutando, mas tenho certeza que era isso o que ele estava berrando. A raiva fazia com que eles andasse em nossa direção, aqueles homens eram militares de verdade, caso contrário ele já teria atirado, e esse nem estava com o dedo no gatilho. O outro soldado caminhou até o caminhão, dentro do helicóptero tinha outros dois soldados, incluindo o piloto.

- LARGUEM AS ARMAS E FIQUEM DE JOELHOS COM A MÃO NA CABEÇA! - Ele continuava gritando.

- O QUÊ? - Coloquei a mão na orelha para fingir que não estava escutando, isso o irritava cada vez mais.

O sujeito perdeu a paciência e se aproximou demais, seu fuzil estava com a bandoleira solta, e isso foi um puta erro, um militar ou policial deveria saber que nunca deve ir para a ação sem usar a bandoleira, se a arma caísse podia significar a sua morte, mas, apesar disso, ele ainda estava com sorte. Usei a Naja para levantar o cano da arma e evitar que ele disparasse em nós, em seguida passei a Naja pela bandoleira e a puxei, a arma deslizou, agora ela estava presa na lateral do meu corpo, em seguida prendi o braço do soldado contra o seu corpo e encostei a lâmina da Cherokee em seu pescoço, ele tentou me acertar com o cotovelo mas a arma me protegeu, a pancada fez minhas costelas doerem, as mesmas que a Jéssica quase quebrou.

A minha agilidade não seria nada para alguém preparado para um ataque, mas ao ver a Jéssica do meu lado, ele pensou que eu era só mais uma pessoa tentando sobreviver. O soldado perto do caminhão veio correndo ao ver seu amigo

ser rendido os dois dentro do helicóptero finalmente saíram, um deles tinha a divisa de sargento em seu ombro, o piloto também estava com uma farda comum e tinha divisa de soldado. Todos apontaram suas armas para mim, ignoraram a Jéssica e isso era bom.

E agora era só questão de tempo para os mortos começarem a chegar, e honestamente eu não pretendia matar nenhum deles, e como era de se esperar, ao sentir que seu resgate estava próximo, o soldado que eu rendi começou a fazer seu show para tentar me colocar medo e motivar os amigos.

- ME SOLTA CARA!

- Relaxa soldado.

- ME SOLTA CARALHO! - Ele tentou se soltar, mas parou quando sentiu o fio da Cherokee.

- Se você se mexer muito vai acabar se cortando.

- ME SOLTA!

Pressionei o meu braço contra o corpo dele, não tinha intenção alguma de matar o cara, eles eram militares de verdade e por enquanto não fizeram nada, mas a pressão foi o suficiente para que ele percebesse que deveria ficar calado.

- Senhor, é melhor soltar o meu soldado.

Quem falava era o homem com as divisas de sargento em sua farda, algo no rosto dele era familiar, ele foi o que saiu junto com o piloto, e sem dúvidas era quem comandava.

- Senhor, estou pedindo com educação, olhe para sua filha, isso não tem que ser assim, só quero que abaixe sua arma, solte o soldado e se ajoelhe com as mãos na cabeça.

- Eu tenho um sério problema com esse negócio de me ajoelhar, acho que só fiz isso uma ou duas vezes e foi para orar, e hoje estou com uma dor bem chatinha no joelho esquerdo, então...

- Senhor, não nos dê motivo para agir com violência.

- Vocês já agiram, ele apontou a arma para gente primeiro, e tentou nos atacar, e vocês não deviam ter vindo até aqui com isso aí. - Respondeu a Jéssica, agora apontando a Nagini na direção do homem, e mesmo com a voz firme ela estava extremamente nervosa com a situação.

- Senhor?

- Vocês fizeram muito barulho, posso saber o motivo da visita?

- Senhor... - ele respirou fundo – Esse caminhão pertence ao Exército, foi roubado de uma base militar instaurada no cemitério da Saudade, mas acho que o senhor sabe disso não é?

- Sei sim. - Sorri ao lembrar daqueles fodidos.

- Pois bem, viemos buscar nosso equipamento e prender os responsáveis.

- Chegou tarde sargento, os seus ladrões estão mortos.

- Como o senhor sabe?

- Eu os matei, eles estavam usando fardas bem parecidas com essas de vocês, a diferença é que eu sabia que não eram militares.

- E como o senhor sabia disso?

- Sou militar, ou melhor, eu era. - O tempo todo eu olhava para o homem, tentando reconhecer seu rosto.

- O senhor está cometendo um crime ao manter meu soldado como refém, se é realmente um militar, basta mostrar sua identificação. - Não resisti e comecei a gargalhar.

- Hahaha sério cara? Você vai mandar essa para cima de mim? - sem querer pressionei a lâmina da Cherokee e cortei um pouco o pescoço do soldado, nada grave, mas um feixe de sangue apareceu.

- Senhor...

- Chega com esse papo de senhor! Todos nós sabemos que vocês não vieram aqui para prender ninguém, e muito provavelmente vieram na esperança de recuperar algum armamento que foi roubado de vocês, sinto te informar que as poucas armas que vieram com esse caminhão já se foram a muito tempo, e não fui eu que as peguei, e como eu disse, os ladrões já estão mortos, e se vocês não olharem para trás também vão ser.

Eles vacilaram por alguns instantes, mas o gemido dos fodidos que atrás deles fez com que percebessem que eu não estava tramando nada, soltei o soldado e caminhei na direção dos mortos, a barricada não servia para impedir que passassem, na verdade junto com o caminhão, ela servia como funil, levando os fedorentos para um único corredor, evitando assim que eles nos cercassem.

- Não atirem! Se tiverem facas usem, caso contrário não nos atrapalhe.

A Jéssica e eu passamos por eles, olhei o sargento mais de perto e finalmente o reconheci, estava mais velho, mas eu sabia quem ele era. Sete zumbis estavam vindo pelo corredor da barricada, eles não pareciam ter se transformado a muito

tempo, seus rostos estavam bem limpos, eram dois homens e cinco mulheres.

- Olha só, ignora os caras atrás da gente, tá? Foca no que vamos fazer, não se esquece, chuta no joelho e faça na cabeça, tem que ser rápido, tá?

- Tá bom! - A Jéssica estava nervosa e ansiosa ao mesmo tempo.

- E se a faca ficar presa, deixa presa, não tente tirar, só se afaste. Tudo bem?

- Tudo, eu vou conseguir.

- Eu sei que vai.

Deixei que ela agisse primeiro, e cara, foi algo lindo de se ver, sua faca estava na mão direita, ela a segurou com a lâmina para baixo, assim o golpe seria mais forte, e teria que ser de cima, mas antes da faca descer ela chutou a perna esquerda do fedido que caiu esticando os braços para tentar agarrá-la, só que a garota era bem rápida, quando ele tombou ela fincou a Nagini bem ao lado do ouvido do fedorento, um pouco de sangue jorrou, só que ela foi ainda mais rápida para evitar que sua roupa se sujasse, eu tinha que aprender a fazer isso.

Peguei o segundo, usei a Cherokee para acertar o maldito, e antes de puxar meu braço para um segundo golpe a Jéssica já estava pronta para derrubar o terceiro, dessa vez ela chutou a perna direita fazendo com que sua cabeça estivesse ao alcance da Naja.

Recuamos um pouco, os quatro fedorentos vieram, um deles tropeçou no corpo do terceiro zumbi e caiu no chão, ele bateu forte com a cabeça e seu crânio se rachou, usei minhas machadinhas para derrubar as outras três mortas que estavam

confusas se me atacavam ou iriam até a Jéssica. Os cortes foram na altura do joelho, não eram fundos, só fortes o suficiente para fazer com que eles tombassem no chão, e conforme caíam a Jéssica as despachava, agimos com rapidez, cuidado e precisão, e cara, que dupla a gente formava! A todo momento eu a observava, tinha confiança de que o treinamento foi o suficiente, mas, mesmo assim, ela era como uma filha para mim, e tinha apenas 13 anos, e proteger a Jéssica era o meu trabalho.

Também fiquei de olho nos soldados atrás de nós, nenhum esboçou a menor intenção de atirar, acho que estavam impressionados com o que estavam vendo.

- Eles são amigos da Karol? - A Jéssica perguntou cochichando.

- Não, esses são militares de verdade, mas não se preocupa que vai ficar tudo bem. - Eu estava sorrindo.

Caminhamos de volta, os soldados estavam aparentemente nervosos comigo, acho que ficaram com raiva do pequeno corte no pescoço do amigo, fiquei em dúvida se o sargento tinha me reconhecido ou não, mas o seu sorriso largo era a prova que faltava.

- Davis?

- Marcello! - Caminhei até ele e o abracei.

O Marcello e eu tínhamos uma história, crescemos juntos, estudamos na mesma escola, nos alistamos no mesmo dia, até perdemos nossa virgindade juntos, ele era um bom amigo de uma vida passada que parecia tão distante. Ele era um cara alto, quando criança usava óculos bem grossos, quase

ninguém percebia mas a pele do cara era branca, ele a mantinha bem protegida com tanto pelo que mais parecia um lobisomem, se ele fosse gordo poderia ter o apelido de urso ou algum animal assim. Nos alojamentos do batalhão em que servimos aos 18 anos, seu apelido era “lobisomem com fome”, já que sempre foi muito magro.

- Jéssica, esse é o Marcello, um velho amigo.

- Olá.

- Olá garotinha. Você tem uma filha extraordinária.

- Sim, ele tem! - ela sorriu e olhou para mim.

- É, eu tenho sim, e espero que seus soldados também sejam, alguém tem que pegar aqueles corpos e empilhar perto da abertura da barricada, e não os deixa usar as armas, tem barras de ferro dentro daquela geladeira – aponte para o enorme freezer tombado que compunha a barricada – E espero que sejam tão bons quanto nós, daqui a pouco isso aqui pode estar cheio. - Fiz um sinal com a mão, para que as garotas soubessem que estava tudo bem.

- O que foi isso? - Claro que o Marcello percebeu.

- Tenho mais pessoas aqui, o sinal foi para mostrar que está tudo bem, e assim evitar que vocês morram sem nem perceber.

- Sempre um passo a frente.

- Eu tento.

- Acho que você aprendeu isso comigo, no xadrez, lembra?

- Haha lembro sim. - Meu sorriso parece ter deixado a Jéssica espantada.

- Você sabe jogar xadrez? - Ela estava me desafiando com o olhar.

- Bom, ele me ensinou, então sei o básico.

- Nós vamos jogar xadrez de bruxo.
- De bruxo? - Perguntou o Marcello.
- Harry Potter cara.
- Pode devolver minha arma? - Perguntou o soldado que eu fiz um corte no pescoço.
- Como se chama soldado?
- Richard.
- Use a bandoleira Richard. - Entreguei a arma para ele.
- Você quase me matou cara!
- Se eu quisesse te matar, você estaria morto.
- Pessoal, esse é o Davis, um grande amigo, nos alistamos juntos, depois ele se mudou para os Estados Unidos e se alistou nos fuzileiros, esse cara foi para guerra, ele não queria ficar aqui capinando mato com a gente. Davis, esses são o cabo Breno, o piloto é o soldado Leandro, e tem o Richard. E me fala uma coisa, qual sua patente agora?
- Eu saí dos Estados Unidos como capitão, mas isso é conversa para outra hora.
- Capitão? Caramba cara, eu sabia que você ia chegar longe, eu te disse para seguir carreira comigo e você não quis, né? - ele me deu um soco no ombro – Pessoal, peguem aqueles corpos e tapem a abertura ao lado da barricada, e se mais deles vierem, não usem suas armas, usem as barras de ferro que estão dentro daquela geladeira – ele apontou para a barricada.
- Sim senhor! - reponderam em coro.
- Você tem certeza que vai aparecer mais deles?
- Vai sim, vocês fizeram barulho para caramba.
- Caramba Davis! Cara, nem acredito que é você mesmo, caramba! Você está... velho!
- Se eu me lembro bem sou alguns meses mais novo que você, vem, vamos tomar um café.

Entramos na casa com hidromassagem, por mais que eu conhecesse o Marcello, eu ainda não confiava nele, já tem 20 anos ou mais que a gente não se vê, como ele mesmo disse, eu tinha que estar um passo a frente. A Bianca apelidou a casa como “Pitina”, acho que a palavra correta seria piscina, e ela estava se referindo a hidro. Sempre tinha uma garrafa com café bem quente por lá, a Márcia fazia questão de fazer para mim, nos sentamos no enorme sofá, entreguei um copo para ele e botamos a conversa em dia.

- Lembra quando nos vimos pela última vez? - Ele foi o primeiro a falar.

- No enterro dos meus pais.

- Verdade, eu tive que viajar pelo batalhão, e quando voltei você já tinha ido.

- E os seus pais?

- Minha mãe morreu a ano passado e meu pai a uns cinco anos.

- Sinto muito.

- Tudo bem, eles viveram bem.

A Jéssica trouxe um pouco de bolo e um balde de água e uma bucha, usei para limpar minhas amigas machadinhas, fiz isso perto do copo de café, era nojento eu sei, mas fazia parte da intimidação.

- Marcello, agora vamos falar a verdade, o caminhão tem rastreador?

- Sim, foi assim que a gente encontrou.

- Ok, eu soube do cemitério, as pessoas que pegaram apareceram no bairro, e vieram fazendo merda, atirando, botando o terror, só que eram desorganizados. Eu sabia que não

tinham experiência militar. Então eles vieram até mim e... bom, não terminou muito bem para eles.

- Você mudou cara, e não só a fuça de velho – nós dois rimos – Você está diferente, não sei dizer exatamente o que é.

- Eu matei pessoas Marcello, matei, torturei e fiz muitos terem pesadelos acordados.

- Eu sinto muito cara.

- Não sinta, isso acabou me preparando para essa nova realidade.

- Sei bem como é, foi preciso o mundo acabar para gente se reencontrar hein? - rimos outra vez.

- Verdade.

- E... eu não vim atrás do caminhão para procurar nada, bom, a gente veio atrás de uma coisa, retribuição. As pessoas que roubaram os caminhões, as fardas, as armas e outros suprimentos, eles mataram boas pessoas sabe? Nosso comando caiu muito rápido, mas muitos ficaram firmes em seus postos, ajudando as pessoas, e esses caras mataram sem nem pensar.

- Conseguiram pegar algum deles?

- Alguns, só que perdemos mais pessoas, mas o Breno, o Leandro e o Richard ficaram ao meu lado o tempo todo, e sem comando eles passaram a me seguir.

- E o que vão fazer agora?

- Boa pergunta, esse era o último caminhão, e você já fez o trabalho sujo por nós... fomos até o batalhão, só tinha morte naquele lugar, tentamos contato com praticamente todos os batalhões, bases, e até quartinhos onde tinha algum militar, mas não tivemos sorte.

- E os abrigos que foram criados? Não tem militares lá?

- A gente esteve em dois deles e aquilo foi uma carnificina.

- Que merda.

- fazer.
- Então eu oficialmente não faço a menor ideia do que
 - Davis! Davis! - A Jéssica voltou correndo.
 - O que foi? - Me levantei e o Marcello fez o mesmo.
 - Os dementadores estão caindo do céu!

CHUVA

Inicialmente não entendi o que a Jéssica tinha falado, mas o barulho dos corpos estourando no chão me fizeram perceber bem rápido. No fim da rua tinha um enorme paredão de pedra, lá em cima havia mato, e ao que parece fazia parte do terreno dos apartamentos populares que existiam no bairro acima. E aqueles mortos despencando lá de cima provavelmente eram os moradores.

- Que merda é essa? - O Marcello estava surpreso com a cena.

- Isso é o que acontece quando você faz tanto barulho. - Ele tentou argumentar mas eu o ignorei e me volvei para a Jéssica –Temos que sair daqui.

- Ir embora?

- Nesse momento só sair dessa casa, os outros saíram de lá? - Apontei para a nossa.

- Sim.

- Pega a Nagini, vamos para rua.

Percebi o olhar do Marcello quando perguntei para a Jéssica sobre os outros, mas nem era preciso responder nada, a Eva e a Márcia já estavam na rua, em frente a uma das casas mais perto do helicóptero. Elas foram espertas, viram o que estava acontecendo e saíram logo de casa, por mais que fosse de laje não dava para saber quantos fedorentos estão lá em cima, e aqueles fodidos caindo daquela altura poderiam atravessar o teto.

E os filhos da puta viravam verdadeiras panquecas quando atingiam o chão, nosso trabalho até aquele momento seria apenas limpar, confesso que esse era o meu pensamento, eu gostava dali e as garotas também.

- Você disse que o barulho fez isso? - Marcello estava ao meu lado na rua, seus soldados tinham se aproximado, ficamos próximos a aeronave.

- Eles são atraídos por barulho, vocês três – aponte para os soldados dele – cubram a retaguarda e não usem as armas.

- Você não manda em mim! - Respondeu o Richard, provavelmente ainda estava puto pelo que fiz com ele.

- Qual a sua patente soldado?

- O que interessa?

- Interessa que eu sou um capitão, você me deve respeito hierárquico militar, e fora isso você apontou sua arma para minha filha, e podemos dizer que o fato de você estar respirando significa que eu salvei a sua vida, então soldado, fique na retaguarda e não use a arma, isso é uma ordem.

Não sei se foi o meu discurso ou o meu olhar que o fez obedecer, o Marcello não tentou me interromper, na verdade não acho que um capitão do exército de outro país tenha qualquer poder com militares de menor patente que pertencem a outro país. Sei que em ações conjuntas essa prerrogativa vale, mas porra, o mundo acabou. A Jéssica percebeu o olhar da Eva e foi até ela contar quem eram aquelas pessoas, mas naquele momento minha atenção era para enorme quantidade de defunto caindo na rua.

- Caramba, são muitos. - O Marcello estava realmente surpreso.

- Já devem ter caído uns 100 e parece que tem mais.

- O que vamos fazer? - Não respondi – Davis? Davis, o que vamos fazer? - Minha atenção estava nos mortos no chão. - Capitão? O que vamos fazer?

- Eles vão começar a vir.
- O que?
- Olha lá, as panquecas em baixo estão amortecendo a queda dos outros, daqui a pouco vai ter defunto inteiro o suficiente para vir atrás de nós. Márcia! - Olhei para ela – Leva seus pais para casa de saída – Era o nome que demos para a penúltima casa da rua, a única que tinha um cômodo subterrâneo.

- Tá bom.
- Eva...
- Pode deixar!

Ela percebeu o que eu ia pedir, para que levasse as irmãs e a Bianca para a casa de saída, eu podia ter pedido para a Márcia, mas percebi ao longo desses dias que elas preferem que eu peça as coisas individualmente, a Jéssica me deu esse toque.

- Você pode mandar a gente fazer as coisas falando nosso nome? - ela me disse em um dos dias de treinamento tático.

- Eu não mando em vocês Jéssica. Eu só estou passando minha experiência para vocês.

- Você é o nosso professor, e os professores mandam. - Ela estava sorrindo.

- Professor de defesa contra as artes dos mortos.

- Espera aí! – Ela segurou meu braço – Você fez uma referência de Harry Potter? - O olhar dela era de orgulho e felicidade.

- Achou que eu era um trouxa nê? Mas falando sério, não quero que pensem que sou uma figura autoritária ou

alguma dessas coisas, eu só tenho experiência em combate e quero passar isso para vocês.

- A gente sabe seu bobo! Então, você pode “pedir” as coisas individualmente. – Ela fez aspas com os dedos ao falar.

- Como assim individualmente?

- Tipo... mesmo que você precise que a gente faça a mesma coisa, você pode falar o nome da gente sabe? Tipo, “Márcia me dê um beijinho na boca”, “Eva, me dê um beijinho na boca”, ou... - eu a interrompi.

- Ou, que história é essa?

- Haha acha que a gente não sabe que a Márcia te deu uns beijinhos no muro? Haha.

- Eu... - fiquei com vergonha.

- Hahaha ficou vermelho! Bom, pede as coisas falando os nomes das duas, assim elas não ficam com ciúmes.

- Tá bom.

- De nada! - Ela me deu um soquinho.

Eu adorava esses momentos com a Jéssica, não consegui ler todos os livros desse bruxo que ela tanto gosta, mas eu peguei algumas partes para usar como trunfo, ela sempre sorria quando eu comentava alguma coisa sobre esse Harry, e quando a gente conversava assim eu realmente me sentia o pai dela, e aquilo me fazia muito bem.

- Davis você viu?

- Vi sim Jéssica.

Ela tinha voltado a ficar ao meu lado e também percebeu que a qualquer momento a gente teria que agir. Me dava muito orgulho ver o quão atenta ela estava, não sei se sou um bom professor, mas sem dúvidas ela é uma baita aluna. A

cada minuto o monte aumentava, as duas casas mais perto do paredão estavam praticamente tomadas, o monte deles que estava na rua me lembrava um bando de formigas, era uma pilha de gente morta e fedorenta que gemia e se mexia, acho que o Marcello vomitou mas não dei atenção a ele.

E minha preocupação se tornou algo real, mesmo com as pernas quebradas, ou a coluna, alguns estavam se movendo para fora da pilha e se arrastando em nossa direção.

- Jéssica.

- Eu vi, quer que eu vá? - Ela segurou a Nagini com a lâmina para baixo.

- Tem uma faca aí? - Olhei para o Marcello.

- Tenho. - Ele puxou do coldre em sua perna uma faca bem parecida com a da Jéssica.

- Segura firme no cabo, de preferência assim ó – A Jéssica mostrou como segurava a faca – A apunhalada fica mais forte.

- Entendi. - O Marcello estava bem sério quando respondeu.

- Você já enfrentou eles antes cara?

Tive que perguntar, o fato dele não saber que o barulho atraí os mortos era estranho, porra, eles já estão andando por aí a uns três ou quatro meses. Tempo mais do que suficiente para entender e perceber certas coisas, pelo menos era isso que eu pensava.

- Nunca com a faca.

- Só não seja mordido.

Escutei um dos soldados do Marcello gritando alguma coisa, olhei na direção deles e vi que um deles estava apontando para a esquina, com as barras de ferro em mãos eles foram até lá. Acho que tinha algum fedorento chegando por ali, espero que esses caras obedeçam o que falei, e que sejam espertos o suficiente para não ficarem cercados.

- Eu vou primeiro, Jéssica, fica de olho na nossa casa, Marcello fique atento naquela casa ali – Apontei para a casa da direita, bem em frente a nossa. - E olha para os seus homens de vez em quando, vou tentar criar uma linha com aquele filho da puta que tá se arrastando mais a frente, não podemos deixar que tomem muito espaço na rua.

- E se tomarem? - Perguntou o Marcello.

- Aí a gente se fode.

Como sempre segurei a Naja com a mão esquerda e a Cherokee com a direita, caminhei na direção do monte, um dos fedorentos estava se arrastando na rua, parecia ser uma mulher mas não sei dizer ao certo, sua cabeça estava rachada, as pernas não se mexiam, um dos braços tinha um ângulo muito estranho, tinha se quebrado em diversas partes, mas mesmo com um único braço a coisa conseguia se arrastar.

Por mais que o crânio já estivesse rachado eu não quis usar o meu pé, bati com a lateral da Cherokee no crânio da criatura, o osso afundou e perfurou o cérebro. Outros dois já tinham se arrastado para fora da pilha, olhei para cima, tentando calcular de forma inútil a quantidade que ainda cairia. Não sei ao certo quantos prédios e apartamentos tinham ali em cima, sei que também tinham casas, e não saber ao certo me deixava muito putó. O ponto mais alto da pilha tinha quase dois metros de altura, na casa da direita os fodidos já estavam quase

atingindo o topo do muro, alguns foram partidos ao meio quando acertaram o muro, outros se quebraram e ficaram encaixados ali, pareciam tapetes colocados para secar.

Se o inferno existe acho que deve ser bem parecido com isso, talvez a diferença seja o fogo, eu já estava acostumado com o cheiro de decomposição, mas a praga do gemido ainda me dava calafrios, eram uns mil corpos gemendo e se mexendo, alguns mordiam o ar e o bater dos dentes só adicionavam uma nova nota de pavor a sinfonia.

A cada minuto, mais e mais estavam firmes o suficiente para se mover, alguém gritou atrás de mim, olhei e vi que um dos soldados estava sendo carregado, o Marcello correu até ele e gritou meu nome, não entendi o que ele estava falando, a Jéssica me olhava e apontava na minha direção com sua faca, senti uma mão segurando meu pé e a Cherokee desceu, cortei fora o braço de um filho da puta que se aproximou mais do que eu gostaria. Me virei para a pilha, aquela merda só aumentava, eu não tinha escolha a não ser recuar.

- Jéssica, vem comigo.

Corremos. O soldado que estava sendo carregado era o Richard, sua perna esquerda estava suspensa e pingava muito sangue, seu braço esquerdo tinha um baita arranhão que ia da mão até o cotovelo. Não parei para perguntar o que tinha acontecido, estava na cara que o idiota foi mordido. Jéssica e eu corremos até a esquina, sete corpos estavam na rua, um bando com quarenta ou mais estava caminhando em nossa direção, a gente estava prestes a ficar cercado outra vez.

- O que a gente vai fazer Davis?

- Não temos escolha, temos que entrar na casa, vem.

- Eles vão entrar?
- O cara foi mordido, vou entrar na casa do lado, você entra e avisa todo mundo da situação e tranca tudo.
- Tá bom.

Abri o portão da casa em frente a que minha família estava, entramos, fechei o portão e o tranquei com um dos cadeados que já estavam preparados ali, tirei a escada que dava acesso à casa ao lado e a coloquei no chão próximo ao portão.

- O que você está fazendo? - Perguntou o Marcello.
- Estamos cercados, vamos ter que esperar e torcer para que alguma coisa os leve para longe. - Eu estava visivelmente irritado, e o Marcello percebeu.
- Meu amigo foi mordido Davis.
- Eu sei.
- A culpa não é minha.
- Eu não disse que era.
- E não é.
- Você sabe o que vai acontecer não sabe? - Ele só me encarou.

O Leandro e o Breno colocaram o Richard no sofá, eu os mandei levar o cara até o banheiro, fui até um dos quartos e peguei alguns suprimentos médicos, deixamos bastante coisa em todas as casas.

- ISSO É CULPA SUA! - Berrou o Richard quando eu levei o kit médico até ele.
- Não grita. - Quando eu disse isso ele tentou se levantar e me atacar, mas o Breno o segurou.

- Para com isso caralho! A gente já está numa puta situação de merda, não piora as coisas porra!

- EU FUI MORDIDO!

- Não grita. - Falei outra vez, minha respiração estava bem calma.

- Capitão, por favor. - O Leandro usou minha patente, e pareceu bem sincero ao me chamar assim.

- Vamos limpar essa ferida, não deve estar tão ruim assim, a calça da farda é bem grossa. - Falou o Marcello.

- E ESSA PORRA AQUI? - Richard esticou o braço arranhado.

- Não sabemos se o arranhão transmite alguma coisa.

- BESTEIRA BRENO! BESTEIRA! EU... eu devia pegar essa arma e te encher de buraco!

- CHEGA RICHARD! - berrou o Marcello que tinha perdido a paciência com a situação. - Chega! Breno, Leandro, limpem essa coisa, a gente não tem certeza de nada, não sabemos se todo mundo fica infectado quando é mordido, não sabemos se o arranhão faz alguma coisa ou não! E ficar procurando culpados não ajuda em nada! E Davis, eu sei que você é capitão mas esse pelotão foi confiado à minha liderança, eu digo a eles o que fazer, não você.

- Otário! - Quando o Richard disse isso o Marcello o acertou com um soco na barriga.

- EU DISSE CHEGA! Levem ele para o banheiro, tirem a farda e cuidem dos machucados.

- Sim senhor. - Falam juntos.

- Espera um pouco. - Comecei a falar – Você está certo Marcello, esse pequeno pelotão era comandado por você, mas cara, o comando maior acabou, não tem mais governo, não tem mais ordem e muito menos progresso. Minha família está presa em um porão por causa da merda que está acontecendo lá fora.

- Não é minha culpa!

- Eu não disse que era, a culpa foi daqueles filhos da puta que roubaram o caminhão e mataram os verdadeiros militares, mas eles já se foram, e acredite em mim, os malditos sofreram. Mas cara, eu preciso te falar essa merda, tenho certeza que antes dessa porra toda nenhum de vocês se meteu em qualquer tipo de confronto real. Mas eu estive! Eu fiz muita merda cara, coisas que vocês nem imaginam, e com a ajuda daquela garota – Apontei na direção da porta, eles entenderam que eu estava falando da Jéssica – descobrimos muita coisa sobre esses fodidos, e sabemos nos defender deles, vocês viram com seus próprios olhos.

- Marcello, não sei como a gente se encontrou nesse mundo depois de tanto tempo, eu sempre fui seu amigo, sempre gostei de você mas não venha querer entrar em disputinhas comigo, eu sou seu amigo de infância e não um dos soldados que te seguem. Se quiserem viver para ver outro dia vocês tem que fazer o que eu falar.

Todos me olharam e ninguém disse nada, no fundo eles sabiam que estavam brincando de soldados, pelo menos no que diz respeito à instituição governamental em si. Tanto o Leandro como o Breno fizeram um aceno positivo com a cabeça. O Marcello fechou os olhos, respirou fundo e me pediu desculpas. O Richard era o único que me olhava com raiva.

- E Richard... antes do amanhecer você estará morto.

Os mortos pararam de cair, a rua estava tomada e a febre do Richard já tinha começado, eu não quis ameaçá-lo mais cedo, mas claro que minhas palavras não foram tão bem

aceitas pelo Marcello e seu grupo. Já estamos a mais de quatro horas dentro da casa, já está começando a escurecer, as casas mais perto do paredão de pedra estão completamente cheias de mortos, a rua só tinha um poste funcionando. Fiquei na laje da casa olhando os mortos e a casa onde minha família estava, não demorou muito para o Marcello se juntar a mim.

- A febre está muito alta. - disse ele sussurrando.
- Sinto muito.
- Você está certo, ele não vai viver até amanhã cedo.
- O que vocês vão fazer?
- Esperar ele ir, e depois...- ele respirou fundo.
- E depois disso?
- Buscar os caminhões era nossa missão, a única coisa que nos motivava a continuar, e... agora não faço a menor ideia cara.

Eu poderia os convidar a se juntar a nós, mas essa decisão não deveria ser só minha, eles eram soldados, homens desconhecidos e meu grupo era basicamente de mulheres, já faz tempo que o Marcello e eu não nos víamos, eu não sei o tipo de homem que ele se tornou, e não faço a menor ideia de como os outros são.

- Você já fez merda Marcello?
- Além dessa?
- É, isso aqui foi uma cagada, mas agora vocês sabem.
- Fala isso para o Richard.
- Eu preciso saber cara, preciso saber que tipo de homem você se tornou, que tipo de homem o Breno e o Leandro são.

- E qual o motivo disso? - Eu mal conseguia ver seu rosto, mas o tom de voz deixava claro sua curiosidade.

- Vocês tem treinamento, acho que se a gente trabalhar junto podemos manter aquelas pessoas em segurança, e quem sabe encontrar mais pessoas por aí, pessoas que precisam de ajuda para não acabarem como esses aí.

- Você quer salvar o mundo?

- Nem fodendo, só quero manter as pessoas que estão naquela casa ali da frente vivas! E cara, eu mataria todos esses fodidos aqui na rua para fazer isso ou morreria tentando.

- Isso é um convite Davis?

- Ainda não, eu estava aqui pensando em diversas coisas, tentando bolar um plano para limpar essa rua.

- São muitos.

- Eu sei, já fiz isso antes e acredite, tinha muito mais. E outra coisa que eu estava pensando é que eu preciso conhecer vocês, saber o tipo de homem que são. E depois disso, conversar com meu grupo e ver se aceitam vocês com a gente.

Não olhei para o Marcello mas tinha certeza que a última coisa que falei o deixou surpreso, talvez ele pensasse que só pelo fato de ser meu amigo de infância era sua carta de entrada, ou talvez ele não quisesse se juntar a mim.

- O que você quer saber? - perguntou após uns instantes de silêncio.

- O que você fez depois que eu fui embora?

- Caramba, isso já tem tempo. Bom, continuei no batalhão, trabalhei duro e depois de uns três anos fiz a prova para sargento. Eu ajudava nos alistamentos, na oficina, a capinar. O momento de maior emoção foi quando fui em uma missão de paz fora do país. Foi lá que conheci o Leandro, o

Breno já estava comigo, ele se alistou no ano que você foi embora.

- Você não se casou?

- Não, mal tinha tempo para namorar cara.

- Qual era o nome daquela garota que você gostava na escola? - a lembrança de um passado tão longe me atingiu como um raio.

- Qual?

- Aquela que tinha um olho de vidro, que era da nossa sala.

- Bernadete. - nós dois sorrimos com a lembrança.

- Bernadete... teve a Graciane também né?

- Caramba, a Graciane... com ela a coisa foi complicada.

- Eu lembro, você ficou gamado no irmão dela.

- Ele era muito bonito, mas... - senti uma hesitação vinda dele.

- O que foi?

- Eles não sabem.

- O que eles não sabem?

- Porra Davis, não me... força a falar isso, você sabe bem do que eu estou falando.

- Marcello, você é o sargento deles, e mais que isso, você é amigo deles, e é isso que importa, você não precisa ter medo de ser quem é.

- É fácil para você falar.

- Eu sei disso, eu me lembro bem como tudo aconteceu depois que te pegaram dando uns beijos no irmão da sua peguete.

- Idiota! - rimos outra vez.

- Haha ri baixo caralho.

- Aquilo foi uma bagunça né?

- Lembra o que aconteceu no dia seguinte?
- A briga. A Graciane contou para sala toda, e aqueles nojentos começaram a me zoar, me chamar de bichinha, viadinho. O Edson me chamou para brigar na saída, achei que ia ser mano a mano, mas ele veio de galera.
- E...
- E você estava lá comigo. Ainda bem que fizemos o que o seu pai ensinou né?
- Haha pois é - *Se vocês forem brigar com um grupinho, mirem em um só! Se fizeram bem os outros vão ficar com medo e não vão querer brigar, caso contrário, corram!*
- Hahaha, e deu certo, e no dia seguinte eles espalharam que você era meu namorado.
- Acho que você foi a namorada mais barbuda que eu já tive hahaha e depois de mais umas quatro ou cinco pancadas eles nos deixaram em paz.
- Idiota. Eu nunca esqueci daquilo, de como você me defendeu.
- Eu não te defendi, a gente era amigo, pegou com você pegou comigo lembra?

Ficamos em silêncio por um tempo, acho que ele estava absorvendo a última coisa que falei, e era verdade, eu não estava nem aí se o Marcello gostava de garotas ou de garotos, ele era o meu amigo e isso era a única coisa que importava. O céu já estava escuro quando ele decidiu descer da laje, nos lembramos de muitas coisas do nosso tempo de infância, adolescência e juventude. Fiquei feliz em saber que ele ainda era o meu amigo, mas isso não significa que eu confiava em seus homens, pelo menos não ainda.

- Capitão? - Reconheci a voz do Leandro.
- O que foi?

- O sargento está chamando o senhor.
- Cara, pode me chamar de Davis, não sou mais capitão e nem você é um soldado.
- Jamais vou deixar de ser um soldado senhor.
- A vontade soldado.

Eu sabia o motivo de ter sido chamado, o Richard estava morto. Me senti culpado por ter dito que o cara ia morrer antes do sol nascer, antes da TV sair do ar eu vi relatos de pessoas infectadas que morreram depois de dois ou três dias, acho que eu adiantei as coisas.

- Ele se foi. - Disse o Marcello ao me ver.
- Sinto muito.
- Sente? Sente mesmo? - havia ironia no tom de voz do Breno ao me perguntar isso.
- Sinto, e sinto mais ainda por falar o seguinte, vocês precisam pegar uma faca e perfurar o cérebro dele.
- O que? Você quer esfaquear o corpo dele? Tá falando sério cara?
- Breno, a infecção, ou seja, lá que merda é essa que faz as pessoas mortas voltarem a vida, está no cérebro, o único jeito de acabar com eles é perfurando, esmagando ou explodindo a cabeça, então se vocês não querem que o cara se transforme em uma daquelas coisas, vocês precisam fazer isso.
- Você faria? - A pergunta do Marcello me surpreendeu.
- Acho que deveria ser um de vocês, mas eu faço se vocês não conseguirem.
- Merda! - o Breno começou a chorar.

Eu entendia o cara, acho que dentro de sua mente ele estava em um conflito, perfurar a cabeça do amigo ou deixar

que um idiota como eu fizesse isso, ainda mais com o jeito que a gente se conheceu e como eu o tratei horas atrás. Não tinha raiva do cara nem nada assim, tudo o que fiz e falei foi por culpa da situação, tenho certeza que se as coisas acontecessem de outro jeito seríamos amigos.

- Vocês precisam decidir logo, não dá para saber quanto tempo leva para se transfonar, pode ser em segundos, minutos ou horas. - Eu não queria cortar o luto deles mas era preciso.

- Tem que ser um de nós – falou o Leandro.

- Sou o sargento, então tem que ser eu.

- Foda-se a patente Marcello! Esse cara está certo – o Breno apontou o dedo para mim – Até onde a gente sabe somos os últimos militares do exército brasileiro, a porra do mundo acabou, os mortos estão andando por aí, merda cara... a gente... a gente tá morto.

Enquanto os três discutiam quem seria o escolhido para evitar que o amigo se transformasse em zumbi, o próprio Richard fez a escolha, ele começou a se mexer, foi abrindo os olhos bem devagar, estavam com uma coloração branca, parecia que tinham derramado água de leite neles, sabe quando você pinga um pouco leite em um copo cheio de água? Aquela cor que não é totalmente branca, algo meio fosco, sei lá como explicar essa merda. A boca dele se abriu e deu para ver que seus dentes estavam escuros, já vi alguns zumbis que não tinham essa coloração escura na boca, talvez fosse uma característica inicial dos infectados ou alguma merda assim. O Breno era o alvo mais próximo, Richard se levantou com uma rapidez incomum para eles, mas eu já estava preparado.

O Breno só reparou o que estava acontecendo quando sentiu sangue atingindo seu rosto, golpeei a lateral da cabeça

do Richard, acabei partindo a orelha dele ao meio, não foi um golpe muito limpo, mas foi forte o suficiente para atravessar o couro cabeludo, o crânio e o cérebro. A cena não foi nada bonita.

- NÃO! NÃO!

O Breno se levantou furioso e partiu para cima de mim, o deixei dar dois socos, senti um dente bambejar, quando ele se preparou para o terceiro golpe eu o parei, segurei seu braço e torci para trás, eu o imobilizei e a fúria se tornou tristeza, senti o seu corpo relaxando e o soltei. Ele caiu no chão e quase ficou em posição fetal.

Marcello e Leandro também estavam chorando, ambos tentavam se manter firmes, mas que se foda, eles deviam mesmo chorar.

Depois de alguns minutos eles saíram do quarto, eu fiquei, o banheiro da casa tinha uma banheira, peguei uma fronha e enrolei na cabeça do Richard evitando que a massa encefálica ou os miolos retalhados caíssem no chão e fizessem ainda mais sujeira. Em seguida eu carreguei o corpo e o coloquei na banheira, tirei a farda e o lavei do melhor jeito que pude. O sequei, coloquei na cama e o enrolei com um lençol e um edredom, não estava com remorso nem nada disso, mas achei que era o mínimo que eu poderia fazer.

Voltei para a laje, o ar da noite estava frio, me limpei quando estava cuidando do Richard, eu não queria que os caras vissem o sangue do amigo no meu corpo e muito menos na minha machadinha. Os mortos gemiam na rua, a luz do poste estava amarelada e iluminava pouco, fiquei olhando na direção da casa em frente, torcendo para que todos estivessem bem.

Me deitei, fechei os olhos por um momento, e me vi em um outro mundo, estava de volta ao Alasca, caminhando na neve, um rifle de caça no ombro, um colete laranja e ao meu lado estava a Jéssica, usando um casaco marrom que parecia ser pele de urso, um gorro cinza bem grosso, e uma bota verde, ela também tinha um rifle de caça nos ombros.

- Fique atenta aos rastros. - Falei com ela quando paramos em meio as arvoes.

- Tá bem.

Caminhamos por alguns metros e vimos um rastro de sangue na neve, preparamos as armas, passamos por uma clareira e encontramos nossa caça, um alce enorme, estava parado olhando em nossa direção.

- Vai lá Jéssica. - ela preparou a arma, se abaixou em uma postura de atirador – respira fundo, e desliza seu dedo no gatilho, toma cuidado com o tranco.

Ela atirou, o alce caiu, não sei dizer onde foi o tiro mas o bicho não se movia, pedi que ela travasse a arma, quando nos aproximamos percebi que algo se movia na barriga do bicho.

- Tá grávida? - Perguntou a Jéssica começando a chorar.

- Não, ele é macho.

Puxei uma faca, perfurei o pescoço do bicho e comecei a cortar, abri a barriga dele, as entranhas começaram a sair e um zumbi saiu de lá, não consegui fazer nada, ele agarrou a Jéssica e mordeu seu rosto. Gritei, e por sorte acordei. Estava de manhã, a pilha de zumbis continuava lá, alguns ainda se

arrastavam pela rua, mas aqueles que estavam caminhando foram embora. Em meio ao fedor dos mortos senti um suave cheio de café, aquilo era um sinal que a Márcia e eu combinamos, um jeito de mostrar que tudo estava bem, desci da laje e também fiz um cafezinho, o Marcello se juntou a mim.

- Obrigado. - Ele me abraçou.

- Sinto muito Marcello, de verdade.

- Eu sei, já perdemos tantos amigos cara, e acho que o Breno está certo. Estamos todos mortos, é só questão de tempo para gente caminhar com eles. - Quase dei um soco nele.

- Não, eu estou bem vivo Marcello, e vocês também estão, morrer a gente vai, eu sei que eu devo morrer lutando, mas aquelas pessoas da casa em frente me motivam a querer viver cada dia mais, quando eu cair vai ser por eles.

- E quantas pessoas têm lá afinal de contas?

- Oito pessoas e um cachorro.

- Um cachorro? Não ouvi latido nenhum.

- Ele é treinado, toma, vamos beber café. - Sentamos no sofá.

- O Richard era um cara legal, mandava muito bem no Fifa, e tocava violão quase toda noite. Eu não devia ter esperado, ele não merecia ter virado uma dessas coisas.

- Lembra do clube que a gente tinha? - Outra lembrança de uma vida passada.

- Putz! Lembro sim, a gente fez depois que assistiu aos Batutinhas, né?

- Sim. Eu não pensava naquilo a muito tempo, sinto falta de como eu era.

- Como assim?

- A história é longa.

Quando comecei a contar sobre as coisas que fiz, o Breno e o Leandro apareceram na sala, ofereci café, pegaram um copo, se serviram e sentaram perto da gente. Ficaram em silêncio por alguns minutos, e então o Leandro puxou uma conversa sobre o Richard, me contive para não rir da situação, aquilo estava parecendo um velório, quando as pessoas se juntavam para falar bem do morto e lembrar sua vida.

- Vamos fazer um enterro? - Perguntou o Leandro depois de um tempo.

- Nem fodendo eu volto em um cemitério, e tenho certeza que se fosse o contrário o Richard também não iria. - Disse o Breno.

- Podemos fazer um funeral viking. - falei com um pouco de receio da resposta deles.

- Funeral viking? Com barco e fogo? - perguntou o Marcello.

- Não temos barco, mas tem o helicóptero.

- Você tá de sacanagem? Não vamos queimar o cara dentro do nosso meio de transporte! - Eu sabia que o Leandro falaria algo.

- Cara, a gente não vai subir naquilo outra vez, foi o barulho dele que nos meteu nessa merda e nos fez perder o nosso amigo, além disso, não temos para onde ir. - as palavras do Breno me surpreenderam.

E o que vamos fazer então? - Quando o Leandro perguntou isso, o Marcello me olhou e percebi o que ele queria perguntar.

- Na casa em frente tem oito pessoas, sete são mulheres, caso elas aceitem, vocês podem se juntar a nós, mas tenham em mente uma coisa, eu confio no Marcello mas não

sei nada sobre vocês dois, se fizerem qualquer coisa contra elas, eu mato vocês.

IGGDRAZIL

Perdemos as quatro casas mais perto do paredão, elas ficaram infestadas de mortos, eles estavam tando nas lajes quanto nos terreiros, acho que o teto de uma delas desabou, ouvimos o barulho mas não sei dizer qual delas era, o Joseph não ficou nada feliz em ter que abandonar sua casa e tudo o que tinha dentro, a Maria estava chorando por deixar as coisas de seu falecido filho para trás, a Márcia, sabia do apresso de sua mãe por certas fotografias de família, e a algum tempo as passou para seu celular, enquanto conseguisse carregar a bateria, sua mãe teria acesso a elas.

Passamos dois dias matando os zumbis que estavam se arrastando para fora da pilha, era um trabalho cansativo e improdutivo, a pilha era grande demais, e eles eram muitos. Arrastamos uns 100 para longe dos outros e os colocamos escorados na parte do caminhão que dava para a rua de baixo, o Marcello e seus dois homens gargalharam quando eu dei essa ideia.

- Haha cara, você acha mesmo que isso vai impedir que os outros venham até aqui? - Perguntou o Breno com muito desdém.

- O Davis já andou no meio deles usando esse tipo de coisa, acho que vocês não podem falar o mesmo, né? - a Jéssica me defendeu.

- Andou entre eles? Como assim?

- Ele se sujou com sangue e vestiu a roupa deles, eles não atacam uns aos outros, acho que é por causa do cheiro, eles fedem a morte, a gente só fede a suor.

A Jéssica tinha razão, o cheiro é uma das características deles, talvez se todas as pessoas que ainda estão vivas

conseguissem sobreviver fedendo a decomposição, quem sabe as coisas não voltariam ao normal, né?

Eles não estavam convencidos, mas, mesmo assim, fizeram o que eu mandei, montamos uma parede quase da altura do caminhão.

Aquilo era só uma medida extra, não ia dar para ficar ali por muito tempo, a pilha que se formou com a chuva de mortos era grande demais, nem fodendo a gente ia conseguir matar todos eles, e ainda tinha o risco de ser mordido por aqueles que estão mais no centro do monte de merda fedorenta. Meus braços estavam doendo, mas, mesmo assim, a Naja e a Cherokee vibravam implorando por mais sangue, minha adrenalina estava alta, eu só queria correr e me jogar naquela pilha e arrebentar a cabeça de todos aqueles filhos da puta, confesso que cheguei a me imaginar fazendo isso, também imaginei como seria cortar a cabeça do Breno, do Leandro e do Marcello, essa merda era culpa deles.

Por fim resolvemos tacar fogo neles, era só um jeito de amenizar um pouco à vontade de matar um por um, o cheiro ficou ainda pior, uma mistura de decomposição, merda cozida, mijo acumulado e todas as outras coisas fedorentas misturado com um belo churrasco. O fedor foi tão forte que ninguém quis ficar por perto, eu fui o único, as chamas levaram meu pensamento até a Jamira, o dia em que ela morreu, me sentei na rua e fiquei olhando as chamas, a Jéssica veio até mim e se sentou ao meu lado.

- Davis, você tá bem? - ela estava com um lenço rosa tapando o nariz e a boca.

- Me lembrei da Jamira.

- Davis... - Ela me abraçou.

Eu sentia o ódio queimando em meu peito toda vez que eu me lembrava daquele dia, a Cherokee e a Naja vibravam, sentiam a minha raiva e assim como eu queriam sangue, mas os malditos que mataram a minha amiga já estavam mortos, eu só queria que eles tivessem mil vidas para que eu as tirasse de maneiras que os faria implorar pelos castigos do inferno. A Jéssica e eu ficamos abraçados por um tempo, vimos o fogo consumir roupas, pele, gordura, carne, cabelos e órgãos daqueles pobres coitados, depois de um tempo a garota se cansou de ver aquela nojeira, ou talvez tenha sido o cheiro, ela me deu um soquinho no braço e foi ficar com sua irmã.

O Marcello tomou iniciativa em criar algum laço com as pessoas, principalmente com o Joseph, foi só falar de adestramento que ele o ganhou, já o Leandro fez amizade com a Bianca, ele disse que tinha uma sobrinha e a pequena se parecia com ela, o Breno não fez questão de se aproximar de ninguém, e eu estava ali pensando nisso e a Eva veio até mim, comentei sobre isso e ela me disse que aquilo era o jeito dele e que ela já foi assim um dia.

- Você não parece ser tão carrancuda.

- Se você tivesse me conhecido ano passado se surpreenderia.

- E como você está?

- Bem melhor, eu nunca pensei que passaria por isso sabe? Tipo, o mundo virou de cabeça para baixo, os mortos estão vivos e... bom, vivos não, mas você entendeu o que eu quero dizer.

- Entendi sim.

- E mesmo assim algumas pessoas agem como antes e... aquilo foi assustador, acho que mais assustador que ver uma dessas coisas comendo alguém sabe? E isso me deixa

péssima, ainda mais quando penso no que aconteceu com o irmão da Jéssica.

- Você não precisa se sentir péssima, sabe, esse tipo de coisa quebra as pessoas, é um abuso em todos os sentidos, não é só uma coisa no corpo, também marca na alma, eu já vi pessoas que passaram por isso, algumas deram a volta por cima, outras se entregaram. É egoísmo falar isso, mas fico feliz de ter chegado a tempo e ter feito o que eu fiz, mesmo depois que a Karolina fez o que fez, a Jéssica ainda quis ajudar um estranho, e naquele momento eu me liguei a você e suas irmãs.

- Também fico feliz de você ter chegado a tempo.

- Se for possível, não pense mais naquilo, você nunca mais vai se sentir vulnerável daquele jeito.

E era verdade, o olhar dela era totalmente diferente, mesmo que a lembrança esteja em sua mente, seu corpo demonstrava sinais de recuperação, de força, nenhum filho da puta se meteria a besta com ela e viveria para contar história, tentei prepará-las para quando precisassem enfrentar alguém vivo.

- Matar uma pessoa viva não é a mesma coisa que derrubar um dos mortos, eles não caem como a gente vê na TV, eles não morrem rápido, e quase nunca é uma coisa limpa, o intestino se solta, eles cagam, eles mijam, eles vomitam, eles choram e imploram para que você os deixe viver.

- E devemos deixar? - perguntou a Márcia.

- Eu não deixaria. Não posso falar por vocês, mas se fosse comigo, se eu fosse atacado e conseguisse reverter a situação, eu não teria piedade, se o ataque é mano a mano, corpo a corpo, matem. Coloquem seus sentimentos em segundo

plano e pensem, se eu o deixar viver, ele pode voltar e machucar as pessoas que eu gosto.

Tenho certeza que todas elas guardaram essa lição, por enquanto não precisaram botar nada disso em prática, mas tenho certeza que algum dia elas vão ter que fazer essa escolha. E com o passar dos dias de treinamento a Eva começou a se sentir melhor, ela ganhou músculos e força para superar o que aconteceu. Suas irmãs, Evelyne e Evangeline foram um grande auxílio para essa superação.

- Obrigada Davis.

- Por?

- Ser um bom ouvinte! - Ela me deu um beijo na bochecha e saiu.

O cheiro estava muito forte, e eu sei que queimar aqueles fodidos não era solução para porra nenhuma, mas isso manteve a minha turma ligada, e as vezes é o que importa, continuei sentado só observando, e como um conto de natal, onde alguém é visitado por três espíritos, agora a Márcia apareceu e se sentou ao meu lado, o valente veio com ela e deitou no meu colo, aquilo me deixou surpreso.

- Gostei da máscara. - ela estava usando um lenço com uma estampa de Ursinho Carinhoso.

- Bianca que escolheu, você devia usar também.

- O cheiro não me incomoda.

- E isso é bom?

- Duvido.

- O valente parece finalmente ter se apaixonado por você.

- Não deixa seu pai saber. - Eu me forcei a sorrir enquanto afegava atrás da orelha do valente.

- Já sabe o que vamos fazer?

- Eu queria ficar aqui sabe? Fortificar como pudesse, e só ficar aqui, pegar a casa da hidro, morar com você, a Bianca e a Jéssica.

- Se isso for um pedido de casamento eu vou falar não, aqui está fedendo muito para aceitar. - Acho que ela estava sorrindo.

- Seria uma ideia ruim?

- Casar? Você tá falando sério Davis?

- Bom, depois que você me beijou na frente da sua mãe e que ela contou para o seu pai, acho que é questão de tempo até ele me confrontar para saber as minhas reais intenções com você. - ela socou meu braço.

- Bobo. Vamos achar um lugar para ficar e então você me faz o pedido direito tá? E não esquece que precisa de uma aliança, meu número é 24. - Ela se levantou e voltou para casa, o valente foi com ela.

Não planejei falar nada daquilo, nunca pensei em me casar, ter uma família, honestamente achei que nunca ficaria velho e que se ficasse eu me tornaria um daqueles velhos solitários que as crianças correm de medo ao ver passar pela rua. Mas eu nunca senti nada parecido com aquilo que eu sentia pela Márcia, não sei dizer se era amor já que eu nunca vivenciei isso antes. Passei o resto do dia sentado ali, olhando o fogo, me lembrando de outros tempos, e pensando no que fazer agora, e quando anoiteceu, me reuni com o pessoal na casa de fuga, eu já tinha um plano em mente.

A Márcia fez um café especial, acho que foi para dar uma acalmada em seu pai, o Joseph era um bom homem mas

não queria sair dali, mesmo sabendo que sua vida dependia disso, eu entedia o lado dele, ele criou sua família naquela casa, e mesmo sendo cego o cara andava por todo canto com uma destreza incrível, eu mesmo já tropecei algumas vezes em um móvel que ficava perto de uma das portas.

- Cego! Haha – ele zombava de mim quando isso acontecia.

Marcello, Leandro e Breno estavam com roupas civis, a Eva costurou as fardas juntas e cobriram o corpo do Richard com elas, depois o colocamos dentro do helicóptero. Todos se sentaram no chão enquanto eu falava.

- As coisas não saíram como a gente gostaria, imprevistos aconteciam antes e sem dúvidas não vão deixar de acontecer agora que o mundo acabou. Nosso plano inicial era ir até o shopping cidade, na verdade eu iria sozinho para ver como as coisas estão por lá, só que não posso deixar vocês aqui, infelizmente aqui não é mais seguro. Mas acho que ao invés de ir até o centro, podemos pegar a Andradas direto e parar no Boulevard Shopping, lá também é grande, o prédio acima dele é uma sede administrativa de um time de futebol, então não deve ter ninguém.

- Como você pode ter certeza? - Perguntou o Joseph com um tom de voz triste e raivoso.

- Na verdade não tenho certeza de nada, mas eu acredito que aquele prédio não vai ser o problema.

- Meu Deus. - ele tapou o rosto com as mãos, o valente se deitou ao lado do dono.

- O Boulevard é grande, assim como o shopping Cidade, lá tem supermercado, farmácias, praça de alimentação, loja de brinquedos – olhei para a Bianca, ela sorriu.

- E se tiver gente lá? - Perguntou o Breno.

- Pedimos para entrar.

- E se não deixarem? - Continuou.

- Pedimos outra vez.

- E se...

- Já chega Breno! - interveio o Marcello – deixa o cara falar.

- Somos militares, temos que ajudar a manter a ordem, e não o contrário.

- Não existe mais ordem, o mundo acabou cara, e na boa, você viu o que o Davis é capaz de fazer, e eu confio nesse cara.

- Com sua vida? - perguntou o Breno.

- Com a minha vida! - ele colocou a mão no ombro do amigo – faça o mesmo!

Eu não julgava o jeito que o Breno falava comigo, o cara perdeu um amigo e ainda não teve tempo para vivenciar o luto, mas entender não significa deixar de ficar puto, mas depois da intervenção do Marcello eu finalmente consegui terminar de falar.

- Caso tenha alguém vivendo lá, podemos oferecer nossos serviços para ajudar a fortificar, se forem hostis a gente se defende, não vamos tomar nada de ninguém. Agora vamos terminar de tomar esse belo café que a Márcia fez para gente, vamos preparar nossos equipamentos, ter uma bela noite de sono, e amanhã vamos procurar um novo lar.

Quando todos foram se deitar, a Jéssica olhou na internet e me mostrou o tamanho do lugar, o shopping era bem grande, fechava quatro quarteirões, uma parte na avenida Andradas, que era bem ampla e nos dava uma boa visão, na rua Ponta Porã, onde havia uma vila e um condomínio de apartamentos, acima tinha a rua Professor Otaviano de Almeida, na esquina tinha um hospital de um plano de saúde, e alguns prédios residenciais, já na rua Pacifico Mascarenhas, tinha um hospital militar.

Alguns quarteirões acima tinha uma praça, nela um batalhão da polícia militar, além é claro de outro hospital do mesmo plano de saúde, na real tinham muitas clínicas ali perto.

- Você acha que vai ter alguém lá? - perguntou a Jéssica, percebi que ela estava segurando o cabo da Nagini.

- Está com medo?

- Um pouco.

- Olha, quando eu estou com medo eu faço exatamente isso que você está fazendo – aponte para a mão dela que segurava forte o cabo de sua faca – eu aperto o cabo da Cherokee e o medo vai embora. Agora vai descansar, teremos um dia longo amanhã.

Já era madrugada, eu estava na rua, a pilha de mortos ainda ardia apesar de não ter chamas, eu ouvia o gemido abafado dos nojentos que estavam mais no centro do monte, era assustador. Colocamos o corpo do Richard dentro do helicóptero, fiquei olhando para ele por um tempo, depois me sentei na rua outra vez. E então, a Márcia e a Eva vieram se encontrar comigo.

- Eu falei que ele estaria aqui – era a voz da Márcia.

- Ponto para você! - disse a Eva.
- Vocês deviam descansar – eu mal conseguia ver o rosto delas, a madrugada estava escura e o único poste que funcionava estava com a luz bem fraca.
- Eu falei com a Eva sobre aquele nosso papo mais cedo e... bom, eu...
- Você quer que ela seja sua madrinha?
- Não é isso, ela quer que eu seja outra coisa. - A Eva me deixou mais confuso.
- Eu não estou entendendo.
- Eu e a Eva... a gente... a gente conversa bastante sabe? Conversamos muito nesses últimos dias e... - a voz doce da Márcia estava repleta de timidez.
- Fala logo Márcia! - até a Eva estava ansiosa.
- Você foi o primeiro homem que eu beijei, literalmente o primeiro homem, e o motivo disso é que eu... eu sempre me relacionei com meninas e...
- Você quer terminar? - perguntei com a ingenuidade de um adolescente.
- Não é isso, é que... eu gosto da Eva e... e ela gosta de mim e também gosta de você, e nós duas gostamos de você e gostamos uma da outra e...
- Davis, o que a Márcia quer dizer sem essa timidez toda, é que ela gostaria que nós três formássemos um trio, isso é, se você quiser ficar comigo. - Agora era a Eva que estava com vergonha.

Confesso que fiquei paralisado, eu não soube como reagir, por um momento pensei que aquilo era coisa da minha cabeça.

- Eu... eu não sei o que... vocês estão falando sério?

- Sim!

A Márcia se aproximou de mim, colocou a mão direita na parte da frente da minha calça e me beijou, com a mão esquerda ela chamou a Eva, ambas estavam tímidas a dois segundos, a Eva se aproximou, colocou uma mão na minha cintura e outra na da Márcia, em seguida as duas se beijaram, e depois senti uma mão na minha nuca forçando meu rosto contra o da Eva, e então eu a beijei. A Márcia e a Eva seguraram minhas mãos e me puxaram para uma das casas, o lugar estava iluminado com algumas velas, elas já tinham preparado tudo.

Me levaram para o quarto, tiraram minhas roupas, ficaram nuas e se deitaram ao meu lado. Aquela tinha sido a minha primeira vez com a Márcia, a luz das velas refletiam em seu corpo, e ver aquela expressão de prazer em seu rosto foi algo sensacional, ela e a Eva se entregaram uma para outra, por um momento eu fiquei olhando as duas, não dava para fingir aquele sentimento, elas realmente se gostavam, e ao que parece também gostavam muito de mim e isso era confuso.

Ver as duas se acariciando e se beijando, curtindo aquele momento, algo veio a minha mente, algo que eu teria que fazer. Elas perceberam que eu parecia estar em outro mundo e me puxaram para perto, e acho que pela primeira vez na minha vida inteira, eu fiz amor.

Faltava uma ou duas horas para amanhecer, as duas estavam dormindo abraçadas, eu sorri e depois uma lágrima escorreu pelo meu rosto, me vesti, preendi a Cherokee e a Naja na cintura, peguei um pedaço de papel e uma caneta que tinha ali no quarto, escrevi um bilhete e sai, passei pela pequena muralha de corpos, e desapareci na escuridão da madrugada, meu destino era o shopping.

“Eu amo vocês, e não vou colocar suas vidas em perigo. Eu vou até o shopping, tenho que ter certeza se é seguro antes de levar vocês para lá. Não venham atrás de mim, eu vou voltar, por favor me esperem! Cuidem da Bianca e fiquem de olho na Jéssica, me esperem até o meio dia! Prometo que quando voltar, vou trazer uma surpresa para vocês.”

Dez minutos se passaram, o ar estava bem frio, o rio Arrudas corria forte e o barulho camuflava os meus passos, pensei em como a Jéssica ficaria brava por eu ter quebrado nosso voto, e em alguns instantes eu descobriria o quanto, já que alguém estava me seguindo.

- É melhor você andar mais rápido se não quiser ficar perdida. - e do meio da escuridão ela surgiu, era a Jéssica.

- Como você sabia que era eu?

- Você não devia ter vindo Jéssica.

- E você não devia ter saído sem mim! - ela socou o meu braço.

- Alguém viu você saindo?

- Não.

- Deixou algum bilhete?

- Também não, você deixou?

- Yep!

- Minha mãe deixou um bilhete antes de ir viajar e nunca mais voltou, deixar bilhetes significa não voltar, pelo menos para mim.

- Jéssica – paramos de andar – Olha só, desculpa ter saído sem te falar.

- Não esquenta com isso, só não esquece que um voto perpétuo é para sempre!

- Tá bom, foi mal. E como você sabia que eu tinha saído? - voltamos a andar.

- Quando eu falei que estava com um pouco de medo, eu vi o jeito que você me olhou, e bom, você não é meu pai de verdade mas acho que puxei uma coisinha ou outra de você.

E era verdade, desde os nossos treinamentos a Jéssica age como uma versão melhor de mim, em um outro mundo ela deveria ir para escola, brincar de boneca e essas coisas, mas no mundo em que vivemos não existe mais espaço para essas coisas, mas agora ela usa uma faca de lâmina preta. Será que existe assistente social pós-apocalíptico? Andamos por uns vinte minutos, chegamos bem perto da estação de metrô do bairro Santa Tereza, mais uns dez minutos a gente chegaria ao shopping, e o céu estava começando a clarear.

- Jéssica, não sabemos como estão as coisas por lá, então você tem que ficar perto de mim o tempo inteiro, e se a coisa ficar feia quero que você corra, não se esconda, só corre.

- Tá bom, mas como eu vou saber se a coisa ficou feia?
- era uma pergunta que eu também faria.

- Bom, se você me ouvir falar “corre a coisa ficou feia”, aí você corre.

- Você fez uma piada?

- Fiz né? Foi estranho.

- Muito estranho.

- Agora foco tá bem?

- Tá bom.

Eu estava ofegante, já faz tempo que não andava tanto, e a Jéssica parecia estar inteira, como é bom ser jovem, durante todo o caminho vimos diversos carros abandonados, alguns

tinham marcas de sangue e pedaços de carne, ou seja lá que merda é aquela, decidi não tentar pegar nenhum meio de transporte, jamais arriscaria fazer barulho e atrair os mortos até nós, não sem um planejamento, por isso continuamos andando.

Depois de mais alguns minutos chegamos ao tal codomínio que ficava do lado esquerdo do shopping, não havia sinal de pessoas ou zumbis, os portões estavam abertos, e o local parecia ter sido saqueado ou invadido ou alguma coisa assim, as ruas estavam sujas, se tinha alguém ali já saíram a muito tempo. Naja e Cherokee já estavam nas minhas mãos, a Jéssica também estava segurando a Nagini, o cheiro de morte estava no ar.

- Sentiu?
- Sim.
- Fica perto de mim.

As portas do estacionamento estavam abaixadas, as de vidro um pouco mais a frente estavam abertas, o cheiro vinha de lá, não demorou muito para ouvir os gemidos, fiz um sinal para a Jéssica ir para trás, subimos a rua contrária, e demos a volta, todas as outras entradas do shopping estavam fechadas.

- E se a gente atrair eles para fora? - sussurrou a Jéssica.
- Pois é, pensei nisso também, mas não dá para saber quantos tem lá dentro, se eu achasse uma moto eu poderia dar uma buzina e atrair todos eles para fora.
- Acho que não dá tempo de procurar, né?
- Como assim?
- Você acha mesmo que o pessoal vai ficar de boa lá na casa? Assim que eles lerem seu bilhete vão vir para cá, eu viria pelo menos..

- Eu não tinha pensado nisso.
- Pois é.
- Tá bom, você está preparada?
- Estou!
- Vamos fazer o seguinte, eu vou ficar mais perto da porta, você fica no meio da rua e grita o mais alto que puder, eles devem me ver primeiro, e aqueles degraus na porta vão nos dar uma boa vantagem, eu vou ser a primeira linha, os corpos vão se acumular e evitar que os outros saiam, vou tentar contornar isso, mas preciso que você fique atenta tá bem?
- Vamos nessa!
- Vamos nessa, vamos conquistar um shopping! - eu sorri.

Minhas machadinhas estavam prontas, a Nagini e a Jéssica também, eu confiava muito naquela garota, mas parte de mim não queria que ela estivesse ali, e outra parte estava feliz em ter uma guerreira ao meu lado, e agora que o sol estava mais alto e o dia clareando, consegui ver que o black power dela estava mais alto, e não tinha reparado outra coisa, a Jéssica está ganhando músculos. Nos posicionamos, acenei para ela e o grito começou, fiquei em pé em frente a porta do meio, eram cinco e todas estavam abertas, eu estava fazendo uma pose de herói ou algum personagem desses, meus braços esticados para o lado, Naja na mão esquerda e Cherokee na mão direita, e então o primeiro zumbi veio.

Era um homem, seu rosto estava destruído, o olho esquerdo estava pendurado na altura da bochecha, a maxilar estava quebrando e a parte de baixo pendia, aquele pobre coitado não conseguiria morder ninguém, mas suas mãos ainda eram perigosas, eu estava na calçada, para sair do shopping os mortos tinham que subir pouco mais de oito degraus, e como

eu pensei, aquilo foi uma boa vantagem. O fedorento tropeçou logo no primeiro degrau, caiu e bateu o rosto no chão, o globo ocular estourou como um balão de água, ele tentou levantar mas as pernas estavam em uma posição estranha, acho que se quebraram ao bater no chão, o segundo zumbi já estava vindo, tive uma boa visão do local, e a coisa estava pior do que eu pensei, lá dentro estava bem cheio, talvez uns 50 ou 60 mortos, pelo menos naquela parte.

Eu os deixei vir, já era tarde para fazer outra coisa, assim como o primeiro, o segundo zumbi também caiu, mas não se arreventou como o outro, o terceiro, o quarto, o quinto já estavam a dois ou três passos de chegar nas portas ao lado, fui um pouco para frente, usei a Naja para terminar de arreventar a cabeça do feioso que caiu primeiro, com a Cherokee acertei o segundo, depois recuei.

Agora já tinha mais de dez mortos prontos para sair, me desloquei para a direita, eu tinha o ponto mais alto apesar de ser bem pouco, fiquei frente a frente com três deles, uma era mulher e estava usando uma farda branca, quando estava viva deveria ser uma militar médica, eu a acertei com a Cherokee, a lâmina entrou fundo, cortando seu cabelo louro, rasgando couro cabeludo e abrindo caminho pelo crânio até chegar ao cérebro.

A Naja já estava atacando o zumbi do lado direito, foi um golpe estranho, meu braço direito estava esticado e prontinho para ser mordido, mas como se agisse por conta própria minha amiga de cabo de carbono e lâmina fosca atacou e evitou que eu me ferrasse.

Puxei minhas duas amigas e já estava pronto para o quarto e o quinto zumbis que estavam um ao lado do outro, mais quatro saíram da porta à minha esquerda, percebi que um deles tinha olhado para a Jéssica, e ela também percebeu, sei

que ela não faria nenhuma besteira, mas, mesmo assim, achei melhor tomar conta da situação, apontei para ele com a Naja e minha pequena guerreira partiu para cima, eu a ensinei bem, ela chutou o fedorento acima do joelho, com um movimento de pisão, ele caiu de lado e pronto, a Nagini entrou até o cabo na lateral da cabeça do morto, e ela a puxou de volta com uma facilidade tão grande que mais parecia faca quente na manteiga.

- DO MEU LADO! - Acho que eu estava sorrindo.

- Você gritou – ela estava espantada.

- Gritei, e você também vai, segue a minha deixa bruxinha! VENHAM SEUS NOJENTOS!

- EXPECTO PATRONUM!

- Tá falando latim agora?

- É um feitiço que espanta os dementadores.

- Então tá. EXPECTO PATRONUM SEUS FEDORENTOS!

Entramos no jubilo da batalha, a adrenalina fazendo o coração bombear o sangue tão rápido que mal chegava ao nosso cérebro, se eu estivesse sendo racional falaria para Jéssica se proteger atrás do *guard rail*, mas ver o jeito que ela acabou fácil com aquele zumbi me deixou cego para a segurança.

- Eu derrubo e você elimina, fechado? - eu estava empolgado.

- Fechado! - ela também estava.

Eu os chutava na parte de trás da perna, eles caíam e a Jéssica usava a Nagini, era atacar e recuar, a gente andava para

direita, para esquerda, sempre nos movimentando para que os fedorentos não nos cercassem, esse era o grande segredo, eles eram lentos, mas se conseguissem te cercar já era!

Não sei se os grandes guerreiros do passado viam as coisas do mesmo jeito, mas tudo estava parecendo um filme, desses que tem cenas feitas em plano sequência. Um deles esticou os braços para tentar me pegar, afastei seus braços com a Cherokee, fisguei seu pescoço com a Naja e o puxei para baixo e a Nagini entrou em seu olho. E no momento seguinte eu já estava chutando a perna de outro defunto, ele caiu de rosto no chão, a Jéssica e a lâmina negra da Nagini entrou em sua nuca.

Dois deles se aproximaram de mim, bati nas cabeças com minhas amigas, elas se prenderam no crânio e eu os puxei para baixo, a Jéssica foi rápida em esfaquear, os soltei e já estava em pé para continuar o ataque, sete estavam se aproximando, alguns metros atrás vinha o restante, mas não eram todos os que eu vi lá dentro.

- Só depois que eu os derrubar você vem, ok? - falei para a Jéssica, acho que ela concordou com a cabeça mas foi tão rápido que não sei dizer.

Corri de encontro a eles, o primeiro fez exatamente o que eu achei que faria, esticou seus braços feridos na minha direção, eu joguei a Naja para a minha mão direita, com a esquerda segurei o pulso do fedorento, puxei, e o joguei para cima dos outros seis, dois caíram, peguei minha amiga de volta com a mão esquerda, fiz um momento com a cabeça e parti para cima dos outros quatro, os golpes foram fortes mas não profundos o suficiente, mas os fiz cair em direções opostas, assim a Jéssica poderia dar cabo deles sem ter o risco dos

outros a pegarem. Eu estava cansado mas me sentia bem, acho que nasci na época errada. Chutei a perna de um deles e o fiz cair de lado, usei a Naja para acertar seu rosto e girei meu braço direito para acertar o próximo com a Cherokee, ele caiu e o peso de seu corpo quase deslocou meu braço, mas a lâmina da minha amiga não se soltou. Puxei a Naja, chutei o outro morto e desprendi a Cherokee, um dos dois restantes tropeçou e caiu, agora só restava um, fiz uma mira rápida e joguei minha companheira indígena em sua direção, ela o acertou em um ângulo estranho, mas foi forte o suficiente para arrebentar o rosto do morto, em seguida me sentei, a Jéssica terminou o trabalho.

- Davis, você está bem? - ela estava ofegante mas não tanto quanto eu.

- Ufff... estou, acho que devia ter comido alguma coisa, ou no mínimo ter tomado um copo de café.

- Isso que dá fugir antes do café da manhã.

- Não saíram todos – me levantei e peguei a Cherokee, limpei o sangue da lâmina na minha calça – Vamos continuar, está cansada?

- Ainda não, só que a Nagini tá escorrendo um pouco.

- Tem muito sangue no cabo, toma – passei a Cherokee para ela – vamos ver o que consegue fazer, acaba com força.

- Você vai me deixar usar a Cherokee?

- Só um pouco, vou dar um jeitinho na sua amiguinha aqui.

Eu tinha uma atadura no bolso esquerdo, coloquei lá uns dias antes, limpei o cabo da faca, tinha lascas de osso, massa encefálica, fios de cabelo e outras coisas grudadas nela, não era o tipo de arma que deveria escorregar, mas a mão da

Jéssica estava nua, talvez ela precise de uma luva, já o cabo da Cherokee tem desenhos tão fudas que mesmo com uma mão ensopada de óleo ela ficaria firme.

- Não é a mesma coisa que uma faca, você precisa bater com firmeza e muita força, toma – devolvi a faca e peguei a Cherokee de volta.

- Ei!

- Eu disse só um pouco – eu estava sorrindo, ela me deu o costumeiro soco no braço.

- Sacanagem.

- Pronta para o segundo round?

- Juntos?

- Juntos! AÊ SEUS FEDORENTOS! VENHAM PARA FORA!

- VENHAM PARA NAGINI!

- EXPECTO PATRONUM! - gritamos juntos.

Andamos para o meio da avenida outra vez, ficamos em frente às portas, os mortos estavam se movimentando lá dentro mas não vinham em nossa direção, chegamos bem perto da porta, eles não vieram.

- Me espera aqui fora.

Desci a escada e passei pela porta, o cheio de podre cobria o ar, naquele piso tinha um desses restaurantes chiques, que são especialistas em carne, mas não sei se esses clientes estavam satisfeitos, no lado esquerdo tinha um outro de comida mexicana, um pouco ao fundo uma porta que dava acesso à garagem, ela estava fechada, e o motivo dos fedorentos não

terem saído é que estavam dentro de uma outra loja com portas de vidro.

- Bem que vocês queriam ter saído, né?

Olhei em volta, o chão estava imundo, eu estava pisando em coisas que eu não faço ideia do que eram e nem quero saber, eles gemiam e batiam no vidro querendo provar um pedacinho de mim, era uma papelaria, uma loja grande, e a única entrada a porta estava aberta mas ficava no canto oposto ao que eles estavam, era questão de tempo para que descobrissem como sair, então resolvi dar uma forcinha, andei até lá e eles me seguiram, até que conseguiram achar um meio de vir até mim.

- Eles estão vindo, vamos fazer do mesmo jeito tá? - ouvi um barulho de algo ligando – ouviu isso?

- Ouvi.

Um pouco mais à esquerda das portas tinham algumas aberturas de saída de ar, elas começaram a funcionar, as portas da garagem estavam se abrindo, e muitos dementadores estavam saindo de lá, andamos para trás na direção da rua à direita, e descendo a rua, vindo da entrada do shopping, estava o grupo de pessoas mais estranho que eu já vi.

Aquilo não parecia real, por alguns momentos pensei até que algum zumbi tinha me devorado e que aquilo era o pós-vida, ou quem sabe fui parar em algum dos universos paralelos que a Jéssica me falou um tempo atrás durante as pausas dos nossos treinamentos.

- A Marvel tem o multiverso e a DC tem as Infinitas Terras, acho que a nossa é a Terra-1, na Marvel nós somos a Terra-616 eu acho.

- Você acha? - perguntei com ironia.

- Bom, é! Minha mãe lia sempre para mim quando eu era menor, e eu lia para o Pedro, ele ficou apaixonado pelos quadrinhos e sempre me fazia ler, aí eu peguei gosto.

Naquele dia ela não chorou ao falar do irmão, tenho certeza que não superou a morte dele, mas estava seguindo em frente, talvez tenha trancado a lembrança daquele dia sangrento em um baú bem enterrado no fundo da mente, pelo menos foi essa a dica que ouvi o Joseph dando para ela durante uma das sessões de carteados dos dois, e ele sempre ganhava.

- Jéssica, você está vendo eles? - a pergunta pareceu ainda mais boba quando eu falei em voz alta.

- Aham!

A resposta veio em um tom de admiração que eu não esperava, olhei para Jéssica e seus olhos estavam brilhando como se estivesse vendo alguém que gostava muito, o grupo era formado por cinco pessoas, quatro mulheres e um homem. Eles eram reais mas as armas eu não sabia dizer, mas já estava prestes a descobrir. Uma das mulheres levantou o braço com o punho fechado, em seguida olhou para mim e fez um aceno de positivo com a cabeça, era um sinal de paz.

- Fica perto de mim o tempo todo e se alguma coisa acontecer corra para longe tá?

- Tá bom.

- Pronta para o segundo round?
- Vamos lá! - ela estava sorrindo.

E começamos, corremos na direção dos mortos, a maioria já tinha passado da esquina e não viram o estranho grupo de pessoas, eles estavam concentrados em mim e na Jéssica, agimos do mesmo jeito, eu derrubava e ela despachava. A outra turma gritou quando atacaram, foi bem estranho, e minhas dúvidas sobre as armas foram embora rapidinho. Os cinco lutavam de maneiras distintas mas cada golpe parecia ser sincronizado, como se tivessem ensaiado os movimentos.

A moça que segurava o machado de guerra era baixinha, tinha os cabelos castanho claro, estava raspado nas laterais, usava uma roupa roxa, seu braço esquerdo tinha uma tatuagem de folhas ou um desenho parecido, ela sorria e gritava como uma alucinada enquanto balançava a enorme arma de um lado para o outro amassando crânios.

Uma delas tinha os cabelos verdes, usava uma espada longa que manuseava com uma única mão, de vez em quando ela parava e bebia alguma coisa em um chifre, não sei dizer se tinha realmente algo naquilo, ao seu lado estava o homem, barba cheia com tranças na parte de baixo, um cabelo longo preso com um tipo de coque samurai, de vez em quando puxava a de cabelos verdes para perto e dava um beijo, eles estavam se divertindo.

As outras duas já era outra história, a mais séria que acenou para mim, estava com duas espadas curtas, ela se movia rápido e atacava mais rápido ainda, já a outra tinha um estilo totalmente diferente, tanto na roupa quanto no modo de lutar. Estava usando uma saia xadrez, um terninho com um símbolo na altura do peito, camisa branca por baixo e um laço ou gravata, seus cabelos eram longos e tinha uma franja quase

tapando o olho, usava a *moningstar* que sinceramente não precisava mesmo de um cabo, parecia que eu estava assistindo a um filme de kung fu, ela dobrava e desdobrava a corrente que segurava a esfera com espinhos com uma agilidade que só vi na TV.

Cheguei a pensar que a coisa era de alumínio, só que o estrago que fazia ao atingir as cabeças provava que tinha sido feita de um metal bem pesado. Percebi que a Jéssica tentou agir como eles, fazendo movimentos diferentes ao cravar a Nagini nos defuntos que eu ia derrubando, ela realmente ficou impressionada, de vez em quando eu olhava para ela, fiquei com medo que se distraísse, mas ela estava bem focada.

Não demoramos muito acabar com aqueles fedorentos, a avenida ficou cheia de corpos e miolos espalhados para todos os lados, o sol já estava alto, olhei para longe tentando ver algum sinal do caminhão, meus amigos ainda não estavam vindo. A moça do machado comemorava a vitória, o barbudo e a cabelos verdes se abraçaram, a séria começou a andar na minha direção, ao seu lado estava a moça do terninho, estava levantando suas meias que acho que um dia foram brancas, agora estavam sujas de sangue, iam até perto do joelho.

- Quem são vocês? - ela realmente tinha algo parecido com asas desenhando nos olhos, como se fosse uma máscara, além disso o seu sotaque era paulista.

- Davis. Essa é a Jéssica.

- Você é maravilhosa! - a Jéssica estava indo na direção da moça de terninho.

- Obrigada garota, você também é!

- Vocês se conhecem? - tive que perguntar.

- Ela é a Gogo!

- Quem?

- Davis! - levei um soco no braço.
- E quem são vocês?
- Lexa, mas pode me chamar de Paula também, Paula Potter.
- Potter?
- Meu Deus! Eu acho que estou sonhando! - A Jéssica estava agindo como criança – Potter, tipo Harry Potter?
- Tipo isso. - ela sorriu.
- Esse bruxo me segue.
- Eu já passei por isso antes, algumas pessoas acham que é apelido, só que não é!
- E você é a Gogo? - perguntei para a moça, seu rosto não demonstrava emoção alguma.
- Não.
- Não?
- Sim e não, meu nome é Naomi, mas hoje pode me chamar de Gogo Yubari.

E após dizer isso ela simplesmente se virou e saiu andando, a moça do machado chegou saltitando e foi direto falar com a Jéssica, ela esticou a mão e a cumprimentou com um toquinho.

- Garota você é demais! Tem quantos anos? 18?
- 13.
- 13? Tá falando sério? Cara, você arrasa, e você é o pai? - ela esticou a mão em minha direção.
- Davis – não teve toquinho, só o bom e velho aperto de mão.
- Sou a Solveig Sigurdsdottir.
- Solveig o que?

- Hehe, pode me chamar de Ellice, ou de Alice, e até de monstrinho!

Me senti perdido, nunca tinha conhecido pessoas como aquelas, mas a Jéssica estava se sentindo em família, tinha um sorriso largo que eu nunca tinha visto antes. O casal foi o último a se apresentar, a todo momento a Lexa, ou Paula, estava ao meu lado, ela não sorria e continuava com a expressão de seriedade no rosto.

- Fala irmão! - o homem apertou minha mão – Sou o Xis!

- Davis.

- Amedyr! - a moça de cabelo verde levantou o chifre como se estivesse fazendo um brinde, uma gota de alguma coisa saiu lá de dentro, realmente tinha uma bebida ali.

- Você estava bebendo enquanto decapitava? - fui forçado a perguntar.

- Eu? - ela vacilou por um omento e depois voltou a falar – Jamais! Bebi antes e bom, tô bebendo agora, né?

- Vem amore, deixa os dois conversarem, a gente tem que entrar antes que apareçam mais. - disse o Xis.

- Fechem as portas tá? - ao que parece ela realmente comandava aquele grupo.

- Quem são vocês, seus sotaques não são daqui.

- Bom, a gente é de São Paulo e do Rio, viemos para um evento de RPG a uns meses, o que a gente não sabia é que o universo teve uma péssima rolagem e uma baita falha critica.

- O jeito que vocês lutam, essas pinturas no rosto, as armas, as roupas, vocês assumiram os personagens? - perguntou a Jéssica que estava bem interessada.

- É mais fácil, todos perdemos amigos e da última vez que conseguimos falar com algum parente, as coisas não estavam boas, então acho que perdemos eles também. Parece que a gente não sabe o que está fazendo ou que agimos de um jeito despreocupado, mas treinamos muito. Antes era para os eventos, e agora...

- É para sobreviver.

- Exato. Mas e vocês, o que vieram fazer aqui? - começamos a andar na direção do shopping.

- Viemos por causa disso – aponte para o Boulevard – a gente vivia em uma casa a alguns quilômetros, o lugar foi tomado, temos outras pessoas lá, era para gente vir junto só que...

- Ele fugiu e veio sozinho! - fiz uma pausa na fala para dar tempo para Jéssica me interromper.

- Eu precisava ver se era seguro antes de trazer todos para cá.

- E vocês são quantos? - era uma pergunta justa.

- Dez pessoas e um cachorro, uma delas é minha irmã Bianca, bom são doze pessoas se contar com a gente.

- Qual seu nome mesmo garota?

- Jéssica.

- Jéssica, nós vimos o que você fez com aqueles zumbis, você é muito boa mesmo, toma isso aqui – ela tirou uma pulseira de plástico e colocou no pulso da Jéssica – Finge que é uma argola de prata.

- Tá bem!

- Vem, acho que precisamos mudar de roupa, né? Vocês são mais do que bem vindos para se juntar a nós.

- Obrigada! Davis será que eu posso... - ela olhou para a Naomi.

- Vai lá.

A Jéssica correu e ficou ao lado da Naomi, não consegui ouvir o que ela estava falando mas sem dúvidas era um assunto em comum, e acredito ter visto um sorriso na moça. Entramos no shopping, o Xis e a Amedyr tinham acionado o fechamento das portas da garagem e desligaram o ar, ao que parece o botão que comandava isso ficava em um dos pisos onde os mortos estavam.

- As portas abrem todos os dias no mesmo horário, por isso ficou cheio lá dentro, não conseguimos descer para fazer parar. - a Paula estava me explicando.

- Não entendo, vocês mandam muito bem, podiam ter acabado com eles, caramba, vocês acabaram com eles.

- Bom, a gente não estava muito bem quando chegamos aqui.

- Quanto tempo tem isso?

- Uma semana.

- Só isso?

- Sim, a gente estava com um grupo maior, só que as coisas não terminaram muito bem, tivemos problemas e fugimos, uma semana atrás chegamos aqui, pulamos aquela grade lá de cima, onde tem a horta, tem uma porta de serviços que dava acesso ao interior do shopping.

- Você é a líder?

- Não, bom, eu lidero quando saímos para procurar alguma coisa, só que o chefe mesmo é o gringo.

- Gringo?

- Sim, ele é americano.

- Eu também sou.

- Sério? Não tem sotaque!

- Também sou brasileiro, mas esse tal gringo, por que não estava com vocês?

- Ele está machucado. Quebrou o pé quando a gente fugiu, depois vou te apresentar, só que primeiro precisamos limpar esse sangue, tem banheiro com chuveiro naquele corredor lá da frente, o Xis vai levar algumas roupas para você, e não se preocupa com a Jéssica, ela vai ficar bem.

- Eu sei.

- Bem vindo ao Boulevard!

Na verdade eu ficaria mais preocupado com vocês se tentassem fazer alguma coisa contra ela, fiquei admirado com o fato de que por meses ninguém entrou no lugar, e tinha de tudo, um supermercado, farmácias, lojas de eletrodomésticos, de celulares, computadores, roupas, praça de alimentação, loja de móveis, de equipamentos de ginástica, de brinquedos, perfumes, livraria e tudo mais que temos direito. O banheiro era enorme, e tinha um cheiro de desinfetante, não consegui achar o chuveiro.

- Cara, você está no banheiro errado! - o Xis me encontrou – é nesse outro aqui do lado, é um banheiro família, tem em todos os andares. E bom, eu não sei o tipo de roupa que você curte, então eu trouxe essa calça jeans e uma camisa preta, depois você vai em uma das lojas e pega outra coisa, minha casa é sua casa.

- Valeu cara, Xis, né?

- Exatamente meu querido.

- É abreviação de algum nome?

- Um dia eu te conto, agora bora tomar seu banho aí, você tá fedendo!

- Você também está.

- Exatamente!

Tirei a roupa e a joguei no lixo, peguei minhas machadinhas e entrei debaixo do chuveiro, e um jato de água morna me atingiu, eu quase caí de joelhos com aquela sensação, era um fluxo bem forte, estava ganhando uma boa massagem. Lavei minhas amigas e em seguida meu corpo, tinha um vidro de sabão líquido em uma bancada, usei tudo.

O banho deve ter demorado uns vinte ou trinta minutos, tinha pedaço de tripa até entre meus dedos do pé, quando finalmente me senti limpo, peguei algumas toalhas de rosto que encontrei em uma gaveta na parte de baixo da bancada, me sequei, as joguei no lixo e fiquei parado em frente ao espelho, eu estava mais magro do que me lembrava, minha barba estava cheia, nada comparada à do Xis, meus olhos estavam fundos, estava cansado mas feliz por estar ali dentro, depois de conhecer esse gringo, era hora de buscar a minha família.

Quando sai do banheiro a Jéssica estava me esperando do lado de fora, a Naomi estava com ela, só que agora com uma roupa diferente, estava usando um pijama rosa, óculos de grau, e os cabelos penteados para trás, e ela estava usando pantufas de unicórnios, e para minha surpresa estava sorrindo.

- O Xis não trouxe nem um chinelo para você?
- Não, mas eu vou pegar alguma coisa.
- Você demorou mais no banho do que eu.

A Jéssica também estava de pijama, só que o dela era diferente, era um tipo de fantasia, um bichinho amarelo com orelhas pontudas e manchas vermelhas na bochecha.

- Esse é o Pikachu!

- Se você diz, e o que está comendo? - percebi que ela mastigava alguma coisa.

- Chocolate! E daqueles de gente rica, a Naomi falou que tem umas duas lojas aqui que são só de chocolate e que estão cheias. - apesar de tudo o que viu e passou, a Jéssica ainda era só uma garota.

- Pega umas barras para mim? Vou precisar adoçar algumas pessoas.

- A Márcia ou o Joseph?

- Os dois! Mas acho que para o Joseph pode ser carga dupla!

- Tá bom! - ela saiu saltitando como nunca tinha visto antes.

- Ela contou o que você fez por ela, que ajudou a salvar o pai, e depois que ele morreu salvou ela e os irmãos.

- Ela é uma boa garota.

- É sim, e luta muito bem, você que a treinou?

- Sim.

- Fazia o quê antes? Instrutor de alguma coisa?

- Eu aprendi a lutar no exército americano, era fuzileiro.

- Olha, que legal, o gringo também era.

- Eu tenho que conhecer esse gringo antes de ir, pode me levar?

- Claro, sabe, antes do mundo acabar eu era advogada, se quiser adotar a garota e a irmã de um jeito oficial eu consigo os documentos.

- Adotar?

- Sim, ela falou que vê você como um pai, acho que seria legal, e quando as coisas voltarem ao normal, você pode ter a guarda delas.

- Não acho que vão voltar, mas gostei da ideia.

- Um dia tudo vai voltar ao normal, ontem a gente estava jogando uma partida de Iggdrazil, hoje estamos matando zumbis, e eles eram pessoas ontem, tudo está sempre mudando, então um dia os zumbis vão acabar e aí, tudo volta ao normal.

- Ei vocês!

A moça com o nome difícil apareceu, dessa vez com uma calça jeans rasgada no joelho, uma camisa de malha azul e uma camisa xadrez de manga comprida dobrada até o ombro. O desenho que eu vi no braço dela era realmente uma tatuagem.

- Gostei do desenho, o que é? - era estranho levar uma conversa normal com alguém depois de tanta tristeza e terror.

- Esse aqui? - ela levantou o braço – é de uma personagem de um jogo que eu gosto, foi daí que tirei o nome Ellice! Vim te buscar, o gringo quer te conhecer.

- Ele também é gringo. - disse a Naomi.

- Sério? Não tem sotaque.

- Também sou brasileiro.

- Eu ouvi a Jéca falando de Márcia e Joseph, são do seu grupo?

- Jéca?

- Apelidinho para ela, e cara, depois você pode me ensinar a lutar com essas machadinhas aí? Eu uso o machadão só que dá muita dor nas costas depois.

- Claro Solve... Alice, eu acho melhor te chamar de Alice.

- Tudo bem! E vocês tem um doguinho é verdade?

- Sim – quanto tempo fiquei no banho? A Jéssica contou muita coisa para eles.

- Da hora!

- Será que vocês podem me levar até esse tal gringo? Eu realmente preciso ir buscar minha família.

- Vem com a gente, ele ainda está na loja de colchão?

- Acho que sim Naomi, ele ficou amarrado naquela cama box lá.

A loja ficava no mesmo piso, um pouco ao fundo perto da escada rolante, observei todas as lojas ao redor, aquele lugar era realmente uma mina de ouro, e a gente tinha que proteger nosso tesouro, na porta da loja de colchões, a Naomi fez uma pequena apresentação.

- Gringo, esse é o Davis. Ele deu uma boa limpada naqueles zumbis lá de baixo.

E lá estava ele, sentado em uma cama como se aquilo fosse realmente um quarto, o tal gringo. Magro, com a pele branca como papel, uma barba grisalha, cabelos lisos escorrendo pelo rosto, um dia eles foram tão escuros quanto carvão, agora parecia um campo de algodão, com poucos fios pretos, acho que meu coração parou de bater por um momento, meu corpo se dobrava para frente, perdi o ar, meus olhos se encheram de lágrimas, eu conhecia aquele rosto.

Estava bem mais velho do que eu me lembrava, percebi que tanto a Naomi quanto a Alice estavam confusas com a situação. O gringo se levantou e mesmo com o pé quebrado correu em minha direção, ele saltava na verdade, eu fiz o mesmo para poupá-lo da longa caminhada, nos abraçamos, pude sentir que ele também estava tão surpreso e emocionado, ao nosso redor ninguém entendia o que estava acontecendo, depois de recuperar um pouco do fôlego, coloquei minhas

mãos no rosto do homem e com muita dificuldade consegui falar seu nome.

- Giovanni!

IAM

O shopping cidade fica bem no centro de Belo Horizonte, com entrada na rua Rio de Janeiro, São Paulo e Tupis, a entrada da garagem ficava na rua Goitacases, cobrindo assim um quadrado de quatro quarteirões. Junto com ele existiam diversas lojas, prédios comerciais e residenciais. Quando a pandemia começou diversos governantes declararam quarentena, com isso os estabelecimentos foram fechados, o shopping foi um desses.

Uma semana antes do dia conhecido como o do surto, um grupo de saqueadores se preparou para entrar, abriram uma tampa no chão que parecia ser de esgoto mas na realidade pertencia à companhia de energia, um deles usou um grande alicate para cortar alguns fios, assim eles conseguiram passar pelas grades que bloqueavam a entrada da rua Rio de Janeiro, em seguida quebraram o vidro de uma das enormes portas de vidro, o fio que cortaram era o que levava energia ao shopping, sendo assim nenhum alarme soou.

O grupo de invasores era formado por 12 homens, o chefe deles era um sujeito gordo chamado Bruno, apesar da enorme barriga ele era bem alto, tinha cerca de 1,90m de altura, e talvez uns 150 quilos, seu cabelo era grisalho e cheio de caspa, seu rosto tinha diversas manchas de sol, o que o deixava ainda mais feio.

Seu apelido era Jabba, fazendo uma referência ao personagem de Star Wars. Um dos homens se chamava Reginaldo, ele trabalhava como segurança do shopping e tinha sido demitido alguns dias antes da quarentena começar, ele foi pego furtando produtos em alguns quiosques. Foi ele que avisou sobre a fiação subterrânea, e claro, foi ele que mostrou todos os pontos de alarme que deveria ser cortados antes de religarem a energia.

O próximo passo era bloquear a porta quebrada, Anderson e Guilherme eram os dois mais novos do grupo, tinham entre 18 e 20 anos, ficaram responsáveis por pegar os materiais necessários para bloquear a porta quebrada.

Entraram em uma loja de esportes, pegaram tacos de madeira e começaram a festa, no piso da rua São Paulo tinha uma loja sendo reformada, então sua faixa estava protegida por tapumes com a marca da empresa, se eles puxassem com força a enorme proteção sairia facilmente, mas eram jovens e tinham acabado de invadir um ponto conhecido da cidade, eles estavam saboreando o doce prazer da adrenalina, resolveram usar os tacos, quebrando madeira e vidro.

E não pararam por ali, a loja em questão era de produtos de beleza, fizeram um grande estrago no lugar, ao lado tinha uma loja de departamento, resolveram quebrar as vitrines, saquearam o setor de celulares, pegaram barras de chocolate, beberam refrigerante, destruíram as registradoras procurando por dinheiro.

Do lado de fora, zumbis surgiam nas portas, os dois acabaram se esquecendo de fazer o que Jabba mandou, era só pegar os tapumes, levar para o piso de cima e bloquear a parte quebrada da porta. As grades do lado de fora faziam um bom trabalho impedindo que os mortos passassem, mas eram quatro ou cinco, se viesse um grupo maior eles teriam problemas.

Depois de pouco mais de uma hora, eles resolveram que estavam satisfeitos, e finalmente levaram os tapumes até a porta quebrada, Jabba estava esperando por eles, estampava em seu rosto feio um sorriso que o deixava ainda mais parecido com um sapo gigante espacial. Os garotos colocaram sua primeira remessa no chão e foram buscar o resto, fizeram cinco viagens até Jabba estivesse satisfeito, o feioso perguntava para um homem de claro e alto, com cabelos grisalhos se a

quantidade estava boa, seu nome era William, apesar dos cabelos platinados, ele não tinha mais de 30 anos.

- Muito bem garotos! - Disse Jabba sorrindo.

- Obrigado chefe! - Respondeu Anderson.

- Pode contar com a gente! - Disse o Guilherme, ambos estavam sorrindo muito.

- Quando eu expliquei o plano para vocês, eu falei que depois de entrar aqui, tudo deveria ser feito rapidamente para não dar merda, e vocês resolveram quebrar coisas e encher a cara, e nem trouxeram uma cerveja para mim! - Jabba ainda estava sorrindo.

- Não chefe, a gente não tomou cerveja não, só refrigerante mesmo. - Guilherme ainda sorria.

- Olha isso Fabiano! Eles tomaram refrigerante e não cerveja! Hahaha! - Jabba começou a gargalhar.

Fabiano era o braço direito do Jabba, os dois se pareciam muito, porém Bruno tinha a pele clara apesar das manchas, e Fabiano era negro, todos os chamavam de Bianão, antigamente era conhecido como um dos melhores mecânicos de Belo Horizonte. Em sua cintura ele carregava uma grande chave de roda.

- E de quem foi a ideia de quebrar os vidros da loja? - Havia algo sombrio no tom que o Jabba usou.

- Foi sem querer, na hora que a gente puxou a madeira o trem lá rachou, ai quebrou tudo! - O Guilherme tentou dar essa desculpa mas nem ele acreditava no que estava falando.

- Entendi, foi isso mesmo garoto? - Jabba olhou para o Anderson.

- Foi sim senhor, e na outra loja lá, a gente só pegou uns chocolates e a estante caiu, só que eu trouxe esse aqui para dar

ao senhor ó! - Anderson puxou uma barra de chocolate do bolso e deu ao chefe, que pegou sorrindo.

- Hahaha olha isso Fabiano! Esse garoto sabe das coisas hein? O outro nem tanto!

Ao falar isso, Fabiano se aproximou do Guilherme, pegou sua chave de roda e golpeou a cabeça do garoto, o coitado caiu de lado, o golpe foi tão forte que a ferramenta chegou a grudar no osso do seu crânio por alguns segundos, Anderson tentou correr ao ver o amigo ser golpeado, foi um erro, William bateu na sua perna com um pedaço de ferro. Guilherme não desmaiou ao cair, mesmo com o crânio perfurado o coitado continuava acordado, e gritava a cada golpe que Fabiano desferia em seu corpo, a coisa ficou mais pesada quando devido a dor, o intestino dele se soltou.

- O filho da puta cagou nas calças? Hahaha – Jabba estava se deliciando com a situação.

Fabiano parou de golpear o corpo e começou a bater na cabeça, dois golpes depois, Guilherme estava morto. Anderson se debatia no chão, ele chorava e implorava para que não o matassem, ele pedia desculpas e prometia que nunca mais faria algo errado outra vez. Jabba com muita dificuldade se abaixou, colocou sua mão direita no rosto do rapaz e perguntou:

- Você promete?

- Sim senhor... eu prometo senhor, desculpa... - Anderson chorava muito.

- Eu acredito em você, e estou muito agradecido pelo chocolate!

- Obrigado senhor, obrigado.

- Sua perna está doendo, né?

- Sim senhor, tá doendo muito... desculpa senhor, não vou fazer de novo, eu juro!

- Eu sei que não vai!

Com mais dificuldade ainda, Jabba se levantou, seus ossos estalavam como se estivessem se quebrando, quando finalmente conseguiu se erguer, ele cuspiu no rosto do garoto, e em seguida Fabiano usou sua ferramenta outra vez, ele golpeou o garoto diversas vezes, quebrando suas pernas, seus braços, costelas, maxilar e por fim o crânio.

Eles não tiveram uma morte bonita, e a merda não tinha acabado, Reginaldo que viu a coisa toda não sabia o que falar, o que fazer e nem como reagir a tudo o que tinha acontecido, e em seguida Jabba mandou que ele e outros dois homens pegassem os corpos e jogasse para os mortos.

- Desobediência tem que ser punida desse jeito, exemplo! Haha, esse chocolate é mesmo bom.

Com exceção de William e Fabiano, alguns começaram a se perguntar se deviam ficar ali, Reginaldo tentou promover uma revolução ainda na primeira noite, mas ninguém aceitou. Quatro dias depois pessoas começaram a aparecer nas portas do shopping em busca de abrigo, eram homens, mulheres e crianças, Jabba mandou que abrissem as portas da rua São Paulo para que entrassem.

No sexto dia um grupo de 25 pessoas lideradas por seis policiais apareceu por lá, foram muito bem recebidos, mas Jabba pediu que os policiais deixassem as armas em um quiosque de lanchonete que ficava ao lado da porta, eles não precisavam fazer isso, mas viram crianças dentro do shopping e entenderam que ali era um lugar seguro, as marcas de luta e

sangue que estava em suas fardas mostrava que lutaram muito para chegar ali, e agora mereciam um descanso de tanta responsabilidade, durante aquela noite Jabba ordenou a morte de todos eles.

Fabiano liderou o massacre, ele usava sua chave de roda com força e raiva, algo no passado do homem o fez entrar em um frenesi de matança, e Jabba se aproveitava disso. E então veio o dia do surto, tiros, sirenes, gritos, explosões e então o silêncio. Naquele dia 8 homens do Jabba estavam armados, Reginaldo não era um deles, ao questionar o motivo, o nojento só sorriu e disse que os dois eram pensadores, e que comandariam o lugar juntos, que as armas deveriam ficar com aqueles que vão fornecer segurança.

Durante a noite do décimo dia, gritos de mulher foram abafados por um travesseiro de algodão que estava dentro de um plástico e com cheiro de novo. Quatro dos homens de Jabba resolveram sequestrar uma das mulheres que chegaram ali pedindo ajuda, a levaram para uma das salas de segurança e se revezaram com ela. Quando amanheceu, a moça procurou ajuda de Reginaldo, o homem contou ao Jabba o que tinha acontecido, e sem dúvidas saberia identificar os culpados já que estava estampado no sorriso deles, o maldito chefe ordenou uma reunião com todos.

- Vejam bem, vocês estão aqui pelo mais puro amor que tenho em meu coração! - ele tinha que dar pequenas pausas entre as palavras para respirar. - E o que eu pedi em troca? Nada! Isso vai mudar agora, chegou até mim a informação que uma de vocês disse ter sido atacada pelos meus homens. Não houve ataque, o que aconteceu foi um aluguel, um pagamento por serviços prestados, a partir de hoje todos vocês deverão pagar por sua estadia. Os homens podem pagar com trabalho

duro, e as mulheres podem pagar ficando caladas e dando prazer aos cansados trabalhadores braçais.

Reginaldo foi o primeiro a protestar, incitou a revolução outra vez, e agora as pessoas ouviram e reagiram, mas eles não tinham chance contra as armas que Jabba e seus homens possuíam, 10 pessoas morreram. Alguns rapazes se ofereceram para se juntar aos homens do chefe, talvez por medo, talvez por sobrevivência, as mulheres foram levadas para uma loja de vestidos, William achou que seria divertido levar o inferno a um lugar onde antigamente era o paraíso de algumas.

Nos dias que se seguiram, mais pessoas chegavam até o shopping, e o harém infernal de Jabba só aumentava, assim como o seu bando de malditos, existia também aqueles que faziam trabalhos braçais, limpavam o lugar todo, não deixaram nem uma gota de sangue no chão.

Quando precisava punir alguém, Jabba usava a praça de alimentação, demonstrando o quão nojento ele era. Algumas pessoas que se recusavam a ficar ali depois que percebiam o tipo de pessoas que comandavam o lugar eram espancados por Fabiano e sua chave de roda, mulheres tinham suas roupas rasgadas e eram violentadas ou espancadas na frente de seus maridos, filhos, pais. Eles chegavam ali procurando ajuda para sobreviver aos mortos, mas não faziam ideia de que os piores monstros estavam vivos.

Todos os dias o chão se encharcava de sangue e era limpo durante a noite, só uma pessoa era punida e continuava viva, Reginaldo, o homem era espancado em um dia e violentado no outro, Jabba fazia questão de assistir e filmar enquanto Fabiano batia no homem que tornou aquela invasão ao shopping algo tão fácil, ele também fazia questão de ver a

humilhação e os abusos, Reginaldo implorava pela morte todos os dias.

Um mês depois Jabba tinha engordado uns dez quilos, ele e seus homens eram basicamente os únicos que comiam bem, o resto das pessoas tinha que se contentar com migalhas. Os zumbis quase não apareciam, os centros foram evacuados muito tempo atrás, o que só aumentou o poder do maldito e o terror de quem vivia com ele. Foram mais de 40 dias de terror para aquelas pessoas, o grupo liderado pelo Jabba já chegava a 30, todos os dias eles espancavam e violentavam alguém. Mas no 41º dia desde que chegaram ali, um grupo de pessoas apareceu por lá. Estavam bem armados, cada portaria foi cercada por 15 pessoas, mesmo a da Rio de Janeiro que estava lacrada, na entrada da São Paulo, um homem mais velho, talvez com 40 anos, cabelos ralos, usava um megafone para se comunicar.

- Inhaaaaaai tuxos e tuxas, meu nome é Maxxy, quero falar com o moço que manda aí dentro. - Se Jabba ficou nervoso não demonstrou.

- Temos visitas, peguem suas armas, vamos ver o que eles querem.

Jabba e praticamente todos os seus homens foram até a portaria da São Paulo onde o Maxxy estava, Fabiano foi o primeiro a perceber a merda que estava chegando, ele deve ter sentido o cheiro vindo de seu chefe.

- Vocês podem vir até aqui fora? - Perguntou o Maxxy.

- O que você quer? Seu viado! - Assim que Jabba disse isso, seus homens sorriram.

- Viado? Gente, o mundo acabou e os homofóbicos ainda estão por aí! Então... moço gordo, eu só queria fazer uma amizade, ou uma aliança, ou alguma coisa assim, só que agora... bom, agora eu quero que você se foda chuchu.

As pessoas que estavam com o Maxxy entenderam aquilo como um sinal e começaram a atirar, Jabba até pensou em colocar os trabalhadores na frente deles caso a coisa ficasse séria, mas o ego do maldito era tão deturpado que ele acreditava ser invulnerável.

O grupo que estava na portaria da Rio de Janeiro invadiu o shopping, os da rua Tupis fizeram o mesmo e também mataram os poucos homens que ficaram por lá, o tiroteio durou menos de três minutos.

O grupo do Maxxy era bem diversificado, homens e mulheres trabalhando juntos, eles abriram a grade que tapava a entrada do shopping, William tinha levado mais de cinco tiros no rosto, o Fabiano sentiu o poder do carma, levou um tiro na perna e acabou caindo, sua chave de roda foi pressionada contra entre o chão e sua barriga, seu chefe Jabba tropeçou e caiu em cima dele, a ferramenta entrou quase inteira, perfurando as tripas do mecânico.

O enorme monte de merda chamado Bruno foi baleado no ombro, mais de cem balas rolaram em sua direção, mas o maldito fedorento levou apenas um tiro no ombro, um ferimento leve que para alguém daquele tamanho quase não causou dano, mas, mesmo assim, ele se arrastava entre os corpos de seus homens, a galera do Maxxy estava vasculhando o shopping, já ele, estava usando uma bengala que virava espada para perfurar a cabeça daqueles que morreram no tiroteio.

Jabba continuava rastejando para longe, mas se movia lentamente e o ferimento em seu ombro parecia ter levado ainda mais de seu folego, ele tinha se mijado por inteiro, o grande chefe de um bando de merdas estava mijando e tremendo de medo. Além dele, outros quatro sobreviveram ao tiroteio, o grupo do Maxxy se organizou para evitar que os zumbis os surpreendessem, o barulho sem dúvidas atrairia muitos até ali.

Uma garota chamada Anne se encontrou com Maxxy, ela veio de dentro do shopping, era a segunda no comando daquele grupo recém chegado, ao seu lado estava uma garota de 12 anos, seu rosto tinha um corte enorme, suas roupas eram trapos, atrás delas vinha caminhando outras mulheres que estavam na mesma situação, algumas piores, outras nem tanto, mas todos sabiam o que elas tinha sofrido ali dentro.

Um ônibus apareceu, também pertencia a eles, as pessoas foram colocadas lá dentro, quase todos que entravam tinham implorado para matar os prisioneiros, já que um deles era o sapo nojento, Maxxy não deixou ninguém fazer nada até que um homem ruivo apareceu, seu nome era Iam, o verdadeiro líder daquele grupo.

- E aí Maxxy, o que a gente tem aqui?

- Chefinho, alguns morreram na hora, e sobrou esses aí, o gordão ali me chamou de viado acredita?

- Tá brincando? E ele ainda está vivo? Maxxy, você está ficando bonzinho hein?

- Esses outros aqui estão pedindo para arrebentar com eles. - Reginaldo estava entre eles.

- Levem eles para fora, façam rápido, ou devagar não me importo, mas se os cheirosos vierem e forem muitos vocês estarão por conta própria hein?

- Obrigado senhor. - Disse o Reginaldo com muita dificuldade.

- Sem essa de senhor, só o Maxxy aqui que me chama de chefinho, o resto me chama de Iam mesmo. Bom, façam o que tem que fazer, Maxxy, vem comigo, vamos ver o que tem de bom aqui.

Gritos abafados por um pedaço de pano velho foram ouvidos pelas ruas, Jabba implorava por sua vida quando Reginaldo começou a bater em seu corpo com um pedaço de fio elétrico, o nojento fedia a medo, merda e mijo. Os outros homens já estavam mortos, foram capados e estripados, Jabba ficou por último, um dos homens que estava se vingando fez algo que ninguém esperava.

- Você gosta de comer não gosta? Você gosta de comer! Então, agora você vai ser comida!

Ele cravou seus dentes naquela bochecha nojenta, arrancando um bom pedaço de carne, sentindo o gosto metálico do sangue em sua boca, Reginaldo mastigou aquele pedaço de pele e sangue, e por fim, engoliu. Os outros ao seu lado que também se deliciavam com a vingança, viram ali um novo jeito de colocar toda sua ira para fora, e unidos devoraram o maldito.

RELEMBRANDO

Uma semana depois Shopping Boulevard

Três meses atrás uma doença se espalhou pelo mundo, ninguém sabe ao certo como a coisa começou, se era um vírus, bactéria, ataque químico ou a mais bela e pura ira divina. O que importa é que seja o que for, fez com que os mortos voltassem a vida, mas não em uma versão bíblica onde todos celebram o milagre da ressurreição, eles voltaram podres e com um único propósito, devorar os vivos. Uma das poucas certezas que tenho sobre a merda que os trouxe de volta, é que ela age no cérebro deles, lá ela faz com que eles se movimentem e tenham essa fome de carne fresca, seja de pessoas ou animais, já vi um deles devorar um gato como se fosse churrasco.

O engraçado é que eles não curtem corpos que fedem a decomposição assim como o deles, e esse também é o motivo de não se atacarem, eles se diferenciam pelo fedor, quando eu descobri isso fui capaz de caminhar entre eles, isso é, completamente sujo de entranhas e outras merdas com cheiro de carniça. Ao longo dessas semanas aprendi muita coisa sobre eles, eu e minha jovem protegida, Jéssica!

Ela tem apenas 13 anos e já passou por merdas bem pesadas, viu seu irmão Pedro ser devorado e despedaçado pelos fedorentos e não pode fazer nada enquanto protege sua irmã caçula que se agarrava a ela.

A culpa pela morte do garoto foi de uma mulher chamada Karolina, mas a Jéssica a fez pagar caro, enfiou a lâmina de sua faca dentro do ouvido da mulher, do jeito que eu ensinei, claro que parte da culpa também é minha, eu não devia ter saído, mas era necessário ou todos estaríamos mortos.

Sei que parece estranho falar que ensinei uma garota de 13 anos a matar, só que estamos vivendo em um momento onde

não existe mais crianças, adolescentes ou adultos, somos apenas gado esperando pelo abate, então eu mostrei a ela como ser o açougueiro.

Outra coisa que aprendemos sobre os fedorentos é que eles são atraídos pelo barulho, e que muitos se juntam em um lugar, o som nojento do gemido deles acaba atraindo outros, acho que esse também pode ser um dos motivos que os levam a seguir uns aos outros em certos momentos, se dois estão descendo uma rua, e por algum motivo um deles para, se vira e começa a subir, o outro o segue.

Todos os fedorentos que já vi eram lentos, não acredito que possam andar mais rápido que uma pessoa viva, mas claro, eles não se cansam. A vagareza com que andam deixa até fácil se livrar deles, eu aconselho a arrebentarem a cabeça dos fodidos, mas fugir também funciona, pelo menos para você, e nunca fique cercado, se eles te bloquearem e você estiver armado, guarde a última bala para si. Mesmo não sendo rápidos, eles são extremamente perigosos, uma mordida e pronto, você logo se junta a eles, se bem que tenho uma teoria sobre isso, eu recentemente tive uma experiência estranha, vi dois homens mortos se transformarem, só que nenhum deles tinha sido mordido, eu sei disso pois eu mesmo os matei.

Você já deve ter percebido que eu não sou uma boa pessoa, merda, estou bem longe disso e é algo que deixo bem claro para as pessoas que estão comigo, eu sou perigoso, não para elas é claro, mas para qualquer um que ousar cruzar nosso caminho. Meu passado me preparou para esse novo mundo, eu já enfrentava monstros antes, a diferença é que os de agora parecem não saber o que estão fazendo.

Eu não sou um mocinho e mesmo assim esse novo mundo me deu alguns momentos de alegria, ganhei duas filhas, Jéssica e Bianca, conheci o Joseph e a Maria, o valente, um pitbull de

pelagem malhada que adora rosnar para mim, a filha delas Márcia que se tornou minha namorada junto com uma mulher chamada Eva, nunca estive em um relacionamento e logo de estreia entro em um poliamoroso. Eva tem duas irmãs, Evelyne de 14 anos e Evangeline de 7.

Um tempo depois que as conheci me reencontrei com um amigo de infância, um soldado chamado Marcello, na verdade ele tinha patente de sargento, fazia parte do exército brasileiro e nos encontramos depois que ele rastreou um caminhão roubado que por acaso estava comigo, eu não o roubei, também sou um soldado e puni quem roubou, nosso encontro não foi muito bom, ele surgiu em um helicóptero fazendo barulho para caralho e isso nos fez perder um bom lugar. Ele tem dois companheiros, o cabo Breno e o soldado Leandro, havia um terceiro chamado Richard, mas ele foi mordido, morreu e se transformou, eu não gostava dele, mas, mesmo assim, dei fim ao seu sofrimento.

Uma semana atrás, após minha primeira noite com a Eva e a Márcia, eu saí em uma missão, ir até o Boulevard Shopping, a ideia era levar todos para lá, talvez construir um lar ali, sei que alguns ainda tem esperança de que em breve o mundo volte ao normal, mas eu duvido muito disso. Saí de fininho mas a Jéssica me seguiu, ela e eu fizemos uma coisa chamada Voto Perpetuo, um lance que ela tirou dos livros, era uma espécie de pacto, que onde eu fosse a levaria junto.

Antes do Marcello aparecer eu havia treinado as garotas e a Jéssica sempre se destacou, era uma menina incrível, que ostentava com orgulho o seu cabelo blackpower, seu corpo esguio a fazia ser extremamente ágil, e como ela era forte, juntos detonamos alguns zumbis que estavam perto do shopping, e então um grupo de pessoas estranhas apareceu.

Hoje sei que estavam fazendo cosplay, mas naquela hora achei que estava ficando louco, um bando de gente fantasiada, uma delas, a mais baixinha, estava usando uma roupa de viking e carregava um bairra machado de batalha que mesmo não sendo real fazia um belo estrago. E foi através desse grupo que reencontrei um outro amigo, um homem que esteve ao meu lado em bons e maus momentos.

No meu tempo comandando um pelotão no exército americano, ele era o meu segundo, eu o ensinei tudo o que eu sabia, como infligir dor, como saber se a pessoa está mentindo ou não, ensinei que para ser um bom interrogador é preciso falar o idioma da pessoa que está sendo interrogada, isso evita muita dor, claro que aqueles que sentavam em minha cadeira quase sempre sentiam muita e muita dor, exceto a Jamira. Sargento Giovanni, meu irmão de arma, meu amigo.

- Giovanni... como você... - eu não sabia o que falar.

- *Damn it! Captain!*

- Em português gringo! - acho que foi a Alice que falou, mas não tenho certeza.

- Capitão! O senhor está tão velho! - ele segurou meu rosto com as mãos.

- Você também, e desde quando você fala português?

- *Well*, estou morando aqui a algum tempo.

- E não me procurou?

- Nop, o senhor tinha uma nova vida, longe de tudo o que fizemos lá, eu não queria te fazer lembrar das coisas.

- Giovanni! - eu o abracei o mais apertado que consegui.

A Jéssica se aproximou para tentar entender o que estava acontecendo ali, seu sorriso tinha desaparecido, seu rosto agora exibia uma expressão de desconfiança e curiosidade.

- Vem cá – eu a chamei – Giovanni essa é a Jéssica.
- *Captain*, o senhor tem uma filha?
- Ela não...
- Não, ele tem duas, tenho uma irmã menor chamada Bianca! - ela me interrompeu e ao que parece me adotou como pai.
- Jéssica, esse é o Giovanni, ele fazia parte do pelotão que eu liderava, lembra que te falei dele?
- Sim, ele é o que te levou para o hospital depois que você acabou com o tal do Glover nê? - O Giovanni ficou surpreso por eu ter contado essa história para ela.
- *Yes, it's me*, o que seu pai te contou sobre o pelotão?
- Tudo! Não temos segredos.
- Podem compartilhar com o resto de nós? - perguntou a Naomi.

Eu até havia me esquecido que eles estavam ali, e agora a trupe estava completa, todos tentando entender o que estava acontecendo, eu cheguei até ali e do nada abracei o líder deles.

- *Guys*, esse é o capitão Davis, ele foi o meu comandante, ele que me ensinou a lutar e a fazer aquelas coisas que vocês viram.
- Ele te ensinou a quebrar o pé também? - perguntou a Naomi, acho que ela estava sorrindo, mas não sei dizer.
- *Nops*, isso eu aprendi sozinho. - todos riram.
- E quem é o Glover? - perguntou a Naomi, ela parecia ser a única interessada nesse assunto.
- Glover era um coronel – a Jéssica estava respondendo por nós – ele era um sujeito cruel, machucava mulheres e

crianças, ele matou uma amiga do meu pai, Jamira, matou ela e toda a família, e foi ela que deu a Cherokee para o meu pai.

Eu estava me sentindo estranho outra vez, ver a Jéssica contando aquela história, falando da Jamira, me chamando de pai, que merda, eu acho que amo o fim do mundo. E ela contou a história inteira, o grupo do Giovanni prestou atenção em cada palavra, e meu amigo olhava para ela e depois para mim, a Paula trouxe uma cadeira para ele se sentar, e a Jéssica falou por quase 10 minutos, de vez em quando a Alice, ou Ellice sei lá como a chamo, ficava me encarando com um sorriso largo no rosto, Naomi fazia o mesmo mas sem sorrir.

Quando ela finalmente terminou de contar tudo sobre mim, o grupo tinha perguntas, algumas para mim, outras para o Giovanni, percebi que meu parceiro não tinha dito a eles nada do que havia feito em seu passado, mas depois do que a Jéssica contou, eles já tinham uma pequena ideia.

- Então vocês eram contra terroristas? - perguntou a Alice com uma empolgação e um sorriso largo no rosto.

- Algo assim. - respondi.

- Caramba! Eu já li um tanto de livros sobre guerras, terroristas, espões, mas nunca pensei que ia conhecer dois contra terroristas! Que foda!

- Solveig, você está animada demais, eu posso estar meio alcoolizada, mas isso não é perigoso? - foi a moça de cabelos verdes que falou, acho que seu nome era Amedyr.

- Pois é, gringo você não nos contou nada disso. - disse o homem, Xis eu acho.

- *Look*, tudo o que aconteceu está no passado, *but* tudo o que eu aprendi, tudo o que esse homem me ensinou – ele apontou para mim - me preparou para salvar vocês naquele dia,

eu poderia ter seguido meu caminho e não fiz isso, ele me ensinou a ser o homem que sou hoje.

- E foi ele que te ensinou aquele chute? - perguntou a Naomi.

- Que chute? - tive que perguntar.

- O que quebrou meu pé, esses mortos têm a cabeça bem dura.

- Não, eu não consigo chutar tão alto assim, isso ele aprendeu sozinho.

- Que pena, no que diz respeito a mim, estou de boa com essas novas informações.

- *Thanks* Naomi, e vocês? - ao que parece o Giovanni abriu uma votação.

- Você salvou a gente, e agora ele apareceu arrebrandando cabeças com duas machadinhas e uma garota ninja, claro que estou de bem com vocês! - essa era a Alice.

- You two? - ele perguntou para Amedyr e o Xis, acho que eram um casal.

- O que você amore? - perguntou o barbudo.

- Acho que viver na ficção é melhor do que a realidade.

- Deixa eu falar por eles – interveio a Paula – Giovanni, você sem dúvidas foi o melhor motorista de uber que a gente podia ter encontrado, você salvou nossa vida, resolvemos acreditar que tudo isso não passa de uma aventura de rpg, isso nos ajuda a dormir. Sabemos que nossos amigos, parentes e até bichinhos de estimação já devem ter morrido, não temos como voltar à São Paulo, e honestamente acho que é mais seguro para gente ficar perto de pessoas que sabem como fazer as coisas.

- A gente manda bem Lexa! - disse a Naomi.

- Naomi, até hoje demos sorte, o Giovanni guiou o que a gente tinha que fazer lembra disso? Então, estamos com ele, certo?

- Certo! - respondeu a Alice.

- Ok! - foi a Naomi.

- E vocês dois? - ela perguntou ao casal.

- Skôl! - a mulher levantou o chifre, acho que isso era um sim, e todos gritaram em coro.

A Jéssica se sentiu culpada por ter contato tudo a eles sem ter me perguntado, ela me olhava como se estivesse se desculpando por ter se empolgado, retribui o olhar, sorri e pisquei o olho direito, ela correu até mim e me abraçou, em seguida a Alice e a Naomi se aproximaram de mim, a pequena viking foi a primeira a perguntar.

- Você pode me ensinar então?

- Ensinar?

- É! Do jeito que ensinou para seu grupo, tipo, eu sei que mando bem, mas sabe como é nê?

- Sei sim. Será um prazer passar o que sei para você.

- Valeu cara! - ela me deu um tapa no ombro.

- Eu também quero pedir uma coisa. - disse a Naomi com seu ar sombrio.

- Claro.

- Pode lutar comigo uma hora dessas?

- Lutar?

- Sim, quero ver se é tão bom quanto a sua filha acha que você é.

- Eu quero assistir! - agora era a Jéssica que estava empolgada.

- Tudo bem, uma hora a gente luta.

- Hum, mal posso esperar. - ela também saiu andando.

A Paula deu um sorriso para o Giovanni, tocou seu ombro e chamou a Jéssica para tomar um sorvete em algum lugar no shopping, assim meu amigo e eu podemos conversar um pouco, acho que papeamos por mais de duas horas, ele me contou tudo o que fez quando foi dispensado e como acabou virando motorista de uber no Brasil.

Eu estava muito entretido em nosso papo que mal vi o tempo passar, sabe, ele era alguém que passou por basicamente tudo o que passei, se existe alguém nesse mundo que realmente me entende, esse alguém era o Giovanni. Sentimos um cheiro de carne sendo frita, meu estômago fez barulho, o cheiro do alho e da cebola abriu meu apetite na hora, mas a Alice veio correndo até nós, havia medo e apreensão em sua voz, e agora ela estava vestida com roupas normais, uma calça jeans com rasgos no joelho, um tênis preto e uma camisa xadrez.

- Gringo, tem um caminhão do exército vindo para cá! O que a gente faz?

- Estão vindo de qual lado? - perguntei

- Do mesmo que vocês vieram.

- Então podem ficar tranquilos, acho que agora vocês vão conhecer o meu pessoal.

E eram eles, o Marcello e o Leandro desceram do caminhão com seus fuzis prontos para um resgate, a Márcia e a Eva estavam atrás deles, o Breno não saiu, ele estava na parte de trás com a Maria, o Joseph, a Evelyne, Evangeline e a Bianca. Por sorte a faixa do shopping era de vidro, eles conseguiram me ver, também viram a Jéssica e foi nítido perceber o alívio deles. O Xis abriu a porta, dei o braço ao Giovanni e o levei até a rua, a Paula me ajudou. Assim que

saímos a Eva e a Márcia me abraçaram e depois me deram um tapa.

- Nunca mais faça isso! - disse a Márcia.

- Você assustou a gente! - falou a Eva antes de me dar um segundo tapa.

- Davis! - era o Marcello.

- Desculpa por preocupar vocês e obrigado por terem vindo, me pouparam a viagem! - apertei a mão dele e o puxei para um pequeno abraço, em seguida apresentei o Giovanni a eles.

O Joseph também me bateu, eu gostei daquilo, era um sinal de que ele também gostava de mim, o valente pela primeira vez não rosnou, apenas balançou a calda, me cheirou e lambeu minha mão quando fiz carinho atrás de sua orelha. O Breno ajudou a Maria e trouxe algumas sacolas com comida.

- Fez uma boa limpa aí fora hein? - perguntou o Leandro.

- Pois é, tive ajuda – olhei para a Jéssica.

- Essa garota!

A Bianca veio correndo e se abraçou com a irmã, apertei a mão da Evelyne e da Evangeline, elas pareciam felizes em me ver. Será que pensaram que eu estava morto? Colocamos todos para dentro, inclusive o caminhão, o Breno fez questão, acho que ele ainda está muito ligado ao que eram, acho que o Leandro e o Marcello também já que todos os três estavam de farda. Alice estava empolgada, acho que ela pensou que eles também faziam parte do mesmo pelotão que o Giovanni e eu. Todos foram bem receptivos uns com os outros.

Olhei para o céu e vi algumas nuvens de chuva, um vento fresco começou, respirei fundo e senti um leve odor de morte, não falei nada, Paula e eu entramos com o Giovanni, o colocamos em uma cadeira e ela o levou para dentro, a faixa de vidro não tinha nenhuma abertura maior do que a fenda que as separava, olhei em volta dela tentando ver o foco do leve cheiro que senti, tenho certeza que não pertenciam aos mortos que despachamos. No canto, na junção dos vidros eu consegui enxergar um pedaço da esquina da avenida do Contorno, na parte em que ela cruzava a Andradas, e eu os vi caminhando em nossa direção. Subi as escadas e todos estavam reunidos na praça de alimentação, a Alice conversava com eles e parou quando eu cheguei.

- Quer fazer as honras oficialmente? - me perguntou o Giovanni.

- Pessoal, esse aqui é o Giovanni, assim como o Marcello, ele e eu servimos juntos e foi preciso o fim do mundo para nos juntar outra vez. E peço desculpas por ter saído sem avisar vocês, e por ter deixado só um bilhete, eu não queria colocar vocês em perigo, eu precisava ver antes de trazer vocês e quando encontrei esse cara eu meio que perdi a noção do tempo.

- Não faça isso de novo. - repetiu a Márcia, era incrível como mesmo brava ela continuava linda e com a voz doce.

- Eu prometo, e Giovanni, eu sei que você é o líder aqui, gostaria que você nos aceitasse.

Claro que ele aceitaria, mas meu amigo sabia o que eu estava fazendo, um bom comandante não é aquele que apenas dá ordens, um líder de verdade se junta aos homens na lama, ele come com eles, dorme ao lado deles, mata e morre por eles.

- *Actually captain, i...*

- Traduz gringo! - falou a Alice, ela adorava fazer isso.

- *Yes, sorry..* é, desculpas! Na verdade capitão, eu te seguia anos atrás e tudo o que eu sei fazer foi o senhor que me ensinou, bom, quase tudo. Eu é que gostaria que o senhor nos aceitasse, estou fora de combate por um tempo, acredito que meus amigos estão seguros sobre o seu comando. - eu não esperava por isso.

- Cara isso é... Giovanni eles conhecem você, confiam em você, eu sou só um cara que chegou aqui e... - a Naomi me interrompeu.

- Um cara que chegou aqui, fez algo que a gente tentou fazer sem sucesso, e que ensinou ao homem que estava nos guiando tudo o que ele sabe, acho que não tem muito a se discutir, a gente topa.

- Demorô! - disse a Alice, era fácil gostar dela.

- Claro. - respondeu a Paula.

- Skol! - disse a Amedyr e o Xis, só que dessa vez sem o chifre, só então reparei que estavam com roupas normais.

- Eu me sinto honrado, obrigado por essa confiança espero retribuir.

- E onde vamos ficar? - perguntou a Márcia.

- Bom, a gente dorme na loja de colchões por causa das camas, mas podemos nos espalhar, o shopping é enorme, se quiserem podemos fazer um tour.. - respondeu a Paula e todos ficaram empolgados, mas eu tive que falar algo antes.

- Pessoal, a gente vai ter tempo para isso, mas eu preciso que façam algo primeiro.

- O que? - perguntou a Eva.

- Se preparem, temos zumbis para matar.

E lutamos, aquele dia ficou marcado como o início de algo, até mesmo o Giovanni com seu pé quebrado entrou na briga, com exceção da Márcia, Eva e Jéssica, todos os outros ficaram surpresos e intrigados de como eu sabia que um a gente ia precisar lutar. Eu os coordenei do melhor jeito que pude, o bando não era tão grande, talvez uns 50 ou 60, quando terminamos, pedi que o Leandro e o Xis me ajudassem a jogar os corpos dentro do rio Arrudas, as meninas não gostaram muito disso.

- Vamos deixar esse fedor perto de nós? - perguntou a Amedyr.

- Vai chover daqui a pouco, olha para o rio, ele está enchendo, não vão ficar aqui muito tempo.

Ela não fez uma cara muito boa, ninguém estava fazendo, os mortos fedem, jogamos todos lá dentro, inclusive aqueles que matamos mais cedo, o Leandro e o Xis se divertiam vendo como os corpos se espantavam ao atingir o chão. Durante a luta, percebi que a Paula não saiu de perto do Giovanni em nenhum momento, acho que os dois são um casal mas não tenho certeza.

Naquela noite quase ninguém dormiu, nos revezamos na vigia, inclusive na sala de segurança onde dava para ver todas as câmeras no interior e exterior do shopping, por isso não separamos quartos, deixamos para o dia seguinte já que estava quase noite quando terminamos de jogar os mortos no rio. Ficamos na praça de alimentação, comendo e contando histórias sobre nosso passado, de como nos conhecemos, a Bianca dormiu no colo da irmã, ela também estava usando um pijama de monstrinho e pantufas de unicórnio, a Evangeline

escolheu uma roupa de uma gatinha sem boca, não lembro o nome.

O primeiro lugar que todos visitaram foi a loja de roupas, nesse mundo fedorento ter roupa limpa é algo necessário. A Jéssica estava ao lado da Naomi, as duas conversaram um bom tempo, Joseph e Maria foram os primeiros a ir dormir, a Márcia foi eles mas sussurrou em meu ouvido que me procuraria mais tarde, ela foi discreta para que sua mãe não visse.

- O que ela falou? - perguntou a Eva que estava sentada ao meu lado.

- Que mais tarde vai me encontrar. - estávamos sussurrando.

- Eu falei com ela que eu precisava ficar um pouco com você, tem algum lugar que podemos ir?

- Não andei no shopping ainda, não sei onde podemos ir.

- Eu acho que sei, eu vou me levantar e você me segue depois tá?

- Ok.

Ela se levantou alguns segundos depois, disse para as irmãs que iria no banheiro ou algo assim, esperei alguns minutos, não falei nada para ninguém já que todos estavam distraídos uns com os outros, o Breno estava no piso de baixo, olhando através da faixa de vidro do shopping, o Leandro estava na sala de segurança. Segui a Eva até a garagem, o lugar estava apenas com a iluminação de emergência, então estava bem escuro e fedorento, a Eva estava em pé olhando para mim.

- Achei que ia ser uma boa ideia mas está fedendo demais.

- Verdade – eu ri – bom, tem esses quiosques aqui dentro.

Era um pequeno espaço com uma loja de ração para animais, e quiosques de capas de celular, jogos de videogame e outros equipamentos importados, ela gostou da ideia, entramos na lojinha de ração, fui empurrado e cai em cima de um monte de ração de gatos, Eva subiu em cima de mim e começou a me beijar. Pensei que aquela seria nossa primeira vez sem a Márcia, mas acredito que ela tenha ficado com receio de alguém aparecer, depois de muitos beijos, arranhões e mordidas, ela deitou no meu braço.

- A Márcia ficou preocupada com você.

- E você não?

- Fiquei só que ela estava preocupada por outro motivo, achou que o que a te propôs e o que a gente fez tenha te assustado.

- Tá falando sério? Vocês me assustaram demais.

- Sério? - ela levantou a cabeça e olhou nos meus olhos.

- Sim, eu nunca namorei ninguém, já estive com outras pessoas mas nunca sentindo nada, entende? E começar um relacionamento com duas mulheres é algo que nunca imaginei.

- Não precisa se assustar, você é um homem bom, bonito, charmoso e caramba, você é muito bom de briga.

- Bonito? Eu? - nunca pensei muito sobre minha aparência.

- Lindo, essa barba e esses olhos fundos dão um charme – ela riu.

- Estamos fazendo isso escondido nê?

- Como assim?

- Se a Márcia tivesse contado para os pais o Joseph já teria mandado o valente me atacar, e bom, você e eu estamos escondidos aqui em baixo, então...

- Bobo, não estamos escondidos, bom, estamos mas não é por isso é que...

- Tá tudo bem Eva.

- Só não quero deixar as outras pessoas com inveja sabe?

- Sei, agora me dá mais um beijo e precisamos sair daqui ou minhas costas vão se fundir com a razão.

Já era madrugada, troquei de lugar com o Breno, e a Márcia veio me encontrar, a princípio ela só me abraçou e me beijou, seu perfume me trazia uma calma como nunca havia sentido antes, percebi que seus braços estavam tremendo em volta do meu pescoço, me afastei um pouco e toquei seu rosto, ela estava chorando, a luz da lua atravessava o vidro e iluminava seu rosto, isso a deixava mais linda.

- Ei, o que foi?

- Quando eu acordei e não te vi fiquei assustada, aí eu achei o bilhete, e eu tive certeza que você tinha ido embora, que estava assustado com... - ela ficou vermelha.

- Não Márcia, eu só senti que precisava fazer isso, que eu precisava agir e arranjar um lugar seguro para vocês.

- A Eva falou isso, eu só fiquei muito assustada.

- Eu entendo, eu também estava.

- Eu queria te falar uma coisa, só que não sei como você vai reagir.

- Eu também te amo Márcia.

Ela ficou paralisada quando eu falei que a amava, por um momento parecia que eu tinha feito um feitiço e a transformado em pedra, mais lágrimas escorreram pelo seu rosto, ela pulou no meu colo e me beijou, ficamos assim por alguns minutos.

Não transamos, só nos abraçamos até a hora que começou a chover e o valente latiu em algum lugar do shopping, ela se despediu e foi se deitar antes que o pai ou a mãe acordasse.

A chuva veio bem depois do que eu pensei, mas aos poucos o fedor de morte que vinha do rio era substituído pelo cheiro de esgoto que era natural do Arrudas, ventava muito, raios iluminavam o céu de vez em quando, era uma bela madrugada e eu estava feliz.

Me sentei no chão e fiquei observando a água descer pela rua, olhei para o prédio em frente ao shopping, ali era o hospital militar, seria uma boa ver se encontramos algo útil lá dentro. Se vamos realmente construir um lar nesse lugar precisamos garantir que tudo ao nosso redor seja seguro, bloquear ruas, criar armadilhas para os mortos, e claro, encontrar pessoas para se juntar a nós. Fiquei imerso em meus pensamentos por um bom tempo, até que o Marcello veio e se sentou ao meu lado.

- E aí cara, quer ir dormir um pouco?
- Oi Marcello, não, eu estou sem sono, desculpa por não ter conversado muito com você hoje.
- Relaxa, você se reencontrou com uma pessoa importante, eu sei como é.
- Tá falando de mim não tá? - rimos.
- Idiota.
- Gostei da roupa - ele estava usando uma camisa vermelha, calça jeans, cinto marrom e chinelo de dedo.
- Valeu, já estava na hora de deixar a farda de lado, mesmo que a patente fique.
- Como assim?
- Ué, seu amigo te chama de capitão e de senhor.

- Quando a gente estava em uma vila em um desses países esquecidos por Deus, eu disse a ele que podia me chamar de Davis, que só devia usar os termos técnicos quando algum superior estivesse por perto, sabe o que ele me disse?

- O que?

- Não senhor!

- E aí?

- Aí eu disse que era uma ordem, então ele falou que tanto “capitão” quanto “senhor” eram meus apelidos.

- Haha.

- Pois é, você quer que eu te chame de sargento? - a pergunta foi séria.

- Não precisa – ele respirou fundo – o que vamos fazer?

- A primeira coisa é vasculhar esse prédio que tem acima do shopping, a entrada é no piso de baixo, acho que tem uns 20 andares.

- E depois?

- Dar um jeito de encontrar armas e depois criar bloqueios nas ruas.

- Parece um bom plano.

- Valeu.

- Lembra quando a gente era adolescente e jogava na sala de informática? - o Marcello buscou essa memória no fundo do baú.

- Caramba, lembro sim.

- Tinha um jogo de estratégia, não lembro o nome, a gente comandava uma civilização e tinha que se defender de ataques e essas coisas.

- Lembro.

- A gente podia fazer algo parecido, tipo construir muros, torres, essas coisas.

- Vamos precisar de gente.

- E de material.
- Eu acho que podemos fazer desse shopping o nosso castelo Marcello.

Conversamos por um bom tempo, paramos assim que amanheceu, ele foi descansar um pouco e eu fui guiado até a praça de alimentação, alguém estava fazendo café.

- Fala capitão machado! Bora tomar café? - era a Alice.
- Cadê todo mundo?
- Geral foi dormir.
- Trocaram a noite pelo dia.
- Eles estavam cansados depois de ontem, só perceberam quando a adrenalina abaixou de vez – realmente, matar os zumbis gasta muita energia.
- E você? Não está com sono?
- Nah, eu trabalho com... bom, trabalhava como ilustradora, então as vezes pegava uns trampo que me prendiam por muito tempo, e fazia streaming de vez em quando então estou acostumada a ficar acordada muito tempo.
- Seu café está com um cheiro ótimo.
- Valeu cara, eu vivo e respiro café, e olha que nem gosto desse trem.
- Sério?
- Para você vê! Toma aqui – ela me passou um copo de refrigerante e encheu de café até quase o topo.
- Coca cola?
- Haha café! Não tem copo de vidro aqui.
- Uau! - provei o café e quase pedi para que ela terminasse de encher o copo – está perfeito!
- Tá puxando meu saco cara? Haha

Eu realmente gostava da Alice, e o jeito alegre que ela levava as coisas era contagiante, confesso que no fundo tinha um pouco de medo do que essa nova versão de mundo faria com ela.

- Você fica diferente sem a fantasia.
- Fantasia? Não é fantasia cara! A gente é cosplay.
- Desculpa, a Jéssica sempre tenta me ensinar esses termos técnicos.
- Ela é uma baita garota.
- É sim – essa foi a primeira vez que a vi falar sério.
- Você fez mesmo todas aquelas coisas que ela falou?
- Fiz algumas bem piores na verdade.
- E se você precisar fazer essas coisas de novo, faria? - tinha uma apreensão em sua voz.
- Se for para proteger vocês, sim.
- E pode mesmo ensinar a gente a ser assim?
- Vocês não vão querer ser assim, eu gosto de você Alice, você tem um espírito alegre e isso é algo que eu nunca tive, até tento inveja disso. Eu posso ensinar vocês a se defender, a lutar, a matar esses fedorentos e a nunca deixar alguém agredir vocês.
- E a matar? - eu suspirei.
- Sim, eu posso ensinar a matar, mas tem uma coisa que nem eu nem o Giovanni podemos ensinar, como viver com o sentimento de ter matado alguém. Não funciona como na TV sabe? A morte não é rápida e quase nunca é limpa, uma pessoa morrendo grita, chora, se suja, então matar é algo que te marca, você tem pesadelos, você chora, você sofre, você se arrepende. Eu fui ensinado a causar o máximo de dano possível, e não a lidar com os efeitos que isso causaria em mim.
- E o que te causou?

- Antes de conhecer a Jamira eu não ligava, não lembrava o nome do primeiro homem que torturei, do primeiro que matei. Eu não tinha nem um pingão de remorso, tudo era justificado sabe? Esse homem fez isso, esse outro fez aquilo, então eles merecem o que eu faço com eles. Daí eu a conheci, a força dela me conquistou de cara, nisso vocês duas são até parecidas – ela gostou de ouvir isso – E eu comecei a sentir, me lembrei dos gritos, do cheiro, do pavor que diversos homens sentiram ao se encontrar comigo. O Giovanni passava horas conversando comigo para me ajudar a tirar isso da cabeça, ele foi o único que reparou que eu estava diferente.

- E depois que ela morreu?

- Depois eu – respirei fundo – depois eu só me desliguei outra vez, mas até hoje eu me lembro dela, sabe, quando eu estou com essa machadinha na mão – peguei a Cherokee – eu a sinto vibrar, eu a trato como se fosse alguém de verdade, e foi um presente do pai dela, então toda vez que eu a uso é como se estivesse vingando a família dela outra vez. E tudo o que eu queria era que aqueles filhos da puta tivessem muitas vidas só para que eu possa matar cada um deles outra vez.

- Sinto muito por isso. E, obrigada por ter confiado em mim para desabafar.

- Só fiz isso por que seu café é muito bom.

- Haha! Valeu!

Tomamos um pouco mais de café, depois me despedi dela e fui dar uma volta no shopping, ainda estava bem cedo, talvez umas oito ou nove da manhã. Subi até o último piso, era o do cinema, passando por ali pensei em como seria divertido botar aquilo para funcionar, aposto que a Bianca ia adorar, ali também tinha uma outra praça de alimentação, os quiosques

estavam todos fechados, ao lado tinha uma livraria de dois andares, aposto que a Jéssica vai querer visitar o lugar.

Uma loja de moveis de ponta, cafeteria, sorveteria, loja de roupas, de ternos, sapatos, uma de coisas nerds que a Jéssica também vai visitar muito, lojas de relógios, roupa íntima, e outras menores, incluindo uma joalheria, a porta de metal não estava abaixada, forcei um pouco a fechadura da porta de vidro com a lâmina da Cherokke, e ela abriu. Entrei e fui direto olhar as alianças, me lembrei da conversa que tive com a Márcia a alguns dias, também olhei uns anéis com formato de caveira, eram bem legais.

- Querendo casar? - olhei para a porta, era a Naomi.
- E aí? Mais ou menos, tem umas coisas bem legais aqui.
- Você tem alguma coisa com a moça do cabelo preto não tem? Márcia eu acho.
- É, ela é minha namorada – a palavra saiu com um som estranho.
- Tem certeza disso? - ela reparou.
- Tenho, é que eu nunca namorei antes.
- Também vi você com a outra moça.
- Você está me seguindo?
- Eva!
- Sim, é complicado, acho que ela também é minha namorada.
- Duas? Então você é desse tipo de homem.
- Se eu entendi bem as coisas, elas também são namoradas uma da outra.
- Poliamor?
- Acho que sim, então desculpa se não sei que tipo de homem eu sou.

Parei de olhar as alianças e olhei para ela, dessa vez a Naomi não estava vestida como uma colegial japonesa, estava usando uma roupa toda preta, calça, camisa e um sobretudo com capuz que tapava a cabeça inteira.

- Você está fanta... fazendo cosplay de que?

- Necronoca.

- Tá bom.

- É uma personagem que eu criei, depois te explico mais sobre ela.

- Ok.

- Eu ouvi sua conversa com a Alice, é legal esse lance de confiar – ela começou a dar voltas em torno de mim.

- É sim.

- Eu matei quatro pessoas, uma delas era o meu namorado.

- Tinham se transformado?

- Foi antes, ele me deu um tapa e me humilhou na frente dos amigos, zombaram de mim, então matei todos eles, usei uma faca de cozinha para decapitar um por um, peguei as cabeças e coloquei em cima da cama, depois eu fui viajar.

A Naomi é o tipo de pessoa que eu não conseguia decifrar, não sabia se ela estava falando a verdade ou se aquilo fazia parte de seu personagem, seu tom era firme, ela não vacilou nas palavras e sem dúvidas não demonstrou remorso algum, só consegui sentir um certo orgulho em suas palavras.

- Eles mereceram.

- Sim – ela sorriu – tem uma loja aqui na frente que é de coisas de criança, brinquedos e essas coisas, o chão é coberto com uma espuma estilo tatame. Quer lutar?

- Agora?
- Tá com medo?
- Não – eu sorri.
- Vamos lá, aproveitar enquanto suas namoradas não acordam, e em quanto nenhum morto apareça.

Sáímos da joalheria eu a segui até a tal loja, era uma dessas que vendia roupas e acessórios para bebês, não me lembro da última vez que lutei com alguém por esporte.

- Que estilo você luta? - ela me perguntou.
- Acho que meu estilo é matar ou morrer, e o seu? - eu realmente não fazia ideia se eu tinha um estilo.
- Eu fiz muitas aulas de diversas artes diferentes, sei lutar kung fu, Karatê, boxe, judô, taekwondo e uns outros.
- Tá bom.
- Antes de começar vamos falar das regras.

Ela tirou o sobretudo, a roupa preta que estava por baixo era de moletom, ela estava de batom preto, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo deixando seu rosto visível, ela tinha um piercing que atravessava o nariz.

- As regras são simples, não vale acertar o rosto e você não pode pegar leve comigo, e claro não pode me matar.
- Vou tentar – dei um pequeno sorriso.

Tirei a Cherokee e a Naja, as coloquei em cima de uma cadeirinha, dessas de dar comida para as crianças, eu estava de calça jeans, dobrei as pernas até um pouco acima da canela, e em meio a carrinhos de bebê começamos a lutar. Ela parecia uma dessas ninjas de filmes de ação, me atacou com golpes de

kung fu, os dois primeiros foram bem difíceis de desviar, do terceiro em diante eu já conseguia prever, a loja estava bem iluminada, lâmpadas led enormes que seriam capazes de cegar qualquer recém-nascido que entrasse ali.

Naomi ficou muito brava por não estar me acertando e por parecer que eu estava menosprezando seus golpes, já que eu olhava tudo dentro da loja. Isso a fez mudar de estilo, abriu uma sessão de jabs e cruzados, um deles passou bem perto do meu rosto, se me acertasse eu provavelmente beijaria a lona.

- Pensei que não valia acertar o rosto. - falei.

- Não vale acertar o meu – ela sorriu e continuou a dar socos.

Ali percebi que eu tenho um outro estilo além do matar ou morrer, aquilo estava divertido, lutar sem a preocupação em matar o oponente antes que ele me matasse, eu não estava ali para provar nada, para demonstrar nada, era só diversão, e cara, eu estava me divertindo muito, ainda mais pelo fato de apenas desviar e repelir os golpes dela, isso a deixou bem irritada, e então sem eu perceber recebi um chute no ombro direito, foi tão forte que eu tombei, cai apoiado no joelho esquerdo, senti uma dor aguda percorrendo meu braço, minha mão formigou, ela era muito boa.

- Caramba, nem vi seu pé – quando falei isso ela sorriu.

- Não vai chorar vai? - ela estava dando pequenos saltos, aquilo era taekwondo.

- Não, eu não vou chorar, agora eu vou lutar!

Não tenho experiência com estilos de luta, mas consigo aprender fácil, comecei a usar os mesmos golpes de Kung Fu

que ela usou contra mim no começo, tive a chance de acertar o rosto dela várias vezes, mas nunca faria isso, fingi dar um cruzado ela desviou o rosto e se preparou para se proteger de um chute já que movi meu pé, mas eu não a chutei, na verdade me abaixei e a segurei pelo calcanhar fazendo com que ela caísse, segurei seu braço e a imobilizei.

Ela tocou em minha perna para que eu a soltasse, quando tirei a pressão ela se jogou sobre mim, colocou os joelhos na minha cintura, senti uma pontada de dor já que ela conseguiu acertar bem em cima de onde fui ferido pela Cherokee um tempinho atrás, com as mãos ela prendeu meus braços no chão, percebi que além do seu suor pingando no meu rosto, ela me olhava nos olhos.

Naomi começou a aproximar o rosto, sua boca chegava mais perto da minha, senti o toque de sua boca na minha, não sei dizer se foi eu ou ela que começou o beijo, mas ambos correspondemos, e antes que algo a mais acontecesse um grito de dor nos interrompeu.

Peguei minhas machadinhas e desci correndo, sei que não devia ter beijado ou retribuído o beijo da Naomi, não era justo com a Eva e nem com a Márcia, e aquele grito me fez pensar que eu poderia nunca ter a chance de contar isso para elas, e senti um certo alívio ao perceber que o grito era de homem, me encontrei com a Jéssica perto da escada rolante, ela estava indo me procurar.

- É o Xis, alguém esfaqueou ele.
- O que? Tudo bem, onde está sua irmã?
- Com a Evangeline.
- Tudo bem, vem comigo.

A Naomi estava bem atrás de mim, ao ouvir que seu amigo foi esfaqueado ela me ultrapassou, Leandro e Breno seguravam o Xis pelos braços, era um jeito de evitar que ele puxasse a enorme faca que estava presa em seu peito, o Marcello estava perto da porta, investigando algo do lado de fora, vi que o Giovanni pedia algo para a Márcia e a Eva, elas me viram, acenaram com a cabeça e saíram correndo, as vi entrando em uma das farmácias, Paula e Alice estavam chorando mas permaneciam firmes ao lado do amigo que gritava.

- AMEDYR! ELES LEVARAM ELA! ME SOLTA!

- Quem? - perguntei ao chegar próximo a ele.

- AMEDYR! TRÊS HOMENS A LEVARAM, ELES SUBIRAM A RUA! SUBIRAM!

- Cara, para de gritar! - disse o Breno.

- Captain, you need help?

- Não, mas você precisa, Jéssica quero que fique aqui e faça tudo o que o Giovanni pedir.

- Onde você vai?

- Vou buscar a Amedyr.

Se tem uma pessoa que saberia como arrancar aquela faca sem matar o Xis esse alguém era o Giovanni, ele não precisava de muita ajuda para isso, mas eu queria que a Jéssica ficasse.

- Eu vou com você! - disse o Marcello quando passei por ele.

Subimos a rua, e chegamos até a avenida do Contorno, ali tivemos que nos separar, eu fui para a direita e ele para a esquerda, confesso que tive a sensação que eles tinham ido por ali, era uma pequena descida e tenho certeza que a Amedyr

estava dando trabalho, então descer era mais fácil. E de fato eu estava certo. Os encontrei a uns quatro quarteirões de distância, Cherokee e Naja vibravam, estavam sedentas de sangue.

- SAÍ FORA BARBUDO! - um dos homens gritou, os outros dois seguravam Amedyr pelos braços, taparam a boca dela com um pedaço de pano.

- Solta minha amiga. - eu estava a uns vinte metros de distância deles.

- Ela agora pertence ao Ian! Saí fora!

- Qual de vocês esfaqueou o meu amigo?

- Caramba, vocês deixam a barba crescer e perdem os miolos é? Saí fora barbudo! Essa é a última vez que te aviso.

- Você fala demais.

Comecei a caminhar em direção ao homem, ele sacou uma faca e partiu para cima de mim com um golpe ridículo, levantou o braço direito segurando o cabo da faca com a lâmina apontada em minha direção, bloqueei seu braço com a Naja e bati a Cherokee em seu pescoço, minha amiga acertou em cheio em sua jugular, continuei andando e o deixei cair, ele tentou parar o sangramento com as mãos. Um dos homens soltou a Amedyr e também se preparou para me atacar, o outro ficou atrás dela e encostou uma faca em sua garganta.

- ELA PERTENCE AO IAN!

- Não, ela pertence a ela!

Joguei a Cherokee em direção ao homem no mesmo instante em que a Amedyr acertou uma cabeçada no nariz do sujeito que a segurava, ele tombou para trás e a faca cortou um pouco da pele do pescoço dela, mas nada muito sério, ela se virou, pegou a faca e começou a enfiar no peito do homem,

uma, duas, três vezes, acho que aquele era o imbecil que esfaqueou o Xis. Fui até o outro homem, peguei a Cherokee no chão, ele deu sorte, eu o acertei com a lâmina chapada, um galo enorme subiu em sua testa.

- Quem é Ian? - perguntei, ele não respondeu.

Amedyr ainda esfaqueava o homem, ele deve ter morrido no terceiro golpe mas eu não interromperia a ira da garota, o Marcello deve ter escutado os gritos do primeiro sujeito e veio até nós, chegou bem a tempo de me ver cortando o tendão de Aquiles do homem, usei a Naja para isso, e como o grito do sujeito foi prazeroso.

- Que merda Davis! - disse o Marcello atrás de mim.

- SOCORRO! ALGUÉM ME AJUDA! - o sujeito estava se arrastando, tentando se afastar de mim.

- Davis o que você vai fazer?

- Marcello fica de olho naquele sujeito ali – aponte para o primeiro que derrubei, ele sangrou até morrer – não fica perto dele, ele pode se transformar.

- O que ela tá fazendo? - ele estava perguntando da Amedyr, ela ainda esfaqueava o sujeito, seu cabelo verde, seu rosto, seu corpo e o chão ao redor de seus pés estavam encharcados de sangue.

Coloquei a Cherokee na cintura, deixei a Naja na mão direita, fui até o imbecil que se arrastava, o segurei pela parte de trás da camisa, na altura do pescoço e o arrastei para o meio fio. O coloquei sentado apoiando na parede de uma loja, ele se contorcia passando as mãos nas pernas, tentando em vão fazer a dor ir embora.

- Quem é o Ian? - me agachei ao lado do homem.
- Eu... ai... - ele chorava muito.
- Eu sei que dói, e vai doer muito mais se você não responder as minhas perguntas. Quem é o Ian?
- O chefe cara... ele é o chefe.
- Ok, e onde ele está?
- No Cidade.
- Viu só? Não teve mais dor! E por que vieram até aqui?
- Ai... - ele começou a mover as pernas com força, golppei sua coxa com a Naja e a deixei presa em sua carne –
AAAAA!
- Não, não, não! Você só vai se mover se eu deixar –
pressionei o cabo da minha amiga fazendo com que ele gritasse
ainda mais.
- Davis, o que você está fazendo cara?
- Marcello eu pedi para você olhar o outro sujeito.
- Ele morreu porra! Para com isso aí!

Olhei para o Marcello e vi a Amedyr, ela tinha parado de esfaquear o sujeito e agora estava sentada no chão com a cabeça baixa, provavelmente a ficha tinha finalmente caído e ela se deu conta que acabou de matar alguém.

- Não sai daí! - falei com o chorão e puxei a Naja.

Me levantei, fui até a Amedyr, toquei em seu braço e ela imediatamente reagiu, me afastei um pouco.

- Calma, está tudo bem agora! Levanta e vai com o Marcello, o Xis precisa de você lá.
- Ele... - ela cuspiu sangue, não era dela.

- Ele está vivo, o Giovanni já deve ter deixado ele novinho.

Ela me deu a mão para que eu a ajudasse a se levantar, percebi que havia cortes entre seus dedos, isso é normal quando se esfaqueia alguém ou alguma coisa. Passei seu braço para o Marcello.

- Vai, tranquem todas as portas e me esperem.

- O que você vai fazer? - perguntou o Marcello.

- Eles disseram que estão aqui a mando de um sujeito chamado Ian, eu preciso saber quem é, e quantos são.

- E como vai descobrir isso?

- Vou perguntar ué.

Claro que o chorão tentou fugir, ele se arrastou por uns metros, parou perto de uma barbearia, e aquilo me deu uma ideia, o deixei se arrastando, forcei a porta e a abri, era um espaço pequeno, três cadeiras de barbeiro e cheio de espelhos, fui até os dois mortos, arrastei eles para dentro da loja e os coloquei sentados nas cadeiras, deixei a do meio para o chorão, ele se mijou inteiro quando eu segurei sua perna e o puxei, o coloquei sentado na cadeira do meio, ele gritava e implorava para que eu não fizesse mais nada, me inclinei, minha boca ficou na altura de seu ouvido.

- Eu ainda não fiz nada.

Ele chorou ainda mais, rasguei a camisa de um dos defuntos e os amarrei nas cadeiras. Fiquei impressionado com o trabalho que a Amedyr fez com o peito do homem que

matou, foram diversas facadas e todas com uma distância razoável uma da outra.

- Ela mandou bem, bom, não precisa ter vergonha em ter se mijado. Isso acontece.

- Por favor cara, por favor.

- Qual o seu nome? - ignorei seu apelo.

- Rubens.

- Então Rubens, eu não quero te fazer sentir mais dor do que já está sentindo, você está sangrando e daqui a pouco vai começar a sentir o corpo formigando, me avisa quando isso acontecer tá?

- Não me machuca mais cara, por favor.

- Isso só depende de você, então, se eu entendi bem esse tal Ian está no shopping Cidade, e o fato de vocês terem vindo até o Boulevard significa que ele está querendo saquear o lugar, estou certo?

- Sim.

- E ele enviou vocês três para poder ver se tinha alguém?

- Sim.

- Entendi, e acho que esse aqui – aponte para o homem que a Amedyr matou – foi o sujeito que esfaqueou o meu amigo nê?

- Sim cara, eles estavam do lado de fora aí o Fernando – ele apontou com a cabeça para o sujeito que eu matei – disse que o Ian ia gostar da moça, aí chegamos perto e o Marinho sentou a facada no cara, mas eu não queria cara! Eu não queria.

- Você não queria? Isso é – parei por um momento e olhei para o tal Marinho, ele estava se movendo – olha isso Rubens, hoje você está fazendo história.

- QUE PORRA É ESSA? - ele tentava se soltar.

- Não precisa se assustar, ele está preso.

- CARALHO, ME TIRA DAQUI MOÇO!

- Ele foi mordido por algum infectado?

- O QUÊ? NÃO PORRA EU NÃO SEI! ME SOLTA POR FAVOR!

- Não sabe? Tá bom, agora antes de eu te soltar, quantas pessoas você e seus amigos levaram para o Ian?

- Me solta cara, pelo amor de Deus... me solta! AAAAAAAA! - ele estava visivelmente apavorado.

- Vou soltar, vou soltar. Depois que você responder tudo o que eu perguntar.

- PERGUNTA LOGO PORRA! - o fedorento recém-transformado estava ansioso para arrancar um pedaço da minha carne e da dele.

- Engraçado, ele não fede tanto, acho que começam a feder um pouco depois, e olha só! Rubens sorria! Estamos observando um milagre! - o Fernando também se transformou.

- QUE PORRA! EU VOU VIRAR UM... EU VOU VIRAR! AAAA! SOCORRO! SOCORRO!

Os gritos dele deixavam os dois novos fedorentos bem ativos, eles tentavam se soltar e ambos mordiam o ar, os olhos eram esbranquiçados, a baba nojenta escorria pela boca, os dentes estavam mais escuros e começavam a feder, mas era bem tolerável.

- Rubens você tinha que estar feliz, isso aqui é ciência, seus amigos não foram mordidos e mesmo assim se transformaram, sabe o que isso significa?

- ME SOLTA! ME SOLTA! ME SOLTA!

- Sabe o que significa? - perguntei outra vez, peguei a Naja que eu havia colocado no balcão.

- ME SOLTA! ME SOLTA!

- Para de gritar!

Bati com o cabo da Naja na garganta do Rubens, ele ficou sem ar e seu corpo se debatia em busca de oxigênio, fiquei olhando seu rosto ficar vermelho, sangue sair pelo canto de sua boca, aos poucos ele conseguiu respirar, com dificuldade mas o suficiente para ficar vivo.

- Não grita! - sussurrei – seus dois amigos estão agitados e não queremos isso, eu deixei a porta aberta, se você gritar demais algum fedorento vai entrar aqui e eu vou sair, e bom, você não.

Deixei a Naja na mesa e abri uma das gavetas, lá dentro tinha tesouras, máquina de cortar cabelo e barba, e uma navalha, a peguei, peguei um gilete dentro de uma caixinha que estava no canto e coloquei dentro dela.

- Seu amigo me chamou de barbudo – olhei no espelho – verdade, está grande mesmo, mas eu até que estou gostando. Olha Rubens, eu vou te fazer algumas perguntas e você vai tentar falar, se não conseguir é só balançar a cabeça, tudo bem? - ele vacilou por um segundo, estava chorando mas assentiu com a cabeça – tenta falar.

- T..t..tá. - sua voz estava extremamente rouca.

- Vocês já levaram outras pessoas para o Ian?

- S...si...

- Ok, ele obriga as pessoas a ficar com ele?

- S...sim.

- Ok, essas pessoas que vocês levaram para ele, eram mulheres? - eu estava brincando com a navalha.

- S...s...sim...sim.

- Ok, ele as dividia com vocês? - ele balançou a cabeça negando – tem certeza? Vocês levavam as mulheres para ele por amor? Não, ele dividia elas com vocês não é? Primeiro era ele e depois vocês, não é? - depois de muitas lágrimas ele confirmou.

- Sim...

- Pois é, sabe Rubens, eu sou um cara razoável, você está me dando informações e eu não vou te fazer sentir mais dor, isso é justo não é? - ele confirmou com a cabeça – Então, eu não consigo entender esse lance de pessoas que eram normais, que não faziam nada de espetacular, que eram trabalhadoras, crentes e essas coisas, que foi só a situação do mundo mudar que elas se tornaram cruéis. - ele me encarou – o quê? Eu? Não, eu já era assim.

A expressão dele foi extremamente divertida de se ver, uma mistura de pavor com incerteza, se existia alguma esperança de que eu realmente o deixasse ir, ela foi embora naquele momento.

- Sabe Rubens – peguei a navalha com firmeza – eu tenho uma queda por homens assim, homens que se acham os donos de tudo – segurei o dedo indicador dele, o puxei para cima fazendo com que quebrasse em, pelo menos, três lugares – homens que não tem capacidade de conquistar ninguém e que preferem forçar! - usei a navalha para abrir um corte ao redor do dedo, ele berrava o mais alto que podia, mesmo com a garganta fodida! Em seguida comecei a cortar para cima, até chegar na unha e com alguns outros cortes eu finalmente arranquei a pele de seu dedo.

- Na televisão eles sempre mostram que os torturadores arranham unhas, ou enfiam espetos nos dedos e essas coisas, só

que esfolar a pele é algo mais efetivo quando se quer infligir dor. E eu sei que disse que se você me desse as respostas eu não te faria sentir dor, só que eu fico pensando em quantas pessoas você, seus amigos e esse tal de Ian não fizeram coisas piores... quantas Rubens? Umas 10? 20?

Minha mão se movia sozinha, fui quebrando e esfolando seus dedos um por um. Quando terminei o corpo dele não aguentava mais se mover, ele sentia a dor e dava seu berro silencioso, seus braços até tremiam um pouco, só que ele não tinha forças nem para se contorcer. Nas cadeiras ao lado, os dois fedorentos continuavam mordendo o ar e com os braços esticados tentando nos alcançar.

- Po...- Rubens tentou falar algo.

- O que foi Rubens? Olha só, eu estou fazendo um bom trabalho aqui!

- Por... por...

- Por o que?

- Por fav...

- Por favor? - ele confirmou com a cabeça, e estava exausto – Você quer que eu pare? É isso? - outra vez ele assentiu – Claro! Mas me responde só mais uma coisa, quantas pessoas te pediram para parar e você continuou? 10? 20?

Nesse momento ele tentou me atacar, merda, o cara estava todo fodido e mesmo assim partiu para cima, isso é admirável, eu até poderia dar uma chance, porém, meu reflexo falou mais alto e sem nem perceber fiz um movimento para cima, acontece que a mão que subiu estava com a navalha, ela cortou o nariz do Rubens e ficou presa na cartilagem.

- Olha só o que você me fez fazer! É melhor não tentar fazer isso outra vez, eu quero que isso dure uns 10, 20 ou até 30 minutos, mas, se fizer outra dessa eu posso trabalhar em você por dias e noites, e acredite – segurei seu rosto e olhei nos seus olhos – eu já fiz isso antes. Tá vendo esse espelho aqui na frente? Então, você vai ver tudo o que está acontecendo, esse é meu presente para você! – soltei a navalha com um puxão, depois segurei a pálpebra do olho esquerdo do Rubens e a cortei, em seguida fiz o mesmo com a direita – pronto, agora você vai ver tudinho.

Tanto Rubens quanto seus amigos estavam mortos no exato momento em que ousaram encostar em alguém do meu grupo. Antes eu torturava como profissão, hoje eu fiz isso com prazer, me diverti a cada momento em que a navalha cortava um pedaço dele, isso é doentio eu sei, só que o simples fato de pensar que alguém como ele poderia machucar a Jéssica me fez continuar. Depois de quase uma hora o Marcello finalmente me encontrou, o Breno estava com ele, as marcas de sangue na rua os guiaram até a barbearia onde eu estava. Quando chegaram olharam o meu trabalho, os dois fedorentos ainda estavam se movendo, dei a eles alguns pedaços do Rubens, olhei para porta, o Marcello estava abaixando vomitando, Breno fez uma careta e saiu andando, olhei no espelho, eu estava imundo, pedaços daquele nojento estavam em mim, tirei a camisa, peguei uma mangueira que ficava presa a uma cadeira branca que devia ser para lavar cabelo, apertei o gatilho, a água saía com bastante pressão, enquanto me levava o Marcello parou de vomitar.

- Caralho Davis...

- Não Marcello, ele não tem mais um caralho.

ALIANÇA

O Marcello mal conseguia olhar no meu rosto, ele estava muito enojado com o que estava vendo, e eu não o julgava, eu era muito bom no meu trabalho, e isso significa que eu sabia destruir uma pessoa, não só mentalmente, mas fisicamente também.

- Por que você fez isso? - perguntou o Marcello finalmente.

- Para obter informações – eu estava lavando o sangue de minhas mãos.

- Informações? Precisava fazer isso? – ele apontou para o corpo.

- Marcello, sou bom em muitas coisas, e ruim em outras, só que existe uma coisa que sou extremamente bom.

- Torturar pessoas?

- Obter informação, eu sei ler as pessoas Marcello, esse cara aí trabalha para um homem chamado Ian, os dois fedorentos aí também.

- Ian?

- Isso, e tem mais, esse tal de Ian comanda um grupo de pessoas que está abrigada naquele shopping do centro da cidade, e seus homens saem por aí sequestrando mulheres e esfaqueando homens.

- Como você sabe disso Davis?

- Ele me falou – apontei para o Rubens outra vez.

- Antes ou depois de você arrancar as unhas dele?

- Arrancar unhas? Sério Marcello? Eu não arranco unhas – peguei a Cherokee e a lavei – eu arranco a pele em volta das unhas. O que você acha que eles fazem com essas mulheres que sequestram? Acham que batem um papo?

- Não dá para saber.

- Não dá? Você não é idiota Marcello, você sabe muito bem o que esses caras fazem, sequestram, matam e estupram.

- Meu Deus Davis! Olha o que você fez? - ele estava revoltado.

- O que eu fiz Marcello?

- O que eu fiz? Cara você torturou uma pessoa, arrancou pedaços dela, onde em nome de Deus isso é normal? Cara, você tem noção que loucura é essa?

- Talvez você esteja certo, talvez eu esteja mesmo louco, fazer as coisas que eu já fiz mexe com a cabeça de qualquer um, bom, deveria mexer.

- Você é um psicopata! - ele foi firme em suas palavras.

- Já pensei que era, mas por definição um psicopata não tem sentimentos, amor, tristeza, eles não se importam com nada nem ninguém, eu não sou assim, não sinto remorso por essa merda aqui ou por outras merdas que já fiz, filhos da puta como esse merecem sentir o máximo de dor que eu consiga infligir em cada um deles. E eu me importo com você e com todos que estão naquele shopping!

- Isso não justifica Davis.

- Marcello, quantas pessoas você já matou?

- O que isso tem a ... - eu o interrompi.

- A gente se encontrou quando você estava caçando os homens que mataram seus amigos, então me responde, quantos deles você matou?

- Eu...

- Eu sabia, você não matou nenhum nê?

- Não.

- Você achou certo seus amigos matarem os caras?

- Eu não...

- Marcello, eu faço o que tenho que fazer para tentar manter todos vocês a salvo, se isso significa agir como um

psicopata que se foda! Mas enquanto você não matar alguém para defender as pessoas que se importam com você e de quem você gosta, não venha me dar sermão.

- Não é sermão Davis, é que isso é assustador, pensar sobre isso já é assustador, nunca... - ele quase vomitou – pensei que aquele garoto que cresceu comigo seria capaz de uma atrocidade dessa, por mais que ele merecesse.

- Quer saber Marcello, eu tinha uma outra coisa para te falar, mas o psicopata aqui vai embora tomar um banho em um chuveiro de verdade!

Peguei minhas machadinhas, golpееi a cabeça dos três fodidos e os despachei de vez desse mundo, em seguida saí da barbearia, eu não queria ser grosso com o Marcello, porra, eu entendia o que ele estava sentindo, nem todo mundo está acostumado com a matança, voltei para o shopping, estava sem camisa, olhei em minha cintura e vi a marca do corte que a Cherokee fez em mim dias atrás, sorri ao lembrar daquele tombo, foi naquele dia que conheci a Márcia, e agora eu tinha que contar para ela que beijei outra pessoa. Entrei e fui logo para o banheiro, eu precisava tomar um banho de verdade, passei pela loja de colchões, ao que parece o Giovanni já tinha removido a faca do Xis, Eva e Márcia vieram até mim quando me viram.

- Você está bem? - perguntou a Márcia.

- Sim, e a Amedyr?

- A Paula e a Alice levaram ela para tomar um banho, ela estava em choque. - respondeu a Eva – o que aconteceu com vocês?

- Eu preciso tomar um banho.

- Vamos com você. - a Márcia me puxou pelo braço.

As duas tiraram minha calça, pegaram as minhas machadinhas e colocaram no balcão do banheiro, acho que aquele era um desses espaços família onde as pessoas podiam trocar a fralda das crianças e dar banho nelas, ambas ficaram nuas, ligaram o chuveiro e começaram a tomar banho comigo, a Eva esfregava minhas costas enquanto a Márcia estava na minha frente, segurou meu rosto com as duas mãos.

- A Naomi contou para gente.

- Desculpa.

- Não se preocupa com isso, a gente viu o jeito que ela olhou para você, e a gente não conversou sobre isso antes, sabe, as coisas não precisam ser como eram antes.

- Eu amo você Márcia, não devia ter beijado ela.

- Ela disse que te beijou.

- Não, eu também a beijei, a gente lutou e eu a beijei.

- Davis, o mundo acabou, não precisamos nos prender a regras passadas.

- Somos um trisal e não precisamos ter vergonha disso! - agora a Eva estava na minha frente abraçada com a Márcia.

- Além disso, a Naomi falou que você estava procurando uma aliança para mim – a Márcia me olhava enquanto a Eva beijava seu rosto.

- E ela falou que se a gente quiser beijar outras pessoas você tem que deixar, ou então seria um machista dos mais escrotos.

E ela estava certa, as regras do mundo antigo não permitiam ou via com bons olhos o que a gente estava vivenciando, isso é, no íntimo as pessoas teriam inveja de mim, um homem como eu namorando duas mulheres que também se

namoram, e claro, a Naomi também estava certa, eu a beijei mesmo tendo um compromisso com a Eva e a Márcia, se as duas quisessem beijar outro homem eu não teria como argumentar contra isso, e pelo jeito elas perceberam o que eu estava pensando.

- Eva, olha a cara dele! - as duas estavam sorrindo.

- A sua sorte é que a gente não quer outra boca – disse a Eva.

- Eu estou morto? Devo ter morrido e esse aqui é o meu paraíso pessoal.

- Davis, você tem que aprender a calar sua boca – E a Márcia me calou com um beijo enquanto a Eva beijava seu corpo.

Quando estavam juntas, a Márcia não parecia mais aquela garota tímida que tinha uma voz doce, ela se entregava por inteiro ao momento, seus beijos com a Eva eram apaixonados, e elas sempre se preocupavam em me incluir em cada troca de carícias, elas estavam determinadas que a gente se tornasse algo mais sério, não era apenas por prazer, era algo mais, eu não tinha certeza do que sentia pela Eva, eu gostava dela, a ajudei a se tornar uma mulher forte, não que não fosse antes, na verdade estou falando de músculos mesmo.

Elas se olhavam quase do mesmo jeito que olhavam para mim, era nítido que sentiam algo uma pela outra, e será que eu poderia amar as duas como elas parecem me amar? Merda, acho que estou realmente morto.

E eu pensei nisso por algum tempo, eu estava morto e acordei no pós vida. Em um lugar onde eu poderia acabar com a raça de qualquer um que cruzasse o meu caminho? Me deram uma família para proteger, me trouxe de volta dois amigos que pensei que nunca mais veria, ganhei duas mulheres para amar,

duas filhas, e muitos amigos, uns deles tão estranhos que nem pareciam ser reais, ganhei algo tão importante que eu mataria qualquer um por causa deles, merda, estou morto, isso explicaria muita coisa. Antes que o diabo viesse me buscar eu aproveitaria ao máximo.

Depois de quase uma hora terminamos aquele banho de luxuria, eu sequei a Márcia enquanto ela secava a Eva que por sua vez me secava, a gente estava rindo e gargalhando daquilo, uma das duas fez uma referência a um filme em que as pessoas eram costuradas umas nas outras.

- Quer nos contar o que aconteceu lá fora? - perguntou a Márcia.

- Encontrei três homens arrastando a Amedyr, matei um deles com a Cherokee – elas pararam o que estavam fazendo e prestaram atenção no que eu estava falando – ela conseguiu golpear um outro e depois pulou no cara e o esfaqueou.

- E o terceiro? - perguntou a Eva.

- O terceiro, esse demorou um pouco mais para morrer.

- O que você fez?

- Márcia eu não...

- Não Davis, você vai contar tudo para gente, confiança é o que vai fazer isso dar certo, então conta o que você fez!

Nunca tinha visto a Márcia com uma expressão tão séria, eu seria realmente um louco se não obedecesse suas ordens, e sem dúvidas eu faria tudo por ela.

- Eu cortei o tendão de Aquiles dele, depois o golpreei com a Naja – olhei para Márcia, ela estava sorrindo – depois fiz diversas perguntas, descobri que tem um grupo no centro da cidade que pode nos dar problemas.

- Pessoas ruins? - perguntou a Eva.
- Eles sequestram mulheres e levam para o chefe, um cara chamado Ian.
- E depois? - o sorriso da Márcia desapareceu.
- Depois ele as usa e divide com seus homens.
- E o que vamos fazer?
- Temos que nos preparar, e acho que preciso ir dar uma olhada na quantidade de pessoas que ele tem, ver o que nos espera se nos atacarem.
- Você quer ir até lá? Eva e eu vamos com você.
- Não posso levar vocês duas, preciso que fiquem para cuidar da Jéssica e evitar que ela me siga, bom, eu tenho que falar com ela primeiro – peguei uma escova e comecei a pentear o cabelo da Eva – antes eu preciso conversar com todos, tem uma coisa que preciso contar.
- Conta depois, agora que estamos secos, acho que podemos perder mais uma hora.

A Márcia pulou no meu colo, deitamos no chão do banheiro enquanto a Eva nos assistia, depois de alguns minutos ela se juntou a nós, as duas eram muito diferentes uma da outra, Márcia tinha um cabelo liso, preto como casca de jabuticaba, era bem magrinha, mas, mesmo assim, tinha muitas curvas, uma vez ouvi alguém falar que ela era uma falsa magra, sua pele era bem clara, não tinha nenhuma marca de sol, já a Eva tinha a pele bronzeada, seus cabelos eram cacheados e tinha um corpo cheio de curvas e eu estava me perdendo em cada uma delas. Gostei muito de passar aqueles momentos com as duas, o que eu tinha para falar a seguir era algo difícil de aceitar.

Finalmente nos vestimos, Márcia estava usando um vestido azul claro que a deixava ainda mais linda, Eva colocou

um vestido verde escuro, os dois eram do mesmo modelo, e me deram uma calça jeans preta e uma camisa de malha também preta, um par de botas que apertava meus dedos. As beijei e saímos de lá, ambas me seguraram pelo braço, uma do lado esquerdo e outra do direito. Quando chegamos perto do balcão de auxílio do shopping que ficava bem perto da loja de colchões, uma reunião estava acontecendo, com exceção do Xis, Amedyr, Alice e as crianças, todos estavam lá, e o Marcello estava fazendo um pequeno discurso, e o assunto era eu.

- Até que enfim você apareceu! - ele falou ao me ver, olhei para todos, a Paula estava lá.

- Amedyr está bem? - perguntei para ela.

- Ela não falou nada ainda.

- Depois do que ela fez, isso não é surpresa – disse o Marcello.

- E o Xis? - perguntei ao Giovanni, ignorando o que o Marcello falou.

- Ele está ok, seu amigo aqui está contando uma história bem divertida para gente – o Giovanni estava com um sorriso no rosto, de todos ele era o que mais entendia o que eu fiz.

- Divertida? Pessoal, isso é sério, eu gosto de você Davis, gosto de verdade, só que o que eu vi é algo assustador.

- Márcia, vem aqui e senta do meu lado. - a mãe dela estava lá, assim como o Joseph, o valente não estava presente, provavelmente a Jéssica e a Bianca estão com ele.

- O que você viu Marcello? - perguntou a Márcia ignorando o chamado da mãe.

- Ele destruiu o homem, cortou pedaços dele, era algo que eu só vi em filmes de terror. - a Naomi estava ao lado da Paula,

ela me olhou de um jeito diferente quando o Marcello contou essa parte.

- O homem, era um daqueles que sequestrou a Amedyr e esfaqueou o Xis? - a Márcia continuava a questionar e eu a assistir.

- Sério? Você vai falar o mesmo que ele? Davis, por favor, eu não estou aqui para falar contra você, eu só acho que eles precisam saber quem está nos liderando, uma coisa é ver você lutando contra os mortos, outra é fazer aquilo.

- E fazendo isso ele descobriu que existem pessoas ruins lá fora, pessoas que sequestram mulheres, usam e abusam delas! – agora foi a vez da Eva me defender.

- E para isso precisava amarrar dois zumbis ao lado do cara? - pela primeira vez o Breno falou alguma coisa, ele realmente não gostava de mim.

- Não eram zumbis quando eu os prendi lá.

- Como assim? - Naomi mordeu o lábio ao perguntar.

- Eu não sou um cara bom Marcello, sou um filho da puta de um assassino, não sinto remorso por nenhum daqueles que eu já matei ou machuquei, e eu já disse isso para todos vocês. Claro que saber o que eu sou e o que eu faço é bem diferente de ver. É fácil aceitar que um homem perigoso te lidere desde que você não precise sujar as mãos. E já que você convocou essa reunião, vamos colocar as cartas na mesa – dei a Naja e a Cherokee para a Márcia e a Eva segurarem.

- Breno, o Marcello me contou que você, o Richard e o Leandro foram os responsáveis por matar aqueles caras que roubaram as armas e os caminhões. Você se arrepende de ter sujado suas mãos para vingar seus irmãos de farda? - ele não respondeu – Leandro, você se arrepende?

- Não.

- E qual o motivo?

- Eles mereceram.

- Esse é o ponto! Eles mereceram! Marcello, eu nunca machuquei ninguém que não merecesse.

- Você não pode ser o juiz e o carrasco Davis!

- E quem vai ser? Você? A polícia? Ou os advogados? Tem mortos andando lá fora Marcello, pessoas que morreram e que continuam andando por aí! Não existe mais lei, não existem prisões, existe gente viva e gente morta.

- As coisas não são assim.

- Claro que são Marcello, desculpa te decepcionar meu velho amigo, mas o mundo não vai voltar a ser o que era, esse shopping nunca mais será visitado por famílias querendo fazer compras, as igrejas não vão ter cultos ou missas, não teremos mais jovens se alistando, eventos nerds, lançamento de livros, o apocalipse aconteceu. Eu sei que você não gostou do que eu fiz, mas com isso eu descobri que tem um grupo de pessoas no shopping Cidade que estão dispostas a sequestrar pessoas e ferir outras, e sem droga de motivo algum. Sim, eu machuquei muito aquele cara, eu o fiz implorar pela morte, e fiz isso depois que levaram uma de nós e esfaquearam outro.

- As coisas ainda podem voltar a ser o que eram Davis, se a gente conseguir manter a mente sã e não cometer crimes.

- Marcello, nada vai voltar ao normal, sabe aqueles dois homens que estavam ao lado daquele idiota que motivou essa sua reação? Eles não foram mordidos, a uns dias eu vi a mesma coisa acontecer com outros sujeitos, e o lance de hoje me fez ter certeza, nada vai voltar ao normal por que aquilo que faz os fedorentos voltarem a vida, também nos infectou, não importa o jeito que você morre, todos nós vamos nos transformar.

Foi um resto de semana bem complicado, Marcello não queria acreditar que todos nós estávamos infectados, ele

realmente achou que era uma desculpa para o que eu fiz, quem dera fosse. O resto do meu grupo demorou um pouco para lidar com a informação, a Jéssica foi uma das poucas que teve uma boa resposta a isso, ela tratou de anotar no caderno junto com todas as outras coisas que já sabia sobre os fedorentos, a Eva tentou parecer forte mas vi em seus olhos o desespero do pensamento de se tornar uma morta viva.

Márcia foi capturada pelos pais, tenho certeza que estão pensando em ir embora, merda, acho que o Joseph gosta de mim e sabe que eu vou fazer o possível para proteger sua família, mas a dona Maria tem medo de mim e do quão próximo eu sou de sua filha, se ela soubesse de tudo tenho certeza que arrastaria sua filha em meio aos zumbis só para deixá-la longe de mim.

Naomi foi a pessoa com a reação mais estranha, ela me questionou muito depois do que falei, ela estava incrivelmente interessada, queria saber como eu matei os homens que se transformaram, de que jeito, quanto tempo durou, o cheiro que tinha. Ela mordia o canto do lábio, suas pernas não paravam quietas, uma gota de sangue escorreu pelo canto de sua boca, ela passou a língua e sorriu de um jeito que foi assustador até para mim. Se sua boca estivesse rasgada nos cantos, o sorriso teria ido até a orelha, nunca vi ninguém tão feliz em toda a minha vida, mas havia algo naquela felicidade que fazia um arrepio correr pelo meu corpo. O que era até bom, já que evitava que eu falasse algo sobre o beijo.

Conversei muito com a Amedyr nesses três dias que se passaram, tentei explicar que ela não fez nada errado, que apenas se defendeu e puniu o homem que feriu seu companheiro, eu poderia falar com ela por um ano seguido, a culpa não a deixaria nunca, agora era só questão de tempo e

espaço, o Giovanni também conversou com ela enquanto dava pontos em sua mão, o corte foi bem profundo.

O Xis ainda estava com muita febre, sua barba longa ficava encharcada de suor, Paula e Alice colocaram diversos ventiladores perto dele mas não adiantava muito, o Giovanni deu a ele alguns remédios, mas meu amigo não era um médico, naquela mesma noite conversamos sobre a situação do barbudo.

- Ele vai precisar de um médico de verdade.

- A coisa tá feia?

- *Yep!* O que eu fiz só segurou o sangramento, mas a faca cortou muita coisa.

Eu gostaria de sair e procurar por um médico em algum desses hospitais e clínicas perto do shopping, mas tive que esperar um pouco, não dava para saber se alguém viria atrás dos três idiotas, sem contar que o Marcello estava no meu pé, conversando sobre como eu deveria agir, não me lembro do meu amigo ser tão chato. Nesse três dias escolhi um lugar para chamar de meu, era uma loja de moveis chiques que ficava em frente a livraria, como a Jéssica não saia de lá achei melhor ficar bem perto.

Naquela loja tinha todos os móveis que uma casa deveria ter, pegamos algumas camas na loja de colchões e levamos até lá, eram bem leves, a Jéssica e a Bianca escolheram uma cama queen size, que o colchão era extremamente pesado, a Evelyne pegou uma box de solteiro que acabou dividindo com a Evangeline, já a Eva pegou uma king size, e disse que era para gente dormir junto, e claro, havia espaço para a Márcia também.

- Vocês estão namorando? - perguntou a Jéssica quando conversamos sobre dormir juntos.

- Mais ou menos.

- Pensei que você gostava da Márcia.

- Eu gosto.

- Então por que a Eva vai dormir com você?

- Você já ouviu falar de trisal? - ela tinha só 13 anos, não fazia ideia do que era isso.

- Já – me enganei.

- Sério? Bom, a Eva e a Márcia gostam uma da outra e gostam de mim.

- Hum, tá bom. Você tem que prometer que não vai machucar nenhuma das duas hein?

- Eu prometo.

- Depois vou fazer com que elas prometam não te machucar.

- Obrigado.

Deixei com que elas arrumassem tudo, fiquei de vigia o tempo todo, fazia rondas em torno do shopping, a Alice aparecia para me ajudar de vez em quando, a garota era muito divertida, mesmo com tudo o que aconteceu com seus amigos ela tentava manter o bom humor.

- O Xis é forte, ele era o narrador do nosso RPG, um verdadeiro Viking! Não vai morrer por causa de uma faquinha não.

Ela realmente acreditava nisso, e cada palavra saía de sua boca com uma alegria contagiante, quase acreditei nela. Não sei dizer exatamente que dia hoje, talvez fosse quarta ou quinta, mas três dias se passaram, era hora de dar uma olhada no

território desse tal Ian. Aproveitei que todos estavam juntos na praça de alimentação, a Maria fez o almoço, e claro, não me chamou para comer, chamei a Jéssica e fui conversar com ela em um canto.

- O que foi Davis? - ela estava preocupada.

- Calma, eu preciso te pedir um favor.

- O que foi?

- Eu vou ter que sair, vou até o centro da cidade dar uma olhada no grupo dos homens que atacaram o Xis.

- Tá eu vou com você! - ela tentou dar meia volta mas a segurei pelo braço.

- Espera, eu não sei como estão as coisas daquele lado, podemos encontrar com muitos fedorentos ou com mais pessoas do grupo dele.

- Tá, eu vou com você! - ela estava sorrindo.

- É perigoso.

- Sim, e eu vou com você! - ela era tão teimosa quanto eu.

- E sua irmã?

- Ela está grudada com a Evangeline, não vai nem notar que eu saí.

- Tá, termina de comer primeiro, pega duas garrafinhas de água e alguma coisa para mastigar, e veste uma roupa escura e fresca, e não esquece a Nagini.

- Nunca! - ela bateu na cintura e vi que alguém costurou um suporte para sua faca, parecia com o das minhas machadinhas.

Desde o dia em que chegamos ao Boulevard a Jéssica só usava roupas de unicórnio, camisas, pijamas, toucas, era fácil esquecer que ela era só uma criança. O Marcello só esperou a

garota sair para vir falar comigo, seu rosto estava uns dez anos mais velho do que na noite anterior.

- O que você vai fazer Davis?

- Vou dar uma espiada por aí.

- Você vai no shopping Cidade! E a garota? Vai levar ela?

- Sim Marcello, ela vai comigo.

- Porra Davis! - ele quase gritou – você não pode levar uma criança com você! Ela não suportaria ver o que você faz!

- Ela... Marcello, a Jéssica já viu o irmão ser devorado, o garoto foi estraçalhado pelos mortos, eles arrancaram as pernas dele, os braços, a pele, os órgãos, e ela viu tudo! E mesmo assim se manteve firme para salvar a irmã e acabou se vingando da mulher que deixou seu irmão morrer. Cara, eu entendo o que você está falando e o que está tentando fazer.

- Sabe? Sabe mesmo? - ele me puxou pelo braço e andamos para longe das outras pessoas – Davis, você é perigoso, você não percebe isso, o tal do Giovanni não percebe isso, essas mulheres que estão apaixonadas por você não percebem isso, mas eu percebo, eu conheci você quando a gente era criança, eu sei como você era e tenho certeza que aquele Davis morreria de medo de você.

- Então é isso? Você está com medo de mim?

- Eu deveria?

- Marcello, eu ainda sou aquele garoto que entrava em brigas para te defender, lembra disso? Lembra de quantas vezes brigamos juntos?

- Eu...

- Cara, mesmo naquele tempo eu mataria por você, eu mataria qualquer um que tentasse te machucar, eu só não sabia como fazer isso, agora eu sei. Isso não mudou Marcello, você querendo ou não, eu mataria por você!

- Cara... eu...

- Marcello, te peço perdão por você ter visto aquela merda, de verdade, eu sinto muito! - coloquei minhas mãos nos ombros dele.

- Me desculpa também, é que tudo isso é uma loucura.

- Não é mais loucura do que se apaixonar pelo irmão da namorada, mas tudo bem!

Finalmente ele abaixou a guarda e começou a rir, lembrar dessa situação o deixou feliz, o puxei para um abraço, e sussurrei em seu ouvido.

- Eu te amo irmão!

E de fato era verdade, o Marcello decidiu me seguir, decidiu ser um soldado sob o meu comando, e quando se é um líder de verdade criamos uma ligação fraterna com nosso grupo, e no caso dele, temos uma longa história, ainda maior do que a minha com o Giovanni, por falar nisso, tenho que ir falar com ele.

Ele estava sentado ao lado da Paula, os dois realmente não desgrudavam um do outro, isso me fez pensar na Márcia, olhei para ela, seu olhar se encontrou com o meu, ela deu um sorrisinho malicioso que não era típico dela, retribui o sorriso e pisquei meu olho, seu pai estava desfiando uma coxa de frango com as mãos, o valente sentado ao seu lado esperando que algo caísse, o cachorro estava usando um tipo de camisa preta com a palavra “Segurança”, estampado.

Eu queria me juntar a ela, mas respeitava os seus pais, ia dar a eles o tempo que precisassem, nisso meu olhar se desviou para Eva, ela estava muito linda, no dia anterior ela fez algo com o cabelo, o deixou todo cacheado, e estava usando um

vestido rosa idêntico ao da Márcia. Acho que as duas estão se encontrando.

- *Captain!*

- Oi Giovanni, como está esse pé?

- *Well*, acho que devo ficar fora de combate por mais umas seis ou oito semanas.

- Não vejo a hora de você ficar bom.

- Nem eu! - disse a Paula com um belo sorriso.

- Paula, eu não sei como vocês dois se conheceram, então não sei o quanto desse cara você já viu, mas o Giovanni era o homem mais rápido de todo o batalhão!

- Sério? - ela ficou interessada.

- Sério, uma vez ele fez algo parecido com aquela cena do filme *Matrix*.

- Hahaha – o Giovanni começou a rir.

- Você desviou de tiros? - perguntou a Paula sem acreditar nem um pouco no que eu tinha dito.

- Não, eram balas de tinta, hahaha *Captain...* haha! -

- Eu também o vi em combate real, mas isso é uma história para outra hora.

E de fato era conversa para outra hora, ver o Giovanni em ação era ao mesmo tempo fascinante e assustador, ele enxergava extremamente bem, via coisas que nem com a merda de um binóculo eu conseguia achar, e era um mestre com a faca, puta que pariu, ele as manuseava com uma precisão que eu nunca consegui alcançar com a Cherokee!

- Eu vou fazer uma pequena missão de observação agora, provavelmente vou ficar fora até a noite, ou quem sabe até amanhã, não deixem ninguém ir atrás da gente.

- Tudo bem! - disse a Paula.
- A garota vai? - perguntou o Giovanni já sabendo a resposta.
- Ou eu a levo comigo ou ela foge e vai escondida.
- Haha! *Captain*, o senhor virou um pai!

Abracei meu amigo, apertei a mão da Paula e fui me trocar, entrei na loja de roupas, mesmo morando em um shopping fizemos um acordo, não agir como um bando de idiotas saqueadores, a gente entrava e olhava as coisas como se realmente fossemos comprar, mantendo o mínimo de educação, e era até engraçado pensar isso. Por sorte não estava um dia ensolarado, na realidade parecia que choveria em breve e um vento frio soprava forte, usar roupa preta não seria um grande problema.

Passei um desodorante sem cheiro, vesti calça jeans preta, cinto preto, camisa de malha preta, a Márcia dias antes tinha me apresentando a algo engenhoso, alguns cintos têm uma tiras de couro que saem, tem um botão de encaixe ou algo assim, e essa tecnologia criou um excelente suporte para minhas machadinhas. Quando terminei de me arrumar a Jéssica veio me encontrar na loja, e não estava sozinha.

- Há! Tá parecendo um vampiro! - era a Alice.
- Eu acho que está lindo – e a Márcia.
- Oi.
- Ei, desculpa por estar distante, meus pais não está se sentindo muito bem.
- Tudo bem Márcia, eu entendo, e o que é isso aí? - ela tinha uma caixa nas mãos.
- São celulares com chips cadastrados.
- Celulares?

- Trabalho meu! - disse a Jéssica – Eu peguei esses telefones, peguei chips e cadastrei, e tudo automático mesmo. Então assim a gente vai conseguir falar um com o outro, dizer onde estamos, se estamos em segurança, e essas coisas.

- Genial!

E realmente era, eu não tinha pensado nessa merda antes, o mundo acabou, mas isso se resume as pessoas, a luz, água, sinal de telefone, internet, tudo continua chegando e funcionando já que o trabalho é todo automatizado, só vai parar quando der algum defeito e não tiver ninguém para consertar, mas até lá, tudo isso ainda nos serve. Eram telefones bem grandes, sem dúvida ela queria ter um desses antes.

- E quais números estão salvos? - perguntei.

- Bom, no seu eu salvei o meu, o da Márcia, da Eva, Giovanni e da Naomi. - será que a Jéssica sabe que beijei a Naomi?

- E como vocês vão sair em missão, no meu salvei o de vocês três. - disse a Márcia que agora estava do meu lado com o braço em volta da minha cintura.

- E no seu? - perguntei para a Alice.

- Giovanni, Paula, Naomi, Amedyr e Xis, Leandro, Eva, Evelyne, Evangeline, Bianca e o Marcello.

- E o meu?

- Ainda não!

- Então salva! - dei o meu aparelho para ela – até a Bianca tem um? - perguntei para Jéssica.

- Sim, eu preciso falar com ela, e tem uns desenhos que ela gosta de assistir, assim ela pode tentar ser criança um pouco.

- Você é demais sábia disso? - falei quando a puxei para um abraço.

- Agora está na hora da gente ir, acho que vai chover mais tarde.

- Eu posso ir com vocês? - perguntou a Alice – já estou de preto e tudo mais!

- Acho que você já foi convidada por alguém nê? - olhei para a Jéssica, ela estava com um sorriso maroto que a deixava ainda mais jovial.

- Ela pode ajudar, você viu como ela luta bem com o machado.

- Claro, só que acho melhor não levar aquele machado gigante, acho que podemos fazer uma parada antes, e até lá – me levantei e fui até a entrada dos provadores da loja, lá tinha umas araras de roupas, uma delas com uma barra de metal, era oca por dentro mas era firme, serviria para arrebentar umas cabeças de zumbi. - você pode usar isso.

- E você vai parar em qual lugar? - perguntou a Márcia colocando sua mão no meu rosto.

- Eu quase me esqueci o quanto você é linda. - quando eu falei isso a Jéssica e a Alice saíram de perto, acho que estavam rindo.

- Desculpa.

- Não precisa pedir, sua mãe me odeia ou só tem medo de mim?

- Minha mãe nunca odiou ninguém, acho que ela nem sabe odiar, mas eu contei para ela sobre a gente, e claro, ela não gostou muito, e juntando isso com as suas coisas.

- E seu pai?

- Ele tá bem, ele ficou bravo mas disse que sou adulta e sei as escolhas que faço, mas me pediu para fica perto de você. Disse que assim eu fico segura.

- Então esse é o motivo? Ficar segura?
- Tem um outro também.
- Qual?
- Você é lindo! - e até que enfim ela me beijou.

Eu não sou, sempre tive em mente que beleza é algo pessoal, o que você acha bonito o seu amigo pode não achar, eu me sentia bem por ela me elogiar, eu mesmo não conseguia fazer isso, mais uma coisa para colocar na conta do filho da puta do Glover, o trabalho que ele fez em criar um soldado quase perfeito foi bem feito, eu me olhava no espelho e só via um homem carrancudo e com a barba crescendo cada dia mais, um homem que por muito tempo não sorriu, mas isso está mudando, talvez fosse outra evidência de que de fato estou morto, merda, eu agora dou risadas.

A Márcia me puxou para dentro do provador, eu não sei explicar bem o que sentia ao ver ela tomando todo o controle, aquele rosto angelical se tornava selvagem, o toque de seus lábios me fazia sentir como se eu fosse um adolescente cheio de hormônios outra vez. Acho que o que fizemos no sofá daquele provador não foi sexo, pela primeira vez acho que fiz amor.

Eu queria ficar ali abraçado com ela para sempre, sua pele branca brilhava com a luz do lugar, seus cabelos pretos estavam sempre com perfume de rosas, e meu coração sempre ficava acelerado.

- Eu te amo.
- Também te amo Davis, agora vai para sua missão, as meninas já estão esperando.
- Quer casar comigo?
- Oi? - ela se assustou.

- Quer casar comigo? - peguei minha calça e coloquei a mão no bolso direito, lá dentro estava uma aliança.

- Davis... eu... eu... sim, é claro que sim! - ela colocou a aliança.

- Acho que acertei o número.

- Davis! - ganhei um abraço apertado e mais e mais beijos.

Ficamos ali por mais uns dez minutos até ela me mandar ir embora, me preparei outra vez, acho que estava sorrindo, merda, estou morto mesmo, mas... eu não sou daqueles que tem descanso após a morte, e nem fodendo eu ia deixar que algum filho da puta fizesse algo contra essa turma, eles são meus anjos, espíritos de luz que vieram me trazer alegria e propósito.

Cheguei até a porta do shopping, a Alice e a Jéssica estavam me esperando, elas tinham um sorriso no rosto e ficavam batendo o ombro uma na outra, minha expressão mudou, e a delas também, acenei com minha cabeça em um gesto positivo, agora era hora de caçar.

CALMARIA

Assim que saímos eu disse para as duas ficarem perto de mim, tudo ao nosso redor podia ser uma ameaça, o shopping não era o único lugar com pessoas vivas, tenho certeza que em todos os prédios comerciais e residenciais ainda tem sobreviventes, o batalhão perto de nós seria uma boa parada mas não sei se era hora de entrar na área da polícia.

- Vamos fazer aquela parada? - perguntou a Alice.

- Vamos sim, nós temos que ir pro shopping cidade, ele fica bem no centro da cidade, nas ruas São Paulo, Rio de Janeiro, Tupis e a outra do estacionamento que agora esqueci o nome. Mas antes de ir para lá, vamos na parte de baixo da São Paulo, tem uma loja de pesca por lá.

- De pesca? - perguntou a Jéssica sem entender.

- Sim, lojas de pesca vendem armas tanto de fogo quanto de ar, e tem uma outra coisa que temos que procurar lá.

- O que?

- Uma machadinha para Alice.

- Aí sim! - a Alice deu um saltinho, a energia dela era contagiante.

- Agora falem baixo.

Andamos pela avenida Brasil, ela cortava a avenida Francisco Sales e Afonso Pena e terminava na Praça da Liberdade, não vimos muitos zumbis no nosso caminho, mas a presença deles era notada pelo ar, o fedor de morte estava por todo lado, havia pedaços de pessoas por todos os cantos, roupas, membros, ossos, animais mortos, uma carniça sem fim.

- Caramba. - Alice tapou a boca com a mão.

- Eles estão por perto. - disse a Jéssica com seriedade.

- Estão, Jéssica manda uma mensagem para Eva ou para Márcia, pede para avisar ao Marcello para ficarem espertos por lá.

- Tá bom.

- Como vocês sabem que eles estão por perto mesmo?

- Alice, respira bem fundo.

- Sério? Tá fedendo muito.

- Exato, é assim que você sabe que eles estão por perto, esse fedor pode ser desses restos mas onde tem fumaça...

- Tem fogo! Olha ali!

Alice completou minha frase e apontou para uma rua que ficava perto da Francisco Sales, um pequeno grupo de uns 20 mortos estavam forçando a entrada em uma casa, batiam no portão tentando entrar, aquele lugar era uma clínica ou algo assim, tinha uma placa enorme acima da entrada, e provavelmente tinha pessoas lá dentro.

- Vamos ajudar? - perguntou a Jéssica já colocando sua mão em sua faca.

- Damos conta deles! - disse a Alice mexendo com seu bastão.

- Mesmo se a gente não quisesse vamos ter que ajudar, olha lá! - apontei para além dos mortos.

Um grupo estava vindo em nossa direção, quando se encontrassem com os mortos em frente ao portão, os 20 se tornariam 60 e aí sim a coisa ficaria feia.

- Vamos manter uma distância de uns 3 metros um do outro, e eu vou ficar um pouco a frente, vou jogar alguns no

chão e vocês acabam com eles, golpes firmes na cabeça, Jéssica, se a Nagini ficar presa o que você faz?

- Eu a deixo onde está e vou para trás.

- Exatamente! Alice, você tem uma barra de ferro, não use como uma lança, use como um taco, se ficar preso na cabeça deles você faz o que?

- Deixo e vou para trás?

- Isso foi uma pergunta ou uma resposta? - sorri para ela.

- Resposta, se ficar preso eu solto e vou para trás.

- Beleza, mas no seu caso você tenta puxar uma vez, só uma vez! Se não soltar sai fora, e não se esqueçam de me avisar, não quero ser pego pelas costas.

- Tá bom! - disse a Alice já mudando sua expressão, ela deixou a guerreira tomar conta.

- Tá! - como sempre a Jéssica estava sorrindo, minha pequena guerreira, ela sabia aproveitar o jubilo da batalha.

- Beleza, respirem fundo e vamos matar uns mortos!

Mal saímos do shopping e já temos que enfrentar um bando desses fedorentos, eu podia deixar para lá e ir direto até o Cidade fazer o que saímos para fazer, o problema é que se esses fodidos entrarem nesse lugar, comerem quem estiver lá dentro, eles podem tomar o caminho do Boulevard, e aí meus amigos estariam em perigo.

As duas se posicionaram atrás de mim, andei mais rápido, Cherokee na mão direita e Naja na esquerda, estava quase cara a cara com o primeiro fedorento, era uma mulher, cabelos loiros com manchas de sangue, seu rosto era pálido, sua bochecha esquerda tinha um corte horizontal que deixou a gordura exposta.

Ela se virou em minha direção e grunhiu, não teve tempo de fazer nada mais, acertei a Naja em sua têmpera e

rapidamente a soltei, seu corpo caiu no chão fazendo com que os seus amigos fedorentos parassem de bater no portão e se voltassem para mim.

Por sorte eu já tinha me movido para trás, um dos fedorentos esticou os braços para tentar me pegar, não reparei na hora mas ele estava usando farda da policia militar. Sem havia uma marca enorme de mordida em seu braço direito, dava para ver as marcas dos dentes, a ferida estava com algumas larvas, o acertei com a Cherokee, foi um golpe de cima para baixo em sua testa, a lâmina da minha amiga teve um pouco de dificuldade para quebrar o osso do crânio, usei a Naja para auxiliar, foi tudo muito rápido então eu já estava pronto para o terceiro.

Um homem negro que pesava uns 130 quilos ou mais, estava sem camisa e mostrava as marcas de mordida em sua barriga, a gordura tinha ficado à mostra, sua mão direita estava pendurada, seu braço dilacerado, sem dúvidas ele tentou se defender, mas não deu muito certo, o golpeei com Cheroкке, o golpe não foi forte o suficiente, minha amiga ficou presa, dei um segundo golpe com a Naja, aconteceu a mesma coisa, mas invés de recuar segurei o cabo das duas e puxei para baixo, o homem caiu e minhas amigas se soltaram, a Alice estava atenta e acertou alguns golpes na nuca do zumbi, mas não foi o suficiente, a Jéssica usou a Naja e a cravou até o cabo na orelha dele, e enfim ele parou de se mover.

O quarto, quinto e sexto foram mais fáceis de derrubar, o problema é que os seus corpos estavam me atrapalhando, escorreguei duas vezes pisando em pedaços de intestino, tive que recuar, alguns dos fedorentos caíram, fiz um sinal para a Alice e a Jéssica flanquearem o grupo, tinha que ser rápido, era bater, matar e ir para o próximo.

A Jéssica tinha uma agilidade incrível, benefício da idade, ela segurou a Nagini em um ângulo diferente, deu um pulo e cravou sua lâmina escura no olho de um dos defuntos, foi uma estocada firme, profunda e rápida, sua faca entrou e saiu com muita facilidade.

Alice não estava indo mal, porém o lance de cosplayer estava muito ligado á sua luta, ela rodava a barra de ferro como se fosse uma ninja, e claro aquilo era um erro! Não dá para menosprezar esses fodidos, e em poucos segundos ela ficou cercada.

Ela estava a uns vinte passos de mim, e entre nós sete mortos, olhei para a direita e a Jéssica estava atacando e recuando, havia dois mortos indo até ela, a maioria estava do meu lado e do lado da Alice, mas eu não chegaria até ela a tempo, vi quando o bastão caiu no chão, mesmo com o som dos gemidos daqueles fodidos parecia que um trovão tinha rasgado o céu quando a porcaria caiu no chão, ela me olhou por um instante, um desespero crescia em seu olhar, acertei um soco no primeiro zumbi a minha esquerda e o empurrei contra o segundo, tentei derrubá-los, acho que quebrei meu dedo com o murro, a pressão do golpe com o fato de segurar o cabo da Cherokee, aquilo não foi meu melhor momento.

Mas ao menos aquilo serviu para abrir uma brecha, a Alice empurrava e lutava tentando escapar do círculo que ia se formando, ela gritava e olhava em minha direção, tudo parecia estar em câmera lenta, vi que um morto estava quase mordendo seu braço, gritei e joguei a Naja em sua direção, a Alice percebeu o que eu fiz, minha machadinha foi voando, fazendo círculos e cambalhotas no ar, tentei acertar o fodido mas o que aconteceu foi algo diferente.

Alice pegou a Naja pelo cabo em pleno ar e golpeou de cima para baixo na testa do morto, em seguida puxou a

machadinha e a deitou acertando um golpe firme no rosto dos três zumbis que estavam em sua frente, o corte fez os olhos dos fedorentos estourarem, depois ela chutou a perna de um deles fazendo com que ele caísse de joelhos e o acertou na testa com a lâmina fosca da minha amiga, a garota usou a minha machadinha como se fosse um pedaço de seu braço, foi lindo de ver, na verdade parecia uma cena de filme de ação, ela chutava e descia a machadada, o êxtase da batalha estava ali.

Comecei a sorrir, minha machadinha vibrava sabendo que ainda beberia mais sangue, mesmo que fosse o podre daqueles fedorentos, meu braço começou a se mover sozinho, cortando e dilacerando tudo o que via pela frente.

Um pedaço de nariz ficou preso no meu pescoço, pedaços de milos sujavam meu rosto, cabelo e ossos enfeitavam a lâmina da minha amiga. Após alguns minutos o grupo tinha sido derrotado, olhei para a Jéssica, seu rosto estava imundo, tingido de um vermelho bem escuro, seu cabelo black power estava baixo e coberto de pedaços de miolos e massa encefálica, sem dúvidas ela ficaria muito brava depois, mas no momento estava sorrindo.

Alice também sorria, a pele branca de seu rosto estava rosa, tanto pelo esforço quanto pela grande quantidade de sangue que a atingiu, sua roupa lembrava a de um açougueiro após sangrar um boi, seus braços estavam regidos, sua mão mesmo ensopada, apertava firme o cabo da Naja, afrouxando um dedo de cada vez para relaxar os ossos, ela e Jéssica olhavam fixamente na direção do outro grupo de fedorentos que se aproximava, e ali ficou claro que a porrada ainda não tinha terminado, e como heróis desses de séries e desenhos animados, sorrimos e falamos juntos.

- Segundo round!

Se uma horda cruzasse nosso caminho naquele momento havia uma grande chance de nós três acabarmos com ela, ou a gente morreria lutando, o êxtase da batalha nos deixa selvagens porém imprudentes, é fácil morrer quando você se sente invencível.

E naquele momento todos nós tenhamos certeza de nossa imortalidade, promovemos uma matança como nunca tinha presenciado antes, nem nos meus tempos como torturador em outros continentes, já me envolvi em conflitos que terminaram com no máximo umas 30 pessoas mortas de ambos os lados, e agora estava ali em meio a uma centena.

Como em filmes de ação medieval, corremos de encontro aos mortos, sabe aquele momento em que dois exércitos começam a ir na direção um do outro e enfim se chocam? Esse sempre foi o meu instante preferido, o que me fazia achar um filme bom ou não, tudo dependia daquela cena, do tipo de coisa que aquilo me faria sentir, e o nosso foi perfeito.

Eu cheguei até eles primeiro, com a Cherokee vibrando em minha mão direita, eu poderia correr e chutar como já fiz antes, mas a chance de meu pé perfurar a barriga daquele fodido era enorme, o primeiro a cair foi um fedorento que estava em farrapos, acho que antes de se transformar ele era um morador de rua, tinha uma barba enorme que pingava baba, seus braços estavam esticados, e ao chegar bem perto usei minha amiga, foram dois golpes firmes em seus braços, um pouco abaixo do cotovelo, senti a lâmina cortando a pele, músculos, carne, e quebrando os ossos para abrir passagem, o esquerdo caiu no chão, o direito ficou pendurado, não consegui passar pelo osso, aos poucos a Cherokee ia perdendo seu fio, mas ainda era letal.

O êxtase da batalha nos faz agir de modo estranho, após cortar os braços do fedorento eu poderia ter simplesmente deixado ele cair para qualquer lado, tanto a Alice quanto a Jéssica estavam prontas para despachar o infeliz, mas naquele momento ele era apenas meu, cortei seus braços e em seguida acertei uma cabeçada em seu rosto, eu já tinha visto um afundamento de crânio antes, mas nunca provocado pela minha cabeça.

Aquela merda doeu para caralho, dei um passo para trás por causa da onda de dor que percorreu meu corpo, tenho certeza que um galo subiu na hora, mas não ia me importar com isso naquele momento, e acho que o homem foi um dos primeiros a se transformar, sua pele estava fraca e podre, os ossos já perdiam seus minerais, não foi tão difícil amassar aquela testa, pelo menos não precisei repetir aquilo, ele caiu e não se moveu mais, agora só faltava 59!

Jéssica segurava o cabo de sua faca de um jeito tão firme que sua mão não se movia quando ela estocava, normalmente usar uma faca daquele jeito sempre terminava com alguns cortes na mão, só que isso não acontecia ali, ela tinha um dom natural.

Alice também mandava muito bem com minha machadinha, ela começou a dar sempre três golpes, um na barriga que algumas vezes rasgava somente a roupa e um pedaço da carne, outras vezes era mais profundo e fazia as tripas saírem, em seguida cortava o pescoço, normalmente com esse movimento a cabeça dos mortos fazia um pequeno movimento para trás, e nessa hora ela dava o golpe final, virava a machadinha em sua mão e acertava um golpe vertical, sempre com firmeza e força.

Por sorte os fedorentos não estavam se aglomerando, a distância que nós três tomamos um do outro foi o segredo,

fizemos eles se espalharem, assim eles não nos cercariam, de vez em quando eu escorregava em alguma coisa, não ousava olhar e para ser honesto nem sei se veria algo além da cor vermelha, estar em contato direto com os fedorentos é foda, cada golpe faz uma nuvem de sangue ir pelos ares e quase todas as vezes nosso rosto era atingido.

Depois de algum tempo eu não podia mais ver a Alice nem a Jéssica, na verdade eu não estava vendo merda nenhuma, eu só sabia que estava acertando os zumbis por causa daquele maldito gemido deles, meus olhos estavam cobertos por uma crosta de sangue e não sei mais o quê... tentei escutar as meninas mas também não ouvia direito, escutava meu coração batendo e um forte zumbido.

Não sei exatamente quanto tempo passou, parecia ter sido pouco mais de um punhado de minutos, mas a noite já estava quase chegando quando derrubamos o último deles, e mesmo assim fiquei parado esperando um novo alvo, mas ele não veio, e finalmente consegui relaxar meu corpo.

Passei meu dedo indicador pela testa na esperança de conseguir tirar um pouco daquele sangue que cobria meus olhos, era difícil respirar, o ar estava sólido e fedia a carniça, comecei a tossir e vomitei, não sei se era o meu olho, mas o que saía da minha boca era um líquido escuro, acho que uma coisa pontiaguda passou rasgando pela minha garganta, talvez fosse um dente.

Escutei as meninas vomitando, o cheiro de carniça e podridão dava lugar ao cheiro de bile, andei entre os corpos, avistei um deles que parecia ser uma mulher, estava usando um vestido azul, o tecido parecia estar seco, puxei e rasguei um pedaço e limpei meu rosto. Algo na parte de dentro da minha bochecha me incomodava, uma coisa pontuda estava presa lá, fiquei com receio de passar a língua, limpei dois dedos e

coloquei na boca, seja o que for deu uma espetada no meu dedo, eu o puxei, era um pedaço de osso.

- Você tá bem? - era a voz da Jéssica.

- E você? - minha garganta ardia, eu estava rouco.

- Aham.

- Alice?

- Tá vomitando ainda, Davis você acha que a gente vai virar?

- Como assim? - olhei para ela, seu rosto estava sujo de sangue, com marcas vindo dos olhos, eram lágrimas.

- Eu... engoli sangue e... - ela se dobrou para frente e vomitou de novo.

- Ei, calma, bota para fora! - fiquei ao lado dela e coloquei a mão em suas costas – deixa sair.

- Eu acho que vamos virar... tem sangue deles dentro da gente... eu não quero ser um deles Davis... não quero – ela me abraçou, as vezes me esqueço que a Jéssica é só uma criança.

- Calma, nós não vamos nos transformar, seu corpo está colocando tudo para fora.

Naquele momento muita coisa passava pela minha cabeça, mas, no fundo, eu sabia que ficaríamos bem, eu já tinha me lambuzado com o sangue deles antes e continuo vivo.

- Lembra que já fiz isso antes? Não se preocupa, vamos ficar bem, agora vem, vamos ver quem a gente salvou.

Olhei pela fresta do portão, não vi ninguém lá dentro, mas escutei um barulho, não era de pessoa ou zumbi, comecei a rir, as meninas ficaram me olhando sem saber o que estava acontecendo, me perguntaram o que era mas não disse nada, eu

só sorria. Usei a lâmina da Cherokee para tentar abrir a porta, forcei um pouco e ela se abriu, pedi para as meninas esperarem do lado de fora, entrei e fechei a porta atrás de mim.

Dei uma volta no exterior do lugar, era realmente uma clínica, e estava bem fechada, e ali perto do portão estavam eles, cinco filhotes de cachorro deitados ao lado de uma cadela morta, ela provavelmente já estava fedendo, ainda estava com os peitos cheios de leite. Não vi sinal de água ou comida por ali, a coitadinha morreu de fome ou de sede, e mesmo assim conseguiu alimentar seus filhotes.

O que me surpreendeu é que não eram vira latas, cara, como eu adoro um vira latas! Mas aqueles eram cães de raça, pastor Alemão para ser mais exato, os filhotes não tinham muitos dias de vida, os olhos ainda estavam fechados. A pelagem deles era escura, devem ter puxado o pai já que a mãe era cor caramelo.

Não tinha perigo ali dentro, abri a porta e deixei a Alice e a Jéssica entrar, não falei nada, elas me olharam procurando respostas, acho que eu ainda estava sorrindo, nem precisei apontar na direção deles, elas ouviram o som do chorinho e pronto, as duas guerreiras ensopadas de sangue, tripas, miolos e pedaços de crânio, voltaram a ser duas criancinhas.

- Que gracinhas! - falava a Jéssica.

- Nossa mano, que coisinhas fofas e a mamãe deles morreu e não abandonou – dizia a Alice.

Os olhos da Jéssica estavam vermelhos e uma lagrima descia pelo seu rosto, sem dúvidas estava pensando em sua mãe.

- Vamos entrar. - falei.

- E eles? - perguntou a Jéssica.

- Bom, passamos por isso tudo para salvar esses cinco aí, vamos tentar manter todos vivos com a gente, mas primeiro precisamos tomar banho e tirar essas roupas.

- SÉrio Davis?

- Claro Jéssica! Eles fazem parte da família agora. - ela me abraçou.

- Isso é fofo e bem nojento! - disse a Alice com um sorriso no rosto.

Abri a porta que dava acesso à clínica, ela estava fechada com chave, mas assim como a porta de entrada não foi muito difícil de abrir, apertei o interruptor e a luz ligou, tinha uma placa no lugar, ali tinha alguns consultórios e um setor de pequenos procedimentos. Tinha uma maca encostada na parede próximo a uma escada que dava acesso ao andar superior.

- Pega o lençol da maca, faz uma caminha e coloca os filhotes para dentro – falei para a Jéssica.

- E a mãe deles?

- Ela está fedendo, mas nós também estamos, trás ela também, deixa os pequenos sentirem o cheiro dela um pouco mais.

- Ela pode se transformar? - perguntou a Alice, Jéssica e eu olhamos para ela – O que foi? Tipo, e se?

- Não, se não vimos nenhum rato zumbi até hoje é sinal de que os animais não são contaminados, esse presente é só nosso!

- Vou pegar eles.

- Deve ter banheiro com chuveiro lá em cima, vamos procurar e nos limpar, tirar essa roupa antes que a gente fique doente.

E no segundo andar realmente tinha banheiro com chuveiro, na verdade era um vestiário de enfermagem, ou de funcionários, eram dois, deixei a Jéssica e Alice em um deles e fui tomar banho no outro, claro que verificamos tudo antes. O lugar estava sem luz, então o banho foi frio, tirei minha roupa com o máximo de cuidado para que nada tocasse ainda mais em minha pele, também disse para as duas tomarem cuidado com isso.

O ralo entupiu umas quatro vezes, vasculhei os armários daquele vestiário tentando encontrar alguma coisa para me livrar daquele fedor, ou, pelo menos, que desse uma aliviada, encontrei um saco de sabão em pó, era marrom e tinha um cheiro estranho, acho que por ser uma clínica a porcaria tinha que ser neutra, mas que se foda, enfiei minha mão no saco de sabão e puxei um bom bunhado, coloquei em minha cabeça e esfreguei pelo meu corpo.

No mesmo armário tinha uma garrafa de refrigerante cheia com um líquido branco, abri a tampa e o cheiro de eucalipto quase me fez ter um orgasmo, passei aquilo nos meus braços e pernas.

Depois de muita água, decidi que já estava menos fedorento e limpo o suficiente, voltei a olhar os armários em busca de uma roupa limpa, achei até um pouco de maconha mas nenhuma roupa, na parte de cima do armário havia um pacote azul, dentro dele algumas roupas de centro cirúrgico, não tive escolha. As meninas deram sorte, no vestiário em que entraram acharam roupas, perfume, xampu e condicionador, elas conseguiriam ficar com cheiro de rosas, enquanto eu estava com cheiro de uma árvore.

- Vamos aproveitar e procurar remédios, acho que podemos tomar alguns, tipo uns antibióticos ou algo assim – falou a Alice.

- É, é uma boa ideia, acho que ingerimos muito sangue.

- Podemos nos transformar? Por causa do que fizemos hoje? - perguntou a Jéssica com receio.

- Acho que não, mas de todo jeito vamos ficar de olho, se a gente não tiver febre até amanhã estaremos bem.

- E vamos voltar para casa ou terminar a missão?

- Como estão se sentindo?

- Vou ser sincera com você, não tem uma parte do meu corpo que não esteja doendo. - Falou a Alice.

- Eu tô bem! - era nítido que a Jéssica queria parecer forte.

- Bom, eu não estou. Gastamos muita energia hoje, e puta merda fizemos uma bela sujeira, manda mensagem para Eva e avisa que vamos passar a noite aqui, a gente descansa e amanhã vamos terminar nossa missão, o que acham?

- Eu topo! - disse a Alice se jogando em uma maca.

- Tá bom. - a Jéssica concordou a contragosto, mas os cachorrinhos a distraíram.

- Descansem, eu vou procurar alguns antibióticos e uma roupa normal.

- Ei cara, toma – a Alice se levantou e me passou a Naja.

- Aquilo que você fez, foi fantástico.

- Eu sei cara, eu estava lá! Hehe eu quero uma dessas para mim, ela é muito boa.

- Amanhã a gente te arruma uma, até lá – passei a Naja de volta pra ela – fica com ela, não é um presente, é só um empréstimo.

- Demorô cara! - ela me abraçou e depois se afastou com uma careta – aproveita e toma outro banho, você ainda tá fedendo! Tem xampu naquele ali!

- Obrigado Alice!
- Tamo junto!

Fui para o vestiário que elas usaram, abri os armários, alguns tinham bolsas pequenas, em um deles achei uma caixinha de amoxicilina, acho que era um dos únicos antibióticos que eu conhecia.

- Essa foi fácil – falei sozinho – como se a cura para essa merda fosse a mesma que para dor de garganta, mas que se foda.

Peguei um dos comprimidos e tomei, minha garganta estava ferida e quase me engasguei, o fato de ter tentado ingerir aquilo sem água pode ter ajudado. Usei o tal xampu, tirei minha roupa e tomei outro longo e demorado banho, e cara, eu gastei o vidro inteiro, não que houvesse muito mais.

Pensei na Eva e na Márcia, eu gostaria de estar com as duas, acho que devo mandar mensagem ou ligar para elas, mas o telefone que a Jéssica me deu estava no bolso da minha calça e ali ficaria para sempre, se ela estava impraticável o telefone também estaria.

- Não vai ter arroz que dê jeito! - falei sozinho novamente.

Deixei a água descer, achei um sabonete esquisito dentro de uma das bolsinhas, era verde, acho que era para limpar partes íntimas, eu o passei no corte em minha cintura, ele ardia um pouco mas não doía, lembrar da Cherokee me cortando foi engraçado, ela estava em uma cadeira no canto do banheiro perto da roupa de enfermeiro, sorri e falei com ela.

- Você deixou sua marca em mim nê? Minha velha amiga, quem diria que eu te usaria para abrir cabeça de gente morta nê?

Fiquei naquele monologo por quase uma hora, a pele da minha mão e do meu pé já estavam bem enrugados, e o cheiro de morte tinha saído, vesti a roupa de enfermeiro e descii.

Alice estava dormindo, ela roncava e tossia, a coitada estava exausta, a Jéssica também perdeu a luta contra o sono, estava sentada ao lado de cinco cachorrinhos e uma cadela morta. O celular estava em sua mão, ela tirou foto dos bichos e mandou para sua irmã, também enviou para a Eva e para Márcia, não quis olhar as conversas dela, mas vi que enviou uma da cachorra morta para a Naomi.

Coloquei o telefone no balcão, entrei em um dos consultórios, ajeitei a maca, voltei, peguei ela no colo e a deitei lá, foi engraçado ver que a Jéssica não se mexeu quando a levantei, a deitei e dei um beijo em sua testa. Fui até os cães, os examinei, eram três fêmeas e dois machos, passei a mão neles, estavam com pulgas e provavelmente com vermes, peguei a mãe deles e levei para fora, havia um pequeno jardim na parte de trás da clínica, não era bem um jardim, era só um punhado de terra com alguns arbustos pequenos, não dava para fazer um enterro, mas a coloquei lá e joguei terra por cima.

- Mandou bem mãezona, seus filhotes vão ficar bem, vamos cuidar deles agora.

Me sentei perto da porta, nem tentei resistir, deixei meus olhos se fechar e dormi. Acordei com o sol batendo em meu rosto, e um forte cheiro de café, achei que estava sonhando, entrei e as meninas estavam bebendo e comendo biscoito.

- Bom dia! - disse a Jéssica trazendo um copo de café para mim – A Alice falou que aqui era clínica de endoscopia, tem muito biscoito, café e chá.

- Tô vendo.

- E o que vamos fazer agora? - perguntou Alice.

- Eu quero que vocês duas voltem para casa, levem os cachorrinhos.

- Davis, não! A gente tem que ir juntos! - claro que a Jéssica ficaria irritada.

- Escuta, esses filhotes não tem mais a mãe, eles devem estar com fome, no shopping tem uma loja de produtos de animais, perto da garagem, lá deve ter remédio para vermes e essas coisas, eles precisam tomar para não morrer.

- Falar em remédio, eu achei um tanto! - a Alice apontou para um canto onde tinha um lençol lotado de coisas.

- Isso tudo é medicamento?

- Yep!

- Tá vendo Jéssica? É melhor voltar.

- Só se você for com a gente, ou acha que vamos aguentar levar isso tudo e os cachorrinhos? - ela tinha um bom argumento, a Alice sorria disso.

- Eu levo vocês e depois vou até o Cidade.

- Davis!

- Jéssica, eu preciso fazer isso, e agora está de dia, é menos arriscado ir sozinho.

- Ele está certo! - recebi o apoio da Alice.

- É eu sei, mas não podemos deixar isso subir a cabeça dele.

- Vamos fazer o seguinte, eu levo vocês até a esquina de casa, deixo os remédios lá, vocês descem com os cachorrinhos e pedem ao Marcello ou ao Leandro para buscar.

- Não quer ir em casa?
- Melhor não Alice, se eu entrar a chance de ficar por lá é grande, e precisamos ver com o que estamos lidando, temos que dar um lar seguro para esses cães, não é? - olhei para a Jéssica.
- Você faz piadas agora?
- Me sai bem?
- Um pouco!
- Eu vou melhorar, agora vamos embora.

Terminamos de tomar café, juntamos as coisas e saímos, a rua estava fedorenta, fizemos algo inimaginável, deixamos aquele quarteirão com mais de 100 corpos dilacerados, o cheiro manteria os vivos bem longe dali, e talvez mascarasse o lugar para os zumbis. Dava para ver o orgulho no olhar das duas, elas fizeram algo incrível e sabiam disso. E agora, horas depois de toda a violência, a Jéssica estava abraçada a um pacote de filhotes, ela pegou uma caixa de plástico, tipo dessas de guardar comida só que bem maior, forrou e colocou os cachorrinhos lá dentro, as duas cochichavam sobre os nomes que dariam para eles.

Nos aproximamos do Boulevard, eu deveria voltar dali, deixar as duas, deixar o tanto de coisa q levamos e ir bancar o 007, mas havia zumbis em nosso caminho, não eram muitos, mas estavam vindo da entrada do shopping, nosso coração parou de bater por um momento, reconhecemos um dos mortos que caminhava por ali, sua barba longa e escura era inconfundível, mesmo agora com aquela baba nojenta escorrendo pela boca. Ele estava sem camisa, a faixa ainda cobria a ferida em seu peito.

Ao seu lado estava um zumbi que quase não tinha rosto, dava para ver os olhos e um pedaço do lábio inferior, seu nariz,

bochecha e parte de cima da boca não estavam lá, os dentes estavam a mostra, a pele no queixo balançava quando ele movia os dentes mordendo o ar, nós também reconhecemos aquele morto, a camisa que ele usava foi um presente da Jéssica, eram nossos amigos.

Eu já estava segurando a Cherokee em minha mão direita, empunhar minha amiga era tão natural quanto respirar, não sei dizer se estou chorando ou não, minha mão esquerda estava tremendo, Alice chorava, a Jéssica abraçava o pacote de filhotes e olhava em pânico para os mortos que subiam a rua em nossa direção, os contei, eram 8.

Leandro e Xis estavam entre eles.

Cada pedaço do meu ser estava tentando entender aquela cena, dois dos meus amigos estavam mortos e andando em frente ao shopping, que merda aconteceu aqui? Alice e Xis estavam juntos desde o primeiro dia, ela abaixou a cabeça e estava chorando muito, Jéssica apesar de parecer firme também estava em choque por ver como o rosto do Leandro estava destruído, ela provavelmente estava se lembrando do momento em que deu aquela camisa para ele. Estiquei minha mão esquerda na direção da Alice, ela entendeu o que eu queria e me passou a Naja.

- Fiquem aqui e cuidado com a retaguarda.

Tive pressa em chegar até os dois, eu não queria que meus amigos continuassem naquele pesadelo, cheguei até o Xis primeiro, ele era uns 20 ou 30 centímetros mais alto que eu, sempre me destaquei nas aulas de defesa pessoal por pegar os golpes e movimentos de vista, e ainda não perdi isso, me

inspirei na Jéssica, em como ela saltava e golpeava com a Nagini, e fiz o mesmo.

Ao chegar em frente ao Xis, eu pulei para cima, e golpееi o todo de sua cabeça usando a Naja, o golpe foi extremamente forte, quase não saiu sangue, a lâmina entrou quase inteira, ela só se soltou por causa da gravidade, eu segurava bem firme no cabo e o corpo do meu amigo fez o resto do trabalho, nem fodendo eu conseguiria tirar ela de lá por conta própria.

Leandro já estava bem perto de mim, golpееi com a Naja e a Cherokee ao mesmo tempo, as duas foram em direções opostas, meu alvo era o pescoço dele, os cortes foram quase no mesmo lugar. Senti as lâminas esbarrando uma na outra e faíscas saindo, a cabeça dele se inclinou para trás e depois para frente, eu não pretendia fazer aquilo, mas aprovei e acertei sua nuca, ele caiu de lado mas continuava se movendo, a raiva tomou conta de mim, ou seria a **Sombra** voltando a me possuir?

Não dei um bom final para aquele soldado, pisei em sua cabeça até que ele não se mexesse mais, em seguida me voltei aos outros mortos, eram poucos mas cada um deles sentiu o que era ser meu inimigo, golpeava com tanta força que aqueles corpos podres quase explodiam, acabei com eles e caminhei na direção da porta do Boulevard, ela estava aberta, entrei.

O chão estava sujo de sangue e o lugar fedia, não tanto quando o quartirão que as meninas e eu deixamos para trás ,e ainda assim eu sabia que a morte estava ali, fui em direção á loja que eu chamava de quarto, estava do mesmo jeito que eu me lembrava.

- EVA! MÁRCIA! - gritei, ainda estava rouco e minha garganta ardia.

Elas não responderam, mas ouvi barulho vindo de algum lugar, aquele piso era enorme, não entendo essa coisa de propagação do som, então não fazia a menor ideia de onde vinha, mas era claramente barulho de zumbi. Um pouco mais a frente tinha a entrada de um super mercado, as portas estavam abertas e o barulho vinha lá de dentro.

- GIOVANNI! EVA! MÁRCIA!

Outra vez não tive resposta, porém os barulhentos me viram, estavam devorando alguma coisa, não consegui identificar no primeiro momento, eram três zumbis, um deles estava pelado, seu tronco tinha um corte em Y que cobria o peito e descia até perto do umbigo, a pele balançava, o interior do maldito estava vazio, não tinha tripas, rins, estômago, pulmão, não tinha porra nenhuma e mesmo assim ele caminhou em minha direção ao me ver.

Eu estava a uns trinta passos dele, o cabo da Cherokee começou a queimar minha mão, ela queria voar e eu a libertei, joguei minha amiga contra a cabeça daquele monstro, ela entrou quase inteira, empurrando para dentro o nariz, ossos faciais e não sei mais o que. A deixei lá, o segundo se levantou e pude ver o monte de carne que eles estavam comendo, acho que vi um fígado, era pequeno, seria a Bi... não, não pode ser.

- MÁRCIA!

O outro filho da puta largou o pedaço de carne que estava mastigando e veio tentar morder um pedaço mais fresco, cravei a Naja na testa do segundo e o puxei para o chão, deixei minha parceira presa nele e acertei um soco no terceiro, dessa vez bati acima da boca, afundei meu punho naquela cabeça podre, rodei

minha mão e a abri, enfiei meus dedos naquele cérebro podre e puxei para fora.

Olhei para o chão, não podia ser a Bianca, não podia ser, me ajoelhei e comecei a mexer, era nítido mas não percebi na hora, mas ao ver uma pata e um pedaço de rabo, a ficha caiu, aquela paçoca vermelha era o valente.

- Onde vocês estão?

Me levantei, peguei minhas machadinhas e entrei mais no fundo do lugar, vi uma mancha de sangue que ia para a parte do açougue, lá dentro tinha um freezer enorme, grande o suficiente para pessoas se esconderem, e acho que eles estavam realmente lá já que na porta tinha oito filhos da puta arranhando tentando abrir.

- EI!

Eles olharam para mim ao mesmo tempo, não reconheci nenhum deles e isso me deu um pequeno alívio.

Um dia aqueles fedorentos foram pessoas, trabalhavam, pagavam suas contas, bebiam, gargalhavam, choravam e se divertiam, um dia... mas agora eles eram apenas borrões que estavam entre mim e aquele freezer. Cherokee e Naja passavam como vultos pelo meu rosto, meu inconsciente é mais preocupado do que eu, não os deixei me cercar, só arrebentei cabeças e chutei corpos para poder passar.

Coloquei minha mão na maçaneta do freezer, tive medo de abrir a porta, mas enfim eu consegui. Lá dentro, perto de porcos cortados ao meio e pendurados, ao lado de laterais de bois, estava a Márcia e seus pais, agachados em um canto, se

abraçando e tremendo de frio, ela me olhou, com dificuldade se levantou, correu até mim e me abraçou.

- Onde estão os outros? - ela não conseguiu responder, estava com muito frio – Leva seus pais para fora, eu tenho que ir procurar os outros.

Ela me agarrou e balançou a cabeça, seus olhos gritavam para que eu não os deixasse ali, eu a abracei, mas tive que soltá-la, a Bianca e a Eva estavam em algum lugar e eu tinha que encontrar.

- Márcia, olha para mim – segurei o rosto dela com minhas mãos – eu te amo, eu te amo muito mas eu preciso ir procurar a Bianca e a Eva – ela continuava balançando a cabeça e agora começou a chorar – Por favor Márcia, eu preciso que você seja forte um pouco mais, pega seus pais e leva para fora, é só seguir os corpos, o caminho está livre nesse piso, a Jéssica e a Alice estão lá – eu a beijei.

Ela se soltou de mim e ajudou os pais a se levantar, eu os guiei um pedaço do caminho, e quando os vi passando pela porta e indo para fora do shopping, voltei a procurar. Desci as escadas e fui para a garagem, não tinha ninguém ali.

- EVAAAAAAAAAAA! - nada.

Pensei que pudessem ter subido para o prédio que ficava acima do shopping, mas a entrada estava lacrada como eu a deixei, algo me disse para voltar ao piso onde ficava o cinema, e no meio do caminho me encontrei com o Marcello, sua expressão estava estranha, mas, mesmo assim, eu o abracei.

- Cadê a Bianca? - perguntei.
- Com... a Naomi – percebi que ele engoliu seco.
- Onde?
- No cinema.
- A Eva está com ela?
- Sim, as irmãs dela também, a Paula e...o... Breno, eu não sei da Márcia.
- Eu encontrei ela e os pais, eles foram para fora, cadê o Giovanni?
- Ele está...
- Morto?
- Não, está com uma pessoa.
- Invadiram? - eu já estava andando em direção ao cinema.
- Não... tudo aconteceu tão rápido. - o Marcello estava escondendo alguma coisa, mas eu precisava ver a Eva e a Bianca.
- Tem mais alguém aqui?
- Não... não tem.

Quando cheguei na entrada do cinema, a Naomi estava aguardando, eu a abracei o mais apertado que eu pude.

- Cadê a Bianca?
- Está lá dentro, vai lá, mas você não vai entrar – ela apontou o dedo para o Marcello.
- O quê? Por quê? - perguntei temendo a resposta.
- Isso é culpa dele! - a expressão dela era de ódio.
- Eu não tive culpa! O Xis... ele... se transformou e...
- A Amedyr, aquilo foi você!
- Eu preciso ver a Bianca.

Passei por eles e entrei, a Eva veio correndo até mim com ela no colo, me abraçou e beijou, olhei para trás dela e vi suas irmãs, Evelyne e Evangeline, ambas abraçadas e a Paula estava ao lado abraçando os joelhos.

- O que aconteceu aqui? - perguntei para Eva.

- Três homens apareceram um pouco depois que vocês saíram. O Marcello tentou conversar com eles.

- Por que vocês não mandaram mensagem para mim, eu teria voltado.

- O Marcello... ele abriu a porta e os deixou entrar, o Giovanni não queria, mas ele disse que tem outro jeito de resolver as coisas, então eles entraram. Não mandei mensagem por que eles tomaram nossos telefones depois de renderem o Breno e baterem no Leandro, eles vieram aqui pela Amedyr.

- A levaram?

- Não... - ela começou a chorar.

- Eva...

- Eles não a levaram por quê ela não deixou.

- Estavam armados?

- Facas... eram só facas e mesmo assim tomaram as armas do Breno e do Leandro, tudo por culpa do Marcello, ele deixou que entrassem.

- O Xis?

- Você estava certo, ele morreu e voltou, pegou o Leandro e...

- Eu sei.

- Foi aí que as coisas ficaram loucas, eu tentei Davis eu juro que tentei fazer alguma coisa mas não consegui... eu peguei as meninas e corri, eu só corri.

- Você fez bem!

- Depois só escutei os barulhos, tiros e gritos, não vi a Márcia...

- Ela está bem, eu a encontrei.

- Jêca – escutei a Bianca falar.

- Sua irmã está bem, ela já está vindo tá? - não a peguei no colo, eu estava sujo de sangue e só me dei conta agora, minhas machadinhas também estavam imundas e continuavam em minhas mãos.

- Depois a Naomi me encontrou, o Giovanni e o Breno mataram dois dos sujeitos e prenderam o outro... mas já era tarde demais... Davis! - ela me apertou mais forte, a Bianca estava entre nós e reclamou do aperto, ela mal sabia o que estava acontecendo, pelo menos eu esperava que fosse assim.

- Onde o Giovanni está?

- Levou o cara para algum lugar.

- Tudo bem, fico feliz que você está viva, te amo! - a beijei e beijei a Bianca – vou encontrar ele.

- Davis! - disse o Marcello quando me viu.

- Naomi, você sabe onde o Giovanni está?

- Sei.

- Onde?

- Davis! - insistiu o Marcello.

- Na minha cova, um canto que fiz atrás da livraria, eu vou com você.

- DAVIS!

Quando o Marcello gritou eu perdi a cabeça, fui até ele com uma rapidez que não era minha, encostei a lâmina da Naja em seu pescoço e a da Cherokee em sua nuca, eu as pressionava mas não com força o suficiente para matar, mas um feixe de sangue começou a escorrer pela garganta dele.

- Não ouse levantar a voz para mim, NÃO OUSE LEVANTAR A PORRA DA VOZ PARA MIM! - ele estava apavorado.

- Vem, vou te levar – a Naomi segurou meu braço e me fez soltar o Marcello.

- Conversamos depois, agora desce e vai fechar a porta da frente.

- Dav....

- DESCE E VAI FECHAR A PORRA DA PORTA! - ele abaixou a cabeça, colocou a mão no pescoço e saiu.

- Eu gostaria de ver você rasgando ele inteiro, mas não é hora de matar mais dos nossos.

- Giovanni.

- Vem.

Entramos na livraria, ela me levou até o fundo, lá havia um espaço que parecia ser realmente uma caverna, mas dessas de filmes de terror, tinha acessórios diferentes, morcegos pendurados, uma bola de cristal em uma mesa e um forte cheiro de sangue. Olhei para o canto e tinha dois corpos amarrados um ao outro, os olhos abertos, um deles também estava com a boca aberta, ambos com marcas de facadas.

- Enfiei a faca no ouvido dos dois, não vão se transformar.

- São eles?

- Sim, seu amigo achou que podia conversar com eles. Estava errado.

- Amedyr?

- Vieram atrás dela outra vez, esse aí que está com a boca aberta foi quem começou a merda toda assim que bateu os olhos nela.

- Foi ela que matou ele?

- Não... foi o... - ela se calou, vi uma lágrima escorrer pelo seu rosto.

- Não precisa falar nada, eles estão juntos agora.

Se eu entendi direito o Xis se transformou e deu cabo desse sujeito, e bom, também devorou a companheira, aposto que ela não lutou contra ele, matar aquele homem mexeu com ela, muita gente acha que é fácil terminar com a vida de alguém, mas dá trabalho e é sujo e violento, nem todos aguentam essa pressão.

- Sim, a última coisa bela que aconteceu antes disso tudo foi receber a foto que sua guria mandou. Uma cachorra morta que ainda alimentou os filhotes.

- Onde o Giovanni está? - algo na Naomi me acalmava.

- Estão nos corredores internos, é só você entrar naquela porta ali – ela apontou para uma porta cinza que ficava no fundo da loja – ela dá acesso à entrada dos funcionários, eles estão em algum lugar para baixo. Tem um convidado com eles.

- Ninguém foi procurar a Márcia?

- O pacificador tinha ido, eu não queria ficar perto dele ou o mataria – ela falava com mutia calma – e a Paula e as menores precisavam de mim.

- Obrigado.

- Você está sujo de sangue sábia disso?

- É.

- Gostei! - ela se aproximou e beijou minha boca – seus lábios têm gosto de perigo sábia?

- Sério?

- Sim. A Necronoca gosta disso, agora vai, os gritos do convidado pararam a algum tempo.

Não entendo bem os meus sentimentos, nunca trabalhei essa parte, eu sabia que amava a Márcia e a Eva, mas não sei dizer o que sentia pela Naomi, no começo fiquei admirado em ver seus movimentos ao matar os zumbis, e depois ela começou a agir com tanta calma e desejo em relação a coisas que deixaria qualquer um assutado. Eu não sei o que é, mas todo o medo e raiva que eu estava sentindo passou no momento em que ela tocou meu braço.

Antes de passar pela porta fiquei me perguntando o motivo do Breno, Marcello ou Giovanni não estarem pelo shopping acabando com os mortos que entraram, e por nenhum deles ter fechado a maldita porta! A Paula e a Naomi eu entendia, elas perderam dois amigos muito próximos, isso te apavora, o Breno já se vingou antes e deveria ter feito o mesmo, o Giovanni estava com o pé quebrado, mas isso não o impedia de agir, e o Marcello... ele.... Não posso pensar nele por enquanto.

Esse novo mundo cobra muito do nosso emocional, em dez minutos experimentei diversos sentimentos, estive a beira da loucura, andei no abismo do ódio, da raiva, gargalhei na cara do luto e agora eu já estava calmo, a tensão passou e ainda ganhei um beijo.

Passei pela porta e saí em um corredor, era por ali que os produtos da livraria entravam, andei por ele e não demorei a encontrar o Giovanni, ele estava sentado no chão com as costas apoiadas na parede, suas mãos em cima dos joelhos, elas pingavam sangue, na sua frente uma enorme poça de sangue com um corpo desmembrado nela.

Sentei ao lado do meu amigo, não precisei perguntar nada, se aquela coisa morta tinha alguma informação quando estava

viva, o Giovanni as conseguiu, eu tinha certeza disso, já que eu o treinei.

- *They are well?*

- *Nop*, e o Breno?

- *No ideia... he left when i starded.*

- Yep, nem todo mundo tem estômago.

- Aconteceu muito rápido capitão.

- Tudo bem Giovanni, não foi sua culpa.

- Quando eu peguei esse cara eu só queria fazer ele sentir dor, e ele me disse que vieram por causa da Amedyr, tinham fotos dela no telefone.

- Fotos?

- Yes... fotos dela, da Márcia, da Eva, da Alice, da Paula e até da Jéssica, and quando eu vi a foto da menina eu...

- Mandou bem irmão – coloquei minha mão no ombro dele.

- Sorry captain, i... eu devia ter feito diferente.

- Por alguns momentos pensei que todos vocês estavam mortos, ontem não consegui ir fazer o que pretendia, e por isso perdemos quatro amigos, cinco se considerar o valente.

- *The dog?*

- É.

- *Shiet!*

- Se eles voltaram uma vez, vão voltar de novo, a menos – olhei para ele.

- A menos?

- Que a gente vá até eles primeiro.

MARCELLO

NO DIA ANTERIOR

Não sei o que fazer em relação ao Davis, ele não é nem de longe a pessoa que eu me lembro. Nem sei dizer se ele ainda é humano, fazer aquilo com outra pessoa é monstruoso, e o pior é que as pessoas daqui estão apoiando suas decisões, elas não conseguem ver que ele é perigoso? Que ficar com ele pode ser um atestado de morte e de cumplicidade? Quando as coisas voltarem ao normal o que vamos fazer? Contar que torturamos, decapitamos, desmembramos pessoas? Agora o Davis saiu para ir olhar esse outro grupo, e o que ele espera encontrar lá? O que ele vai fazer? Droga Davis!

- Breno, eles já foram?

- Já sim.

- Vou ficar de vigia com você.

- Tranquilo.

- Posso te fazer uma pergunta?

- Manda.

- O que você acha do Davis? De verdade.

- Então – ele respirou fundo antes de começar a falar –

Eu não sei, se o mundo estivesse normal a gente já teria prendido ele a muito tempo, mas do jeito que as coisas estão agora, eu realmente não faço ideia.

Será que o Davis conseguiu conquistar a simpatia do Breno? O Leandro já está na dele, mas nunca pensei que o Breno cairia nessa, ele era muito ligado ao Richard, e pensei que ele culpasse o Davis pelo que aconteceu. Merda, será que... não sei, vou procurar na internet, deixa eu ver, características de um psicopata. Essa coisa dos telefones foi

uma boa sacada daquela garota, o mundo acabou mas ainda temos acesso, pronto, achei um artigo.

Boa lábia, isso ele tem! Ego inflado, ele pode fingir que não gosta de liderar mas faz questão disso,. Mentiroso patológico, não, mentir nunca foi uma característica dele. Sede por adrenalina, sim, isso para dizer o mínimo. Reação estourada, sem dúvidas! Impulsividade, claro! Comportamento antissocial, acho que sim, o jeito dele não é mais tão amigável.

Ausência de culpa, completamente! Sentimentos superficiais, não sei, ele parece gostar da garota, essa eu realmente não sei. Falta de empática, só comigo pelo jeito. Irresponsabilidade, ponto para ele, levar uma criança pelas ruas infestadas de mortos, responsável ele não é. Má conduta na infância,, ele era um garoto quieto, mas nunca o vi matando animais nem nada disso, acho que ele ganha um ponto nesse quesito. São 9 de 12, merda, ele é um psicopata.

- Marcello!
- O que foi Breno?
- Tem gente vindo ali.
- Armados?
- Não sei, e tem zumbis também!
- Essa é a hora Breno.
- Hora de quê?
- De provar para todo mundo que o Davis está errado.

Eu vou abrir a porta e conversar com esses homens, aposto que querem apenas um lugar para se abrigar e escapar das garras da morte, assim como nós fizemos, e tenho certeza que as pessoas vão perceber que o dialogo é a chave, não podemos deixar os instintos brutos tomarem conta, já fiz isso

com os homens que mataram os meus companheiros de farda, não dá para ser assim outra vez.

- Venham, entrem aqui! Vocês três são bem vindos.

- Obrigado! - disse o primeiro deles.

- Esses bichos estão seguindo a gente a algum tempo. - falou o segundo.

- Vocês são quantos? - perguntou o terceiro, a pergunta pode parecer estranha, mas ele só queria se sentir seguro.

- Eles são incansáveis, não precisam parar para tomar folego! - ajudei os três a passar pela porta.

- Vocês são quantos? - ele perguntou outra vez.

- Não se preocupe, vocês estão seguros aqui, podem passar a noite se precisar.

- Faz tempo que não entro nesse lugar, vou tirar uma foto! - estranho.

- Eu sou o Marcello e esse é meu amigo Breno.

- E aí! - ele está olhando em volta.

- AAAAAAAAAAAAAARGH!!!!!!!

O grito veio do lugar onde o Xis e a Amedyr estão, corri até lá, os três me seguiram, estão com um telefone nas mãos, meu Deus! O que é isso? O Leandro está... o rosto dele!

- É ela! - disse o homem que perguntou em quantos estávamos – Peguem!

- O que? Pegar? - do que eles estão falando?

Não escutaram a minha pergunta, estão com facas? Merda, esqueci a porta aberta! Os mortos estão entrando, não, não, não, não!

- Ele vai pegar a aaaaaaargh! - Breno, não faça isso, não mate eles, isso é...

O que está acontecendo? O Xis é um zumbi, o Leandro está sem rosto e a Amedyr está... não, não pode ser ela não... meu Deus... estão aparecendo, não, o Breno matou um dos homens, os outros dois estão tentando pegar a Amedyr? O que está acontecendo? A porta, eu não fechei a porta! Onde ue estava com a cabeça? Como aconteceu tão rápido? Eu... eu só queria ajudar... eu só... droga Davis!